

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

MARTA BERTIN

**O ENSINO DA GEOGRAFIA NA TRÍPLICE FRONTEIRA (PUERTO IGUAZÚ/AR,
FOZ DO IGUAÇU/BR E CIUDAD DEL ESTE/PY), E O TURISMO COMO
POSSIBILIDADE DE REFLEXÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E
ESPACIAIS**

TESE DE DOUTORADO

**PORTO ALEGRE, RS
2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**O ENSINO DA GEOGRAFIA NA TRÍPLICE FRONTEIRA (PUERTO IGUAZÚ/AR,
FOZ DO IGUAÇU/BR E CIUDAD DEL ESTE/PY), E O TURISMO COMO
POSSIBILIDADE DE REFLEXÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E
ESPACIAIS**

MARTA BERTIN

ORIENTADOR: PROF. DR. NELSON REGO

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Meri Lourdes Bezzi (UFSM)

Profa. Dra. Sandra Ana Bolfe (UFSM)

Profa. Dra. Roselane Zordan Costella (POSGea/UFRGS)

Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni (POSGea/UFRGS)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Geografia.

PORTO ALEGRE, RS

2014

CIP - Catalogação na Publicação

Bertin, Marta

O ensino da geografia na Tríplice Fronteira (Puerto Iguazú/AR, Foz do Iguaçu/BR e Ciudad del Este/PY), e o turismo como possibilidade de reflexão das representações sociais e espaciais / Marta Bertin. -- 2014.

209 f.

Orientador: Nelson Rego.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Ensino de Geografia. 2. Fronteira. 3. Representações Sociais. 4. Turismo. I. Rego, Nelson, orient. II. Título.

Aos meus pais, José Enor Bertin e Dulce Maria Eidt Bertin, aos irmãos Wilso, Marli e Jeane pelo apoio constante. E a Roberto Cassol pela incansável dedicação.

Agradecimentos

À minha família, base de tudo, e exemplo a ser seguido, pelos momentos em que não pude estar ao lado de vocês. E a Roberto Cassol, pelo incentivo constante nesta caminhada.

Ao meu Orientador Dr. Nelson Rego, por toda a dedicação e paciência na orientação desta pesquisa, muito obrigado!

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, ao Instituto de Geociências e à Coordenação do Programa de Pós Graduação em Geografia, pela oportunidade desta conquista.

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Geografia - Doutorado da UFRGS, que motivaram a produção científica e o aperfeiçoamento do saber geográfico.

A Banca de Qualificação composta pelos docentes Dr^a. Salete Kozel, Dr^a. Roselane Zordan Costella e ao Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni, pelas significativas contribuições.

A Banca de Defesa composta pelos docentes Dra. Roselane Zordan Costella e Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni, representantes do Programa de Pós-Graduação em Geografia - Doutorado da UFRGS, e às docentes do Departamento de Geociências - UFSM, Dr^a. Meri Loudes Bezzi e Dr^a. Sandra Ana Bolfe, pelas conversas e leituras realizadas.

Ao casal Manoel Araújo Soares Jr. e María Silvia Pardi Lacruz, em especial a María Silvia, pelas vezes que pacientemente ouviu as minhas lamentações, os meus anseios e que sempre soube me confortar e dar forças para prosseguir.

A Gabriela Dambrós, pela ajuda na confecção e revisão dos mapas.

A Mónica Beatriz Sosa, pelo auxílio de me direcionar as pessoas certas para a execução desta pesquisa, o meu zelo e agradecimento.

Às entidades responsáveis pelas instituições de seus municípios. Em Puerto Iguazú, ao Consejo General de Educación – Supervisora Región III, localizada em Eldorado, na pessoa de María Dominga González. Em Foz do Iguaçu, com a Chefe do Núcleo Regional da Educação de Foz do Iguaçu, professora Ivone Aparecida Perez Müller. E, em Ciudad del Este, a Coordinación Departamental de Supervision – Alto

Paraná/Ministerio de Educación y Cultura, na pessoa da Sr^a. Licenciada Ana Beatriz Rios de Franco.

Aos diretores e professores das dezenove instituições escolares, os quais me ofereçam uma ótima receptividade e encaminhamento aos estudantes.

E, a eles, os sujeitos sociais da pesquisa, os estudantes, que prontamente responderam aos questionários, muito obrigado!

Aos colegas da Manuel Albino Carvalho, em especial a Terezinha Marli dos Santos, que por já ter passado por esta etapa, compreendia o meu cansaço e silêncio em momentos oportunos.

Agradeço àqueles que, ao longo do caminho, se apresentaram como auxílio necessário em determinado momento da caminhada. A todos, meus sentimentos e gratidão sinceros.

Não basta ensinar ao homem uma especialidade. Porque se tornará assim uma máquina utilizável, mas não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto. A não ser assim, ele se assemelhará, com seus conhecimentos profissionais, mais a um cão ensinado do que a uma criatura harmoniosamente desenvolvida. Deve aprender a compreender as motivações dos homens, suas quimeras e suas angústias para determinar com exatidão seu lugar exato em relação a seus próximos e à comunidade.

Einstein (1953:29).

Resumo

Esta tese apresenta como foco de interesse compreender as Representações Sociais sobre o espaço geográfico em que vivem os jovens escolares, na faixa etária dos 15 aos 18 anos, residentes na área da Tríplice Fronteira, composta pelas cidades de Puerto Iguazú (Argentina), Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad del Este (Paraguai). A partir da ideia de verificar como os jovens ao término da educação básica atribuem ao turismo uma importante influência no cotidiano de suas existências – ainda que com diversas maneiras de representar e significar essa influência – teve-se como objetivo principal analisar as Representações Sociais e Espaciais da Tríplice Fronteira, caracterizado pela forte presença do fenômeno turístico e de interações entre as populações dos três países, e, acima de tudo, de que forma o ensino da Geografia contribui para uma aprendizagem significativa presente em um contexto repleto de identidade e diversidade cultural, multiculturalismo dos educandos. Para concretizá-la, utilizou-se de aportes teóricos da Geografia Humanista e das Representações Sociais, por possuírem como filosofia a Fenomenologia, ao abordarem a subjetividade dos indivíduos. A presença de atrativos turísticos reconhecidos internacionalmente entre as cidades da Tríplice Fronteira fazem com que uma parcela da população residente se perceba como excluídos sociais e economicamente distantes, em ampla parcela dos benefícios que o turismo da fronteira proporciona. Neste intento, ao ensino da Geografia cabe a destreza de ressignificar a forma dos seus processos de ensino e de aprendizagem com vistas ao maior aprimoramento dos sujeitos em análise. A partir dos questionários e das reflexões dos mapas mentais, reafirmou-se o distanciamento das práticas sociais do cotidiano vivido pelos educandos, aos conteúdos estruturantes que conferem significados aos conceitos geográficos, estando o cotidiano mais presente na vida do que na escola.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, fronteira, representações sociais, turismo.

Abstract

This thesis aims to understand the Social Representations on the geographic area in which young students in the age of 15 to 18 years old, who reside in the Tri-Border area, consisting of the cities of Puerto Iguazú (Argentina), Foz do Iguazu (Brazil), and Ciudad del Este (Paraguay). Starting from the idea of checking how the students at the end of basic education see tourism as a major influence in their everyday lives – even though with different ways to represent and signify this influence – we sought to analyze the Social and Spatial Representations and the Triple border, characterized by the strong presence of the tourism phenomenon and interactions between populations of the three countries previously mentioned and, first and foremost, in what way the teaching of geography contributes to a significant learning on a full identity and cultural diversity context, multiculturalism of learners. In order to carry it out, we used the theoretical framework of Humanistic Geography and Social Representations, for approaching the philosophy of phenomenology, to address individuals' subjectivity. The presence of internationally recognized tourist attractions among the cities of the Tri-Border area make a portion of the resident population find themselves as socially and economically excluded, in large share of the benefits that the tourism provides the border. In this attempt, the teaching of geography, it is the skill of reframing the form of their teaching and learning processes with a view to further refinement of the subjects under review. From the questionnaires and the reflection of mental maps, we reaffirmed the detachment from social practices of everyday life experienced by learners to the structuring content that gives meaning to geographical concepts, as the everyday life has become more present to their lives as it is the school.

Keywords: Geography teaching, border, social representations, tourism.

Resumen

Esta tesis presenta como enfoque de interés, entender las representaciones sociales sobre el espacio geográfico en el cual viven los jóvenes escolares, con edades comprendidas entre 15 y 18 años, residentes en el área de triple frontera, compuesta por las ciudades de Puerto Iguazú/AR, Foz do Iguazú/BR y Ciudad del Este/PY. A partir de la idea de verificar como los jóvenes al final de la educación básica atribuyen al turismo una importante influencia en lo cotidiano de sus existencias, aunque con diversas maneras de representar y significar esa influencia tuvo como objetivo principal analizar las representaciones sociales y espaciales de la triple frontera, caracterizado por la fuerte presencia del fenómeno turístico y de interacciones entre las poblaciones de los tres países, y sobre todo, como la enseñanza de la geografía contribuye para un aprendizaje significativo presente en un contexto repleto de identidad y diversidad cultural, multiculturalismo de los alumnos. Para lograrlo, fue utilizado las contribuciones teóricas de la Geografía Humanista y de las representaciones sociales, pues tienen como filosofía la Fenomenología, al abordar la subjetividad de los individuos. La presencia de atractivos turísticos reconocidos internacionalmente entre las ciudades de la Triple Frontera hacen con que una parte de la población residente se reconozca como un excluido social y económicamente distantes de una amplia parte de los beneficios que el turismo de la frontera proporciona. En este intento, a la enseñanza de la Geografía tiene como propuesta la destreza de replantear la forma de sus procesos de la enseñanza y del aprendizaje con el fin de avanzar en el perfeccionamiento de los sujetos en análisis. A partir de los cuestionarios y las reflexiones de los mapas mentales, se reafirmó el distanciamiento de las prácticas sociales cotidianas experimentadas por los aprendices a los contenidos estructurantes que dan significados a los conceptos geográficos, estando el cotidiano más presente en la vida en comparación con la escuela.

Palabras-clave: Enseñanza de la geografía, las fronteras, las representaciones sociales, turismo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de localização da Tríplice Fronteira.....	17
Figura 2 – Zona de Fronteira.....	42
Figura 3 – Esquema de organização do turismo em cidades fronteiriças brasileiras.....	43
Figura 4 – Ponte da Amizade.....	44
Figura 5 – Controle aduaneiro e migratório em Foz do Iguaçu.....	45
Figura 6 – Mapa de localização dos Colégios públicos e privados da Tríplice Fronteira	88
Figura 7 – Contrabando	99
Figura 8 – Integração social e diversidade cultural	101
Figura 9 – Conjunto de atrativos.....	102
Figura 10 - Integração entre as fronteiras.....	112
Figura 11 – Conjunto de atrativos.....	116
Figura 12 – Desemprego	118
Figura 13 - Reserva Biológica Tati Yupi, Ciudad del Este.....	123
Figura 14a, 14b, 14c, 14d – Ponte da Amizade	134-135
Figuras 15a, 15b, 15c, 15d – Cataratas do Iguaçu e Saltos del Monday	136-137
Figuras 16a, 16b, 16c – Conjunto de atrativos	138
Figuras 17a, 17b, 17c – Itaipu Binacional	140
Figuras 18a, 18b, 18c, 18d – Marco das Três Fronteiras	141-142
Figuras 19a, 19b, 19c – Comércio exterior	143-144
Figuras 20a, 20b, 20c, 20d – Relações comerciais	145-146
Figuras 21a, 21b, 21c, 21d – Particularidades comerciais	147-148
Figuras 22a, 22b, 22c – Flutuação cambial	149
Figuras 23a, 23b, 23c– Aduanas	151
Figuras 24a, 24b, 24c, 24d – Circulação	153-154
Figuras 25a, 25b, 25c – Desemprego	155-156
Figuras 26a, 26b, 26c, 26d – Narcotráfico	157-158
Figuras 27a, 27b, 27c, 27d – Contrabando	159-160

Figuras 28a, 28b, 28c, 28d – Tráfico	160-161
Figuras 29a, 29b, 29c, 29d – Insegurança/criminalidade	162-163
Figuras 30a, 30b, 30c, 30d – Poluição	164-165
Figuras 31a, 31b, 31c, 31d – Diversos problemas	166-167
Figuras 32a, 32b, 32c – Integração social e diversidade cultural	168-169

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Processo de formação da imagem mental	66
Quadro 2 – Conceitos geográficos e suas articulações	76
Quadro 3 – Tripé sobre a produção do espaço.....	78
Quadro 4 – Instituições escolares participantes da pesquisa.....	87

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados dos Censos Demográficos dos municípios da Tríplice Fronteira	82
Tabela 2 – Universo amostral das unidades político-administrativas da Tríplice Fronteira.....	85
Tabela 3 – O turismo para estudantes da Tríplice Fronteira	90
Tabela 4 – A fronteira para estudantes da Tríplice Fronteira	93
Tabela 5 – Informações sobre a Tríplice Fronteira	96
Tabela 6 – Importância em conhecer os atrativos turísticos da Tríplice Fronteira	100
Tabela 7 – Presença de características semelhantes na Tríplice Fronteira	104
Tabela 8 – Maiores ou menores oportunidade de trabalho na Tríplice Fronteira	115
Tabela 9 – Vantagens em viver na Tríplice Fronteira	119
Tabela 10 – Desvantagens em viver na Tríplice Fronteira	121
Tabela 11 – Atividades proporcionadas na Escola sobre a Tríplice Fronteira	122
Tabela 12 – Contribuições da Geografia para conhecimento da Tríplice Fronteira	127

LISTA DE ABREVIATURAS

AR – Argentina

BR – Brasil

CF – Constituição Federal do Brasil

DGEEC – Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais e Renováveis

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INDEC – Instituto Nacional de Estadística y Censos

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MERCOSUL – Mercado Comum do Cone Sul

OMT – Organização Mundial do Turismo.

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PY – Paraguai

TF – Tríplice Fronteira

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 BASES TEÓRICAS E CONCEITUAIS DO TURISMO E A TRÍPLICE FRONTEIRA (ARGENTINA, BRASIL, PARAGUAI)	26
2.1 O turismo	26
2.2 A Fronteira e as peculiaridades da Tríplice Fronteira (Argentina, Brasil, Paraguai)	37
3 O REFINAMENTO TEÓRICO A PARTIR DA VERTENTE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E ESPACIAIS NA GEOGRAFIA	48
3.1 Do senso comum às representações sociais	48
3.2 Da percepção à cognição na ciência geográfica	55
3.3 Interpretações relacionadas aos conceitos de Espaço e Lugar e à Geração de Novas Ambiências	59
3.4 Imagens como representação visual e mental	63
4 A RELAÇÃO DO ENSINO DE GEOGRAFIA COM AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE	70
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	81
5.1 A pesquisa de campo - os questionários.....	84
6 SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS ALCANÇADOS	89
6.1 Confrontando os olhares com as representações subjetivas	132
6.1.1 Atrativos turísticos (naturais e culturais)	132
6.1.1.1 Pontes	133
6.1.1.2 Parques	135
6.1.1.3 Vários atrativos	137
6.1.1.4 Itaipu	139
6.1.1.5 Marco das Três Fronteiras	141

6.1.2 Integração econômica	143
6.1.2.1 Comércio exterior	143
6.1.2.2 Relações comerciais	144
6.1.2.3 Particularidades comerciais	146
6.1.2.4 Flutuação cambial	148
6.1.3 Mobilidade urbana/fluxo	149
6.1.3.1 Aduanas	150
6.1.3.2 Circulação	152
6.1.4 Problemas da região	154
6.1.4.1 Desemprego	154
6.1.4.2 Narcotráfico.....	157
6.1.4.3 Contrabando	158
6.1.4.4 Tráfico (armas, pessoas)	160
6.1.4.5 Insegurança/violência	162
6.1.4.6 Poluição	164
6.1.4.7 Diversos problemas	166
6.1.5 Integração social e diversidade cultural	167
7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES, A GUIA DE CONCLUSÕES.....	172
REFERÊNCIAS	181
ANEXOS - MAPAS DE LOCALIZAÇÃO E DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS E PRIVADAS DA TRÍPLICE FRONTEIRA	193
APÊNDICE A - OS QUESTIONÁRIOS	202

1 INTRODUÇÃO

Propor e discutir temas emergentes no ensino de Geografia não é tarefa fácil. Nesta pesquisa, apresenta-se a compreensão do tema turismo vislumbrando este fenômeno ou prática social sob o olhar de jovens escolares, na faixa etária dos 15 aos 18 anos, residentes na Tríplice Fronteira (TF) entre Argentina, Brasil e Paraguai, de acordo com a Figura 1. O recorte espacial tem como unidades político-administrativas Puerto Iguazú, Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, respectivamente.

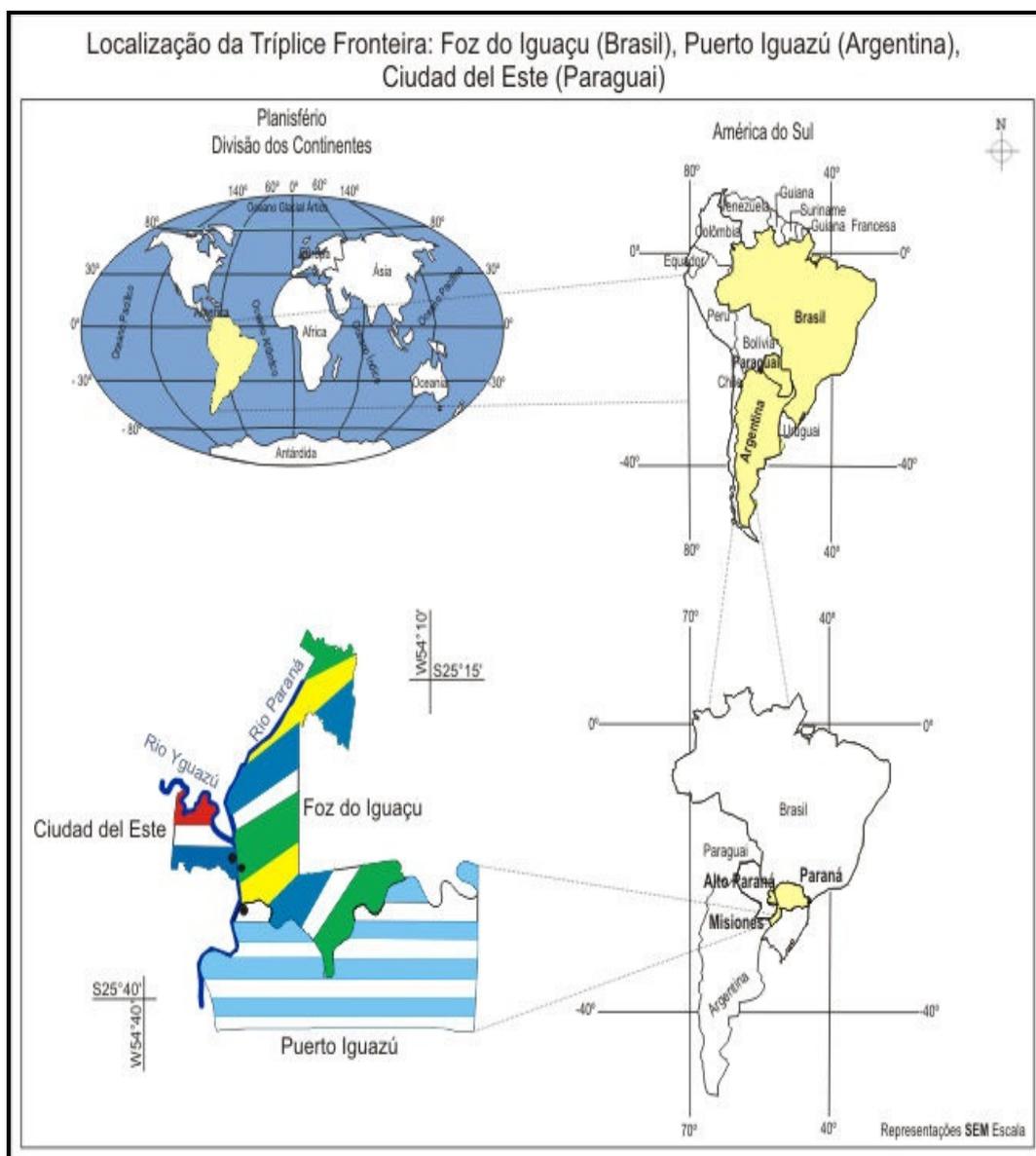


Figura 1 – Mapa de localização da Tríplice Fronteira.
Org: BERTIN, M., 2014.

Nesse sentido, a tese revela que na TF os estudantes, ao final da educação básica, representam os aspectos sociais e espaciais, principalmente, a partir da vivência desses aspectos em seus cotidianos, sendo pouco significativa a presença dos mesmos nos processos de ensino e de aprendizagem escolar, o que se reflete na escassa capacidade dos educandos em relacionar conceitos geográficos ao vivido.

Reconhecemos que o fenômeno turístico mostra a capacidade de (re) organização do espaço geográfico, alicerces de todas as atuações e intervenções humanas. É notável que nas últimas décadas o turismo cresceu amplamente em diversas áreas, possibilitando que um maior número de pessoas circulem por diferentes lugares e espaços, para trabalho, para estudos e/ou lazer. Característica da sociedade moderna e pós-moderna, o poder de consumo vem crescendo e, com ele, alterações nos lugares e na vida das pessoas que neles residem, sejam estas mudanças positivas ou negativas.

Deste modo, a inquietação que a presente pesquisa expressa possui como eixos centrais o ensino da Geografia, as representações sociais e espaciais, o turismo e a fronteira. Para essa análise, reflete-se sobre o tema “O ensino da Geografia na Tríplice Fronteira (Puerto Iguazú/AR, Foz do Iguaçu/BR e Ciudad Del Este/PY), e o turismo como possibilidade de reflexão das representações sociais e espaciais”. Como região de fronteira internacional, os municípios apresentam características próprias que expressam as pluralidades culturais presentes no seu cotidiano.

Ao refletir esse contexto, torna-se imprescindível entender a importância da pluralidade, da hibridização cultural e da identidade incutidas/impostas nos jovens, sujeitos da pesquisa, referentes ao turismo, à fronteira e ao ensino de Geografia, por meio de suas representações sociais e espaciais. É importante ressaltar que a lógica plural da sociedade contemporânea deve ser considerada pelas marcas impostas por práticas diversificadas decorrentes da própria disparidade humana.

Paralela a esta preocupação, encontra-se a influência do ensino da Geografia. Indaga-se: como a Geografia vem contribuindo na compreensão dos processos nos quais os jovens inserem-se como agentes de mudanças, organização ou, até mesmo, de reorganização do seu espaço vivido?

Nesta perspectiva, não se deve ignorar a pluralidade cultural e étnica presente nas relações de vivência cotidiana, expressas na TF, uma vez que a mesma abrange grande número de nacionalidades¹ como a sua diversidade cultural, o que as torna cidades cosmopolitas. Da mesma forma, infere-se que essa diversidade se reflete em âmbito da educação formal, partindo do estudo do seu espaço, do seu lugar, ou seja, das escalas geográficas do local ao global.

Diante destas considerações, é oportuno destacar que as três unidades político-administrativas constituem-se em polos turísticos de seus países. Tal fato demonstra a indiscutível capacidade que tem o turismo de gerar incidências significativas sobre os territórios dos quais se apropria. Além disso, a presença da Zona Franca em Ciudad del Este é responsável por dinamizar o comércio de Foz do Iguaçu.

Acompanhando a tendência econômica mundial de integração entre as nações, desde a última década do século XX, faz parte da agenda do Mercado Comum do Cone Sul - MERCOSUL propor estratégia de integração como meio de fortalecimento político e econômico frente ao contexto da globalização fortemente desigual e segregadora. Tal fato é reforçado por Hissa (2002, p. 34) quando comenta que “[...] a fronteira movimenta a reflexão sobre o contato e a integração”.

Neste contexto de globalização, integrado ao mercado, a TF, por meio do fenômeno turístico, exprime caráter dual de prática social e atividade produtiva. A prática social do turismo está diretamente ligada à Geografia, por estar agregada pelo mercado e que tem no espaço sua maior especificidade.

Em outras palavras, o turismo reveste-se de importância como possibilidade para a ciência geográfica, pela capacidade na organização e reorganização dos espaços, bem como por influenciar a esfera política, geoeconômica e socioambiental, perfazendo aos interesses de investigação da ciência geográfica, que, no decorrer de sua evolução conceitual, integrou-se como a ciência da organização espacial e social.

Ao se referir ao espaço, Castrogiovanni (2008, p. 119) considera que, dentre as ciências, a “Geografia é fundamental por oferecer o necessário tecido espacial,

¹ Destacam-se entre as nacionalidades com maior representatividade na TF as oriundas do Paraguai, Líbano, China e Argentina.

alicerce da grande maioria da oferta turística”, visualizada como os símbolos turísticos ou atrativos turísticos, motivo das satisfações e exigências dos turistas.

A oferta turística passou a ter maior expressão em meados do século XX, face aos avanços tecnológicos e sociais, configurando o turismo como um fenômeno social ou prática social, consequência do aumento do nível de renda de uma parcela da população mundial, da multiplicação e barateamento dos meios de transporte, da melhoria do padrão de vida na sociedade urbana e industrial, do poder dos meios de comunicação de massa, da propaganda e da manipulação das operadoras turísticas.

Uma vez transformada em atividade de massa, o turismo provoca elevadas mudanças no ambiente geográfico ou, melhor dizendo, no espaço geográfico, concomitantemente aos “impactos sociais” que são deixados em uma condição de menor importância, provocando efeitos perversos, dentre eles, os econômicos, socioculturais e ambientais.

É importante destacar que estudos que contemplam as implicações sociais, subjetivas e intersubjetivas dos indivíduos na Geografia, ainda são restritos, visto que essas implicações interferem no modo de vida das sociedades, de suas culturas e seus costumes. Procura, com isso, contribuir com estudos desta natureza, prioriza-se neste trabalho o turismo, entendendo-o como um fenômeno/prática social de cunho geográfico a partir da perspectiva representativa dos jovens em idade escolar que estão em fase de conclusão da educação básica nos países em questão.

O turismo é um complexo fenômeno humano e pode ser caracterizado como uma das maiores seduções dos tempos modernos e pós-modernos, envolvendo um conjunto significativo de relações, influências, motivações, desejos e representações sociais e espaciais.

Neste contexto, a problemática central da pesquisa é compreender as representações sociais sobre o espaço geográfico em que vivem os jovens escolares que residem na área da TF, entre Argentina, Brasil e Paraguai (Puerto Iguazú, Foz do Iguaçu e Ciudad del Este), sendo que os mesmos demonstram atribuir ao turismo uma importante influência no cotidiano de suas existências, porém com diversas maneiras distintas de representar e significar essa influência.

Como subsídio a esta investigação científica, tem-se a dissertação de mestrado da pesquisadora, concluída em 2003, no Programa de Pós-Graduação, Curso de Mestrado em Geografia, área de concentração Análise e Gestão Ambiental

da Universidade Federal do Paraná e intitulada “O Turismo em Foz do Iguaçu na visão dos estudantes: um estudo de Percepção Ambiental”, cujo objetivo central era verificar as possíveis implicações do turismo na sociedade e no seu ambiente (natural e cultural) de Foz do Iguaçu – PR, por meio da percepção e representação dos mapas mentais de estudantes do ensino fundamental da rede pública e particular.

Diante dos resultados apresentados na pesquisa de Bertin (2003) concluiu-se,

[...] a necessidade de investigação, iniciando nas instituições de ensino, diretamente com os estudantes, nas mais variadas idades, com o intuito de levá-los a investigar, refletir e retomar questões quanto implicações resultantes da prática social que é o turismo. (BERTIN, 2003, p. 148).

Os resultados apontaram que a degradação do patrimônio turístico, o desemprego e o aumento do consumo foram manifestados nas percepções e representações – mapas mentais – dos estudantes. Tais condições serviram de motivação para aprofundar esta análise, não mais pesquisando somente o município de Foz do Iguaçu, mas ampliando para os países que compreendem a TF.

Esta análise aponta para o fato de não podermos desconsiderar a visão do universo dos jovens, sujeitos da pesquisa, que, certamente, é o resultado de todo um processo de reorganização do espaço, pelo qual se metamorfoseou a TF em meados da década de 1970-80, período da construção da Usina Binacional de Itaipu e decisivo precursor econômico.

Tal fato alavancou o desenvolvimento do turismo em toda a região que abrange o espaço geográfico em questão, refletindo-se com maior magnitude e intensidade em Foz do Iguaçu e, conseqüentemente, em Ciudad del Este; a primeira, direcionada ao turismo natural, cultural e de eventos; e a segunda, voltada ao turismo de compras. Geograficamente, a noroeste, Foz do Iguaçu, e a oeste, Ciudad del Este. Tem-se também Puerto Iguazú, pertencente à Província de Misiones na Argentina, que possui, como atrativo principal, o Parque Nacional Iguazú e a oferta vinculada ao turismo internacional.

O turismo é, incontestavelmente, um fenômeno econômico, político, social, espacial e cultural dos mais expressivos da sociedade moderna e pós-moderna, movimentando mundialmente um enorme volume de pessoas e de capacidades (BAHL, 2004).

A existência da diversidade cultural e, de sua hibridização vislumbrada na TF, as transformações de produção e organização do espaço em relação ao turismo reforçam e enfatizam que o ponto de partida de quaisquer observações perpassa pela abordagem das representações sociais e espaciais.

A sociedade vive em determinados espaços onde se desenvolvem ações, vivências, sentimentos e acontecimentos que circundam a vida. Nesses espaços, as representações ocorrem espontaneamente e, normalmente, não percebemos, de maneira consciente, essa interação da nossa vivência diária com o espaço.

Guattari (2000) colabora com estas reflexões, argumentando que a organização social pode se dar na forma de redes de ideias, que a qualifica como uma rede de produção de subjetividade, nos mais variados níveis de compreensão.

Considerando o ponto de vista das representações, da forma de como a sociedade e, em especial, os jovens percebem e interagem com o ambiente que sofre transformação, é que as diferenças individuais e o raciocínio moral, embasados nas experiências diárias e em seu cotidiano, fazem com que haja variação de valor e reação ao ambiente vivido, percebido e representado.

Desta forma, os eventos comportamentais que englobam a cultura, o processo cognitivo, a escala de valores de cada indivíduo, as interações e os processos fisiológicos, mais especificamente os sentidos do ambiente físico e construído – espaço/território – constituem-se em segmentos relevantes para as representações sociais e espaciais.

Em se tratando de jovens, deve-se considerar que estes são seres em formação de sua identidade e isso mudará sua forma de sentir e compreender o seu mundo vivido. É nesta fase da vida que valores, condutas e sentimentos serão alicerçados para sua vida adulta. Neste sentido, é essencial que se dê atenção para a forma com que esses protagonistas representam o ambiente em que convivem/vivem.

A capacidade de representação que os sujeitos da pesquisa possuem em relação às reflexões apresentadas nesta tese, demonstra que a TF, não só é detentora de implicações que o turismo produz à sociedade em geral e, mais especificamente, ao seu espaço vivido, concebido como lugar, e aos símbolos/atrativos turísticos, mas manifesta condições de exaltação quanto à viabilidade em residir em uma zona de fronteira. Desta forma, tem-se o argumento

essencial que embasará a pesquisa, utilizando-se como direção os aportes teóricos da Geografia Humanista e das Representações Sociais, que compartilham como base filosófica a fenomenologia, uma vez que esta valoriza a consciência de cada sujeito.

Corroborando com estas prerrogativas, destaca-se a contribuição e orientação do processo educacional vislumbrado nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, que remetem a textos com enfoques disciplinares e Temas Transversais, entre eles, a Pluralidade Cultural e o Meio Ambiente, que induz a educação às práticas interdisciplinares. Assim, entre os objetivos dos PCNs (1997, p. 6) de interesse a presente pesquisa tem-se “[...] perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente”.

Cabe à Geografia, bem como a outras áreas do conhecimento, a tarefa de facilitar e orientar o aluno no processo das descobertas e na aprendizagem significativa, do desenvolvimento da sociedade e das relações com o espaço físico, para que, como cidadãos, possam contribuir na organização de uma sociedade mais consciente, ou seja, na compreensão do espaço e para que tenha a capacidade e possibilidade de representá-la social e espacialmente.

Diante dessas análises, Cavalcanti (2002, p. 12) enfatiza dizendo que “o trabalho de educação geográfica na escola consiste em levar as pessoas em geral, os cidadãos, a uma consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que elas vivenciam”. Permitir ao educando perceber-se como integrante do espaço que estuda, e que os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento do lugar.

Segundo o Ministério da Educação e Cultura – MEC (1999, p. 108): “[...] o ensino de geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva”.

Amparados pelos autores supracitados, o estudo das representações sociais e espaciais do turismo, como possível geradora de ambiências, constitui-se em um campo de interesse para a Geografia, bem como a sua incorporação da dimensão no ensino desta ciência constitui-se em uma modalidade necessária diante do

extraordinário crescimento do turismo em todas as partes do mundo, transcorridos mais de meio século de sua expansão.

A discussão sobre o turismo no meio escolar precisa ser mais intensificada, especialmente por ele ser um dos principais fenômenos econômicos responsáveis por uma série de alterações locais, tanto positivas quanto negativas.

Diante dos processos de transformações decorrentes da modernidade que se instalaram em nossa sociedade e da apropriação do espaço – o turismo tornou-se um objeto de consumo capaz de competir com os objetos materiais. Os espaços turísticos são produzidos e recriados para o turista – seu consumidor em potencial –, contribuindo, assim, para a organização desses espaços/lugares.

Nesta perspectiva, o chamado turismo é a relação existente entre lugar e viagem, é analisar as pessoas fora de seu habitat usual. O estudo também se estende aos estabelecimentos que respondem aos ensejos de cada viajante e as repercussões que têm no bem-estar econômico, físico e, principalmente, o social das comunidades anfitriãs, deixadas de lado, inúmeras vezes.

Praticamente, as atenções são reservadas aos turistas, desconsiderando as implicações sentidas e observadas pelos residentes locais, em especial, os jovens de um lugar turístico.

Portanto, o objetivo geral da pesquisa é verificar como os jovens em idade escolar da TF representam esse espaço geográfico caracterizado pela presença de atividades turísticas e de interações entre as populações dos três países.

O objetivo geral engloba os objetivos específicos:

- Contextualizar os efeitos do turismo sobre os aspectos socioeconômicos, culturais e ambientais da TF;
- Correlacionar as representações sociais dos jovens das três unidades político-administrativas, enquanto meio de análise e de construção do conhecimento geográfico;
- Averiguar quais os principais atrativos turísticos, na visão dos jovens; e
- Identificar os aspectos positivos e negativos representados social e espacialmente quanto aos atrativos turísticos.

A construção desta pesquisa está estruturada em sete capítulos que estão interligados e se complementam. Primeiramente, a introdução abrange brevemente a tese a ser defendida e os objetivos a serem alcançados.

O segundo capítulo mostra os referenciais no que diz respeito ao fenômeno do turismo, suas implicações em zonas de fronteira e as peculiaridades na TF (Argentina, Brasil, Paraguai).

No terceiro capítulo, é realizado um refinamento teórico sobre a vertente das Representações Sociais, articulando-a com a abordagem Humanista, ambas engajadas com a fenomenologia, para posteriormente atribuir maiores significados aos mapas mentais.

O quarto capítulo estabelece relações tecidas entre o ensino de Geografia por meio de seus conceitos e conteúdos estruturantes e as representações sociais e espaciais na contemporaneidade.

No quinto capítulo, os procedimentos da pesquisa de campo, que expõem os caminhos percorridos para que a tese pudesse ser possível, demonstrando o universo amostral, suas características, como se procedeu a aplicação de questionários, o envolvimento e participação dos jovens escolares em desmistificar um pouco mais sobre a ciência geográfica.

No sexto capítulo, relata-se o confronto entre os olhares com as representações subjetivas dos sujeitos da pesquisa para, posteriormente, articular os conceitos geográficos mencionados com suas representações – os mapas mentais. Para finalizar, o sétimo capítulo, destaca as considerações e recomendações finais a que a tese abarcou.

2 BASES TEÓRICAS E CONCEITUAIS DO TURISMO E A TRÍPLICE FRONTEIRA (Argentina, Brasil, Paraguai)

Los Hermanos sean unidos, porque ésa es la ley primera; tengan unión verdadera. En cualquier tempo que sea, Porque si entre ellos pelean. Los devoran los de afuera.

José Hernández

Não podemos seguir permitindo que o Turismo apoie apenas os grandes empresários, deixando de lado a cultura local e regional, os artistas locais tem dificuldades de apresentar seus trabalhos aos turistas que visitam Foz do Iguazu anualmente.

Amilton Farias

2.1 O turismo

Tão em moda e necessários, embora ainda incipientes, os estudos sobre as representações sociais que englobam o turismo são discutidos e vêm sendo tratados pela ciência geográfica nas últimas décadas. Constituindo-se em um fenômeno dependente do espaço para desenvolver-se, torna-se necessário que a Geografia passe, mais do que nunca, analisar o turismo para compreendê-lo e explicá-lo.

O dinamismo do turismo no espaço geográfico tem se manifestado em nível global, ligado à demanda nacional e internacional, como na dimensão local, vinculada ao espaço urbano e rural. Portanto, cabe ressaltar que o turismo é uma tendência mundial que apresenta formas e possibilidades variadas de análise, nas diferentes escalas espaciais.

Este fenômeno atingiu, após a Segunda Guerra Mundial (1939-45), proporções que estão inteiramente interligadas aos avanços tecnológicos e sociais, aos quais Santos (1987) designou de período tecnológico, que segundo o autor difere dos outros períodos da humanidade pela sua forma de mobilidade e expansão no espaço mundial.

Durante as últimas décadas do século XX e no limiar do século XXI, a globalização vem impondo um arranjo espacial, marcado pelo crescimento intenso/destacado do setor de serviços, ação das mudanças na organização das formas de produção. Com isso, o turismo obteve um acentuado crescimento em muitos países, sejam eles desenvolvidos ou em desenvolvimento, convertendo-se em objeto de consumo acessível às parcelas mais amplas de consumidores, até então reservados às classes abastadas.

Sobre este ponto de vista, Castro tece algumas considerações.

De atividade exclusiva das elites, ele [turismo] tem se transformado rapidamente em possibilidade para um número crescente de pessoas de classes sociais menos abastadas. A expansão da atividade [turística] decorre, portanto, do acesso da massa trabalhadora, especialmente nos países centrais, aos recursos que nas últimas décadas têm sido colocados à sua disposição. Esses recursos são de dois tipos: crescimento da massa salarial e tempo livre remunerado, como férias e aposentadoria, e políticas de investimentos em infraestruturas de lazer e avanço na tecnologia de transporte, entre eles o aéreo, que tem possibilitado o barateamento das viagens. (CASTRO, 2002, p.131).

A despeito de ser fortalecido como objeto de consumo, o turismo se operacionaliza pela construção de uma sociedade eminentemente de consumo.

Assim, no estudo do turismo são envolvidas as ideias de globalização, de mundialização da economia, dos meios de comunicação e da chamada modernidade e pós-modernidade. Sobre estas últimas, se faz uma comparação da sociedade moderna, formada essencialmente por produtores, e da sociedade pós-moderna que coloca ênfase nos consumidores.

Como consequência destes fatores, aparecem o processo de fragmentação, a dinâmica dos movimentos de diferenciação, a identidade cultural, a valorização dos lugares e a implementação do desenvolvimento local. Neste contexto, depreende-se que em face das transformações impostas às cidades decorrentes da reorganização e articulação espacial, os padrões físicos e sociais tornam-se os mais suscetíveis às alterações.

Os lugares e sua população se aproximam sob a lógica da globalização e da pós-modernidade que possui vocação universalista e cosmopolita. As interdependências que os lugares possuíam acerca das atividades industriais e comerciais, hoje, também começam a ceder espaços às atividades do lazer, ao Turismo.

Mas, conceitualmente, o que é o Turismo e qual o entendimento quanto ao lazer? Quais atividades o fazem se tornar cada vez mais atraentes?

Para a Organização Mundial do Turismo – OMT, e adotado oficialmente pelo Brasil, o Turismo é entendido como “[...] as atividades que as pessoas realizam durante viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras” (2001, p. 4), ou, ainda, como aquela visita que deve resultar na permanência de pelo menos uma noite.

É importante frisar, que esta definição da OMT volta-se ao viés econômico, preocupando-se com questões políticas, técnicas, estatísticas, comerciais, não discutindo aspectos culturais e sociais.

Para Rodrigues (1997, p.80) o “[...] turismo e lazer são atividades simbióticas”, o que significa que pode haver lazer sem turismo, porém turismo pressupõe deslocamento e lazer.

Nesta perspectiva, a autora continua enfatizando suas ideias a respeito do lazer.

O tempo livre torna-se um tempo social e o lazer toma-se um produto da sociedade de consumo, mercadoria que se vende e se compra. A evolução atual da sociedade industrial mostra que o tempo livre, longe de ser um tempo privado do indivíduo, do seu encontro consigo mesmo, torna-se um tempo social, ou seja, criador de novas relações sociais carregadas de novos valores. (RODRIGUES,1997, p. 109).

Neste contexto, Dumazedier (2008, p. 25) corrobora sobre o lazer, expondo que “nos dias de hoje, o lazer funda uma nova moral de felicidade. [...] Mesmo quando a prática do lazer é limitada pela falta de tempo, dinheiro ou recursos, sua necessidade está presente e cada vez torna-se mais premente”.

O lazer passa a ser considerado, nesta perspectiva, como expressão das atividades de diversão, descanso e de desenvolvimento, ou seja, como fruto da ampliação do tempo de ócio, e ampliação dos espaços ocupados, característica das sociedades hodiernas.

O mesmo autor enfatiza, ainda, que as atividades turísticas de lazer tornam-se uma dessas formas de diversão, pois se conhece novos lugares, novas formas de vida, paisagens de sol, céu e água. Praias, montanhas ou campos, enfim, visitas aos

mais variados lugares, paisagens, assumindo a própria cidade onde se mora como o principal espaço turístico (DUMAZEDIER, 2008).

Mesmo que as sociedades, em geral tenham conseguido, através de seus direitos adquiridos, usufruírem tempo para o lazer, sabe-se que uma grande massa populacional não terá condições de realizar uma viagem para fora de sua cidade, tornando-se, a cidade de residência, portanto, o único lugar possível de se conhecer, quando lhe são dadas as condições necessárias para tal finalidade.

Para os cidadãos que residem em cidades que apresentam oferta turística², é comum não conhecerem os atrativos turísticos³ naturais ou culturais, diante dos preços/taxas onerosos cobrados, não havendo distinção entre turistas estrangeiros e nacionais.

Vale destacar que até bem pouco tempo em Foz do Iguaçu/Paraná, em pesquisa realizada pela por Bertin (2003), residentes da cidade não conheciam o Parque Nacional do Iguaçu, com a presença das Cataratas do Iguaçu. Não existia distinção de cobrança de preços⁴ para residentes e turistas, fossem eles locais, regionais, nacionais ou estrangeiros.

Em contraposição, há autores que criticam a visão estigmatizada de lazer como o uso livre do tempo que para as sociedades são consideradas como livres. Entre esses autores faz-se referência a Carlos (1999), ao conceber severas críticas.

O lazer na sociedade moderna também muda de sentido, de atividade espontânea, busca do original como parte do cotidiano, passa a ser

² De acordo com o Ministério do Turismo, Oferta turística é conjunto de atrativos turísticos, serviços e equipamentos e toda infraestrutura de apoio ao turismo de um determinado destino turístico, utilizados em atividades designadas turísticas (BRASIL, 2007, p.50).

³ Já Atrativos turísticos são os locais, objetos, equipamentos, pessoas, fenômenos, eventos ou manifestações capazes de motivar o deslocamento de pessoas para conhecê-los. Os atrativos turísticos podem ser naturais; culturais; atividades econômicas; eventos programados e realizações técnicas, científicas e artísticas (BRASIL, 2007, p.50).

⁴ A Cataratas do Iguaçu S.A. foi constituída no dia 18 de janeiro de 1999, tendo por objetivo social a implantação, operação, administração, manutenção e aproveitamento econômico das áreas concedidas pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais e Renováveis - IBAMA, de acordo com os contratos 01/98 e 02/98. A Cataratas S.A. venceu a concorrência pública aberta pelo IBAMA, em 1998, para implantar infraestrutura de apoio, que visa oferecer mais segurança e qualidade no atendimento aos visitantes e ao mesmo tempo fomentar a educação ambiental em uma das maiores unidades de conservação de proteção da Mata Atlântica no Brasil — o Parque Nacional do Iguaçu. Disponível em: <<http://www.cataratasdoiguacu.com.br/portal/paginas/paginas.aspx?idpagina=12>>. Acesso em: 19 nov. 2014.

cooptado pelo desenvolvimento da sociedade de consumo que tudo que toca transforma em mercadoria, tornando o homem um elemento passivo. (CARLOS, 1999, p.25).

Não podemos esquecer que os mais variados espaços, especialmente no pós-guerra, tornaram-se espaços de constantes transformações, dadas as necessidades criadas da sociedade de consumo de massa, fruto do aprimoramento dos meios técnico-científico-informacional.

Nesta direção, a autora supracitada afirma.

A indústria do turismo transforma tudo o que toca em artificial, cria um mundo fictício e mistificado de lazer, ilusório, onde o espaço se transforma em cenário para o “espetáculo” para uma multidão amorfa mediante a criação de uma série de atividades que conduzem a passividade, produzindo apenas a ilusão da evasão, e, desse modo, o real é metamorfoseado, transfigurado, para seduzir e fascinar. (CARLOS, 1999, p. 26).

Diante dessas constatações de Carlos (1999, 26), reforça que há uma “[...] perda substancial na identidade, de comportamentos e modos de apropriação do lugar” para os residentes, produzindo-se a não identidade e por consequência o não lugar⁵.

Com o turismo globalizado, o processo torna-se demasiadamente complexo, que, no dizer de Santos (1988, p. 34), “[...] quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos”. Desta forma, em qualquer análise não podemos deixar de considerar o aspecto da globalização.

Há ainda vários outros autores que fazem referência sobre esta singularidade, como a seguinte observação ao enfatizar:

Apesar da expansão territorial da atividade turística e da mobilidade espacial de turistas (propiciada pelo progresso dos transportes), há inúmeros lugares do mundo que não foram apropriados pelo turismo. Uma certa seletividade espacial orienta a eleição, pelo turismo, de determinados pontos do território, em cada momento histórico. (CRUZ, 1999, p. 16).

O estudo do turismo no âmbito da ciência geográfica, segundo Rodrigues (1992), passa a se intensificar a partir de 1960, período em que se torna um fenômeno global, influenciado pelo crescimento da economia nos países mais

⁵ A respeito do não lugar será mais bem explicitado no capítulo 4.

desenvolvidos. Até este momento, tradicionalmente, a Geografia privilegiava o estudo dos setores primários e secundários, ficando o terciário marginalizado, interessando apenas questões do comércio, serviços urbanos e bancários.

Vale destacar, que o turismo, de modo geral, cresce em ritmos elevados tornando-se um dos fenômenos econômicos mais promissores, alicerçado no contexto da globalização.

Assim, para a sua apreensão, há que se ter, antes de tudo, uma contextualização. Lembra Coriolano (1998, p.15) que “[...] o entendimento do turismo e dos seus impactos requerem embasamento conceitual que permita romper com o conhecimento calcado simplesmente no senso comum”.

Neste sentido, várias são as denominações conceituais que o turismo apresenta, seus diversos tipos e contextos onde se manifesta, e, entre elas, as que mais se destacam são: o turismo como indústria, como atividade e como fenômeno social ou prática social. Nesta tese, a escolha do turismo como fenômeno ou prática social será a forma compreendida para a sua análise posterior.

Ao expressar o turismo como indústria, tem-se caracterizado como uma atividade eminentemente economicista, como atividade de massa e puramente como um produto a ser consumido.

A denominação indústria é contestada por Bacal (1999, p. 67) para a referência à atividade turística, explicando que “[...] enquanto indústria significa atividades do setor secundário da economia, ou seja, as atividades de transformação, o turismo na maioria de suas funções é alocado no setor terciário de prestação de serviços”.

No entanto, a denominação indústria é tratada pelos governantes e empresários por movimentar significativa quantidade de serviços, ocasionar consumo e desencadear o desenvolvimento de novas atividades; portanto, consideram-no como uma indústria ‘sem chaminés’.

Classificada como atividade do setor terciário, compreende um conjunto de atividades desenvolvidas por setores (primário e secundário), integradas a diversas empresas, sejam públicas ou privadas, que necessitam operar em conjunto para alcançar os objetivos desejados.

Como indústria, produz espaços delimitados e espacialmente destinados a um determinado tipo de consumo – o da natureza – por meio dos denominados

serviços do turismo. Como atividade turística se funda na exploração desta tendência à revalorização da natureza, ao expressar que:

[...] o olhar moderno voltou-se para as paisagens turísticas, valorizando nelas o sentido perdido no ritmo veloz com o qual passamos pelas paisagens sem vê-las. O cotidiano absorvido no trabalho, na família, nas vias expressas das cidades, nos outdoors, dentro dos carros, dos transportes coletivos, da urbe, roubou de nós o sentido do olhar, que agora olha e não vê. O olhar do turista contemporâneo, embaçado pela desumanização do cotidiano, conduziu o imaginário coletivo a revalorizar a natureza e mesmo o simulacro que, queiramos ou não, é natureza e cultura construídas socialmente. (LUCHIARI, 1999, p.121).

Neste contexto de revalorização da natureza, de desenvolvimento da atividade turística, ocorre um processo de transformação dos lugares, que passam a ter novas perspectivas de desenvolvimento.

Com a inserção de um lugar na rede turística, conseqüentemente haverá a mercantilização dos elementos deste ambiente. Afirma-se ainda que,

[...] a atividade turística desenvolve-se no mundo como uma forma de ocupar o tempo fora do trabalho. Ocupar este tempo significa inserir o trabalhador no mercado, no consumo: a atividade turística, assim, transforma o tempo do ócio em um tempo aprisionado ao mercado. Os lugares que são definidos para o lazer, na lógica do período técnico-científico, são racionalizados para atender à necessidade de mercantilizar o tempo livre. (MORETTI, 2000, p. 62).

A análise geográfica tem por objetivo compreender estas transformações locais, que estão inseridas na totalidade, no mundo globalizado, em que os mesmos são transformados em pontos de reprodução do capital.

Nas economias industrializadas, os serviços turísticos pertencem ao setor que mais tem alavancado crescimento. São constituídos pelos meios de hospedagem, pelos serviços de alimentação, serviços de entretenimento e serviços de apoio.

Ao mesmo tempo em que o turismo articula a produção e o consumo de um espaço, os serviços fluem por este mesmo espaço, mundializado e/ou globalizado, pois as informações sobre os lugares circulam através dos serviços, “[...] e de forma cada vez mais atuante pelo noticiário das caixinhas domésticas (a TV)”, afirma Rodrigues (1999, p. 55).

O desenvolvimento do turismo está frequentemente associado à esfera da economia, e, por meio desta, dificilmente faz-se referência ao ‘aspecto social’, do

qual se podem retirar os indicadores do que chamamos de qualidade de vida (ARAÚJO, 1998, p. 362).

Ao utilizar a natureza como atrativo turístico, os equipamentos urbanos como infraestruturas, os territórios de origens dos turistas, as comunidades receptoras com sua população residente e as práticas sociais decorrentes deste encontro, o turismo passa a ser objeto do saber geográfico, o que faz reforçar que é uma atividade que se desenvolve por meio dos elementos do espaço geográfico. Estes elementos do espaço correspondem “[...] aos homens, as firmas, as instituições, o chamado meio ecológico e as infra-estruturas” (SANTOS, 1985, p. 6).

Como as demais atividades econômicas, políticas, culturais ou de lazer, o turismo implica fortemente na estruturação e reestruturação do espaço. A presença do espaço encontra-se implícita nas mais variadas definições, caracterizando-se como produto turístico⁶, passível de ser comercializável. Para Boullón (2002, p.79) “O espaço turístico é consequência da presença e distribuição territorial dos atrativos que, não devemos esquecer, são a matéria-prima do turismo”.

Já para Miossec (1977) “L'espace touriste est, avant tout une image⁷”. Imagem transformada em marketing turístico, estando dentro da lógica capitalista, fazendo dela objeto de consumo, ou seja, tornando-se um produto a ser consumido pela sociedade em busca de satisfação pessoal.

A este respeito se faz referência a Silveira (1997, p. 70), o qual assinala que “[...] para a indústria do turismo a concepção e a colocação do produto turístico no mercado está em perfeita sintonia com a propalada globalização”.

Como produto, o turismo é composto por diversos elementos tangíveis e intangíveis e, neste caso, argumenta que,

El producto turístico se presenta como un conglomerado, una amalgama, una constelación de elementos tangibles y intangibles en particular. Entre los elementos tangibles se hallan los bienes, los recursos, las infraestructuras y los equipamientos; entre los intangibles, se cuentan los servicios, la gestión, la imagen y la marca y el precio⁸. (VALLS, 1996, p. 196-197).

⁶ Produto turístico – é o conjunto de atrativos, equipamentos e serviços turísticos, acrescidos de facilidades, ofertado de forma organizada por um determinado preço. Rotas, roteiros e destinos podem se constituir em produtos turísticos, por exemplo (BRASIL, 2007, p.51).

⁷ “O espaço turístico é, antes de tudo, uma imagem” (tradução nossa).

⁸ “O produto turístico se apresenta como um conglomerado, uma amalgama, uma constelação de elementos tangíveis e intangíveis em particular. Entre os elementos tangíveis têm-se os bens, os

Esses elementos, quando não planejados de maneira adequada, poderão afetar a qualidade do ambiente, tanto natural quanto cultural, centros da atratividade dos lugares para o turismo. Uma vez transformada em atividade de massa, o turismo provoca elevados impactos no ambiente geográfico, ou ainda, melhor dizendo, no espaço geográfico, concomitantemente aos 'impactos sociais' que são deixados em segundo plano.

A massificação do turismo provoca alguns efeitos perversos advindos do fenômeno turístico.

Entre esses, alguns efeitos sociais como a aculturação, a prostituição, além dos efeitos de ordem econômica e ambiental, em que são verificados impactos excessivamente predatórios. Esses efeitos provocam descontentamento por parte de alguns segmentos negativos causados pela atividade. (PEREIRA, 1999, p 10).

Outra consideração relacionada à atividade turística é apresentada por (RUSCHANN, 1994; BARRETO, 1995; YÁZIGI, 1999) é a de que a mesma engendra três tipos de efeitos: econômicos, socioculturais e ambientais. Quanto ao primeiro, vinculam-se à geração de renda e divisas no local visitado, fomento a investimentos, geração de empregos, redistribuição de renda, dependência econômica, inflação dos produtos e especulação imobiliária, além da sazonalidade.

Ao segundo, sobressaem-se o enriquecimento e intercâmbio cultural, a valorização da herança cultural e preservação de patrimônio histórico, bem como a descaracterização cultural e a destruição do patrimônio histórico. Em terceiro lugar, tem-se a poluição, principal expressão que atinge o meio natural, a qualidade de vida da comunidade local e do próprio turista.

Diante destes pressupostos, podem-se verificar os aspectos sobre os quais está inserida a atividade turística, levando-se a efeito sua efetivação como uma atividade meramente comparada a uma indústria que tem, na ambiência, uma mercadoria a ser consumida.

O turismo, entendido como fenômeno social ou até como prática social, engloba o caráter cultural como também o caráter político-econômico. Lamentavelmente, estudos que contemplam as implicações sociais, psicológicas nos indivíduos são deixados em segundo plano, visto que essas implicações interferem

recursos, as infraestruturas e os equipamentos; entre os intangíveis, encontram-se os serviços, a gestão, a imagem da marca e o preço" (Tradução nossa).

no modo de vida das sociedades, de suas culturas e costumes. Daí o interesse de estudar o turismo como um fenômeno/prática social de cunho geográfico, por estar centrada acima de tudo no ser humano, em suas formas de ver e perceber a paisagem, em suas experiências culturais, seus valores e sentimentos.

Uma compreensão abrangente é sugerida por La Torre Padilha quando diz,

El turismo es un fenómeno social que consiste en el desplazamiento voluntario y temporal de individuos o grupos de personas que, fundamentalmente por motivos de recreación, descanso, cultura o salud, se trasladan de su lugar de residencia habitual a otro, en el que no ejercen ninguna actividad lucrativa ni remunerada, generando múltiples interrelaciones de importancia social, económica y cultural. (LA TORRE PADILHA, 1992, p. 19).

O turismo é, pois, uma complexa atividade humana, e para elucidar esta ideia, outra definição é apresentada por Molina; Abitia (1987, p. 23) ao afirmarem que “[...] turismo não é um produto, bem, ou serviço, é sim uma atitude frente às possibilidades de utilização do tempo livre, só existindo quando são dados os elementos que o compõem: natureza, cultura, hospedagem e transporte”.

Demanda qualidade e eficiência, pois o turista exige comodidade e segurança. Ao contrário do residente, quer aproveitar o máximo de seu tempo, de seu dinheiro, de sua folga, de suas férias, com o lazer. Na condição de turista, na terra dos outros, ele libera suas emoções, dando-se o direito de extrapolar, exceder-se em bebidas e comidas e em outros gastos, adotando comportamentos e atitudes que, às vezes, interferem na cultura, nos valores, no cotidiano de quem vive no lugar.

O relacionamento entre turistas e residentes não é simples como alguns podem pensar, mas bastante complexo. É de grande importância que ele seja amistoso, com base no respeito às culturas locais. A interação entre ambos deixa inevitavelmente marcas desse relacionamento tanto nos residentes como nos turistas. As culturas são dinâmicas e por isso não podem ficar estagnadas.

Mudanças sociais resultantes do crescimento do turismo nas comunidades que os recebem terão efeitos profundos sobre a vida de muitos membros destas. A partir deste crescimento, duas situações podem evoluir representando coordenadas a um continuum de interação social (MURPHY, 1985).

Tais situações de mudanças sociais podem levar ao desenvolvimento, representando avanços socioeconômicos na comunidade, melhoria do padrão de vida e um enriquecimento geral, tanto social quanto cultural, na vida de uma cidade, levando a percepções de prosperidade social e econômica. Em outro extremo, as mudanças podem ocasionar à dependência, representadas por um crescimento econômico que deixa a estrutura social subdesenvolvida ou reforça e intensifica injustiças sociais existentes.

Disparidades socioeconômicas se acentuam quando alguns membros da comunidade ganham muito em termos de crescimento e desenvolvimento, ao passo que a maioria dos residentes não participa ou não se beneficia econômica e socialmente, o que pode levar a um sentimento de rancor, amargura e expressões de hostilidade em relação a outros residentes e aos visitantes.

Portanto, não podemos deixar de reconhecer que é cada vez maior a possibilidade de custos sociais e ambientais associados ao crescimento do turismo, e da necessidade de uma pesquisa cuidadosa dos efeitos não econômicos.

Para melhor compreender os processos de crescimento de uma comunidade, o modelo com potencial considerável é o das representações sociais, onde uma das perspectivas fundamentais nessa formulação teórica é a ideia de continuidade e de percepções e formas de pensar no nível da comunidade. No que concerne a este respeito, Ross (2001, p. 138) esclarece que “[...] a qualidade de vida da comunidade não pode ser plenamente entendida sem uma compreensão da avaliação subjetiva que o indivíduo faz de uma série de elementos, como serviços e comodidades”.

Há que se ressaltar que a percepção das implicações sociais do turismo diminui à medida que aumenta a distância entre a moradia dos residentes e a zona turística e que, da mesma forma, atitudes positivas em relação às implicações numa comunidade aumentam com a dependência econômica de um indivíduo em relação ao turismo.

Segundo a mesma autora, (Ibid., p. 141-142) estudos demonstram que “[...] regiões subdesenvolvidas revelaram uma associação entre desenvolvimento em larga escala do comércio turístico e a percepção da deterioração das condições sociais das comunidades-anfitriãs”.

Enfim, chega-se à conclusão que é de grande importância considerar o funcionamento da comunidade-anfitriã em qualquer estudo do fenômeno turístico, no

sentido de compreender que possibilidade o turismo confere em uma zona de fronteira, tem interferido na mente das pessoas que residem na TF (Puerto Iguazú/Argentina, Foz do Iguaçu/Brasil e Ciudad del Este/Paraguai) e que possam ter mudado seus hábitos e o modo de ver o mundo, além de diagnosticar os efeitos no espaço vivido, enquanto espaço da subjetividade e do comportamento.

2.2 A Fronteira e as peculiaridades da Tríplice Fronteira (Argentina, Brasil, Paraguai)

Pensar a fronteira na atualidade, ou até mesmo a sua existência e/ou permanência, requer cuidados específicos quanto a sua forma de denominar, frente às diversas mudanças no contexto da globalização, da mundialização e da pós-modernidade.

Hodiernamente, a fronteira separa povos de diferentes culturas, mas também pode significar uma aproximação entre nações vizinhas, quando não há rivalidades territoriais.

Diante disso, antes de aprofundarmos a discussão sobre a fronteira, faz-se necessário a compreensão de determinados termos relacionados a ela. Neste sentido, limite e fronteira são comumente usados para dar a mesma significação de demarcação/separação entre territórios.

Para tanto, os conceitos de espaço, território e territorialidade também interessam por estarem interligados, articulados, pois a partir deles é que um país exerce a sua soberania. O poder, o domínio ou a influência dos vários agentes, tanto políticos, econômicos, como sociais no espaço geográfico é que expressará a territorialidade. O território é o espaço que sofre o domínio desses agentes, e a forma como eles moldaram e moldam a organização desse território é que denominamos de territorialidade (MACHADO et al, 2005).

Diante dessas prerrogativas, concebe-se o território sob a concepção que,

[...] o território é também produto de processos concomitantes de dominação ou apropriação do espaço físico por agentes não-estatais. Nota-se que os processos de controle (jurídico/político/administrativo), dominação (econômico-social) e apropriação (cultural-simbólica) do espaço geográfico

nem sempre são coincidentes em seus limites e propósitos. (MACHADO et al, 2005, p. 91).

A mesma autora (2005, p. 91) reforça que “[...] a territorialização desses processos se dá tanto de “cima para baixo” [...] quanto de “baixo para cima”. A primeira a partir da ação dos gestores estatais e a segunda por meio das práticas cotidianas representadas pela comunidade residente, diante de sua vivência diária.

Neste contexto, o espaço precede o território, na visão de Claval (1979), por constituir-se “na prisão original”, reafirmado por Santos (2008, p.86) ao enfatizar que “[...] o espaço/território, afinal a ideia de limites/bordas e de interações/contatos aparece indissociável da configuração espacial dos objetos geográficos e da ação espacial dos grupos sociais que os animam”.

Constando o espaço como prisão original, o território constituir-se-á na prisão construída/moldada/ressignificada pelas sociedades ao longo do tempo e do espaço, compreendendo, então, que as fronteiras passam por incessantes (re)organizações espaciais. Neste caso, como dizer ou enfatizar que haverá o fim das fronteiras?

De qualquer forma, os territórios são separados por limites, que, muitas vezes, são acidentes naturais (rios, lagos, cadeias de montanhas), ou artificiais como uma rua ou uma estrada. Portanto, o limite está associado ao fim daquilo que mantém coesa uma unidade político-territorial e estabelecido, na maioria dos casos, por acordos e tratados entre dois ou mais países.

Para Foucher (2009), a fronteira enseja uma conotação de demarcação política-territorial, pois

As fronteiras são descontinuidades territoriais, com a função de marcação política. Nesse sentido, trata-se de instituições estabelecidas por decisões políticas, projetadas ou impostas, e administradas por textos jurídicos: as leis de um Estado soberano em seu interior, o direito internacional público como lei comum da coexistência dos Estados, mesmo quando estes se desfazem, porque os tratados territoriais são os únicos pelos quais a sucessão de Estado é automática. Linhas de separação entre soberanias, elas agregam – por uma delimitação seguida de uma demarcação no terreno por meio de pedras e de outros utensílios físicos ou eletrônicos de separação – territórios governados por uma soberania estatal e que formam o quadro da atribuição e da transmissão de uma nacionalidade, de uma cidadania como ligação jurídica de um Estado à sua população constituinte. Não há identidade sem fronteiras. A ordem política moderna implica o reconhecimento, pelos outros, de fronteiras de Estado demarcadas, como base territorial e soberania. (FOUCHER, 2009, p.22).

Ao se referir à fronteira, etimologicamente, o termo significa o que está na frente, indicando a margem de um espaço habitado, que com o decorrer do tempo adquiriu um caráter político, manifestado como um lugar de afirmação e reconhecimento de poderes políticos.

A fronteira coloca-se à frente (front), como se ousasse representar o começo de tudo onde exatamente parece terminar; o limite, de outra parte, parece significar o fim do que estabelece a coesão do território. O limite, visto do território, está voltado para dentro, enquanto a fronteira, imaginada do mesmo lugar, está voltada para fora como se pretendesse a expansão daquilo que lhe deu origem. O limite estimula a ideia sobre a distância e a separação, enquanto a fronteira movimenta a reflexão sobre o contato e a integração. (HISSA, 2002, p.34).

Neste contexto, outros autores reafirmam e tecem suas considerações expondo que,

[...] caracterizar as noções de fronteira e limite no contexto da teoria do estado moderno é muito difícil quando sabemos que passaram por muitas evoluções e que são usados numa variedade de sentidos. Ambos mudam com o tempo. (MACHADO, 2002, p. 01).

As várias denominações de fronteiras sejam elas políticas, econômicas, sociais, culturais, mudam com o tempo e isso faz com que as sociedades ressignifiquem as suas visões quanto à temática, pois é necessário ultrapassar a dimensão política e territorial implícitas na noção de fronteira e progredir na direção de uma abordagem que busque compreender as percepções e as representações sobre ela no tempo e no espaço. As fronteiras são dinâmicas, vivas e evoluem com o processo de globalização.

E este é o interesse que se aspira ao compreender como jovens ao final da educação básica, pertencentes à Tríplice Fronteira (Puerto Iguazú, Foz do Iguaçu e Ciudad del Este) percebem e representam a fronteira, o turismo e o ensino, em particular a Geografia.

Atualmente o conceito de fronteira corresponde a uma faixa do território de um país que se estende ao longo de uma linha limite (abstrata), ou seja, o limite internacional⁹, realidade geográfica que constitui outras realidades, como o de papel simbólico de legitimidade dos estados modernos enquanto perdurarem, ou ainda,

⁹ Limite internacional delimita espaços mutuamente excludentes e define o perímetro máximo de controle soberano exercido por um Estado Central.

pela territorialização de grupos humanos, pela rede de fluxos de mercadorias e pessoas/intercâmbios, de controle e vinculação.

Entender a diferenciação dos conceitos é fundamental ao atual momento de globalização pelo qual presenciamos de intensa interpenetração (fluxos comerciais), trocas, contatos, assimetrias culturais e de integração, entre os Estados.

Neste sentido, as fronteiras podem ser efetivas, que representam limites territoriais reconhecidos internacionalmente, de convivência, interação e integração pacífica, e, em litígio, onde existe um limite territorial de fato, sobre o qual não há acordo ou que está sujeito a arbitragem.

Ao tecer essas considerações, ressaltam-se, ainda, que nem sempre as fronteiras separam Estados Nacionais, elas podem significar limites entre entidades supranacionais, como no caso, do MERCOSUL a que se insere a TF (Argentina, Brasil e Paraguai) e de tantos outros blocos que visam a integração e cooperação regional, constituindo-se assim, uma fronteira econômica. Aliada a isso, a globalização também tem sua fronteira criada/redefinida pelas desigualdades socioeconômicas e culturais e ao acesso aos meios e recursos tecnológicos.

Não resta dúvida quanto à importância/relevância do papel da identidade cultural arraigada nas sociedades residentes nas regiões de fronteira, em especial dos moradores locais da TF em análise. Marcada por uma vasta multiculturalidade, a região nos dispõe/contempla inúmeras variáveis de análise quanto às influências e presenças das várias culturas, etnias e religiões que os metamorfoseia no viés da integração, a fim de que os residentes, concebidos como os “nós” e os “outros”, no caso os estrangeiros residentes no outro lado da fronteira vivenciam a alteridade entre as partes.

Corroborando com o exposto acima, vale ressaltar o que Becker (2007) assinala sobre a integração na fronteira.

Embora a fronteira seja um fator de integração, na medida em que é uma zona de interpenetração mútua e de constante manipulação de estruturas sociopolíticas e culturais distintas, cada lado de uma fronteira apresenta estruturas culturais, sociais, econômicas, políticas e demográficas diferenciadas. Caracterizam-se ainda as fronteiras, por serem locais de instabilidade e mutabilidade, onde podem surgir reações e conflitos de diferentes naturezas (nacionalistas, libertadores, econômicos, etc.), a partir tanto das aspirações das populações que vivem nessas zonas, como de pressões externas. A presença do imprevisível é, assim, outro aspecto marcante da Faixa de Fronteira, para o que contribui a multiplicidade de atores e redes técnicas e políticas que nela incidem (BECKER, 2007, p. 51).

Dada a importância da fronteira internacional, a partir dela, encontram-se outros conceitos, não menos importantes que devem ser considerados: faixas de fronteira, zona de fronteira e região de fronteira.

De acordo com a Constituição Federal Brasileira¹⁰ de 1988, em seu Art. 20 § 2º a Faixa de Fronteira é a faixa legalmente estabelecida pelos Estados. Deve-se atentar ao fato de que nem sempre as faixas estarão presentes, por coincidirem com a Região da Fronteira¹¹ que é a região no interior da qual os fluxos transfronteiriços acarretam efeitos concentrados. Da soma das regiões de fronteira de dois ou mais países limítrofes é o que se considera como Zona de Fronteira.

Nesse sentido, a zona de fronteira para o Ministério da Integração Nacional¹², é definida,

[...] pelas faixas territoriais de cada lado do limite internacional, caracterizadas por interações que criam um meio geográfico próprio de fronteira, só perceptível na escala local/regional, seria a forma ideal para tratamento dos fluxos de bens, capitais e pessoas. Entretanto, barreiras políticas, administrativas, legais e diplomáticas impedem esse tratamento, que para ocorrer, demandaria o estabelecimento, por parte dos países envolvidos, de “zonas de integração fronteiriça”. (2009, p. 28).

Tanto a integração como a interação fronteiriça é ameaçada quando governos centrais, em contraposição, ou na contramão dos desejos das populações fronteiriças, fecham as suas fronteiras. Exemplo disso é o caso das cidades gêmeas¹³ influenciadas pela Ponte Internacional da Amizade, que serve como uma verdadeira via entre Foz do Iguaçu no Estado do Paraná/BR e Ciudad del Este no

¹⁰ A faixa de até cento e cinquenta quilômetros de largura, ao longo das fronteiras terrestres, designada como faixa de fronteira, é considerada fundamental para defesa do território nacional, e sua ocupação e utilização serão reguladas em lei. CF/88 Art 20 § 2º. Disponível em <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_04.02.2010/CON1988.pdf> Acesso em: 18 fev. 2014.

¹¹ De acordo com o Ministério do Turismo a Região turística – é o espaço geográfico que apresenta características e potencialidades similares e complementares, capazes de serem articuladas e que definem um território, delimitado para fins de planejamento e gestão. Assim, a integração de municípios de um ou mais estados, ou de um ou mais países, pode constituir uma região turística (BRASIL, 2007, p. 51), o que faz um paralelo com a Região de Fronteira.

¹² BRASIL. **Faixa de Fronteira**. Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira – PDF. Ministério da Integração Nacional. Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=e5ba704f-5000-43df-bc8e-01df0055e632&groupId=10157>. Acesso em 18 fev. 2014.

¹³ Cidades gêmeas são núcleos localizados de um lado e outro do limite internacional cuja interdependência é com frequência maior do que de cada cidade com sua região ou com o próprio território nacional.

Departamento de Alto Paraná/PY de articulação econômica, cultural e social entre elas.

Da mesma forma, manifestações dos problemas característicos da fronteira, que nesse espaço adquirem maior consistência/densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania local.

Entre os problemas de maior expressividade, tem-se o narcotráfico, o contrabando, o tráfico de drogas, de pessoas, o desemprego/desocupação, esta última entendida como principal responsável e causadora das mazelas locais na região fronteira.

A Figura 2, elaborada pelo Ministério da Integração Nacional, ilustra de forma clara e objetiva o conceito de cidade-gêmea, como a sua interação transfronteiriça entre os grupos locais e entre países.

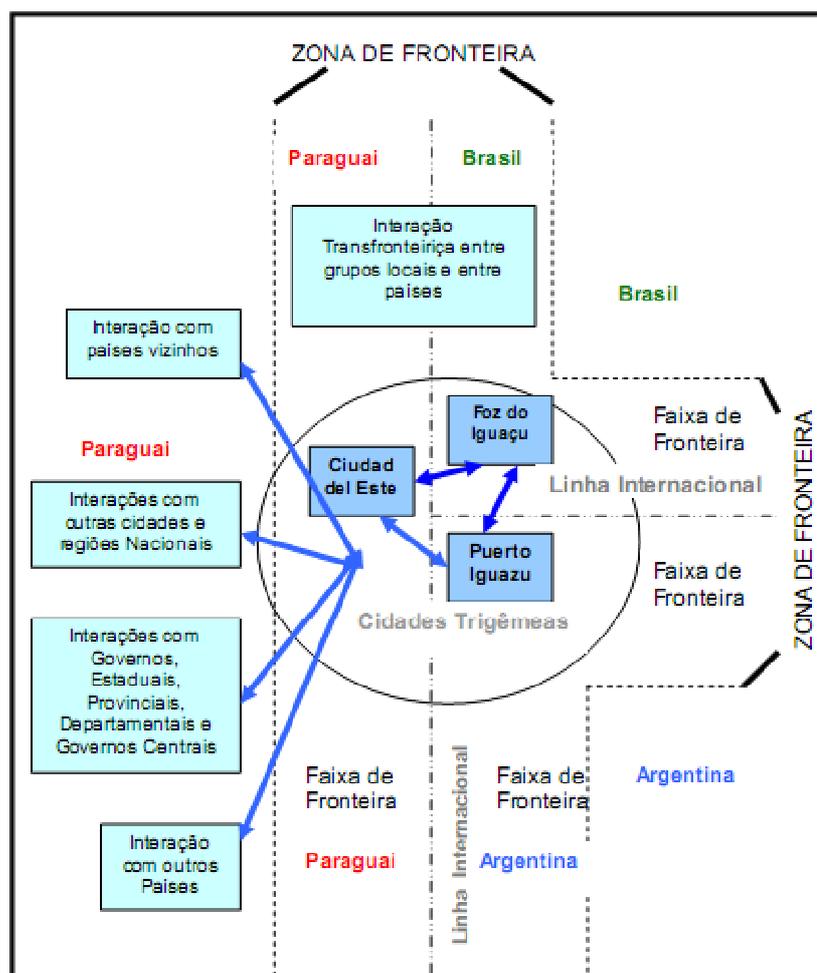


Figura 2 – Zona de Fronteira.

Fonte: BRASIL (2005). Organizado e adaptado por CURY (2008).

Em detrimento ao que foi exposto quanto aos efeitos concentrados nas fronteiras, vale salientar os impasses gerados nas chamadas cidades gêmeas e neste caso, das cidades trigêmeas (Puerto Iguazú, Foz do Iguazu e Ciudad del Este) localizadas no epicentro dos países que compõem o MERCOSUL.

A análise das dinâmicas globais nos faz atentar para as transformações dos países quanto à implementação dos sistemas econômicos, com destaque aos elementos móveis que a constituem como as finanças, os serviços vinculados e fixados numa rede global de interações.

Tais elementos com seus efeitos e impasses são considerados tão frutíferos nas zonas de fronteira, que pela presença das cidades-gêmeas apresentam campo fértil de análise da interação econômica, social, cultural, política e ambiental do espaço transfronteiriço, reforçado pelo fluxo contínuo entre as cidades de fronteira.

Neste sentido, a Figura 3 elaborada por Allis (2008), esquematiza a organização do turismo em cidades de fronteira e retrata a situação de integração e relação entre as cidades da Tríplice Fronteira.

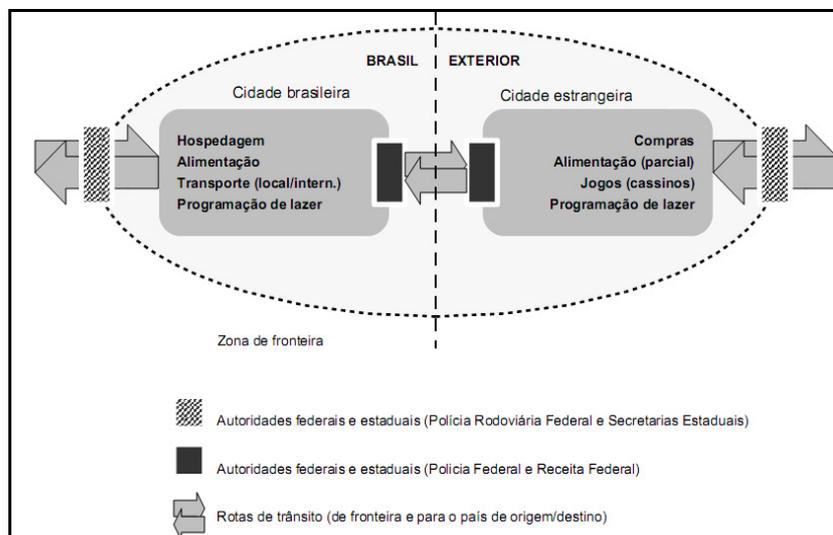


Figura 3 – Esquema de organização do turismo em cidades fronteiriças brasileiras.
Fonte: ALLIS, Thiago (2008).

A diversidade socioeconômica estabelecida pelos distintos grupos populacionais, além da diferenciação cultural e econômica entre as cidades pertencentes a TF, potencializa possíveis conflitos/divergências que poderão gerar assimetrias na região. É interessante salientar que entre as assimetrias há a

legalidade e a ilegalidade, que percorrem caminhos particularmente nas cidades de fronteira.

No caso da TF em questão, ressalvas devem ser salientadas como às atividades ilegais relacionadas diretamente ao desemprego e às consequências a ele atribuídos, corolário dos sucessivos ciclos econômicos pelos quais as cidades trigêmeas passaram e passam ao longo de seu desenvolvimento.

Os obstáculos gerados pela desocupação possibilitam a ampliação da ilegalidade e, entre os problemas de maior amplitude, tem-se o contrabando e o tráfico, tanto o de drogas quanto o de pessoas. Fica evidente a vulnerabilidade nos espaços que os residentes e turistas frequentam nos mais variados lugares da zona de fronteira, ficando a mercê da criminalidade e da violência.

Não resta dúvida que o peso maior desta ilegalidade ocorre entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, cidades separadas geograficamente pelo rio Paraná e sobre este, a Ponte Internacional da Amizade. Entre as cidades, a primeira, por sua centralidade no circuito dos sacoleiros¹⁴ e a segunda pela presença da zona franca, constituindo-se em um amplo centro comercial exportador e importador que viabiliza o fluxo de pessoas e mercadorias de diversas localidades nacionais e internacionais (Figura 4).

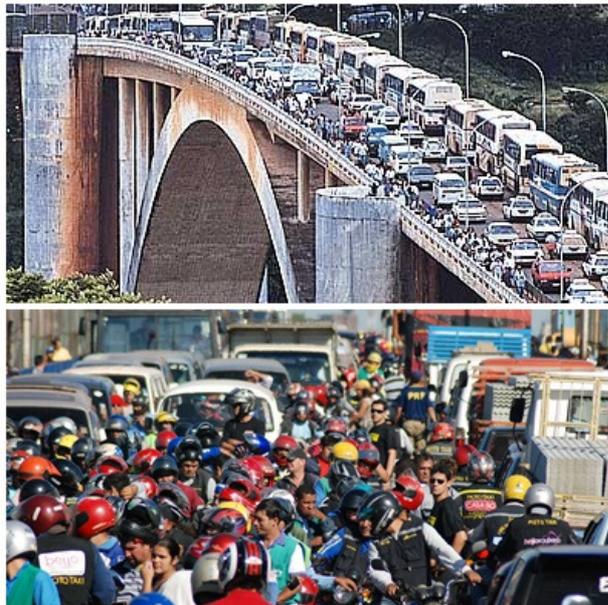


Figura 4 – Ponte da Amizade.

Fonte: Disponível em:< <https://www.google.com.br/search>>. Acesso em: 19 nov. 2014.

¹⁴ O termo sacoleiro é utilizado para referenciar as pessoas que realizam compras no centro comercial de Ciudad del Este, com o intuito de revender em seu país de origem. Esta prática fez com que surgisse outra categoria de trabalhadores denominada de muambeiros ou formiguinhas, que são pessoas que transportam/passam as mercadorias pela ponte ou rio diariamente.

No tocante aos fluxos/circulações fronteiriça, argumenta-se os marcos regulatórios das circulações entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, que, por sua vez de acordo com Montenegro; Béliveau (2006)

La condensación de los intercâmbios entre Foz do Iguaçu y Ciudad del Este es intensa, definiendo una suerte de área urbana conjunta, en la cual las especificidades de cada contexto regional y nacional organizan los sentidos de los flujos. [...] Ciudad del Este funciona como un gran centro de atracción de trabajadores, especialmente brasileños: su crecimiento como centro comercial y mercado libre generó la instalación de tiendas que comercian productos importados de diverso tipo. Estos comercios emplean personas que, aprovechando el mayor desarrollo de la infraestructura urbana de Foz do Iguaçu (escuelas, atención médica, transporte y seguridad públicos), viven en la ciudad brasileña y atraviesan la frontera para concurrir a su trabajo. [...] Pasar de Paraguay a Brasil por el Puente de la Amistad no requiere de documento alguno: entre Foz y Ciudad del Este se circula libremente. [...] Pasar de Foz do Iguaçu a Puerto Iguazú, en cambio, supone atravesar un control aduanero, en territorio argentino. (MONTENEGRO; BÉLIVEAU, 2006, p. 168-169).

Neste sentido, tem-se a necessidade da atuação dos agentes estatais (federal e estadual) de forma integrada, como a Polícia Rodoviária Federal e Secretarias Estaduais de Segurança, a Polícia Federal e a Receita Federal considerando cada Estado. Vale ressaltar a importância das aduanas que tem como função fiscalizar mercadorias e produtos. A presença da polícia de fronteira, que é representada pela polícia federal, no caso brasileiro, é responsável pelo controle do tráfego de pessoas. Figura 5.



Figura 5 – Controle aduaneiro e migratório em Foz do Iguaçu.

Fonte: Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil>>. Acesso em: 27 ago. 2013.

Nas zonas de fronteira, o fluxo de pessoas e mercadorias é constante e intenso, particularmente entre aquelas onde as interações e inter-relações

socioeconômicas constituem-se no fator primordial de desenvolvimento, mesmo que este (desenvolvimento) seja de diferentes graus e para seletas classes sociais.

Em conformidade com Montenegro; Béliveau (2006), quanto às facilidades apresentadas no fluxo de pessoas e mercadorias entre as aduanas da margem brasileira e da paraguaia, vale salientar que está havendo desde o início do século XXI, uma intensificação por parte do governo brasileiro de contenção e fiscalização mais rigorosa, a partir de um aparato tecnológico mais avançado, com a ajuda de um serviço de inteligência especializada, de câmeras de inteligência artificial, do uso de helicópteros e de renovação dos servidores federais.

A partir dessas ações de reforço de fiscalização por parte do Estado brasileiro, as constantes trocas comerciais, sejam elas de produtos legais (caracterizadas como o contrabando), como aquelas consideradas ilegais, de produtos ilícitos, constituíram-se num reflexo imediato na redução nos fluxos comerciais que emergem no contato cotidiano permanente.

Se por um lado, a contenção das práticas legais e ilegais na fronteira é percebida como atitude de responsabilidade dos agentes estatais, por outro, a consequência revelada pela sociedade foi o desemprego gerado nos mais diversos setores da economia, especialmente na cadeia que havia se formado entre comerciantes, rede hoteleira, meios de circulação e sacoleiros, traduzindo-se num ambiente de instabilidade e insegurança para esta região.

Apesar das fragilidades que a TF dispõe por sua localização espacial, as aduanas e as polícias de cada Estado estão aprimorando o suporte técnico e pessoal para fiscalizar o intenso fluxo de pessoas e mercadorias, nas suas esferas de atuação. Resultando em aspectos positivos e/ou negativos para a sociedade local, torna-se necessário que toda a coletividade que visa uma cidadania atuante tenha a compreensão correta das ações necessárias a serem efetuadas na zona de fronteira, visando a melhoria entre as comunidades a ela referenciadas, mormente as influências exercidas face às mazelas deixadas em relação aos aspectos sociais, culturais, econômicos, históricos, o que acaba por tornar cada cidade da TF como lugar único, particular, possuidor de uma identidade característica.

Neste contexto, a ciência geográfica busca entender as questões cotidianas, vivenciadas na coletividade local, do seu senso comum, com suas realidades distintas, percebendo e representando-as de maneiras peculiares, concebendo-se a

geografia vivida para posteriormente, estabelecer uma dimensão da geografia escolar, sistematizada nas práticas vividas.

Neste sentido, a partir dos esclarecimentos conceituais de turismo e fronteira e suas derivações, passa-se para o capítulo posterior com o intuito de esclarecer as representações sociais e espaciais na ciência geográfica, tão necessária no contexto em que a sociedade vive.

3 O REFINAMENTO TEÓRICO A PARTIR DA VERTENTE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E ESPACIAIS NA GEOGRAFIA

O mundo é coberto de signos que é preciso decifrar, e estes signos, que revelam semelhanças e afinidades, não passam, eles próprios, de formas de similitude. Conhecer será, pois, interpretar: ir da marca visível ao que se diz através dela e, sem ela, permanecerá palavra muda, adormecida nas coisas.

Michel Foucault, (2000.)

3.1 Do senso comum às representações sociais

Visando integrar o espacial, o cultural e o social, pode-se inferir que, a partir das duas últimas décadas do século XX, a vertente das representações sociais, instituída como conhecimento de ordem interdisciplinar, vem proporcionando um requinte ao arcabouço teórico da ciência geográfica, a exemplo da vertente turística, agregando e enriquecendo o enfoque socioambiental e cultural. Mesmo apresentando visões contraditórias de resistência e de difusão na Geografia, e de ruptura epistemológica, defende novos horizontes para o conhecimento geográfico.

Entre os defensores desses novos olhares temos as contribuições de Kozel (2009), ao enfatizar que,

A geografia das representações atualmente vem se expandindo pelas diversas vertentes do conhecimento geográfico, propiciando a análise de fenômenos socioespaciais, como êxodo rural, urbanização, planejamento ambiental, turismo, pois os agentes ou atores sociais são pressionados pelos processos econômicos, tecnicismo, globalização. Entretanto, o percurso individual continua sendo marcado por significados, valores e escolhas pessoais, enriquecendo a compreensão dos processos espaciais por incorporar o “vivido” às análises. (KOZEL, 2009, p. 221).

A vertente das representações, no caso as sociais, procura principiar um novo embasamento epistêmico para a assimilação da relação entre sujeito e objeto, conferindo expressividade às subjetividades das sociedades, elaboradas a partir do

senso comum, exteriorizadas pelo conhecimento prático e de suas ações cotidianas, que por sua vez, deve ser observado como uma forma de percepção social.

Em contraposição ao conhecimento científico, o conhecimento comum ou senso comum é um efeito do mundo da contemporaneidade por se caracterizar diante da informalidade que lhe é atribuída, tornando-a cerne de todos os homens, partilhadas pelas sociedades.

A informalidade atribuída ao senso comum presente nas sociedades, nos indivíduos, traz consigo um conjunto de saberes. Da mesma forma, uma relação/vínculo com o meio social, uma vez que o homem não vive isolado, mas sim, um ser que vive relações sociais/em sociedade e que necessita de comunicação interativa entre os indivíduos.

Os saberes da vida cotidiana e do senso comum são resgatados/recuperados na teoria das representações com o intuito de desmistificar os entendimentos por eles expressados, (JOVCHELOVITCH, 2008).

Entendimentos estes fundamentados/constituídos no social, no cultural e no histórico, a partir do contexto social de cada sociedade, de cada sujeito, com suas particularidades, formas de comunicação e de interação.

Corroborando neste sentido Moscovici (1978) em relação à ideia de representação social, devendo ser esta compartilhada e elaborada por um grupo, estando sua construção correlacionada entre sujeitos e objetos.

As representações são analisadas como fundamento de uma ação que pressupõe conhecimento. Para Jodelet (1988, p.36), as representações sociais se constituem “[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção social de uma realidade comum a um conjunto social”. Por orientação das condutas e práticas sociais, as representações sociais constituem-se no objeto de estudo que resistiram à disciplina, suas dimensões temporais (históricas), sociais e culturais.

Todavia, as formas de representação manifestadas pela sociedade em suas diversas formas de linguagem, quanto ao espaço e ao seu mundo vivido, modificaram-se e vêm se modificando com o passar do tempo, persuadidas pelo avanço dos meios tecnológicos e informacionais.

Ao se referir às formas de linguagem, Gil Filho (2005) argumenta que a linguagem pode ser entendida como uma função do pensamento que rerepresenta o

mundo concreto imediato como outro, um mundo de ressignificações. Por conseguinte, a linguagem se coloca como “[...] a mediação necessária entre as coisas e seus significados mais ocultos”, (2005, p. 75).

Deste modo, é estabelecido um processo de individuação – ação subjetiva do sujeito –, uma vez que esta ação é expressa por meio de formas concretas mediadas pela linguagem, (GIL FILHO, 2005).

Neste contexto, Bailly (1995 apud KOZEL, 2009, p. 216), destaca que “[...] as representações podem ser entendidas como uma verdadeira revolução epistemológica no campo geográfico¹⁵, abrindo várias perspectivas de pesquisa, principalmente no campo didático-pedagógico”.

Por valorizar as relações humanas do homem com o espaço vivido, visto que, desde as épocas mais remotas, as sociedades se expressam acerca de seus espaços vivenciados, por meio das mais diversas representações, faz-se necessária a investigação, o aprofundamento da vertente das representações sociais, tendo como intuito examinar a Geografia no que tange à abertura de outras possibilidades, entre elas a de novas ambiências, no pensamento de sua ciência acerca da sociedade atual, essencialmente no ensino geográfico, e de sua contribuição para a aprendizagem dos conceitos e conteúdos geográficos.

A ciência geográfica considera o espaço e o mundo vivido enquanto elementos que se relacionam com a sociedade numa perspectiva de identidade, uma vez que os homens os tornam impregnados de significados.

Vale ressaltar que a identidade é entendida como parte de um processo de mudança, resultado das transformações estruturais e institucionais da sociedade face ao processo global. As transformações decorrentes fragmentam as identidades pessoais, alterando o discernimento de nossa própria existência e integração como sujeitos sociais (HALL, 2006, p.9).

As concepções de sujeitos infere-se que a identidade destes padece de constantes alterações em que os sistemas de significações e representações de uma cultura se ampliem, conforme os diferentes momentos de nossa vivência cotidiana.

¹⁵ A respeito da integração das diversas linguagens no ensino da Geografia, ênfases serão dadas no decorrer do Capítulo 4.

Para Giddens (1990, p. 37-38), a modernidade nos manifesta uma forma reflexiva da vida, pois “[...] as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter”.

Destarte, representam-se as interações entre o sujeito e o objeto – do seu mundo –, o que acarreta uma atividade conjunta de construção e reconstrução no ato da representação, pois, como o sujeito é social, a origem é tanto simbólica como cognitiva.

Sobre o assunto, Xavier (2002, p.29) salienta que, no princípio, o conceito de representação apontava para uma reflexão cognitiva, vinculada somente à experiência individual da consciência no despertar para o mundo, tornando a subjetividade individual a fonte da representação. Nas concepções da autora, paulatinamente, o sujeito cede lugar a uma reflexão que prima pela objetividade, tornando a representação interpretada como fenômeno ocorrido nas relações materiais e na vida social.

Por sua vez, Moscovici (1978), precursor da psicossociologia do conhecimento, mostra a existência de uma relação dialética entre o social e o individual, constituindo-se as representações sociais em estruturas dinâmicas e heterogêneas. A partir destas constatações, o autor conclui que a representação social é de ordem cognitiva, uma vez que ela articula as informações sobre o objeto de representação e as atitudes do sujeito relativamente a ele.

Em uma sociedade globalizada, na qual estamos inseridos e, em particular os da TF, a multiculturalidade que este espaço reproduz faz com que nos tornemos agentes constantes das transformações dos distintos lugares, mediados pelas identidades pessoais/individuais alteradas/enfraquecida diante das referências que davam às pessoas uma ancoragem estável na esfera social.

Em sua concepção psicossocial, Moscovici (2003) assinala a construção da teoria das representações sociais em que os indivíduos são também pensadores ativos, a partir de vários episódios cotidianos de interação social que vivenciam, produzem e comunicam suas concepções, participando, assim, da construção da sociedade. Da mesma forma, vê que o indivíduo é tanto produto da sociedade como é agente de sua mudança.

Vale salientar que o caráter criativo da representação manifesta-se também na forma como cada indivíduo a processa, revelando seu caráter de intersubjetividade¹⁶. A representação aumenta a capacidade de interação entre indivíduos e, conseqüentemente, facilita as relações interpessoais.

Convém frisar que, segundo a teoria de Moscovici (2003), uma realidade social é criada apenas quando o novo¹⁷ ou o que não nos é familiar vem a ser incorporado aos universos consensuais¹⁸ (SÁ, 1993, p.37), correspondentes às atividades intelectuais da interação cotidiana por meio das quais são produzidas e reproduzidas as representações sociais, edificada na relação entre sujeito e objeto representado, não concebido como um mero reflexo do mundo exterior.

Corroborando esta argumentação Jovchelovitch (1995, p.78), ao dizer que “[...] é através da atividade do sujeito e de sua relação com outros que as representações têm origem, permitindo uma mediação entre o sujeito e o mundo que ele ao mesmo tempo descobre e constrói”.

Estruturada as representações sociais, Moscovici (2003) caracteriza os processos formadores, tornando-as mecanismos concomitantes, nomeadas de objetivação e ancoragem. A primeira faz a associação com o mecanismo de assimilação, enquanto que a segunda integra o mecanismo de acomodação.

A objetivação configura-se em materializar um objeto abstrato, transformar em objeto o que é representado, havendo então a assimilação por parte do sujeito. Já para a ancoragem, às coisas concretas passa-se a atribuir um sentido, ou seja, a acomodação.

A assimilação de costumes, culturas, hábitos entre as distintas culturas que compõem a TF, denota com o avançar do processo de globalização e intensa inter-relação entre as cidades que integram a fronteira em análise a um processo de acomodação/ancoragem às sociedades que a constituem.

Convém ressaltar que às representações sociais são concedidas/atribuídas/outorgadas múltiplas peculiaridades/facetadas assumidas pelo

¹⁶ A intersubjetividade está representada no reconhecimento explícito de que não existem diferenças substanciais entre o subjetivo e o objetivo, que ambas são expressões de uma mesma realidade (TRIVIÑOS, 2002, p. 43).

¹⁷ O novo é gerado ou trazido à sociedade por meio da ciência, da tecnologia ou por profissões especializadas.

¹⁸ Indica a sociedade como um mundo das coisas plenas de finalidade, na qual o denominador comum é o próprio homem. Existe uma identidade comum ao grupo, livre e de certo modo igualitária, (GIL FILHO, 2005, p. 79).

conceito ou fenômeno da representação social, importando-se/interessando-se nesta pesquisa com o nível fenomenológico, como aponta Guareschi (1996) valendo-se das considerações de De Rosa (1994) quando manifesta os níveis em que se discutem ou se analisam as representações sociais.

Entre os níveis manifestados pelos respectivos autores, o fenomenológico é adotado como fenômeno que se evidencia nos modos de conhecimentos, saberes do senso comum e nas explicações populares, ou seja, uma fenomenologia da vida cotidiana, voltada a pessoas comuns que segundo Jovchelovitch (2008, p. 87) “[...] expressam: identidades, práticas, relações, tradições culturais e a história de uma comunidade”.

Diante dessa prerrogativa, Wagner (1995) explicita.

De um lado, a representação social é concebida como processo social que envolve comunicação e discurso, ao longo do qual significados e objetos sociais são construídos e elaborados. Por outro lado [...] as representações sociais são operacionalizadas como atributos individuais – como estruturas individuais de conhecimento, símbolos e afetos distribuídos entre as pessoas em grupo ou sociedade. (WAGNER, 1995, p. 149).

Neste sentido, cabe às contribuições da fenomenologia elucidar os diversos sentidos desta fala, seja pelas representações de conceitos espontâneos ou por valores atribuídos à geografia e ao espaço. Assim, Kozel (1999) expõe que ao considerar a subjetividade em suas análises espaciais, a geografia passa a adquirir um caráter mais abrangente de análise, tangenciando a psicologia, sociologia e a antropologia, enriquecendo o fazer geográfico.

Para Moura (1989, p. 23), o campo de trabalho na fenomenologia “[...] não é constituído pelas regiões objetivas, mas pela consciência [...] e por todos os seus eventos transcendentais”. Na acepção de Chauí (2000, p. 237), “[...] a consciência é o sujeito do conhecimento, como estrutura e atividade universal e necessária do saber”. É a consciência transcendental ou, ainda, a consciência individual.

Neste contexto, deve-se elucidar a reflexão das condições de possibilidade e as implicações do saber. Sujeito e objeto se identificam, e o sujeito é quem descreve o objeto e suas relações a partir do seu ponto de vista, depois de se apropriar dele intelectualmente (SPOSITO, 2004).

Assim, o homem não pode ser considerado como objeto externo, mas como aquilo que nós mesmos somos. Esta identidade – na autoconsciência e no

autodomínio como os graus supremos do desenvolvimento da subjetividade – é a base de toda pergunta do homem por si mesmo.

Corroborando sobre esta análise, Lencione (1999) afirma,

Acima de tudo, é preciso ressaltar que a fenomenologia consiste num método e numa forma de pensar, nos quais a 'intencionalidade da consciência' é considerada chave, porque a 'consideração da percepção advinda das experiências vividas é, assim, considerada etapa metodológica importante e fundamental', procurando romper 'a oposição entre sujeito e objeto, tanto quanto entre ator e observador' e firmando-se 'uma visão antropocêntrica do mundo e uma recuperação do humanismo que a Nova Geografia havia feito desaparecer com seus modelos teóricos'. (LENCIONE, 1999, p.150).

A consciência é uma pura atividade, o ato de constituir essências ou significações, dando sentido ao mundo das coisas. Estas – ou o mundo como significado – são os correlatos da consciência, aquilo que é visado por ela e dela recebe sentido. Considerando este pressuposto, a fenomenologia é uma ciência da subjetividade pura, porque não existe um objetivo independente da existência humana, ou seja, do sujeito.

Silva (1986, p. 54-55) propõe que a fenomenologia pode ser entendida como um aspecto da teoria do sujeito, pois ela busca “[...] apreender a forma aparente e real, o conteúdo aparente e real, ao nível das ideias, dos sentimentos, das representações, do comportamento e, principalmente, da vivência”. O ser humano, principalmente o geógrafo, pois trabalha com a dinâmica espacial, deve conhecer e apreender seu espaço, seu lugar, seu território, suas paisagens; e este conhecimento do mundo vivido tem que ser considerado ao interpretar as particularidades e/ou especificidades espaciais.

Assim, concebe-se a intencionalidade como uma nova relação entre sujeito e objeto, que vem romper com a ideia do sujeito isolado do mundo. Este sujeito/ser encontra-se envolvido no mundo e concede-se à subjetividade o papel de doador de sentido ao mundo e a presença do homem no seu meio, ou seja, lhe é atribuída o mecanismo de acomodação.

Na acepção desta abordagem, sentimentos que se fazem presentes à consciência daquilo que está no espaço e no lugar habitado, que é percebido, sentido, pensado, recordado, simbolizado, amado, desejado, representado, entre outros, fazem parte da análise fenomenológica. Com efeito, a fenomenologia insere-

se como campo fértil às pesquisas sobre o homem, sua consciência e suas relações com o espaço e o lugar.

A seguir, busca-se discutir com mais detalhes como se configura a percepção e a cognição na ciência geográfica, na intenção de melhor especificar as representações sociais.

3.2 Da percepção à cognição na ciência geográfica

Diversos enfoques impulsionaram os estudos geográficos através da interface natureza x sociedade, considerando as interações entre o homem e o seu ambiente. A partir da segunda metade do século XX, tem-se uma retomada dos mesmos, e um desses enfoques refere-se aos estudos da percepção do ambiente, de sua representação e como isso afeta a vida da sociedade.

Em decorrência disso, recorre-se à Tuan (1985, p.143), que manifesta a “[...] busca de interpretar o mundo humano a partir do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e lugar”.

Nesta perspectiva, valoriza-se a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as distintas maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares. Para cada indivíduo, ou grupo humano, existe uma visão do mundo que se expressa por meio das atitudes e valores para com o seu ambiente. Atitudes que são expressas diante da diversidade cultural ou multiculturalidade presente na TF.

É o contexto que a pessoa valoriza, organiza o seu espaço, seu mundo vivido e nele se relaciona, gerando singularidades espaciais como as novas ambiências, que, de acordo com Rego (2006, p.181), “[...] significa uma valorização dos temas e da cultura do mundo mais proximamente vivido”, ainda, como possibilidade de construção de caminhos para promover ações e práticas, no caso da pesquisa, em entender seus reflexos gerados no ensino da Geografia face as representações delineadas pelos estudantes ao final da educação básica na fronteira entre

Argentina, Brasil e Paraguai, respectivamente representadas por Puerto Iguazú, Foz do Iguaçu e Ciudad del Este.

Compreende-se que, hodiernamente, os espaços e os lugares tornados globalizados pela internacionalização da economia capitalista estabelece à ciência em geral e, em especial à Geografia, a necessidade de apreender quanto ao novo conteúdo da relação indivíduo-ambiente.

Deste modo, Tuan (1985, p. 146) enfatiza que “as abordagens científicas usadas no estudo do homem tendem a minimizar o papel da percepção e do conhecimento humano”.

A percepção humana, por sua vez, está envolta de fatores intrínsecos de cada indivíduo, tomando os seus sentidos como a porta de entrada do processo perceptivo. Nesse intuito, Machado (1998, p. 2), assinala que “[...] cada ser humano é único, sem precedente e não repetível e por isso, cada pessoa percebe, sente e compreende diferentemente o mesmo meio ambiente”.

A interação entre o homem e o seu ambiente acontece por meio dos sentidos que levam às sensações e, em consequência, à percepção e sua posterior representação. Outro aspecto que vem, nos últimos anos, sendo considerado e discutido nos estudos envolvendo a percepção é o da cognição ambiental, que conforme Castello (2001) contribui dizendo que,

As pessoas não ficam restritas a uma percepção unicamente sensorial. Passam a processar em suas mentes aquilo que é percebido através de suas sensações e progressivamente passam a adquirir uma compreensão sobre o ambiente que as cerca, encaminhando-se então o registro de suas percepções para o nível cognitivo, para a inteligência. (CASTELLO, 2001, p. 154).

Na mesma linha de pensamento, Machado (1998) considera que,

[...] a cognição é o processo mental mediante o qual, a partir do interesse e da necessidade, estruturamos e organizamos nossa interface com a realidade e o mundo, selecionando as informações percebidas, armazenando-as e conferindo-lhes significado. (MACHADO, 1998, p. 2).

Para a autora referida (Ibid., p. 3) e para Souza (1998), o processo de cognição ambiental compreende,

[...] a percepção direta (imediate) na qual o indivíduo obtém informações presentes no ambiente, de forma seletiva; a construção de uma representação mental específica e momentânea do ambiente através do processamento cognitivo interno; a avaliação ambiental, em que o indivíduo avalia e descreve as qualidades do ambiente; e a geração de condutas e ações ambientais”, etapas finais do processo. (SOUZA, 1998, p. 17).

A experiência vivida – a vivência – torna-se a base para a compreensão da percepção das pessoas com o seu ambiente, seja ele urbano ou não urbanizado, a percepção exercita um reconhecimento das condições ambientais por meio de seus processos cognitivos, até chegar à representação.

Del Rio nos mostra que,

A percepção é como um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente, cognitivos. Os perceptivos são captados por meio dos sentidos, destacando-se a acuidade visual. Os cognitivos compreendem a contribuição da inteligência, uma vez que a mente não funciona apenas a partir dos sentidos e nem recebem essas sensações passivamente, mas sim inseridas de motivações, humores, necessidades, conhecimentos prévios, valores, julgamentos e expectativas. (DEL RIO, 2001, p. 3).

Conceitualmente, percepção e cognição são variáveis chaves para os geógrafos interessados nos estudos da percepção e sua representação ambiental ou do meio ambiente, correspondendo, ambas, a importantes processos mentais através dos quais o indivíduo sente, percebe, interpreta e toma decisões acerca de seus sentimentos, conforme o seu legado cultural.

A este respeito, Gil Filho (2010, p. 8) realiza uma análise da base fundamental da teoria da cultura de Cassirer que considera ser “[...] a consciência humana simbólica por natureza”. E que a cultura se situa como um quadro de referência onde o homem se projeta, através da linguagem, num processo de fixidez das percepções em representações que, pela função simbólica, são projetadas pela consciência.

Numa sociedade heterogênea como a que vivemos, e que constantemente interagimos, as pessoas participam de diferentes grupos que, apesar de se inter-relacionarem, nem sempre têm os mesmos interesses e ideias, uma vez que cada grupo social procura alcançar objetivos específicos.

Vale salientar que a percepção está condicionada, não apenas por fatores como a memória, experiência pessoal, aprendizado, cultura, sentidos, sistemas

simbólicos, como também pelas expectativas e aspirações, pelas informações e pelos estímulos atuais gerados pelo contexto social e cultural mais abrangente.

É exatamente por isso que a análise da percepção e de sua representação como forma de se conhecer o meio ambiente se torna importante à ciência geográfica, pois com a introdução de variáveis culturais e pessoais/sociais é que se modificam as noções do ambiente único, com características próprias.

Há várias formas de se investigar como as pessoas percebem o ambiente com o qual interagem, seja por meio de informações verbais ou não verbais, ou de sistemas simbólicos, isto é, de convenções ou rituais que adotam em sua prática social, ou ainda, através dos seus sentidos, etc. Enfim, é preciso investigar o modo pelo qual as pessoas percebem e representam o espaço ou o meio ambiente em que vivem em relação a si próprias.

Além das variáveis que atuam no processo de percepção, torna-se relevante conhecer a linguagem e a imagem formada pelos elementos espaciais memorizados e simbólicos. A linguagem possui função – a percepção; a representação enquanto signo ocorre a partir da percepção dos objetos, o que a torna um processo irreversível e cumulativo, com vistas a informar uma mensagem que possa ser interpretada e que contribua para formação de conceitos compreensíveis aos fatos e aos fenômenos existentes e presentes na coletividade/sociedade.

De acordo com Kozel (2007, p.123), “[...] a linguagem é um veículo de significados e valores sociais e o signo, ao refletir a realidade, manifesta a visão social da realidade, interpretada por alguém, pela sua vivência social”.

O saber prático que liga sujeito a um objeto é o que caracteriza uma dada representação social. Neste sentido, Chauí (2000, p. 123) comenta que “[...] a percepção envolve a nossa vida social, isto é, os significados e os valores das coisas percebidas decorrem de nossa sociedade e do modo como nela as coisas e as pessoas recebem sentido, valor ou função”.

As constantes mudanças, rápidas e permanentes, são reflexos da sociedade moderna ou pós-moderna, fazendo com que a relação da sociedade com o mundo seja puramente estética, ocasionando, de acordo com Bauman (1999, p. 103), “[...] uma percepção de mundo como se fosse um alimento para a sensibilidade, mapeando de acordo com as experiências”.

Portanto, como já fora mencionado, a percepção é um dos mecanismos mais importantes na relação do homem com o seu ambiente, pois é inegável que exista diferença entre uma cena descrita e uma cena experimentada/vivida. Ou seja, as percepções vão muito além da simples compreensão dos esquemas mecânicos de comportamentos existentes.

Após uma breve revisão conceitual de percepção vinculada à cognição, passa-se às interpretações dos conceitos de espaço, lugar e geração de novas ambiências.

3.3 Interpretações relacionadas aos conceitos de Espaço e Lugar e a Geração de Novas Ambiências

Torna-se oportuno atribuir uma maior compreensão aos significados dos conceitos geográficos de espaço, lugar e, conseqüentemente, a de geração de ambiências no ensino da Geografia, na tentativa de estabelecer uma influência na construção de um espaço/ambiente mais humanizado, apesar de terem sido relegados, por muito tempo, a um plano secundário, passando a serem revalorizados somente a partir da década de 1980 do século XX.

O uso dos conceitos geográficos nas diferentes formas de linguagens no ensino da Geografia permite-nos rever as relações entre os conceitos desta ciência, entre os quais se destacam o espaço e o lugar, tão necessários e expressivos na contemporaneidade.

Importantes contribuições são realçadas por Tuan (1983) ao destacar que

Espaço e lugar são termos familiares que indicam experiências comuns. [...] O lugar é segurança e o espaço é liberdade. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. (TUAN, 1983, p. 3, p. 6).

Enquanto o espaço é instável/inseguro, os lugares permanecem enraizados, fixos. Os espaços arbitram o movimento da sociedade e dos seus modos de produção, emanando do dinamismo superficial, percorrendo a realidade

individual/unitária, mas, por outro lado, uma forma/mosaico de relações/interações, de funções, de percepções e de representações.

Aos espaços são atribuídos contextos necessários e significantes de intenções e proezas humanas. Interage com as emoções, personalidades das pessoas, o espaço é, sobretudo, vivido e repleto de qualidades e significações, reforçadas/intensificadas pelo processo de globalização, que nas palavras de Giddens (1990, p.64) “[...] concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço”. Como aspectos importantes da globalização as características temporais e espaciais atribuem efeito sobre as identidades dos lugares, especialmente as identidades e pluralidades culturais.

O espaço é conceituado como todo local pouco experienciado por um indivíduo que, desta maneira, não lhe confere sentimentos, podendo ser, por exemplo, um recinto de passagem esporádico ou visto de uma janela, porém jamais visitado, ou, ainda, o sítio onde se localiza uma nova morada. A noção de espaço compreende, um vasto conjunto de ideias, valores, sentimentos, implicando um símbolo comum de liberdade, como assinala (TUAN, 1983).

Ainda para o autor (1983, p. 9-10), a experiência “[...] abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade”. Assim, “[...] a experiência implica a capacidade de apreender a partir da própria vivência. Experienciar é apreender”.

Nas considerações de Mello (1990), contata-se que

[...] certos espaços só se tornam lugares após uma demorada experiência. O que inicialmente é feio, sem vida ou até mesmo odiado (espaço), com o tempo ganha foros de lugar. Espaços se tornam lugares em razão do contato com outras pessoas e em trocas afetivas, econômicas. (MELLO,1990, p. 105).

Com razão, o espaço é o alicerce/base para as formas representativas das relações sociais, práticas sociais, de outrora e do tempo vindouro/presente. Entende ser o espaço, um campo de forças centrífugas, a qual a velocidade é desigual (SANTOS, 2002).

Contribuindo com este debate interno da Geografia, importantes atribuições foram expostas por Santos (1987), ao argumentar que

Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação. Mas o homem, um ser dotado de sensibilidade, busca reaprender o que nunca lhe foi ensinado, e vai pouco a pouco substituindo a sua ignorância do entorno pelo conhecimento, ainda que fragmentário. (SANTOS,1987, p.61).

Desta forma, o espaço pode ser entendido como elemento revelador da história de um determinado lugar, mas o que se revela no lugar não é apenas a história de um povo, mas o peso da história da humanidade. O lugar se refere, de forma indissociável ao vivido, ao plano do imediato, e é o que se pode ser apropriado pelo corpo.

O homem percebe o mundo através de seu corpo, de seus sentimentos e, por meio disso, constrói e se apropria do espaço e do mundo. E, neste sentido, Carlos (1996, p. 20) enfatiza: “O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua”.

Neste lugar, percebe-se, lê-se e entende-se o mundo moderno em suas múltiplas dimensões e será nesse lugar que o indivíduo e/ou a coletividade vai viver e realizar o cotidiano. Ao mesmo tempo em que o lugar se coloca enquanto parcela do espaço, construção social, abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitat, o uso e o consumo, os processos de apropriação e produção do espaço, as interações com a vizinhança.

Assim, Carlos (1996) segue sua arguição enfatizando que,

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. (CARLOS,1996, p.29).

Convém destacar nas contribuições de Relph (1979, p.17), que apresenta uma interpretação do lugar como “[...] muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos das localizações, mas o tipo de experiência e envolvimento com o mundo, à necessidade de raízes e de segurança”.

Neste sentido, uma vez que cada indivíduo se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer, enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno. Deste modo, o

lugar é o mundo vivido, onde se formulam os problemas e o modo como é (re)produzida a existência social dos seres humanos. É no lugar onde se desenvolve a vida em todas as suas dimensões e seus conhecimentos representados socialmente.

Entre as distinções de espaço e lugar, têm-se aquelas que, enquanto o espaço abrange qualquer porção da superfície do planeta, podendo ser amplo, desconhecido, temido ou rejeitado, já o lugar se manifesta através das experiências cotidianas, ordenando-o e dando-lhe significados. Nesta perspectiva, Mello (1990, p.102) pontua que “[...] o lugar é o oposto do espaço, que contém um ou mais lugares”.

Conforme Buttimer (1985, p. 74), o espaço, do ponto de vista fenomenológico, elucida diversos sentidos e valores, concebendo-o como “[...] um conjunto contínuo dinâmico, no qual o experimentador vive, desloca-se e busca um significado. É um horizonte vivido ao longo do qual as coisas e as pessoas são percebidas e valorizadas”.

Na busca deste significado é que ocorre a geração de novas ambiências. Sujeito e objeto se articulam, interagem a partir de práticas/práxis, por isso é necessário entender o indivíduo como integrante do ambiente no qual está inserido.

Neste sentido, de acordo com Suertegaray (2004, p. 205), a geração de ambiências pode ser pensada, também, como possibilidade de construção de caminhos para promover ações, pois, “[...] criar ambiências pode constituir uma atitude (agora consciente, porque nominada)” que, partindo do indivíduo em seu lugar social, interconecte-se coletivamente, “[...] fazendo emergir da ação de um, uma conexão em rede, ampliando-se, assim, a força de transformação, de solidariedade, de trocas de saberes e a de responsabilidade social”. Atitudes que são essenciais em uma zona de fronteira como a que se apresenta na TF em análise.

Conforme já citado anteriormente, quando Rego (2006) expõe que o conceito de geração de ambiências significa a valorização dos temas da cultura do mundo mais proximamente vivido, o autor afirma que, ao tratarmos do proximamente vivido, deve-se entender que esta ideia pode,

[...] designar não apenas o que está em volta de um determinado indivíduo ou grupo, mas ressaltar o centro, isto é, a valorização da perspectiva do

indivíduo ou grupo em relação a isso que está em volta e é contextualizador e condicionador de suas experiências. (REGO, 2006, p.182).

Para Rego (2000), as ambiências não se referem apenas a uma reprodução de uma condição de vida ou de um lugar, uma vez que existem implicações das redes de subjetividades que produzem sentido às experiências espaciais cotidianas: morar, estudar, conhecer, trabalhar, divertir-se e viver, condicionando as experiências socioculturais dos sujeitos, seus afetos, sua sensibilidade, estética, valores e emoções, explicitando o diálogo entre interioridade dos indivíduos e a exterioridade das condições do espaço onde se encontram inseridos, numa constância de interações e práticas sociais cotidianas.

Todos esses conhecimentos adquiridos por meio da aquisição de conceitos e suas interpretações nos fazem entender as formas de imagens em suas representações tanto visual como mental.

3.4 Imagens como representação visual e mental

O mundo das imagens apresenta-se em dois domínios: imagens como representações visuais e imagens de nossa mente. Para Santaella; Nöth (2001),

O primeiro domínio refere-se aos desenhos, pinturas, gravuras, fotografias e as imagens cinematográficas e televisivas. Imagens são consideradas como objetos materiais, signos que representam o nosso meio ambiente visual. O segundo é visto como imaterial, as imagens aparecem como visões, fantasias, imaginações, esquemas, modelos ou, em geral, como representações mentais. (SANTAELLA; NÖTH, 2001, p. 15).

Tanto o primeiro como o segundo não existem separados, pois estão inextricavelmente ligados já na sua gênese. Na realidade, não há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens mentais na mente daqueles que a produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais.

O que irá unir esses dois domínios são os conceitos de signo (como elementos sociais que fazem parte de nosso cotidiano) e de representação (por intermédio das interpretações das relações dos elementos sociais). Em suas

definições é que reencontramos os dois domínios da imagem: o seu lado perceptível/visual e o seu lado mental, unificados estes em algo terceiro, que é o 'signo ou representação', (Id., 2001).

As representações pautadas de carácter social estabelecida por Serge Moscovici (2003) equivalem a um conjunto de princípios construídos interativamente e compartilhados por diferentes grupos que, através delas, compreendem e transformam a realidade, (REIGOTA, 2001, p. 68).

Ao apresentar novas possibilidades, Guareschi; Jovchelovitch (1995) alegam que,

[...] a representação social centra seu olhar na tentativa de recuperar um sujeito que, através de sua atividade e relação com o objeto-mundo, constrói tanto o mundo como a si próprio. Inseridas neste contexto, está a dimensão cognitiva, afetiva e social, as quais encontram sua base na realidade social, com a qual nos deparamos. (Guareschi; Jovchelovitch, 1995, p.20).

No que concerne à representação geográfica, essa se fundamenta na relação do espaço social (real) com o imaginário e com as suas simbologias. Essas representações existem em função da dinâmica constante da realidade.

Com base nestas considerações concebe-se o espaço enquanto lugar de referência, de produção, de desenvolvimento da vida cotidiana uma fonte de imagens que, além de expressar a sociedade, é referência na construção de linguagens, de significados, de ideias, de pensamentos e de ações.

Uma vez que o espaço geográfico tornou-se o lugar apropriado pela sociedade – espaço para obtenção de recursos, de vida – é, conseqüentemente, lugar de conflitos, lutas, disputas e conquistas, (PINHEIRO, 2000, p. 64). A sociedade na relação com o espaço geográfico, construído/desconstruído, expressa significados e assimila mudanças a cada instante, até a sua acomodação/ancoragem.

As possibilidades de transformação do espaço pelos grupos sociais estão condicionadas pelo contexto espacial dado, vivido, percebido, concebido e construído, que forma a consciência do mundo nos sujeitos sociais.

Em nosso dia a dia, encontramos inúmeras formas de produção de imagens. Como um forte exemplo a ser citado, tem-se a televisão, veículo propulsor de imagens e ideias.

De acordo com Kellner (1995),

Nossa experiência e nossos 'eus' são socialmente construídos e são sobredeterminados por uma gama variada de imagens, discursos e códigos, o que torna importante aprender a interpretar essas imagens, analisando tanto a forma como elas são construídas e operam em nossas vidas, quanto o conteúdo que elas comunicam em situações concretas. (KELLNER, 1995, p.107).

O estoque de imagens armazenadas que circula é intenso, seja veiculado pela televisão, nas ruas, ou já interiorizado pelas pessoas. Esta somatória de imagens produz nas pessoas a visão que estas têm da realidade.

Assim, Capel (1974) faz sua arguição enfatizando que,

[...] imagem é o resultado de informações recebidas individualmente para cada indivíduo, de informações indiretas mais ou menos confiáveis de dados e de sistemas de valores por meio cultural ou manipulado pelos meios de massa. (CAPEL 1974 apud NOGUEIRA, 1994, p. 64).

Se estabelecermos uma relação entre os jovens das duas últimas décadas, esses foram desafiados a entrarem na vida adulta preparados para produzir e consumir. Os ritos de passagem envolvem basicamente o crescer sob a influência de informações desconexas e fragmentadas dos meios de comunicação, com grande apelo para a aquisição de bens materiais.

É importante ressaltar que esses jovens foram as crianças que cresceram assistindo à televisão e não poderia ser diferente que esses possuíssem uma subjetividade de massa, marcada pelo simbolismo dos meios de comunicação, em que lidamos mais com os signos, as imagens, do que com as coisas. Há uma preferência da imagem ao real, pois os meios de comunicação de massa fabricam um hiper-real mais atraente que a realidade cotidiana desinteressante.

Diante deste enfoque, tem-se a necessidade de compreendermos como se realiza o processo de elaboração da imagem mental (Quadro – 1) apresentado por Le Sann (1992, p. 44).

Espaço real percebido	Percepção (tato, visão, olfato, audição)
Gravação	FILTROS (afetividade, vivência, capacidade de observação)
	Imagem mental memorizada Imagem mental selecionada
Solicitação	FILTRO (nível de compreensão do pedido)
	Imagem mental ativada (evocação)
	FILTROS (níveis de linguagem, qualidade gráfica, capacidade psicomotora)
Espaço real representado	Representação (oral, pictorial, corporal), (fala, desenho, movimento)
Comunicação	

Quadro 1 – Processo de formação da imagem mental.
Fonte: Baseado em LE SANN, J.G (1992).

Na formação de uma imagem mental, o sujeito percebe os elementos do espaço por meio de seus sentidos e fixa essa percepção numa imagem mental, oriunda de fatores que lhe são próprios, tais como seus laços afetivos com relação ao objetivo real apresentado, sua vivência e sua capacidade de observação. Assim, diversos sujeitos frente ao mesmo objeto real apresentarão imagens mentais diferentes, que serão armazenadas e gravadas (Ibid., p. 43).

Perante um estímulo externo ou interno o sujeito seleciona na memória a imagem mental correspondente ao seu entendimento, o que resulta em um nível de compreensão que constitui num tipo de filtro de representação subjetiva, intersubjetiva e social. Le Sann (1992) esclarece que a imagem ativada corresponde à evocação (base da comunicação).

Concernente à comunicação externa da evocação, ela se apresenta de diversas maneiras. Importante ressaltar que, independentemente do modo de comunicação escolhido, a representação da imagem mental ativada corresponde ao objeto real percebido. Possivelmente, o nível de linguagem do sujeito, a qualidade gráfica de seus desenhos e sua capacidade psicomotora constituem filtros entre sua evocação e sua representação.

Ressalvas quanto à formação da imagem são referendadas a Zamorano et al (1982) ao argumentar que

El proceso realidad-imagen es, por ende, muy complejo, si se considera que no todos los hombres que viven en un mismo medio poseen iguales características: los sentidos, la memoria, la sensibilidad, pueden tener diferente grado de desarrollo; del mismo modo, las condiciones socioeconómicas y los valores culturales son paisajes, el cual se traduce en determinado comportamiento¹⁹. (ZAMORANO et al 1982, p. 123).

O estudo da percepção humana e de sua representação social e espacial faz-se necessário nas investigações geográficas, sobretudo para entender as relações e interações entre o homem e o seu meio. É pela percepção que o ser humano forma em sua mente uma imagem real do meio, e é justamente esta imagem que vai influenciar suas decisões em sua representação espacial e social.

Nogueira (1994, p.63-64) enfatiza a este respeito dizendo que “[...] se a Geografia é uma das ciências sociais que tem no homem, como sujeito de suas reflexões, não pode deixar de vê-lo como indivíduo que constrói sua própria imagem das coisas em função de suas percepções”.

Ainda, conforme a autora, “[...] essas imagens os homens constroem pouco a pouco, e sua visão do mundo, seus valores, vão formando-se a partir dela, o que o homem sabe do espaço é adquirido a partir do que ele vê e percebe”.

A percepção que os seres humanos têm do meio ambiente encontra-se impregnada, pois, das lembranças carregadas na memória e que fazem parte do seu imaginário. No entanto, mesmo os aspectos que não lembramos deixam suas marcas em nossas imagens mentais, já que a memória não necessita ser consciente para influenciá-las, (LOWENTHAL, 1982, p. 140).

Essas imagens mentais vinculam à ideia de imagens subjetivas de um indivíduo a determinadas áreas geográficas. Contudo, essa imagem, ao focalizar essencialmente a preferência por lugares, é tida como mapa mental (BUNTING; GUELKE, 1979, p. 438), que revela como o lugar é percebido. À medida que as pessoas se locomovem pelo espaço, vão criando, por meio de processos perceptivos, seus mapas mentais, que como forma de linguagem, necessita serem interpretados.

¹⁹ O processo realidade-imagem é, por si, muito complexo, se considerar que nem todos os homens que vivem num mesmo meio possuem características iguais: os sentidos, a memória, a sensibilidade, podem ter grau de desenvolvimento diferente; da mesma maneira, as condições socioeconômicas e os valores culturais são paisagens que são traduzidas em certo comportamento. (Tradução nossa).

Os mapas mentais traduzem também uma atitude frente aos espaços onde os indivíduos se movem, influenciados por sentimentos, mitos, emoções e, principalmente, valores. Corroborando com esta afirmação, Claval (2011) esclarece que

O conhecimento do próximo é sempre melhor do que a do longínquo. Tem-se menos possibilidade de se ter um conhecimento pessoal do lugar que é situado mais afastado. [...] Os mapas mentais desenhados pelas populações tão próximas geograficamente mostram claramente que a percepção que tem do mundo é socialmente construída e reflete a cultura na qual estão imersas. [...] A parte meramente individual diminui quando se afasta dos lugares, a parte social reforça-se. (CLAVAL, 2011, p. 243-244).

Permitem a identificação do que significa o lugar, de como se estabelecem códigos²⁰ de orientação, propiciando ao investigador descobrir o que há e como chegar e, o que é mais importante, se a pessoa está onde desejaria estar.

A linguagem do cotidiano constitui-se na dialética entre o objetivo e o subjetivo, enquanto campo de integração entre o real (objetivo) e o imaginário (subjetivo). A partir das relações cotidianas, construídas pela integração dialética, torna-se possível a sua representação e interpretação.

A respeito do mapa mental como linguagem, Kozel (2007) esclarece que:

Os mapas mentais como construções sógnicas requerem uma interpretação/decodificação, [...] lembrando que estas construções sógnicas estão inseridas em contextos sociais, espaciais e históricos coletivos, referenciando particularidades e singularidades. (KOZEL, 2007, p.15).

As definições são variadas quanto ao conceito de mapas mentais, mas pode-se afirmar que há um consenso, um denominador comum no conceito. Nesse sentido, Rocha compreende mapa mental como

[...] um signo, é linguagem que transmite uma mensagem, através de uma forma verbal e/ou gráfica. Num mapa mental seu autor registra, via de regra, os elementos do espaço que mais lhe dizem alguma coisa, com as quais mais se identifica, ou elementos dos quais mais faz uso no seu dia-a-dia ou, ainda aqueles elementos que mais lhe chama a atenção por serem exóticos, ou por seu valor histórico, ou porque tem uma relação de afetividade. (ROCHA, 2007, p. 161).

²⁰ O código tem a função social de linguagem que permite ao receptor compreender a mensagem do emissor.

Na argumentação de Gil Filho (2005, p.51) “[...] a representação é uma forma de conhecimento. Mesmo que tempo e espaço gerem determinadas formas de representação, é na dualidade sujeito-objeto que reside o denominador comum que pode conceber toda forma de representação”.

Normalmente, os mapas mentais são construídos pelas pessoas desde a infância, tendo como ponto de referência o local onde vivem, pois são locais que permitem a união (SANTOS 1996). Assim, em um primeiro momento, seus mapas resultam do tipo de socialização e dos padrões culturais que lhe são inculcados, de tal forma que venham a entender o significado dos diversos lugares que compõem seus espaços e como podem se locomover para alcançá-los.

À medida que as pessoas transitam por diferentes locais, vão criando novos mapas mentais em conformidade com o seu grupo e com a significação que estes mapas podem ter para elas. Obviamente, esses mapas também são afetados pelas sensações e experiências agradáveis ou desagradáveis que os lugares propiciam às pessoas que o idealizam.

Os mapas mentais são formados pelos elementos físicos pertencentes ao contexto sociocultural de cada pessoa, e se impõem como os mais característicos da paisagem rural ou urbana. Assim, o processo de conhecimento de um espaço é, em parte, influenciado pela experiência de cada um, do seu senso comum, ou ainda, de seu contexto social.

Neste sentido, a partir dos mapas mentais, pode-se conhecer os valores prévios que são desenvolvidos pelos estudantes e avaliar a imagem que eles têm do seu lugar, pois como Cavalcanti (1998) já expressou o objetivo do mapa mental é avaliar o nível da consciência espacial, ou, melhor dizendo, compreender o lugar em que vivem.

Para que os estudantes aprendam e compreendam o seu lugar, fazem-se necessários que os conteúdos sejam trabalhados adequadamente e articulados com os conceitos geográficos, visando uma aprendizagem significativa. Assim, no Capítulo que segue, serão estabelecidas as relações e articulações entre os conceitos no ensino da Geografia.

4 A RELAÇÃO DO ENSINO DE GEOGRAFIA COM AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE

A educação deve reforçar o respeito pelas culturas e compreender que estas são imperfeitas em si mesmas, à semelhança do ser humano.

Edgar Morin

A sociedade, no contexto atual, vive a influência dos meios técnicos-científicos-informacionais que alicerçam a cada dia o processo de globalização e, conseqüentemente, as constantes transformações em relação às escalas temporais e espaciais, da mesma forma, intensificando as (des)construções espaciais.

Vivemos em uma sociedade que ignora o senso comum das pessoas, o seu conhecimento adquirido ao longo dos anos, os quais são essenciais para a compreensão das dinâmicas estabelecidas no cotidiano de cada grupo. É por meio do cotidiano e das experiências assimiladas, que as coletividades se apropriam e produzem o espaço.

Mas as considerações realizadas por Damiani (2003, p.52-53) nos chamam a atenção ao frisar que “[...] essa produção do espaço está no cerne da perda do sujeito e do cidadão, enquanto tais”. Entre as perdas, destaca o lugar, expressão de nosso cotidiano, de nossa identidade, afetividade.

Em consonância, Nogueira (2002, p.129) diz que “[...] os homens que vivem os lugares têm deles todo um saber que se constrói ao longo de suas vidas e que mostra aquela realidade tal qual ela é”.

Realidades que em muitos casos são mascaradas, negligenciadas pelo poder público para poder manter o domínio sobre os mais carentes e com menor nível de escolarização.

Mesmo assim, o que se tem notado na sociedade e nas instituições escolares é a preocupação em se manter, ou que se perdue a situação do status quo, que por sua vez, favorece uma minoria que detém o conhecimento, em detrimento das classes majoritárias, aquelas que enfrentam dificuldades na sua vivência.

Neste sentido, faz-se necessário, então, que a educação básica reverta a situação de um ensino elitizado e o altere visando práticas educacionais que levem os educandos a tornarem-se verdadeiramente cidadãos. Cidadania que abrange o sentido que se tem do lugar e do espaço, já que se trata da materialização das relações de todas as ordens, que se está sujeito, da qual é sujeito (DAMIANI, 2003).

Hodiernamente, basicamente todas as áreas do conhecimento escolar estão passando por apreciação ou, até mesmo, por mudanças de paradigmas.

Ao tecer considerações acerca da ciência geográfica, mais especificamente do seu ensino, remete-nos repensá-la quanto às características que a mesma expressa ao longo de sua sistematização até a atualidade, enquanto área do conhecimento, compreendida e reconhecida como uma ciência social e espacial.

À Geografia cabe a reflexão sobre os acontecimentos gerados da interação entre as diversas sociedades/grupos e ao processo global das técnicas, da ciência e dos meios de informação.

Para tanto, a Geografia requer que suceda/ocorra um ressignificar de suas práticas de ensino, de interação, que assuma novas formas de comunicação e linguagens para os processos de ensino e de aprendizagem que atenda aos ideais do seu objeto de estudo, diante de todos os avanços que a sociedade vislumbra.

Novas perspectivas de leitura do mundo poderão ser aguçadas a partir do momento que o educando tenha a real convicção dos conhecimentos advindos do seu cotidiano, de sua experiência com o mundo vivido, seu lugar reconhecido, experimentado.

Não é de hoje que o ensino de Geografia perfaz o papel de disciplina meramente discursiva, enciclopédica, mnemônica, desinteressante. Mesmo que o seu ensino venha mudando sensivelmente, a passos lentos. Kaercher (2009, p. 223), corrobora neste sentido, afirmando que o “[...] ensino de Geografia continua desacreditado. Os alunos, no geral, não têm mais paciência para nos ouvir”.

É oportuno salientar que um ensino de Geografia, quando desacreditado, o faz com que a distancie do seu real objetivo que é estudar o espaço produzido pela sociedade.

Esta assertiva é amparada por Callai (1999), ao enfatizar que,

[...] a geografia que o aluno estuda deve permitir que este se perceba como participante do espaço em que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem

sejam resultados da vida e do trabalho dos homens e estejam inseridos num processo de desenvolvimento. (CALLAI, 1999, p.58).

É neste contexto, que o ensino de Geografia tem um papel primordial, de corroborar na compreensão da construção do espaço geográfico e de relacionar as interações quanto às questões sociais, culturais, políticas, econômicas e ambientais.

Destarte, compreender as escalas de análise da Geografia, desde o seu espaço, o seu lugar até o global, torna-se importante para se viver na complexa sociedade atual. Aguçar/estimular a reflexão do educando a respeito do seu mundo vivido, colabora para o progresso dos processos de ensino e de aprendizagem que o conceda a inserção nessa realidade.

Nesta perspectiva, Oliveira (2003) tece esclarecimento ao tratar de um

[...] ensino que busque incutir nos alunos uma postura crítica diante da realidade, comprometida com o homem e a sociedade; não com o homem abstrato, mas com o homem concreto, com a sociedade tal qual ela se apresenta, dividida em classes com conflitos e contradições. E contribua para a sua transformação. (OLIVEIRA, 2003, p. 143).

Conhecer os espaços, os lugares são fundamentais para a formação dos cidadãos, percebidos como pertencentes/membros a uma comunidade, o que importa ter uma nacionalidade, com seus direitos e o cumprimento de seus deveres.

É nesse sentido, que os profissionais da educação, em especial os de Geografia, precisam estar comprometidos em se tornarem facilitadores da percepção e compreensão da organização do espaço, das suas complexidades e suas consequências/efeitos.

Para isso, o professor deverá conduzir as didáticas e metodologias com coerência, para que o estudante faça parte do contexto a ser estudado, considerando os seus saberes prévios, como também ter o papel de mediador na interpretação e contextualização dos conteúdos abordados.

Caso contrário, Kaercher (2009) chama a atenção ao afirmar que

[...] os nossos maiores problemas não são de conteúdos, mas sim da falta de clareza, para nós mesmos, professores de Geografia, do papel da nossa ciência. Ou a geografia se torna útil para os “não geógrafos” (nossos alunos em especial), ou ela tende a desaparecer! Ou vai continuar diluída com mera “ocupação” dos alunos com informações diversas. Uma espécie de “programas de variedades” que fala todos os lugares e povos diversos e

distantes. Só que sem cores e sons. Chatice, portanto. (KAERCHER, 2009, p. 230).

E nada mais concreto do que iniciar essa compreensão a partir do mundo vivido coletivamente, por meio de suas práticas sociais, ou em espaços e tempos diversos, tornando possível a assimilação da relação tempo-espaço pelo educando.

Logo, o ensino de Geografia é amparado nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, ao constar as orientações e objetivos desta ciência que é,

[...] explicar e compreender as relações entre a sociedade e a natureza, e como ocorre a apropriação desta por aquela. Na busca dessa abordagem relacional, a Geografia tem que trabalhar com diferentes noções espaciais e temporais, bem como os fenômenos sociais, culturais e naturais que são característicos de cada paisagem, para permitir uma compreensão processual e dinâmica de sua constituição. Identificar e relacionar aquilo que na paisagem representa as heranças das sucessivas relações no tempo entre a sociedade e a natureza é um de seus objetivos. (BRASIL, 2001, p.109).

A ressignificação do ensino de Geografia deve passar no entendimento dos conceitos geográficos e por seus conteúdos estruturantes, fundamentais para os estudos desta disciplina escolar.

Cabe enfatizar que os conceitos geográficos devem/precisam ser apresentados desde o início do processo de alfabetização escolar, que ao longo do seu percurso irão, por meio de sua vivência e experiências, ampliar e correlacionar os conhecimentos adquiridos com o aprendido.

Em virtude disso, Cavalcanti (2012) afirma que

[...] o conhecimento é uma produção social que emerge da atividade humana. Ele implica a conversão dos saberes historicamente produzidos pelos homens sobre uma realidade objetiva em saberes do indivíduo, com sua atuação subjetiva. (CAVALCANTI, 2012, p.158).

É comum depararmos com educandos que ao término de sua escolarização na educação básica, demonstram equívocos, falhas e/ou até confusão no que se refere a conceitos e conteúdos estruturantes a exemplo da disciplina de Geografia. São os conceitos geográficos que conferem lógicas e significados aos conteúdos propostos dando-lhes evidência/expressão ao conjunto de estudos.

Entretanto, tem-se que tomar certos cuidados de como trabalhar os conceitos e os conteúdos, e a este respeito, Kaercher (1998, p.15) nos chama a atenção ao

esclarecer que “[...] os conceitos não devem anteceder os conteúdos. Estes devem propiciar que os alunos construam os conceitos.” Desse modo, concebe-se que a aprendizagem do aluno é inerente a sua formação do pensamento teórico, para posteriormente, desenvolver e entender o conceito, propriamente dito.

Desenvolvimento e entendimento que produzem o pensamento geográfico e seu raciocínio, o que destarte se torna um mecanismo para evoluir no conhecimento da ciência geográfica.

Para tanto, o profissional da educação – o professor – necessita estar preparado adequadamente para mediar o conhecimento de sua área, com novas técnicas e novas formas de comunicação e linguagens, frente ao contexto de constantes inovações e informações a que os educandos se deparam em seu cotidiano, o que nos alerta e reforça Vesentini (2003, p. 30), ao afirmar que “[...] o professor também é um cidadão que vive no mesmo mundo pleno de mudanças do educando e ele também deve estar a par e participar das inovações tecnológicas, das alterações culturais”.

Mais do que nunca, ao educador recai a responsabilidade/seriedade de formar cidadãos ativos, deixando-os descobrir e refletir sobre o mundo que os cercam, que vivemos atentando para as escalas temporais e espaciais. Da mesma forma, a transposição didática e consequente articulação entre ensino e pesquisa, bem como da teoria e prática, o que já enfatizava Libâneo (1994),

[...] o domínio das bases teórico-científicas e técnicas, e sua articulação com as exigências concretas de ensino, permitem maior segurança profissional de modo que o docente ganhe base para pensar sua prática e aprimore sempre mais a qualidade do seu trabalho. (LIBÂNEO, 1994, p. 28).

Neste contexto, Cavalcanti (2002) argumenta que a articulação entre a teoria e a prática no ensino de Geografia,

[...] deve ser uma formação consistente, contínua, que procure desenvolver uma relação dialética ensino-pesquisa, teoria-prática. Trata-se de uma formação crítica e aberta à possibilidade da discussão sobre o papel da Geografia na formação geral dos cidadãos, sobre as diferentes concepções da ciência geográfica, sobre o papel pedagógico da Geografia escolar. (CAVALCANTI, 2002, p. 21).

Será a prática pedagógica instigadora e significativa do educador que possibilitará ao educando os processos de ensino e de aprendizagem condizentes ao que estão propostos nos conceitos e conteúdos estruturantes da Geografia.

Aprendizagens significativas e seus métodos, no contexto da prática docente adquire qualidade quando existe a produção do saber. Para Castellar (2003, p.113), “[...] o professor deve atuar no sentido de se apropriar de sua experiência, do conhecimento que tem para investir em sua emancipação e em seu desenvolvimento profissional, atuando efetivamente no desenvolvimento curricular”.

A aprendizagem será significativa quando a referência do conteúdo estiver presente no cotidiano da sala de aula e quando se considerar o conhecimento que o aluno traz consigo, a partir da sua vivência, possibilitando sentido.

Contribuindo com os pressupostos da aprendizagem significativa, Callai (2004, p.92-93) assinala que “[...] é fundamental que se considere que a aprendizagem é um processo do aluno, e as ações que se sucedem devem necessariamente ser dirigidas à construção do conhecimento por esse sujeito ativo”.

De fato, é visível a existência, entre os autores já mencionados de um denominador em comum, da necessidade de se valorizar o conhecimento prévio do educando.

Um sujeito ativo, cidadão; este é o educando que se espera ao término da educação básica, que além de ter apreendido o cerne da ciência geográfica, tenha a capacidade de perceber e ler o mundo, e de relacioná-la com as demais ciências.

Neste sentido, entre os conceitos geográficos que fundamentam a expressão, o conhecimento da disciplina escolar, têm-se definidos como: espaço, lugar, território, região e paisagem. Cada conceito/categoria traz consigo sua particularidade, conferindo significados aos conteúdos, num processo de diálogo constante.

Para entender/compreender o *feedback* que estudantes do último ano da educação básica apreenderam em todo o seu período escolar, analisa-se os conceitos para podermos averiguar, nas análises dos resultados, quais os possíveis equívocos, erros, falhas cometidos/realizados por estes e/ou dos educadores em suas práticas pedagógicas e de ensino.

A título de exemplo, serão analisados, entre os apresentados no Quadro 2²¹, alguns dos conceitos, vislumbrando as possíveis articulações entre os próprios conceitos.

Conceitos	Articulações*
Espaço e Tempo	<ul style="list-style-type: none"> - Principais dimensões da vida humana. - Expressões concretizadas da sociedade. - Condicionam as formas e os processos de apropriação dos territórios. - Expressam-se no cotidiano caracterizando os lugares definindo as localidades e regiões.
Sociedade	<ul style="list-style-type: none"> - Consideradas as relações permeadas pelo poder, apropria-se dos territórios (ou de espaços específicos) e define a organização do espaço geográfico em suas diferentes manifestações: território, região, lugar, etc. - Os processos sociais redimensionam os fenômenos naturais, o espaço e o tempo.
Lugar	<ul style="list-style-type: none"> - Manifestação das identidades dos grupos sociais e das pessoas. - Noção e sentimento de pertencimento a certos territórios. - Concretização das relações sociais vertical e horizontalmente.
Paisagem	<ul style="list-style-type: none"> - Expressão da concretização dos lugares, das diferentes dimensões constituintes do espaço geográfico. Pelas mesmas razões já apontadas, não limitaria a paisagem apenas ao lugar. - Permite a caracterização de espaços regionais e territórios considerando a horizontalidade dos fenômenos.
Região	<ul style="list-style-type: none"> - Região se articula com território, natureza e sociedade quando essas dimensões são consideradas em diferentes escalas de análise. - Permite a apreensão das diferenças e particularidades no espaço geográfico.
Território	<ul style="list-style-type: none"> - O território é o espaço apropriado. - Base da região. - Determinação das localizações dos recursos naturais e das relações de poder. - A constituição cotidiana de territórios tem como base, as relações de poder e de identidade de diferentes grupos sociais que os integram, por isso eles estão inter-relacionados com conceitos de lugar e região.

Quadro 2 – Conceitos geográficos e suas articulações.

Os conceitos geográficos articulam-se a partir da categoria central da Geografia que é o espaço, que concede ampla abordagem geográfica ou espacial diante dos demais conceitos.

Mas temos que nos ater que, tal conceito é diversamente definido, de acordo com as distintas correntes a que pertencem. Optou-se, então, nesta pesquisa, analisar o conceito de espaço nas correntes da Geografia crítica e na Humanista.

²¹ Este quadro foi elaborado tendo como referência inicial o quadro inserido no documento dos PCN+ Ensino Médio (Ciências Humanas e suas tecnologias, p. 56), com a incorporação de outras formas de entendimento dos conceitos.

* Nesta coluna há sugestões de algumas articulações possíveis entre os conceitos. A finalidade é demonstrar que os conceitos não têm limites definidos e deixar o professor com liberdade de utilizar as mais diferentes combinações possíveis.

Na Geografia Crítica – primeira –, o espaço é o *locus* da reprodução das relações sociais de produção. Corrêa (2001, p.28) assim o define como “[...] o espaço organizado pelo homem desempenha um papel na sociedade, condicionando-a, compartilhando do complexo de existência e reprodução social”.

Já para Santos (2008, p. 63), o espaço “[...] é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. Quadro único que nos disponibiliza a leitura, sua percepção e representação das constantes divergências resultantes do agir da sociedade em geral.

Por outro lado, a segunda corrente, a Humanista, assenta-se na subjetividade, inerente a compreensão dos sentimentos, das experiências, enfim, oportunizando o que é *sui generis*/peculiar/singular. Assim, o espaço assume o significado de espaço vivido, a dimensão geográfica do cotidiano, de representação da vida social, do afetivo, do falado, do corpóreo.

Contribuições também são vislumbradas nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs de Geografia (1998) ao enfatizar que,

[...] é fundamental que o espaço vivido pelos alunos continue sendo o ponto de partida dos estudos [...]. A compreensão de como a realidade local relaciona-se com o contexto global é um trabalho a ser desenvolvido durante toda a escolaridade, de modo cada vez mais abrangente, desde os ciclos iniciais. (BRASIL,1998, p. 30).

O espaço é a base de sustentação das ações humanas, além de ter a possibilidade, de ser o cenário para que tais ações não venham a acontecer. A dialética entre facilitar e impedir metamorfoseia/transforma o espaço em território vivo. Um território vivo que faz com que o espaço resulte de uma sociedade dinâmica, geradora e produtora de novas formas diante de suas mudanças.

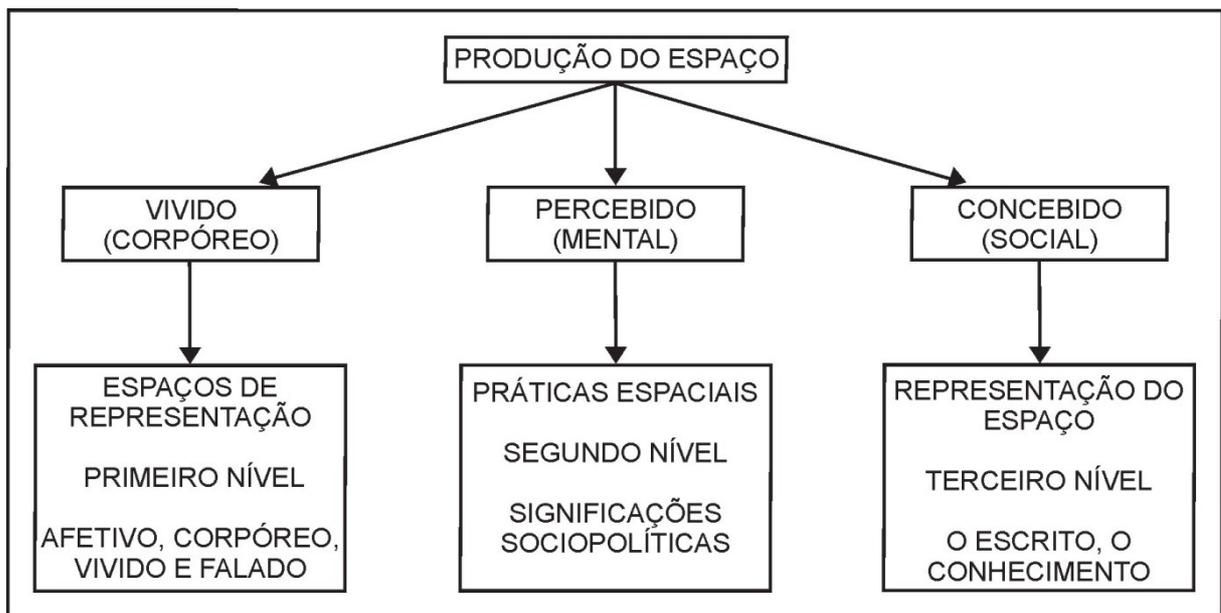
Não podemos deixar de explicitar no que se refere à noção de espaço e sua articulação dialética entre as dimensões do vivido, percebido e concebido, que incidem uma sobre a outra, determinando-se.

Ao longo do processo de evolução do conhecimento do sujeito, inicialmente o espaço é vivido, corpóreo, reportando ao vivenciado, afetivo, experienciado no espaço físico. Após, o espaço passa a ser percebido, mentalizado, que por meio da observação e análise do espaço tem-se para a ciência geográfica, o início do estudo

dessa área do conhecimento. E, por último, o espaço é concebido, social, configurando-se na produção das representações do espaço.

A que se atentar que as essas noções espaciais tendem a evoluir com o desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem do educando.

O Quadro 3 mostra o esquema elaborado por Cardoso (2006), ao definir o tripé sobre a produção do espaço.



Quadro 3 – Tripé sobre a produção do espaço.
Fonte: CARDOSO, Cristiane (2006, p.36).

A análise do lugar, conceito negligenciado/rejeitado em um tempo de globalização, faz-se oportuno, pois nos diversos lugares, repleto de identidades é que a concretização das ações, entre elas a fragmentação que o processo global se efetiva.

O que se sabe é que vem se ignorando/deixou-se de lado a relação do cotidiano do educando, ou seja, o seu senso comum, vivenciado no lugar a que está inserido. E a este respeito, Marandola Jr. (2002, p. 228) explicita que “é pelo lugar que nos identificamos, ou nos lembramos, constituindo assim, a base de nossa experiência no mundo”.

O lugar como conceito é reconhecido por ter um significado ao indivíduo de pertencimento, identidade e afetividade. Nestes termos, Tuan (1980) nos confere a definição de Topofilia que discute a ideia de pertencimento das pessoas em relação

ao seu meio, e, nesse caso, o lugar vem a ser o meio a que imediatamente pertencem o elo afetivo entre a pessoa e o lugar.

Vale salientar que ao lugar as pessoas imprimem suas marcas peculiares por meio de suas culturas, costumes, hábitos, por isso, no lugar, qualquer que seja, haverá uma identificação afetiva entre as pessoas, os seus grupos pertencentes.

Entretanto, também poderão existir os não lugares, em que o sentimento de identidade, pertencimento e afetividade comuns às pessoas, venha a não existir, que podem ser lugares considerados indiferentes ao sujeito.

A partir do desvelar do cotidiano dos educandos, diante de seus interesses e necessidades é que haverá a possibilidade em conhecer os símbolos representados em suas mentes e ultrapassar a visualização do lugar. Nesse sentido, com a transposição das aprendizagens significativas construídas, o educando poderá, ao concretizar o lugar, compreender as interações e/ou inter-relações entre os diversos fenômenos, atribuindo-lhe sentido não aqueles presentes no ambiente de vivência, mas considerando escalas espaciais mais amplas.

Uma das grandes preocupações dos educadores é realizar a articulação correta dos conteúdos e dos conceitos. E uma das dificuldades manifestadas e percebidas está entre a consistência quanto às escalas de apreensão do real. Aqui se remete apenas ao mundo imediato, não conseguindo extrapolar, ampliar as abordagens conceituais nos conteúdos que estão sendo expostos/trabalhados.

Cavalcanti (2012, p. 147), afirma que, “abordar conteúdos com a referência escalar supõe uma construção intelectual, que permita compreender suas inter-relações e também seus limites”.

Neste sentido, torna-se árduo evoluir para outros conceitos. Nesses termos, podemos exemplificar o caso da categoria território e sua articulação com o lugar por contemplar aspectos da prática espacial, entre elas as relações sociais cotidianas repletas de meios simbólicos. Portanto, o território é concebido como palco das relações sociais de poder econômico, político, funcional e cultural, além da estreita relação com a construção da identidade.

Na mesma obra Cavalcanti expõe,

[...] a compreensão desse conceito vinculado às relações de poder, à estratégia de um grupo social que se materializa num lugar, em contextos históricos e geográficos determinados, na produção de identidades e de

lugares, no controle do espaço, ajuda-os a compreender melhor suas próprias práticas espaciais. (Ibid., 2012, p. 150).

Como espaço apropriado e determinante das disposições dos recursos naturais e das relações de poder que o território a integra, há a articulação com os conceitos de lugar e região.

Expresso no Quadro 2, o conceito de região faz a articulação com os demais conceitos geográficos. Mas de acordo com as discussões epistemológicas da ciência geográfica, há dois pontos de vista com maior destaque/delineamento – pela noção de região natural e de região geográfica. A região natural é representada por elementos que compõem a natureza, pois a partir desta poderá haver a interpretação da diversidade da organização social. Já a região geográfica, mediada por sua ação transformadora, passa a ser constituída pelos arranjos culturais e naturais (GOMES, 2001, p.67). Sintetizar a inter-relação entre o natural e o social, interpretando-a, é, portanto, a visão mais aceita no contexto da ciência geográfica.

Outro conceito que merece destaque é o de paisagem, que se constitui em tudo o que o indivíduo vê/percebe, corolário das relações impostas no tempo-espaço da sociedade com o seu meio e de suas transformações, que, por sua vez, são possíveis de representação. Sobre esta prerrogativa e no entender de Santos (2002, p. 103) “[...] a paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão. [...] Nesse sentido a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal”.

Importante ressaltar que os conceitos abordados precisam ser inicialmente muito bem compreendidos pelos educadores para poderem trabalhá-los de forma coerente de acordo com as necessidades do cotidiano e de vivência de cada educando em seu espaço.

E para a presente tese, faz-se mister absorver os modos que os jovens escolares da TF (Puerto Iguazú, Foz do Iguazu e Ciudad del Este) refletem quanto ao ensino de Geografia, por meio dos processos de ensino e de aprendizagem significativa e que una os saberes, os fazeres e os seres.

Para tanto, nos procedimentos da pesquisa de campo mostrar-se-á os caminhos percorridos para a realização e desenvolvimento da tese.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a operacionalização da pesquisa, contemplou-se como público-alvo jovens em idade escolar, entre 15 e 18 anos, estudantes do 3º ano do Ensino Médio, residentes na TF, representados geograficamente pelas unidades político-administrativas de Puerto Iguazú (Argentina), Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad del Este (Paraguai), respectivamente.

Inicialmente, realizou-se uma revisão metodológica e teórica. A abordagem de pesquisa a ser empregada foi a qualitativa e, complementarmente, quantitativa, utilizando-se aportes teóricos e metodológicos da Geografia Humanista e das Representações sociais, que possuem como filosofia, a fenomenologia.

Visando alcançar os objetivos propostos, a presente pesquisa verifica as representações sociais e espaciais que os jovens escolares da TF, possuem em relação ao ensino e às possibilidades conferidas ao turismo utilizado pela Geografia.

Em um segundo momento, estruturou-se a pesquisa de campo. Esta foi realizado entre o período de 2012 e 2013, com o reconhecimento da área, a partir da efetivação da coleta de dados: censitários estudantis nos municípios de análise, total de instituições escolares, visitas às embaixadas da Argentina e do Paraguai, fotografias, mapas existentes, entidades públicas e privadas, para a definição do universo amostral.

Diante dos dados coletados, do total das instituições escolares e considerando o total populacional de cada unidade político-administrativa, estabeleceu-se o processo de amostragem considerando o número de escolas públicas e privadas a serem analisadas, (Tabela 1).

Tabela 1. Dados dos Censos Demográficos dos municípios da Tríplice Fronteira.

Municípios	Total de hab.	Censos	Censos Estimativas para 2014	Instituições escolares		Total	Amostra		Total	Total Geral
				P1	P2		P1	P2		
Puerto Iguazú	80.000	INDEC/2010 ²²	82.227	6	6	12	2	2	4	
Foz do Iguaçu	256.088	IBGE/2010 ²³	263.647	28	17	45	4	4	8	20
Ciudad del Este	387.000	DGEEC/2011 ²⁴	387.538	23	20	43	4	4	8	

Fonte: Pesquisa de campo, novembro de 2012. (P1 – Públicas e P2 – Privadas).
Org: BERTIN, M. Pesquisa de campo, 2012.

Pelo exposto na Tabela 1, em Puerto Iguazú, existem aproximadamente 80 mil habitantes, o setor educacional é composto de 12 instituições de ensino médio (6 públicas e 6 privadas). Foz do Iguaçu apresenta a população de 256.088 habitantes, o setor educacional é composto de 28 instituições de ensino médio da rede pública e 17 da rede privada. Por último, Ciudad del Este apresenta uma população de 387 mil habitantes e 43 instituições de ensino médio (23 públicas e 20 privadas).

Para atingir os objetivos e responder ao problema da pesquisa, definiram-se em um terceiro momento as amostras e a amostragem necessárias: em Puerto Iguazú 4 instituições (2 públicas e 2 privadas), Foz do Iguaçu 8 instituições (4 públicas e 4 privadas), e Ciudad del Este 8 instituições (4 públicas e 4 privadas), totalizando 20 instituições de educação básica, ou seja, 20% de amostras. No entanto, em Ciudad del Este, reduziu-se uma instituição privada, passando de 4 para 3, a pedido da própria instituição, totalizando, então, em 19% das amostras. Como a desistência aconteceu nos últimos dias de aplicação, não foi possível a substituição por outra escola.

Cabe ressaltar que a escolha das escolas teve como critério a localização, abordando tanto a porção central quanto as periferias das respectivas unidades político-administrativas.

Após a coleta dos dados, foram requeridas autorizações para as entidades responsáveis pelas instituições de seus municípios. Em Puerto Iguazú, ao Consejo General de Educación – Supervisora Región III, localizada em Eldorado, na pessoa de María Dominga González. Em Foz do Iguaçu, com a Chefe do Núcleo Regional da Educação de Foz do Iguaçu, professora Ivone Aparecida Perez Müller. E, em

²² Disponível em: <<http://www.sig.indec.gov.ar/censo2010/>>. Acesso em: 22 nov. 2012.

²³ Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 out. 2012.

²⁴ Disponível em: <<http://www.dgeec.gov.py>>. Acesso em: 22 out. 2012.

Ciudad del Este, a Coordinación Departamental de Supervision – Alto Paraná/Ministerio de Educación y Cultura, inicialmente ao Licenciado Blas Ignacio Zárate Sosa. Em consequência da troca da Presidência da República do Paraguai, houve a necessidade de requerer, novamente, no ano de 2013 as autorizações para a entidade responsável, na pessoa da Sra. Licenciada Ana Beatriz Rios de Franco.

Para a obtenção dos dados, organizou-se a pesquisa por meio da realização de questionários com dez (10) questões, destas nove (09) abertas constando na última a representação dos estudantes, por meio de mapas mentais. A partir dos mapas o estudante terá a oportunidade de exteriorizar a sua compreensão e reflexões da realidade da TF. Os questionários aos estudantes da TF realizaram-se na segunda quinzena de outubro de 2013, (Apêndice A).

Para a melhor adequação do tempo, os questionários nas unidades político-administrativas foram pré-agendados, em distintos horários, com o intuito de agilizar a aplicação do instrumento de análise nas dezenove instituições escolares.

É interessante destacar a receptividade e a contribuição de todas as instituições, no que tange à direção e aos professores que acompanharam os questionários e o público-alvo, os estudantes. As escolas tiveram a preocupação de que o professor da área de Geografia ou de História estivesse presente na aplicação. O mesmo instrumento, destinado à protagonistas diferentes, foi uma experiência marcante, no que diz respeito à pesquisa.

De início, foi notável a apreensão de uma parcela dos estudantes, independente da nacionalidade, em relação às questões elencadas. Nesta acepção, o instrumento corroborou no sentido de verificar a real compreensão dos assuntos abordados, até mesmo pelo tempo disponibilizado de aproximadamente 60 minutos para a resolução.

Outro ponto a frisar é a presença da pesquisadora junto aos alunos, que por sua vez, oportunizou-se a sanar eventuais dúvidas quanto ao vocabulário, clareza nas questões e demais esclarecimentos necessários. A partir de então, percebeu-se que os estudantes se sentiram confortáveis durante a realização dos questionários, e, ao seu término, realizou-se conversas quanto às instituições de ensino superior, cursos e formas de ingressos nas universidades brasileiras.

No quarto momento, a análise dos dados, ou seja, a interpretação e correlação das informações abordadas na pesquisa, a partir do método qualitativo,

prioritariamente, com vista à obtenção de um conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo.

Concluída a análise, os dados trabalhados foram organizados por meio de procedimentos quantitativos como os mapas mentais, com contribuição de figuras, tabelas e quadros, com a finalidade de demonstrar a realidade, permitindo sustentar a análise qualitativa e a interpretação dos resultados da pesquisa. E, por fim, as considerações/conclusões e recomendações quanto ao ensino da Geografia e às representações sociais e espaciais; quanto a influência do fenômeno turístico, como possibilidade de interação com o seu uso nos processos de ensino e de aprendizagem na TF.

5.1 A pesquisa de campo - Os questionários

A ciência geográfica, e da mesma forma os seus processos de ensino e aprendizagem, tem como finalidade precípua a busca de novos olhares e perspectivas, no reconhecimento da pluralidade metodológica, ultrapassando as metas da modernidade, ou seja, a ciência moderna/pós-moderna.

Na investigação qualitativa, utilizou-se de questionário com questões abertas, tornando-se o instrumento/técnica investigativo para posteriormente, descrever, interpretar e compreender o fenômeno do turismo, em uma zona de fronteira, a partir dos conhecimentos adquiridos por meio do ensino da Geografia, pelo qual os estudantes estão inseridos, direta e/ou indiretamente, por pertencerem a uma TF.

O universo amostral total, aplicado na TF correspondeu a quatrocentos e dezesseis (416) questionários à jovens em idade escolar, entre 15 e 18 anos, de instituições escolares públicas e privadas das unidades político-administrativas. Em Puerto Iguazú (Argentina), aplicou-se oitenta e sete (87) instrumentos de pesquisa, destes trinta e três (33) em escolas públicas e cinquenta e quatro (54) em privadas. Em Foz do Iguaçu (Brasil), o total é de cento e oitenta e dois (182) jovens, realizando-se cento e dezoito (118) questionários em instituições públicas e sessenta e quatro (64) em privadas. Já no que se refere à Ciudad del Este (Paraguai), totalizou-se cento e quarenta e sete (147) pesquisados, atribuiu-se a

noventa e seis (96) na rede pública e cinquenta e um (51) no ensino privado, (Tabela 2).

Tabela 2. Universo amostral das unidades político-administrativas da Tríplice Fronteira.

Unidades político-administrativas	P1	Sexo Masculino	Sexo Feminino	P2	Sexo Masculino	Sexo Feminino
Puerto Iguazú	33	18	15	54	26	28
Foz do Iguazu	118	58	60	64	29	35
Ciudad del Este	96	39	57	51	23	28

Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2013. P1 – Públicas e P2 – Privadas.

Org: BERTIN, M, 2014.

Dos questionários estruturados e efetuados, nove questões são abertas, relacionadas à parte conceitual do turismo, da fronteira e do ensino de Geografia, como subsídio para averiguar o nível de compreensão dos jovens sobre as referidas temáticas.

Postula-se que por meio dos conceitos, se bem articulados, podemos compreender de maneira adequada as percepções, as subjetividades dos indivíduos diante do seu ambiente, e do seu espaço vivido (corpóreo), percebido (mental) e concebido (social), (CARDOSO, 2006).

Ressalvas devem ser feitas quanto à questão cinco que abordou características que os estudantes considerassem semelhantes, das quais podemos citar as “ambientais”, as “culturais”, as “econômicas”, as “políticas” e as “sociais”. Dessa forma, mais de uma característica foi citada em apenas uma resposta. Nesse sentido, ultrapassou-se o total geral de respostas de cada cidade, face às percepções retratadas pelos estudantes.

Na décima e última questão solicitou-se, aos sujeitos da pesquisa que fizessem um desenho – mapa mental, que por sua vez, representasse aspectos que considerassem importantes (positivos e/ou negativos) sobre a TF.

O desenho foi adotado por se tratar de uma forma de expressão livre, por ser uma linguagem não verbal e por permitir a emergência de conteúdos espontâneos, ou seja, retrata-se o olhar humanizado, influenciado entre tantos aspectos pela cultura vivida, e de temas de representação social e espacial dos jovens escolares. O desenho ou mapa mental que é a representação do vivido, percebido e concebido servirá de correlação entre as demais questões abordadas na entrevista efetuada.

Os mapas mentais serviram como parâmetros para reflexão e aguçar as compreensões conceituais expressas nas demais questões.

Neste sentido foram selecionados 209 mapas mentais (50,24% do total de 416), destes 44 de Puerto Iguazú, 91 de Foz do Iguazú e 74 de Ciudad del Este, o que equivale respectivamente, a 50,57%, 50% e 50,34% do total de cada cidade.

De acordo com as questões averiguadas/apuradas, fez-se a classificação dos mapas mentais em cinco (5) categorias:

Atrativo turístico (naturais e artificiais):

Pontes

Parques

Vários atrativos

Itaipu

Marco das Três Fronteiras

Integração econômica:

Comércio exterior

Relações comerciais

Particularidades comerciais

Flutuação cambial

Mobilidade urbana/fluxo:

Aduanas

Circulação

Problemas da região:

Desemprego

Narcotráfico (tráfico de drogas)

Contrabando

Tráfico (armas, pessoas)

Insegurança/violência

Poluição

Diversos problemas

Integração social e diversidade cultural

Portanto, a finalidade da classificação é de atribuir às representações, sejam elas positivas e/ou negativas, aspectos que os estudantes²⁵ iguacenses, iguaçuenses e esteños possuem quanto a TF. Para fins de compreensão, no mínimo três (3) representações foram exemplificadas para cada categoria.

Entre as instituições escolares que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa têm-se as relacionadas no Quadro 4.

Unidades Político-Administrativas	Escolas Públicas
Puerto Iguazú	- Bachillerato Orientado Provincial- BOP N° 23
	- Escuela Provincial de Educación Técnica – EPET N° 4
	Escolas Privadas
	- Instituto de EGB y Polimodal San Lucas
	- Instituto Sagrada Familia
Foz do Iguazu	Escolas Públicas
	- Colégio Bartolomeu Mitre
	- Colégio Flávio Warken
	- Colégio Jorge Schimmelpfeng
	- Colégio Ulysses Guimarães
	Escolas Privadas
	- Colégio Adventista
	- Colégio Bertoni
	- Colégio Cooperativa
	- Colégio Vicentino São José
Ciudad Del Este	Escolas Públicas
	-Colegio Atanasio Riera
	- Centro Regional Educacional Dr. Jose Gaspar Rodriguez de Francia – C.R.E.C.E
	- Colegio Medalla Milagrosa
	- Colegio San Isidro Labrador
	Escolas Privadas
	- Centro Educacional San Francisco de Asis
	- Colegio Sagrada Familia de Nazaré
	- Colegio Santa Clara

Quadro 4 – Instituições escolares participantes da pesquisa.

Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2013. P1 – Públicas e P2 – Privadas.

Org: BERTIN, M., 2013.

25 Estudantes iguacenses, iguaçuenses e esteños, são termos gentílicos de Puerto Iguazú/AR, de Foz do Iguazu/BR e de Ciudad del Este/PY, respectivamente.

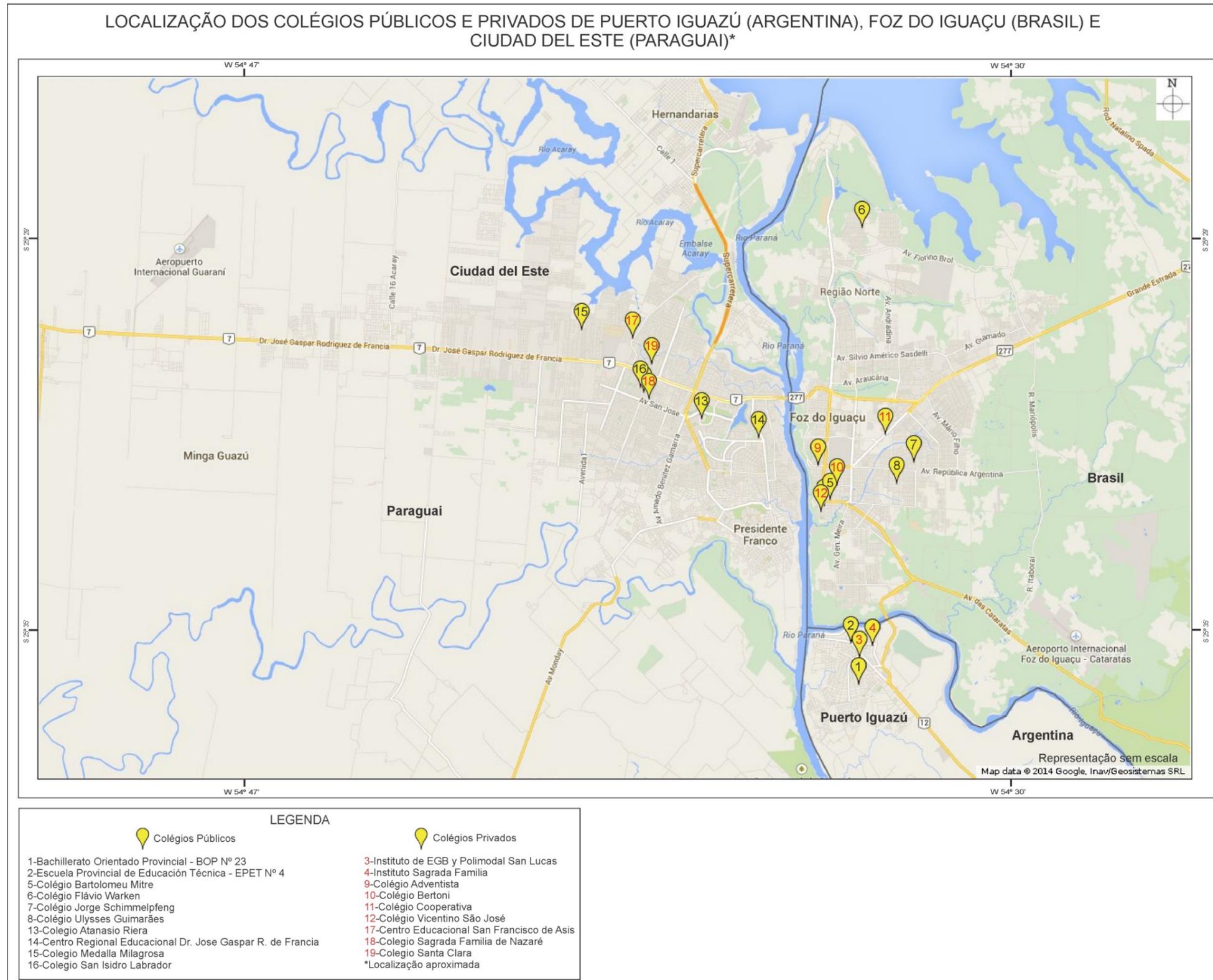


Figura 6 – Mapa de localização dos Colégios públicos e privados da Tríplice Fronteira.

6 SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS ALCANÇADOS

Na atual sociedade, o conhecimento é concebido como necessidade vital para o conhecer, o saber e o aprender a realidade, por meio de um saber-fazer-pensar espacial, com consciência das coisas do espaço local e do lugar vivenciado. Como necessidade humana, é imprescindível o conhecimento básico e fundamental da vivência histórica do contexto social a que está situado, da realidade do cotidiano em que se estabelecem suas relações.

A consciência espacial dependerá de uma instrumentação conceitual, ou seja, dos conceitos e temas geográficos, para que se formem nas estruturas cognitivas do sujeito social – o jovem escolar. O que se deseja é que as práticas de ensinar e aprender Geografia revelem outras leituras, que se construam percepções e representações do tempo e do espaço diante das mudanças hodiernas, apreendidas, destarte, com o entendimento do espaço vivido, percebido e concebido.

Portanto, sujeitos críticos capazes de tomar atitudes e almejar uma cidadania plena são o que o ensino da Geografia busca e, para que isso se torne possível, o arcabouço conceitual e os objetos de estudo da ciência geográfica são pressupostos essenciais para que o aluno prestes a concluir a educação básica, necessita dominar.

Sobre este aspecto, tem-se na ciência geográfica, a necessidade de explicar fatos e fenômenos geográficos, entre os quais podemos citar os estudos do turismo, o qual recebe contribuição da tendência denominada Geografia do Turismo, necessariamente em locais que, por sua vez, têm nessa prática social ou função turística, sua base de desenvolvimento e de organização espacial.

Uma reflexão dessa tendência é expressa quando se afirma que

[...] cabe à Geografia do Turismo estudar as relações entre os assentamentos turísticos e o meio ambiente; as formas, as dinâmicas e as diferenciações das paisagens que se criam pela difusão e desenvolvimento da função turística, assim como as representações que se fazem das paisagens turísticas. (BARROS, 2001, p.7).

Nesse sentido, o turismo como um fenômeno econômico, político, social e cultural reflete na atual sociedade. Este é o primeiro questionamento realizado aos estudantes. A proposição da questão “O que é turismo para você?” teve a intenção de verificar que conhecimentos os sujeitos sociais possuem acerca desse fenômeno, como prática de cunho social. É importante ressaltar que nesta pesquisa não nos propusemos enfatizar qual conceito é o mais correto, mas sim, de compreender como os jovens da TF, que estão concluindo a educação básica e prestes a ingressarem ao ensino superior, entendem sobre o turismo.

Diante das diversas definições sobre o turismo, entre elas a da OMT vista no segundo capítulo, vide página 27, Padilha (1992, p.15) corrobora enfatizando que “el turismo es el medio más noble para conocer, comprender y entablar amistad, entre los hombres y los pueblos”.

Nesse sentido, em relação a primeira questão, dos 416 questionários aplicados, em apenas 3 casos, estudantes de Foz do Iguaçu não responderam o que é o Turismo.

Tabela 3. O turismo para estudantes da Tríplice Fronteira.

Respostas	Puerto Iguazú	%	Foz do Iguaçu	%	Ciudad del Este	%
Conhecer lugares novos	19	21,84	88	48,35	52	35,37
Conhecer novos lugares, costumes, culturas e diversidades	25	28,74	60	32,97	75	51,03
Atividades para fins lucrativos	19	21,84	17	9,34	4	2,72
Forma de lazer	2	2,29	13	7,14	7	4,76
Atividade lucrativa e de lazer	22	25,29	1	0,55	9	6,12
Não respondeu	0	0	3	1,65	0	0
Total	87		179		147	

Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2013.

Org: BERTIN, M., 2014.

Por meio dos dados da Tabela 3 certifica-se que em Puerto Iguazú existe equilíbrio nas respostas, sobressaindo-se “conhecer novos lugares, costumes, culturas e diversidades” com 28,74% o que corrobora o turismo como a busca a uma prática social, permeada por trocas culturais, impostas ou não, tanto à comunidade residente, quanto aos turistas.

Reconhecer que a busca por novos lugares, estando estes repletos de diferentes costumes, culturas e, conseqüentemente, de diversidades, nos faz

compreender que a TF – é um espaço geográfico cosmopolita –, entendida como cidades gêmeas, com diversidade de culturas/multiculturalidade e etnias, por abrigar pessoas de diferentes lugares do país e do mundo, cada uma com a sua especificidade. Lugares que se configuram como espaços onde se fundem as nacionalidades e se misturam as culturas entre populações com níveis de desenvolvimento econômico e social desigual.

Com um percentual de 25,29% a “atividade lucrativa e de lazer” esteve em segunda ordem de compreensão do turismo. É com razão que o turismo é uma atividade lucrativa, pois está entre os fenômenos com maior ênfase de crescimento a nível mundial, face às condições econômicas de uma parcela da população ter melhorado, o lazer passou a ser desfrutado por um maior contingente populacional.

Com o mesmo percentual, 21,84% “conhecer novos lugares” e “atividades para fins lucrativos” foram relatados pelos iguacenses e apenas 2,29% relataram ser o turismo uma “forma de lazer”.

Em Foz do Iguaçu, 48,35% dos estudantes discerniram o turismo como o ato de “conhecer lugares novos”. O conceito de lugar está relacionado à dimensão cultural e fortemente relacionado à identidade e ao cotidiano do ser humano, é nele que acontece a relação sujeito-objeto²⁶.

O lugar, no contexto da globalização, pode dar-se em diferentes escalas geográficas, no local, mas também nas escalas regionais, nacionais e globais. Destaca-se também, com 32,97%, além de conhecer lugares novos, “conhecer costumes, culturas e diversidades”. Salienta-se que a cidade de Foz do Iguaçu é aquela que concentra maior número de estrangeiros em comparação com as demais cidades da TF.

O turismo como “atividade para fins lucrativos” obteve 9,34% das indicações, e como “forma de lazer” 7,14%, o que demonstra que para os estudantes tal fenômeno em questão não visa somente o lucro, mas também a prática do lazer. Neste sentido, Bahl (2004, p.49), expõe que “o lazer pode ser considerado como um dos pilares de sustentação do turismo”. Não menos importante, para 0,55% o

²⁶ A respeito do conceito de lugar, este foi discutido no capítulo 4, página 78.

turismo constitui-se de uma “atividade lucrativa e de lazer”, o que reforça as indicações anteriores.

Os jovens escolares de Ciudad del Este, como os de Puerto Iguazú, entendem o turismo no seu viés das diversidades que os novos lugares têm a oferecer, por meio de seus costumes e culturas na compreensão de 51,03% dos sujeitos pesquisados, o que é reforçado por Trigo (1993, p.52) ao apontar que “o ato de se deslocar geograficamente implica contatar culturas diferenciadas.”

É relevante lembrar que a cultura é uma dimensão do processo social, do fortalecimento das culturas locais e da vida de uma sociedade, que vem se acentuando diariamente, sobretudo com a internacionalização da economia e da cultura estabelecida ou não, por diversas partes do planeta.

A cultura para Cosgrove (1998) é como um conjunto de práticas compartilhadas comuns a um grupo social, transmitida através de gerações. A este respeito, cabe-nos ressaltar que a cultura local, no caso da Tríplice Fronteira penaliza o problema do hibridismo cultural e socioeconômico, refletida no fluxo de mercadorias e pessoas, intensificado no final do século XX e início do XXI.

Ainda, considerando como significativo o percentual de respostas, 35,37% dos estudantes de Ciudad del Este, consideraram o turismo como “conhecer novos lugares”, possibilidade daqueles com condições econômicas e financeiras suficientes para tal finalidade.

Como “atividade lucrativa e de lazer” os esteños frisaram em 6,12%, contra 4,76% como “forma de lazer” e apenas 2,72% somente o consideraram como “atividades para fins lucrativos”.

Evidenciou-se, portanto, que o turismo para os estudantes da TF é concebido no viés das diversidades, principalmente, o cultural, em face da multiculturalidade presente na região da fronteira, com seus costumes, hábitos e interações possíveis.

É oportuno salientar que o turismo na TF se reflete de acordo com a lógica capitalista da economia. Aos residentes manifesta-se a apreensão da multiculturalidade presentes nas zonas de fronteira, especialmente entre iguacenses e esteños, em detrimento a aculturação mais enfática em suas cidades, Puerto Iguazú e Ciudad del Este.

No caso dos iguaçuenses, a compreensão pela busca por novos lugares se define pela presença em maior número de atrativos turísticos, que, como já visto, é amplamente visitado por turistas de diferentes nacionalidades e de todas as partes do mundo. Confere-se também que o entendimento do turismo está de acordo com o que a OMT e demais autores supracitados referendam sobre o fenômeno elencado.

Seguindo a sequência dos questionários, passa-se para a análise da fronteira. O ambiente geográfico em estudo – a TF, formada pelas cidades gêmeas de Puerto Iguazú, Foz do Iguazu e Ciudad del Este, requerem ampla integração e aproximação entre suas Nações, em âmbito social, cultural, econômica, política e ambiental retratadas pelas fronteiras.

Ao se tratar de cidades de fronteira, a segunda questão, Tabela 4, teve como intenção inquirir aos estudantes sobre “qual o entendimento que possuem a respeito da fronteira”. Haverá compreensão por parte dos estudantes, da importância, da influência que a fronteira estabelece entre os territórios, e, neste caso, entre as cidades em estudo?

Tabela 4. A fronteira para estudantes da Tríplice Fronteira.

Respostas	Puerto Iguazú	%	Foz do Iguazu	%	Ciudad del Este	%
Limite territorial entre dois lugares	46	52,87	34	18,68	50	34,01
Divisa entre dois lugares (cidades, regiões, países)	23	26,43	86	47,25	38	25,85
Lugar de encontro entre países	12	13,8	45	24,73	36	24,50
Problemas sociais, econômicos	0	0	5	2,74	0	0
Partilha de culturas, línguas, economia	6	6,90	9	4,95	23	15,64
Não respondeu	0	0	3	1,65	0	0
Total	87		182		147	

Tabela 4 – A fronteira para estudantes da Tríplice Fronteira.

Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2013.

Org: BERTIN, M., 2014.

Entre as definições elencadas na referida tabela, a que mais foi enfatizada em Puerto Iguazú, com 52,87%, considerou a fronteira como “limite territorial entre dois lugares”. No que se refere ao limite territorial, salientou-se os países que se encontram separados por rios, pontes e diferentes zonas ou portos aduaneiros. Já

os lugares são conferidos por dois ou mais territórios distintos, concebidos por países.

No entanto, é válido lembrar que destas variadas concepções quanto à fronteira, reserva-nos a conceituação estabelecida pela Divisão de Fronteiras do Itamaraty²⁷ que define fronteira como termo genérico, relativo a uma região ou faixa de território abrangente; e limite, por sua vez, como termo exato cuja concepção linear define precisamente o terreno.

Ficou evidente nas respostas que as diferentes formas de classificar a fronteira não deixaram para trás as categorias típicas, entre elas as que são determinadas por elementos da Natureza, no qual se destaca os naturais (limitadas por acidentes naturais, rios, montanhas, lagos, desertos e mar), tipologia referendada por Mattos (1990).

A “divisa entre dois lugares” foi expressa em 26,43% dos casos, o que denota o conceito de divisa, que nos remete aos termos de limites e fronteiras.

Não menos importante, com 13,80% e 6,90%, respectivamente, a fronteira como “lugar de encontro entre países” e “partilha de culturas, línguas, economia”. A primeira, em alguns casos referendados por um marco ou obelisco que tem a função de demarcar um território. A segunda desmistifica a diversidade cultural e a integração social existente na fronteira.

Para os jovens de Foz do Iguaçu, 47,25% compreendem a fronteira como a “divisa entre dois lugares (cidades, regiões, países)”. Fica a compreensão de divisa como uma linha imaginária que divide, separam duas terras, terrenos e como se destacou as cidades, as regiões e principalmente os países, remete-nos o entendimento do termo Limite Internacional²⁸, o qual delimita espaços mutuamente excludentes e define o perímetro máximo de controle soberano exercido por um Estado Central/Nação.

Dentre as respostas, “lugar de encontro entre países” sobressaiu-se em 24,73%, da mesma forma que os estudantes iguacenses, os iguaçuenses também destacaram o símbolo marco/obelisco como referência ao lugar de encontro. Da

²⁷ Disponível em: <<http://www2.mre.gov.br/daa/df.html#item02>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

²⁸ Vide capítulo 2, página 39.

mesma forma, os estudantes argentinos e brasileiros representaram em seus mapas mentais o Marco das Três Fronteiras, ponto turístico da região.

A resposta “limite territorial entre dois lugares” no caso dos iguaçuenses esteve em 18,68% de entendimento de fronteira.

Embora tenham se destacado com maiores percentuais as três respostas acima comentadas, em Foz do Iguaçu a “partilha de culturas, línguas, economia” e “problemas sociais, econômicos” com 4,95% e 2,74%, na devida ordem, não podem ser desconsiderados ao aludirem quesitos emblemáticos da fronteira. O multiculturalismo presente e sua influência no modo de vida das pessoas, como também os problemas gerados pelas assimetrias e particularidades locais são referendadas nas representações dos estudantes. Por sua vez, do total dos entrevistados, 1,65% não responderam ao questionamento.

Em Ciudad del Este, 34,01% dos sujeitos entendem a fronteira como o “limite territorial entre dois lugares”. Nesta questão, o entendimento de fronteira obteve respostas com percentuais mais próximos, evidenciando a primeira resposta, a exemplo de Puerto Iguazú.

A fronteira como “limite territorial entre dois lugares” obteve 34,01%, contra 25,85% daqueles que a destacaram como a “divisa entre dois lugares” e, ainda, com 24,5% a fronteira como “lugar de encontro entre países”. A “partilha de culturas, línguas, economia”, igualmente foi retratada com 15,64% dos esteños. Estes dados demonstram o quanto os esteños não visualizam a fronteira apenas como um limite internacional. Entretanto, representam a dinamicidade que as mesmas refletem às distintas nações inter-relacionadas.

De acordo com as informações contidas na Tabela 4, pode-se inferir a falta de conhecimento sobre conceitos geográficos como de fronteira, limite, divisa, território, lugar e espaço.

Na questão três, teve-se como intuito averiguar todo tipo de informações que fosse de conhecimento dos alunos da área em estudo. A partir das respostas tornou-se possível esclarecer o caminho para o entendimento sobre a TF.

Neste sentido, a Tabela 5 elucida as características expostas pelos sujeitos da pesquisa do que seria mais relevante de sua realidade.

Tabela 5. Informações sobre a Tríplice Fronteira.

Respostas	Puerto Iguazú	%	Foz do Iguazu	%	Ciudad del Este	%
Cidades e atrativos turísticos	36	41,38	74	40,66	23	15,66
Narco tráfico/contrabando	10	11,5	17	9,34	2	1,36
Zona de fronteira e de movimento	17	19,54	32	17,59	32	21,77
Relações e inter-relações comerciais	13	14,94	31	17,03	60	40,81
Contrastes culturais	6	6,9	17	9,34	12	8,16
Não respondeu	5	5,74	11	6,04	18	12,24
Total	87		182		147	

Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2013.

Org: BERTIN, M., 2014.

Tanto em Puerto Iguazú, como em Foz do Iguazu, 41,38% e 40,66% respectivamente, os alunos relataram nos questionários que a TF é concebida como “cidades turísticas, repletas de atrativos”, naturais e artificiais.

Para ambas as cidades, cheias de particularidades, assimetrias e idiosincrasias, a presença de atrativos²⁹ turísticos partilhados – a exemplo das Cataratas do Iguazu –, e, ainda, os símbolos físicos como pontes, no caso a Tancredo Neves, também, denominada de ponte da Fraternidade, o marco da fronteira, os rios³⁰ Iguazu e Paraná, as aduanas, sendo que a da Argentina é considerada mais estrita com relação ao fluxo de pessoas³¹ e mercadorias.

Cabe salientar que o percentual atribuído as cidades turísticas repletas de atrativos é oportuno, uma vez que os maiores contingentes de turistas visitam o lado brasileiro e argentino e, por extensão, a zona franca paraguaia – Ciudad del Este.

Diferentemente do que foi exposto, Ciudad del Este é concebida por argentinos e brasileiros como uma cidade comercial, de atração de preços, de grande movimento próximo da ponte da Amizade, tendo como consequência o aparecimento de ambientes sujos/insalubres. Em se tratando da existência dos

²⁹ Vide definição no capítulo 2, página 29.

³⁰ A abundância das águas superficiais na região da Tríplice Fronteira foi amplamente mencionada como uma riqueza natural da fronteira. Por outro lado, a presença em subsolo do Sistema Aquífero Guarani não foi relacionada em nenhuma das respostas do total das entrevistas.

³¹ Na cabeceira da ponte da Fraternidade o fluxo de pessoas só é possível com a presença de um documento de identidade reconhecido pelas autoridades argentinas.

ambientes próximos às pontes, são considerados imundos/sujos e perigosos³², apesar de verificarem que há facilidade em transitá-los.

Vale ressaltar que de Puerto Iguazú até suas vizinhas fronteiriças³³ a distância é considerável, a ponto de haver uma área não urbanizada antes de chegar à Ponte Tancredo Neves (da Fraternidade). Dinâmica oposta tem a ponte da Amizade que conecta duas áreas urbanas intensamente interligadas, mas com determinadas particularidades que as fazem distinguir quanto sua dinâmica comercial.

Em Ciudad del Este, ao passar a ponte, tem-se o “centro comercial da cidade, área de concentração de serviços privados e principais órgãos públicos” (RABOSI, 2011, p.46). Por outro lado, em Foz do Iguaçu a área próxima à ponte é periférica dentro da cidade, não concentrando a maior quantidade de serviços, como o centro comercial principal.

Como “zona de fronteira e de movimento” também recebe destaque nas respostas dos alunos com 19,54% (Puerto Iguazú), 17,59% (Foz do Iguaçu) e 21,77% (Ciudad del Este). Os jovens escolares possuem a noção de que suas cidades estão localizadas em uma Zona de Fronteira³⁴ de amplo deslocamento/fluxo transfronteiriço, menos estritos em uns e mais em outra.

No caso de Ciudad del Este, 40,81% dos estudantes salientaram a importância da TF pelas “relações e inter-relações comerciais” que ela propicia e por ser um lugar de movimentos intensos, ao passo que iguacenses e iguaçuenses mencionaram, respectivamente, 14,94% e 17,03%.

Concebida como polo comercial de importação e exportação, preferencialmente ao mercado brasileiro, Ciudad del Este vê sua população dedicada ao trabalho informal, como vendedores ambulantes e motoristas de Vans que vivem/dependem do turismo. Uma minoria da população está ocupada em

³² Ambiente perigoso gerado pela violência ocasionado /atribuído pelo desemprego e pobreza. Entre as atribuições do desemprego pode-se dizer que aumenta a desocupação face a intensificação dos controles aduaneiro principalmente na ponte da Amizade. Da mesma forma, a falta de qualificação profissional, faz com que inúmeros postos de trabalho, no caso dos dois lados da fronteira (brasileiro e paraguaio) não sejam preenchidos pela escassez de mão de obra qualificada e pessoas de pouca instrução.

³³ Foz do Iguaçu - BR e Ciudad del Este – PY.

³⁴ Vide definição no capítulo 2, página 41.

setores estatais que estão concentradas no centro comercial da cidade ou, até mesmo, trabalhadores da Usina Binacional de Itaipu.

Para piorar a situação, os tempos fartos³⁵ existentes nas duas últimas décadas do século XX na TF, e que não existem mais, têm minimizado o turismo dos estrangeiros, como também dos sacoleiros que usufruíam e, em menor escala, usufruem hoje do turismo de compra, atividade esta que se depara com certa instabilidade da flutuação cambial³⁶, intensificando a crise/redução neste setor.

Em consequência, desperta a pobreza, o narcotráfico, o contrabando e a delinquência muito presentes não só em Ciudad del Este, como nas demais cidades da TF e que foram representadas nos mapas mentais da última pergunta da entrevista.

Entretanto, o processo de relação e inter-relação comercial imaginada/verificada pelos alunos paraguaios faz-nos lembrar do processo globalizador de escala local, instituída na década de 1990, o MERCOSUL, pensado para fortalecer a integração regional do Cone Sul. Porém, cabe frisar que a integração acaba fortalecida regionalmente e não no âmbito local, o que de certo modo enfraquece a integração fronteiriça.

Para os entrevistados em Ciudad del Este, a integração é reconhecida e mais fortalecida mediante as relações comerciais estabelecidas entre Ciudad del Este e Foz do Iguaçu, da mesma forma que as relações culturais e sociais.

Esse espaço fronteiriço de inter-relações locais, de cotidianos que constroem o presente, que se evade de políticas impostas, realiza construções comuns e específicas.

As atividades produtivas locais, de compras, geradas pelo turismo, no caso da cidade paraguaia, são fundamentais na organização espacial e, em particular, do seu espaço urbano.

³⁵ A conotação de tempos fartos refere-se ao período compreendido entre as décadas de 1980 até meados de 1990, diferente da situação nacional que foi de grande recessão econômica. Na TF e especialmente em Foz do Iguaçu, é considerado o período de maiores ganhos econômicos para a população.

³⁶ A flutuação cambial refere-se às mudanças econômicas que interferem no valor das moedas existentes e dominantes na Tríplice Fronteira (dólar, real, peso argentino e guarani) que se alteram conforme as políticas econômicas mundiais.

Neste sentido, pode-se imaginar que estes dois lugares (Foz do Iguaçu e Ciudad del Este) representam um verdadeiro laboratório de observação de um cotidiano de convivência com o outro, diferentes e próximos ao mesmo tempo, evidenciadas em 8,16% e 9,34% por esteños e iguaçuenses, respectivamente, no que se refere aos “contrastes culturais” dessas duas nações.

Outra característica representada na Tabela 5, como também nos mapas mentais, tem-se o “narcotráfico e o contrabando”, conforme se visualiza na Figura 7.

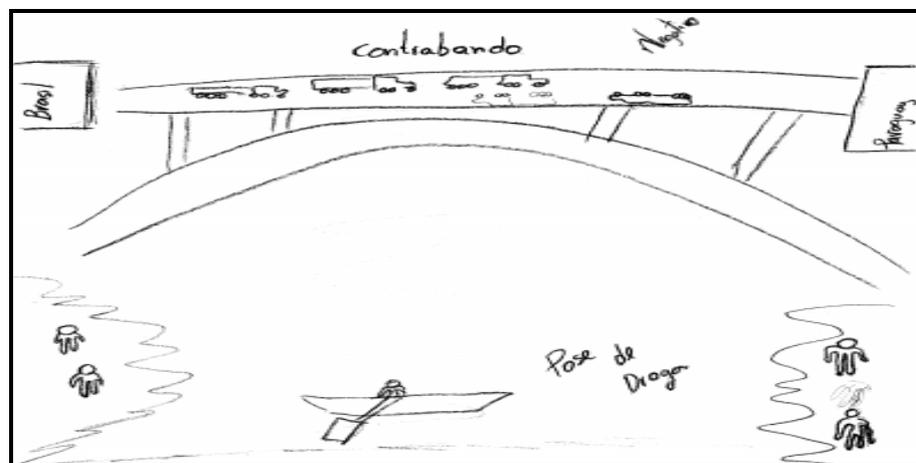


Figura 7 – Contrabando

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Colegio Sagrada Familia de Nazaré/PY, 2013.

Tanto iguacenses como iguaçuenses, possuem 11,5% e 9,34% de ciência dos problemas gerados por tais atividades, visto que ambos constituem-se em centros receptores da clandestinidade/arbitrariedade. Por outro lado, Ciudad del Este, considerado centro propulsor e divergente de produtos com entrada ilegal nos demais países, só retrata 1,36% em suas respostas, estando em muitos casos, dependente da referida atividade ilícita.

Seguindo-se a lógica do questionário, a próxima questão solicitada refere-se à “importância em conhecer os atrativos turísticos na Tríplice Fronteira”. Os dados estão expressos na Tabela 6.

Tabela 6. Importância em conhecer os atrativos turísticos da Tríplice Fronteira.

Respostas	Puerto Iguazú	%	Foz do Iguazu	%	Ciudad del Este	%
Saber informar o turista quando solicitado	14	16,1	19	10,45	4	2,72
Conhecimento, cultura, história e costumes	37	42,53	94	51,64	110	74,84
Valorização econômica das cidades	10	11,49	12	6,6	10	6,8
Conhecer o patrimônio natural e artificial da cidade	25	28,73	41	22,52	20	13,6
Não considera importante	1	1,15	13	7,14	2	1,36
Não respondeu	0	0	3	1,65	1	0,68
Total	87		182		147	

Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2013.

Org: BERTIN, M., 2014.

Depreende-se dos dados os seguintes resultados: para os educandos de Puerto Iguazú, entende-se com 42,53% o “conhecimento, cultura, história e costumes”. Em segundo momento, com 28,73% em “conhecer o patrimônio natural e artificial da cidade”, não menos expressivo, 16,1% dos educandos expressam “saber informar o turista quando solicitado.” Houve outras respostas a ressaltar como de 11,49% uma “valorização econômica das cidades” e, por último, com 1,15% “não considera importante” em conhecer os atrativos da TF.

O mesmo fenômeno de respostas ocorre nos educandos de Foz do Iguazu, com um leve acréscimo constando de 51,64% em “conhecimento, cultura, história e costumes”. A segunda resposta com maior expressão de 22,52% em “conhecer o patrimônio natural e artificial da cidade” e, em terceiro, com 10,45% “saber informar o turista quando solicitado”. Num quarto momento, observou um equilíbrio entre as respostas com 7,14% e 6,6%, respectivamente, “não considera importante” e “valorização econômica das cidades”.

Pelos educandos de Ciudad del Este, destacou-se em 74,84% o “conhecimento, cultura, história e costumes”. Em segundo lugar, 13,60% responderam “conhecer o patrimônio natural e artificial da cidade”. Em terceiro, 6,8% responderam a “valorização econômica das cidades”. Por último, não menos expressivo com 2,72% e 1,36%, respectivamente, “saber informar o turista quando solicitado” e “não considera importante”.

Quais as razões ou lógicas que explicam aos estudantes de Ciudad del Este expressarem maior índice 74,84%, Foz do Iguazu com 51,64% e Puerto Iguazú com

42,53% para “conhecimento, cultura, história e costumes” na Tríplice Fronteira? A Figura 8 mostra um pouco da integração social e diversidade cultural.



Figura 8 – Integração social e diversidade cultural
Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colegio Atanasio Riera/PY, 2013.

A fronteira é um espaço dinâmico, um lugar em que as diferenças têm encontro marcado. Diferenças entre o conhecimento acerca da cultura, das diversidades de costumes e histórias singulares de cada povo. Neste sentido, a TF exterioriza a multiculturalidade abundante, e isso faz com que seus hábitos e costumes sejam assimilados pelas populações que constantemente interagem, sejam eles pelos fluxos contínuos de pessoas face ao comércio local, como daqueles que vivem/residem nesta fronteira.

Durante a aplicação dos questionários, pode-se perceber que em Ciudad del Este e, especificamente, para os estudantes, as questões históricas e culturais são base de preocupações constantes. As configurações espaciais do que é hoje o território do Paraguai, os conflitos³⁷ entre as nações da TF, refletiram-se nas respostas dos jovens escolares esteños.

Da mesma forma, demonstrou-se a preocupação e, sobretudo, a valorização de seus conhecimentos, da sua constituição histórica e, por consequência, o orgulho dos hábitos e costumes da cultura local, resgatando assim, a autoestima da população.

Para os estudantes de Ciudad del Este, como para uma grande massa com resultados mais expressivos, deter conhecimento do ambiente de vivência, a sua

³⁷ O conflito a que nos referimos é a da Guerra da Tríplice Aliança (Argentina, Brasil e Grã-Bretanha).

história e interagir com as diversas culturas e etnias é importante em uma região transfronteiriça, marcada sob uma economia alicerçada no turismo e no comércio.

Assim, o que faz entender os estudantes de Puerto Iguazú, Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, respectivamente, contemplarem dados com 28,73%, 22,52% e 13,6% ao terem como importância “conhecer o patrimônio natural e artificial da cidade”?

As cidades gêmeas³⁸ da TF compartilham entre si, ambientes naturais e artificiais. De um lado, Brasil e Argentina, com a presença das Cataratas do Iguaçu, que recebem anualmente milhares de turistas e visitantes, concebida como um patrimônio/atrativo natural. De outro, Brasil e Paraguai, com a maior Usina Hidrelétrica do mundo em produção energética, a Itaipu Binacional, um atrativo cultural/artificial. Figura 9.

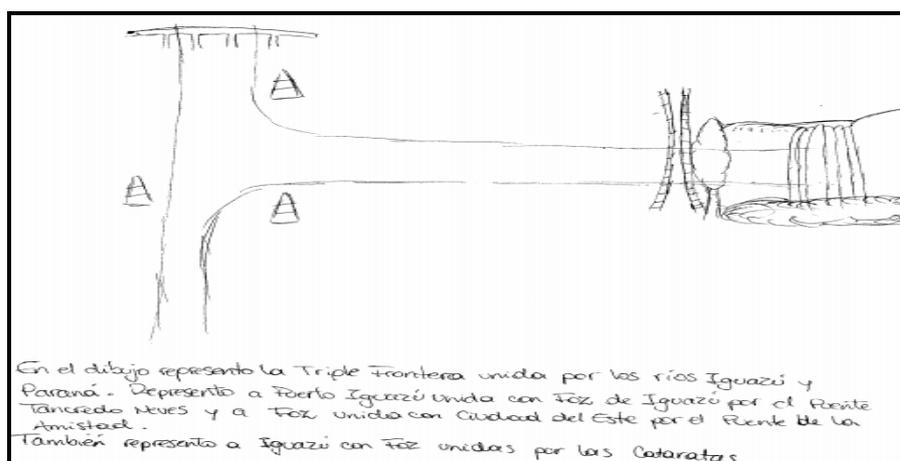


Figura 9 – Conjunto de atrativos.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Instituto Sagrada Família/AR, 2013.

Em ambos os lados da margem, cada um desses ambientes promove atividades educacionais de preservação ao ambiente, ou seja, de educação ambiental, como é o caso na margem brasileira do Ecomuseu da Itaipu, o Refúgio Biológico, e na margem paraguaia o Refúgio Biológico Tati Yupi, relevantes práticas

³⁸ Disponível em: <<http://www.integracao.gov.br/cartilha-pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2014. As cidades gêmeas “são adensamentos populacionais cortados pela linha de fronteira, seja esta seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura, que apresentam grande potencial de integração econômica e cultural, assim como manifestações ‘condensadas’ dos problemas característicos da fronteira, que aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania” (p.30).

para os dias atuais. Reconhece-se, então, a importância da presença dos atrativos turísticos, sejam eles compartilhados ou não, para fins educacionais.

A presença de atrativos naturais e culturais remete-nos ao entendimento que existam semelhanças em certas características. Por isso, na quinta questão, ao indagar os estudantes se a TF apresenta características que considerassem semelhantes, das quais podemos citar as “ambientais”, as “culturais”, as “econômicas”, as “políticas” e as “sociais”, teve-se por intenção auferir e confrontar os conhecimentos alicerçados de suas experiências e percepções da região fronteira, e adquiridas ao longo dos processos de ensino e de aprendizagem, em especial, as contribuições da ciência geográfica.

Como jovens escolares, pertencentes a uma faixa etária em pleno período de desenvolvimento, possuiriam as experiências e percepções necessárias para clarear a indagação realizada a eles na entrevista? Nesta questão número cinco, busca-se esclarecer a concepção/entendimento/percepção de possíveis semelhanças do que vem a ser o ambiente, a cultura, a economia, a política e a sociedade para os estudantes das mais variadas classes sociais a que se destinaram às entrevistas.

A partir destas características imprescindíveis em um território, tornar-se-á o embasamento de alguns conhecimentos geográficos importantes a todo cidadão que almeja por uma cidadania justa e igualitária, uma vez que, ao final do ensino médio, espera-se que o educando tenha ampliado as possibilidades de um conhecimento estruturado e mediado pela escola, conduzindo-o à autonomia necessária para transformá-lo em indivíduo comprometido e em pleno exercício da cidadania.

Após a análise dos 416 questionários, distribuídas nas três unidades administrativas a que pertencem a Tríplice Fronteira, realizou-se conclusões parciais. Desta forma, mais de uma característica foi citada em apenas uma resposta. Neste sentido, ultrapassou-se o total geral de respostas de cada cidade, face a percepção retratadas pelos estudantes, conforme a Tabela 7.

Tabela 7. Presença de características semelhantes na Tríplice Fronteira.

Respostas	Puerto Iguazú	%	Foz do Iguazu	%	Ciudad del Este	%
Ambientais	55	29,43	72	27,70	39	15,35
Culturais	43	23	41	15,77	34	13,38
Econômicas	39	20,85	55	21,15	56	22,08
Políticas	16	8,55	19	7,3	44	17,32
Sociais	27	14,43	25	9,61	36	14,17
Não há semelhanças	7	3,74	41	15,77	40	15,74
Não respondeu	0	0	7	2,70	5	1,96
Soma Total	187		260		254	
Total de alunos	87		182		147	

Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2013.

Org: BERTIN, M., 2014.

Como ilustra a tabela 7, as características ambientais, culturais e econômicas apresentaram maior alusão na soma total entre os alunos da região fronteiriça. Entre as semelhanças indicadas, Puerto Iguazú e Foz do Iguazu citaram, respectivamente, um quantitativo de 29,43% e 27,7% de respostas para a característica ambiental.

Em Puerto Iguazú o cultural e o econômico, sucedem com 23% e 20,85% respectivamente. As questões sociais e políticas também merecem destaque com um grau de respostas com 14,43% e 8,55% nesta ordem. Ainda, com 3,74% das indicações, não menos importante, que “não há semelhanças” entre as cidades.

No que diz respeito à Foz do Iguazu, vem ao oposto de Puerto Iguazu, em Foz inverte-se a ordem econômica com 21,15% e cultural com 15,77% das respostas. Da mesma forma que o cultural, os estudantes discriminaram em 15,77% menções que “não há semelhanças” entre as cidades, considerando as características especificadas na tabela. Os caracteres sociais e políticos aparecem, respectivamente, com 9,61% e 7,3% de respostas e, por último, não desconsiderando, 2,7% de questões “não respondidas”.

Em Ciudad del Este, constatou-se a existência de proximidade/equilíbrio entre as características, possuindo evidência à alternativa que os alunos mencionaram que “não há semelhanças” entre as cidades da TF, destacando-se como a terceira resposta com maior indicação: 15,74%, precedida por econômica 22,08% e política 17,32%. Os caracteres ambientais, sociais, culturais e “não respondeu” tiveram menção em 15,35%, 14,17%, 13,38% e 1,96% na correspondente ordem.

Mas o que os estudantes quiseram demonstrar com estas respostas? Qual o significado de cada característica para estes jovens concluintes de uma etapa da educação básica em seus países?

Para os estudantes iguacenses, iguaçuenses e esteños, no que se refere ao quesito/item “ambiental” o seu significado/definição imediato(a) foi o meio em que se vive que, por sua vez, esteve relacionado à proximidade dos lugares (ignorando o limite fronteiriço), aqui entendido como as cidades, a presença dos recursos naturais como a flora e a fauna, os rios que os dividem, no caso o rio Paraná³⁹, a semelhança nas temperaturas (de clima úmido e caloroso/quente).

Outro aspecto relacionado foi quanto à preservação e limpeza dos ambientes urbanos/cidade. Neste caso, os estudantes de Puerto Iguazú e Ciudad del Este declaram/afirmam que os cuidados em Foz do Iguaçu são mais evidentes na cidade, que a seu ver são oriundas de maior organização/planejamento dos órgãos públicos competentes.

De fato, na cidade brasileira houve uma significativa melhora quanto à preocupação e manutenção da limpeza, particularmente, na porção central. Igualmente, a localização dos atrativos turísticos em áreas periféricas faz com que sejam minimizados os problemas, entre eles, dos resíduos sólidos.

Por outro lado, argentinos e brasileiros e, até mesmo, os paraguaios demonstram a insatisfação quanto à/ao sujeira/lixo deixado pelos turistas em Ciudad del Este.

Vale salientar que é de consenso dos estudantes que a sujeira e o lixo deixados no centro comercial de Ciudad del Este são retirados a cada final de dia por funcionários da prefeitura local. É fato esta afirmação, pois como própria experiência da pesquisadora, por já ter sido moradora da região fronteiriça, demonstra que após o expediente das vendas inicia-se a limpeza da cidade.

Para exemplificar, algumas das respostas dos alunos da TF:

³⁹ A jusante, exatamente onde foi formado o reservatório de Itaipu, passa a demarcar a fronteira entre Brasil e Paraguai, numa extensão de 190 km até a foz do rio Iguaçu. O rio Paraná, a partir da foz do rio Iguaçu, passa a ser o limite natural entre Argentina e Paraguai. Disponível em:<<http://www.itaipu.gov.br/energia/rio-parana>>. Acesso em: 31 jan. 2014.

no, por el lado brasileño no es tan suyo y demorados cuanto
 o lado argentino y paraguayo, más o menos para dos puntos más
 para dentro dos lados de frontera y una ciudad normal.

Fonte: Questionário aplicado no Colégio Ulysses Guimarães, Foz do Iguaçu. Aluno de 17 anos, 2013.

Las características ambientales varían un poco en las ciudades de la ciudad, en
 la cultura tenemos en Paraguay y más y teneré los brasileños no los se
 pero si los que de Argentina. En la parte económica hay más pobre
 za en Ciudad del Este que en Foz y Foz de Iguaçu en la política hay mucha
 corrupción y en lo social, tenemos en narcotráfico, hooligans, etc.

Fonte: Questionário aplicado no Colegio Nacioal EMD Atanasio Riera da Área 1, Ciudad del Este.
 Aluno de 17 anos, 2013.

En lo ambiental no tengo conocimiento en cuanto a Foz de Iguaçu y
 y se que en C.D.E. la municipalidad trata de limpiar la ciudad pero las
 personas no ayudan y enúan constantemente, en cuanto a Foz veo que es una
 ciudad muy limpia... En lo económico y en lo social creo que es un poco semejante
 por la pobreza que hay así también como la violencia en la sociedad y en lo
 político no tengo conocimientos. ÷

Fonte: Questionário aplicado no Colegio Nacioal EMD Atanasio Riera da Área 1, Ciudad del Este.
 Aluno de 17 anos, 2013.

Si, en lo ambiental comparten algunos lugares turísticos, pero
 en el mantenimiento del medio ambiente Ciudad del Este es el muy
 eficaz en el saneamiento, en la limpieza y mantenimiento del medio
 en lo económico, las tres ciudades tienen un alto crecimiento económico en
 los negocios, ya que son puntos vitales por los turistas. En lo social, las
 ciudades tienen pobreza en un gran porcentaje. Y en la política, el gobierno maneja sus
 temas diferentes.

Fonte: Questionário aplicado no Colegio Nacioal EMD Atanasio Riera da Área 1, Ciudad del Este.
 Aluno de 16 anos, 2013.

No, en Ciudad del Este puedes tirar basura donde sea, en Foz y
 Foz de Iguaçu está prohibido. La cultura es muy diferente, en lo
 económico Paraguay produce y vende más caro por lo cual los ciudadanos
 buscan un mejor precio en las fronteras. En C.D.E. los políticos son corruptos
 en la frontera creo que no y en lo social también son diferentes.

Fonte: Questionário aplicado no Colegio San Francisco de Asis, Ciudad del Este. Aluna de 17 anos,
 2013.

Ainda em relação ao ambiente, a presença dos atrativos turísticos, que ora
 são compartilhados entre as cidades, como as Cataratas do Iguaçu entre Puerto
 Iguazú e Foz do Iguaçu, a Usina Hidrelétrica da Itaipu Binacional entre Foz do
 Iguaçu e Ciudad del Este. Estes atrativos condizem com grande capacidade de
 absorção da mão de obra qualificada local, também enfatizado pelos estudantes.

Sim - Países maciços (Brasil/Argentina) e Itaipu (Paraguai/Brasil).
 Sociais - Os 3 países possuem uma situação semelhante de uma minoria de alta renda e uma boa parte em nível social muito baixo. A parte de infraestrutura nos 3 países é muito semelhante e com diversas precariedades.

Fonte: Questionário aplicado no Colégio Bertoni, Foz do Iguaçu. Aluno de 18 anos, 2013.

Algumas. Por exemplo, no Brasil e no Paraguai "dividem" a Itaipu, a Argentina e o Brasil tem um viés catáratas, o Paraguai e Argentina entram muitas vezes comércios, etc.....

Fonte: Questionário aplicado no Colégio Ulysses Guimarães, Foz do Iguaçu. Aluna de 17 anos, 2013.

Entre os atrativos naturais e culturais mais citados se podem elencar:

- Puerto Iguazú: as Cataratas, o Marco das Três Fronteiras, a feira artesanal que está localizada no complexo de La Aripuca, a feirinha (produtos alimentícios como queijos, azeitonas, alfajores, além de uma variedade de vinhos), o Museu de Imagens da Selva, o Museu Mbororé e o Centro de resgate da fauna silvestre, Guira-Oga.

- Foz do Iguaçu: as Cataratas, a Itaipu Binacional, o Refúgio Biológico, o Ecomuseu, o Parque das Aves, o Marco das Três Fronteiras e o Bosque Guarani.

ambientes, cataratas, refugio Biológico, cultura ecomuseu,

Fonte: Questionário aplicado no Colégio Jorge Schimmelpfeng, Foz do Iguaçu. Aluno de 18 anos, 2013.

- Ciudad del Este: a Itaipu Binacional, o Centro Comercial, os Saltos del Monday (um conjunto de três quedas com 40 metros de altura), além da Reserva Biológica Tati Yupi.

Si existen, y en Paraguay Tbm hay ambientes que son importantes conocer, como el itaipu, yasyeta, son imprescindible conocer para conocimiento para el futuro.

Fonte: Questionário aplicado no Colegio Medalla Milagrosa, Ciudad del Este. Aluna de 18 anos, 2013.

Os estudantes ainda salientaram que os atrativos mais procurados são os localizados no lado brasileiro, em comparação aos do argentino e paraguaio.

Na característica ambiental enfatiza-se o nível de compreensão dos estudantes ao identificar que os sujeitos da pesquisa, percebem os impasses, as

contradições e as transformações presentes no seu lugar, o que mostra a relevância de conhecer e representar o seu espaço de vivência.

O aspecto “cultural” é outro fenômeno que demonstrou respostas condizentes com a realidade local. A TF é uma região de grande concentração multicultural, diversas origens convivendo num mesmo espaço, em constante interação e intercâmbio. Há que esclarecer que a diversidade de origens/culturas, faz com que aconteça com maior ou menor grau a hibridização cultural dos residentes locais.

Mesmo que se constituam em culturas distintas, o convívio entre elas, ancoradas pelos processos migratórios temporários na região de fronteira, faz com que haja uma nítida e considerável a agregação de identidade da cultura local pelas novas gerações.

É importante destacar que “quando a cultura local tem um bom nível de solidez é porque há padrões de organizações sociais definidos” (CORIOLANO, 2001, p. 43), minimizando para que a cultura local não sofra com a hibridização significativas na sua identidade.

Entretanto, perda ou descaso, concebida pela nesta tese como hibridização com a cultura e de sua identidade, foi uma das respostas mais reforçadas/frisadas entre os jovens da TF, especialmente os de Puerto Iguazu e Ciudad de Leste.

A esse respeito, Ciudad del Este vem investindo em seu sistema educacional na inclusão e obrigatoriedade da língua Guarani, como uma garantia que as novas e futuras gerações não abandonem a sua origem/língua nativa. É interessante que nos próprios questionamentos foram expostos, em alguns casos, palavras em Guarani para reforçar uma ideia. Para sua interpretação, recorreu-se a amigos paraguaios como forma de compreender e relacionar ao que estava escrito.

Diante do exposto, não podemos esquecer que as fronteiras são dinâmicas, as nacionalidades se fundem e se misturam as culturas (MACAGNO, 2011, p.14). Neste contexto, o que se abstraiu das respostas elencadas entre as de maior destaque foi a mistura das línguas, no que diz respeito ao portunhol, linguagem utilizada para facilitar o intercambio entre as cidades, até no que diz respeito à qualificação profissional, possuindo Foz do Iguazu maior expressão em cursos superiores em comparação as demais cidades.

Outra peculiaridade cultural está relacionada ao fator alimentício e de bebidas. No caso específico das bebidas, o uso comum do “tereré” ou mate entre as culturas locais foi demasiadamente citado.

Sim, muitas vezes trazido por imigrantes como se tiverê e se narquilha.

Fonte: Questionário aplicado no Colégio Flávio Warken, Foz do Iguaçu. Aluna de 17 anos, 2013.

As inter-relações entre as áreas comerciais conectadas pelas pontes da Amizade (Brasil/Paraguai) e Fraternidade (Brasil/Argentina), a primeira com maior intensidade que a segunda, ou seja, com dinâmicas diversas, revela um fluxo (em função de diferentes motivações ou condicionadas pelo sistema produtivo), um movimento constante entre os limites internacionais, que pode parecer como bem destaca Rabosi (2011) uma abstração em um espaço urbano contínuo. Dito isto, a abstração espacial transfronteiriça faz convergir costumes, hábitos referentes às populações locais.

Em Puerto Iguaçu, vale apontar a presença mais intensa dos iguaçuenses que atravessam a ponte para comprar queijos, salames, azeitonas, azeites, principalmente na feirinha da Avenida Brasil, como também aproveitam os preços mais baratos dos combustíveis.

Do lado paraguaio, o centro comercial de Ciudad del Este, com sua oferta de produtos importados de diversas parte do mundo, tornando a produção e destinação alimentícia com valores onerosos à população mais carente local. Neste sentido, há a travessia diária de pessoas com produtos alimentícios provenientes do lado brasileiro, dos bairros⁴⁰ de Vila Portes e Jardim Jupira para Ciudad del Este.

O atributo “econômico”, segundo fenômeno mais elencado entre as respostas, revelou a importância que a interação comercial perfaz na TF, apesar de suas economias distintas e moedas de diferentes valorizações. Aqui, faz-se necessário fazer menção ao fator histórico de interesses e parcerias econômicas bilaterais, como foi o caso da ponte Internacional da Amizade, construída para facilitar o fluxo/escoamento de produtos agrícolas do Paraguai até os portos brasileiros.

⁴⁰ Nas duas últimas décadas do século XX, tanto Vila Portes como Jardim Jupira concentravam a área de exportação em Foz do Iguaçu. Pode-se dizer que na contemporaneidade, mais de 95 % deste comércio fechou as portas em função dos planos econômicos vigentes em meados da década de 1990.

Com a construção da ponte (1959 a 1965), houve a necessidade de se construir uma cidade do lado oriental do Paraguai, as margens do rio Paraná, inicialmente denominada de Puerto Flor de Lis (03/02/1957), logo após passando a se chamar de Ciudad Presidente Stroessner e, em 1989, de Ciudad del Este. A partir da ponte e, posteriormente, com outro acordo bilateral na década de 1970, a construção da Usina Binacional de Itaipu alicerçou/consolidou cada vez mais o crescimento comercial da cidade paraguaia.

Estes dois acordos entre Brasil e Paraguai foram primordiais para as economias de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este. Confrontam-se ciclos econômicos⁴¹ fundamentais ao desenvolvimento de Foz do Iguaçu, refletindo indiretamente na cidade paraguaia.

Muitos fatores contribuíram para que a economia da TF desfrutasse do crescimento do seu comércio, e aquele de maior destaque foi e ainda é a economia turística – os atrativos turísticos –, que proporcionam ocupação/emprego para os que detêm qualificação condizente, como é o caso das Cataratas do Iguaçu, dos guias turísticos e da Usina Binacional de Itaipu.

A constituição de uma Zona Franca do lado paraguaio propiciou o comércio exportador/importador com produtos/mercadorias a custos bem mais baixos que do lado brasileiro e argentino. Isto fez com que a cidade passasse a receber milhares de turistas, potenciais compradores reforçando o turismo de compras diariamente, quer seja efetuando-as de forma legal ou ilegal.

A legalidade fez absorver um grande contingente de trabalhadores formais com seus direitos garantidos pelas legislações de cada país. No entanto, a ilegalidade promoveu a criação de uma leva de trabalhadores na informalidade, pessoas também denominadas de muambeiros/formiguinhas/laranjas que passam o dia indo e vindo com mercadorias para não serem legalizadas nas Aduanas. Estes

⁴¹ O primeiro, primariamente agrícola e com desenvolvimento do turístico inicial até a década de 1970. O segundo, na década de 1970, o ciclo da Itaipu Binacional, que proporcionou um acréscimo populacional em Foz de proporções gigantescas. O terceiro, a partir de 1980, o ciclo de compras de mercadorias ou dos sacoleiros, impulsionada pela cidade paraguaia de Ciudad del Este como importadora e revendedora de diversos artigos. Atualmente, ainda não vigora um novo ciclo nas entre as cidades afetadas, mas é perceptível, e isso foi demonstrado pelos alunos, os problemas conjunturais e estruturais resultantes deste fenômeno.

trabalhadores em sua maioria são pessoas entrando ou no início da fase adulta, que por diversos motivos deixaram de estudar para se dedicar a este fim/trabalho.

Requer atenção um dado exposto pelos estudantes de Ciudad del Este: pela discriminação sofrida pelos comerciantes estrangeiros em lhes proporcionarem emprego, muitos jovens paraguaios acabam como forma de sobrevivência partindo para a informalidade. E, ainda, os jovens do sexo masculino têm mais dificuldades de trabalhar no comércio que do sexo feminino.

Sobre este fato, reforço e amplio as colocações dos jovens esteños quanto à discriminação para trabalhar, especialmente, no comércio. De fato, em ampla maioria dos comerciantes em Ciudad del Este dava e, ainda, pode estar dando, prioridade a vendedores brasileiros, face a forma de atendimento por estes realizados, como destreza em mostrar as mercadorias, os produtos. Neste sentido, o despreparo, a falta de experiência por parte do jovem de Ciudad del Este, coincidia com a sua desvalorização enquanto mão de obra local.

Chamo a atenção para este detalhe/fato: não usufruindo de escolaridade e sem empregos, os jovens do sexo masculino tenderão a ser induzidos a trabalhos ilegais, como o narcotráfico, o contrabando e o tráfico. Fica evidente a vulnerabilidade desses sujeitos à criminalidade, violência que a zona de fronteira está submetida.

Destaca-se também a característica “política” diante das percepções que os estudantes demonstraram sobre este tema, no que diz respeito à esfera de integração do MERCOSUL, bloco econômico regional do Cone Sul que a Argentina, Brasil e Paraguai fazem parte. Ficou evidente o conhecimento aos que foram questionados possuem quanto à realidade deste bloco regional, com maior destaque às jovens escolares.

*Si presenta ya que existe gran influencia entre los mismos
Culturalmente por el idioma muchas veces mestizo
Economicas por el turismo y la división constante entre los mismos
Políticas por acuerdos diversos, MERCOSUR entre otros
Sociales por la inmigración y emigración a los diferentes países vecinos*

Fonte: Questionário aplicado no Instituto Sagrada Familia, Puerto Iguazú. Aluna de 17 anos, 2013.

Fala-se tanto na integração entre os países da fronteira, mas ações políticas que venham ao encontro das necessidades vividas pela sociedade local, por

exemplo, mais postos de trabalhos, são pouco expressivas diante das dificuldades/obstáculos burocráticas e administrativas no momento de concretizar a integração, conforme mostra a Figura 10.

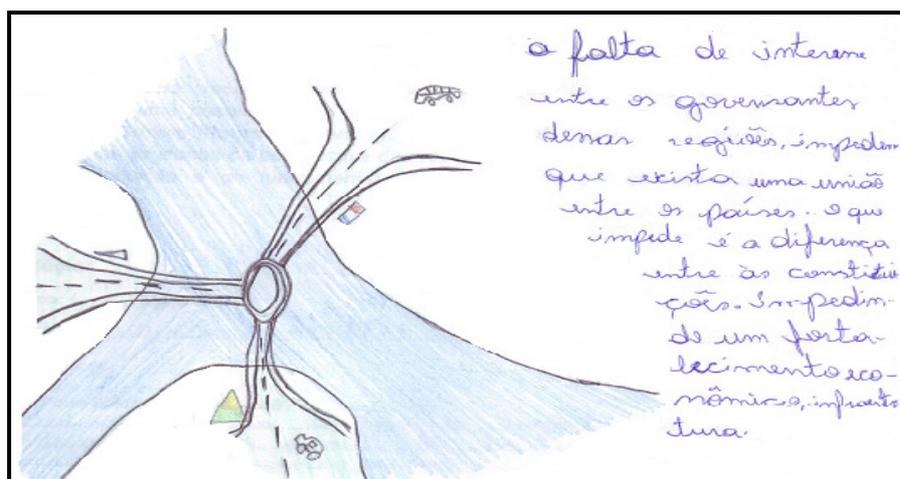


Figura 10 - Integração entre as fronteiras.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Colégio Flávio Warken/BR, 2013.

É ilusório pensarmos que cada governo tenha as mesmas preocupações, e isto foi detectado pelos estudantes, ou seja, cada cidade e/ou país possuem apreensões distintas no interior das relações, quer sejam políticas ou econômicas. E estas apreensões podem gerar conflitos políticos interna e externamente, de acordo com as divergências impostas/postas.

Outra menção muito frequente no viés da pesquisa foi o problema da corrupção em governos reconhecidos pelos pesquisados como democráticos e que impera o neoliberalismo. Infelizmente, a corrupção nas três unidades-administrativas foi imensamente lembrada nos questionários.

Isso quer dizer que estes jovens escolares estão em alerta e possuem a consciência de discernir as ações incorretas que afligem a sociedade. E que esta consciência se converta em atitudes concretas visando uma melhor cidadania.

en mi opinion es la politica y tambien el
contrabando en tu triple frontera! politica porque
en la ambas países existen la corrupcion en la
triple frontera.

Fonte: Questionário aplicado no Colegio Nacional San Isidro Labrador, Ciudad del Este. Aluna de 19 anos, 2013.

La semejanza de no haber empleo ni haber empleo en la triple frontera. Los políticos son corruptos, en la economía hay un desnivel en la triple frontera.

Fonte: Questionário aplicado no Colegio Medalla Milagrosa, Ciudad del Este. Aluno de 17 anos, 2013.

Mesmo não se constituindo na característica mais apontada, o “social” retrata que é uma construção diária. A TF, espaço dinâmico e na busca de uma real interação, tem no social particularidades atribuídas às ineficiências de seus Estados, tanto no controle econômico, político quanto no social ou como os próprios alunos expuseram, divergem em interesses.

Como já mencionada, a redução do ciclo das compras proporcionada pelas crises econômicas ocorridas na última década do século XX, aliada à corrupção política, fez reduzir enormemente a quantidade de empregos na região que era amplamente realizada pelos sacoleiros⁴² e por uma minoria de turistas. Ainda hoje, esta atividade perpetua, mas a um ritmo mais moderado.

Consequentemente, a desocupação de vários trabalhadores, tanto os que se encontravam no trabalho formal quanto no informal desenham uma configuração social problemática que marca o presente da região, que, por sua vez, intensificaram o desemprego, a pobreza e a criminalidade/violência.

Tal configuração social de trabalhadores desempregados, pobres e com um nível de escolarização baixa, faz-nos caracterizá-los como detentores de mão de obra desqualificada, uma realidade da TF que vem em paralelo com a proliferação de contrabandos, multiplicação de tráfico ilegais (entre os mais citados os de drogas, armas e pessoas/crianças) e a insegurança por parte dos mais desprotegidos/indefesos.

Presenta características en lo social y política.
La estructura política son parecidos con Foz y Puerto Iguazu
En lo social por que muchos están sin trabajo.

Fonte: Questionário aplicado no Colegio Nacional San Isidro Labrador, Ciudad del Este. Aluna de 18 anos, 2013.

⁴² O termo sacoleiro é utilizado para referenciar as pessoas que realizam compras no centro comercial de Ciudad del Este, com o intuito de revender em seu país de origem. Essa prática fez com que surgisse outra categoria de trabalhadores denominada de muambeiros ou formiguinhas, que são pessoas que transportam/passam as mercadorias pela ponte ou rio diariamente.

Corroborando com estas constatações, Béliveau (2011, p. 90) afirma que “o assunto do contrabando de armas e drogas entre um país e outro é um ponto conflituoso entre os dois países, mesmo que esse conflito não chegue necessariamente a ser abordado ou a formar parte da agenda de diálogos”.

En cuestión de trabajo en Ciudad del Este hay poca gente de trabajo y en Foz también. Ciudad del Este por su necesidad por contrabando y Foz también.

Fonte: Questionário aplicado no Colegio Medalla Milagrosa, Ciudad del Este. Aluno de 17 anos, 2013.

A ineficiência no combate ao contrabando e aos tipos de tráficos na TF pelas autoridades competentes, suas ações conjuntas frente aos problemas pontuais gerados, mostram as assimetrias entre os países e as representações encontradas.

Um significativo percentual de estudantes 3,74%, 15,77% e 15,74% de iguacenses, iguaçuenses e esteños, respectivamente, responderam que não há semelhantes na TF. Pode-se concluir a este respeito que, considerando todas as características elencadas na pergunta, é improvável que não haja nada de similar, o que mostra o desconhecimento ou até desinteresse por parte dos educandos, uma vez que, em conversa paralela, teve-se a informação que todos os estudantes já residiam a mais de um ano em suas cidades.

Perante todas essas características abordadas pelos estudantes, que fazem parte do seu espaço de vida cotidiano, fica evidente que o ensino, por maiores dificuldades que enfrente, tenta fazer/realizar o seu papel de transformar a sociedade. E neste contexto, à Geografia, concebida como ciência do presente, lhe é atribuída o dever de inspirar-se na realidade contemporânea.

Visualiza-se que o estudante da TF analisa o que é real, revela as causas e efeitos dos problemas e o contexto espacial dos fenômenos que configuram cada uma das sociedades, o que possibilita aos processos de ensino e de aprendizagem mais significativo.

Quanto ao ensino no Brasil, mais especificamente o ensino da Geografia, que entre um dos objetivos é entender o mundo atual, construído historicamente, por meio da organização do seu espaço geográfico, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs infere-se que:

Ao buscar compreender as relações econômicas, políticas, sociais e suas práticas nas escalas local, regional, nacional e global, a Geografia se concentra e contribui, na realidade, para pensar o espaço enquanto totalidade na qual se passam todas as relações cotidianas e se estabelecem as redes sociais nas referidas escalas. (PCNs, 2002, p.30).

Quando o sistema educacional, entre ele o brasileiro, conseguir fazer com que a educação tenha como premissa básica instigar o educando a pensar, mediado por uma estruturação de seus conceitos e conteúdos, o ensino da Geografia contribuirá com maior vigor para preparar uma sociedade mais dinâmica no sentido de buscar a ampla cidadania.

Destarte, a dinamicidade da TF diante da maior ou menor oferta de trabalho foi um dos questionamentos, sexta questão, de interesse da entrevista efetuada com os estudantes.

Como mostra a Tabela 8, é importante destacar que praticamente a metade dos 416 entrevistados, destes 206 responderam que por ser “zona turística” há maior oportunidade de trabalho na fronteira com percentuais de 50,58%, 39,57% e 63,95%, respectivamente, para Puerto Iguazú, Foz do Iguaçu e Ciudad del Este.

Tabela 8. Maiores ou menores oportunidades de trabalho na Tríplice Fronteira.

Respostas	Puerto Iguazú	%	Foz do Iguaçu	%	Ciudad del Este	%
Integração das culturas	10	11,5	11	6,04	8	5,44
Por ser zona turística	44	50,58	72	39,57	94	63,95
Há oportunidade, mas sofre influência de Leis/Tratados	5	5,74	9	4,94	4	2,72
Trabalho facilitado por ser fronteira	16	18,4	43	23,62	14	9,52
Mais trabalho pela mão de obra qualificada	8	9,19	36	19,79	14	9,52
Menor oportunidade	3	3,44	6	3,3	2	1,36
Não respondeu	1	1,15	5	2,74	11	7,49
Total	87		182		147	

Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2013.

Org: BERTIN, M., 2014.

Percebida como zona turística, o turismo confere com a compreensão dos estudantes do que vem a serem as suas representações sobre esta prática social - o turismo, no caso expresso por “conhecer novos lugares, e além destes, os costumes, as culturas e as diversidades” da questão 1.

A presença de atrativos turísticos reconhecidos nacionalmente e internacionalmente, como as Cataratas do Iguaçu e a Usina Binacional de Itaipu, Figura 11; duas áreas com a presença de zona franca, uma em Puerto Iguazú e outra em Ciudad del Este, esta segunda também caracterizada como um dos maiores centros comerciais exportador/importador do mundo; além de um grande e complexo parque hoteleiro existente na cidade de Foz do Iguaçu, com serviços diferenciados, considerando as diferentes possibilidades de demanda, nas diversas categorias de hotéis, atendendo pessoas de variados níveis sociais, independente da condição dos visitantes.

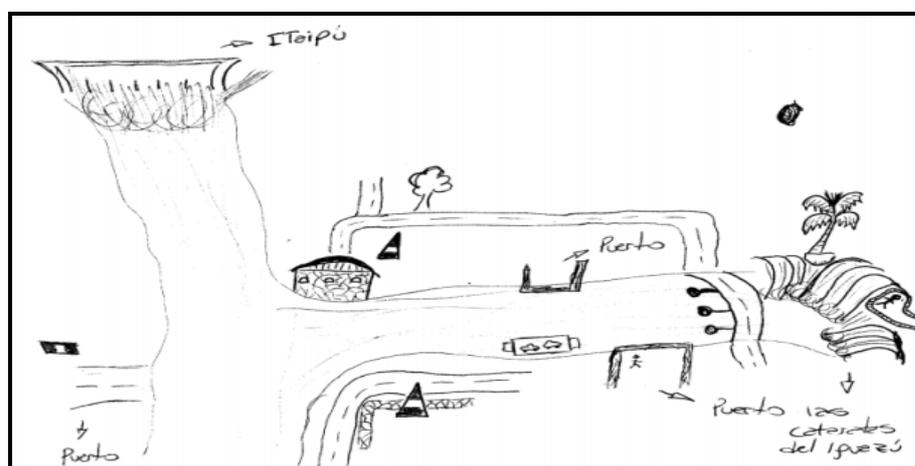


Figura 11 – Conjunto de atrativos.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Escuela Provincial de Educación Técnica – EPET Nº 4/AR, 2013.

Seguindo a análise dos dados dispostos pelos estudantes, no caso das cidades de Puerto Iguazú e Foz do Iguaçu, resultou em 18,4% e 23,62% na devida ordem, argumento expresso por considerarem o “trabalho facilitado por ser fronteira”. Retoma-se aqui à segunda questão, a qual questiona sobre o que é fronteira que foi evidenciado como “limite territorial entre dois lugares” e “divisa entre dois lugares”.

Diariamente, pessoas realizam o movimento e/ou fluxo de ida e volta entre as pontes, prioritariamente a Ponte da Amizade, por trabalhadores de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, que se constitui no movimento pendular de população.

Esta mobilidade cotidiana na fronteira retrata, de um lado, a facilidade existente em se realizar a passagem, por sua proximidade em uma região de

fronteira, de outro, a ineficiência por partes dos Estados (Brasil e Paraguai) quanto ao fluxo de pessoas, sejam elas com maior ou menor idade, que realizam esta mobilidade constantemente, sem uma sólida/firme fiscalização/controle, o que auxilia a empregabilidade de iguaçuenses e esteños, em ambas as cidades, de acordo com as menções dos estudantes destes locais.

Em Ciudad del Este, os estudantes reconhecem com 9,53% que em detrimento da “qualificação da mão de obra”, àqueles com maior qualificação profissional, são os que obtém as melhores ocupações/empregos. Lembram ainda que nem todos trabalham e vivem do turismo. Com efeito, quanto menor a qualificação, maior será a ilegalidade, maior e mais árdua a carga horária a ser trabalhada e menor a remuneração.

Os jovens escolares esteños enfatizam, mais uma vez, que nos governos brasileiros e argentinos, mas principalmente o do Brasil, haja maior investimento para os estudantes poderem se qualificar e terem maiores chances no mercado de trabalho a posteriori.

A qualificação da mão de obra foi expressa por 19,79% e 9,19% dos iguaçuenses e iguacenses, respectivamente. Como os próprios estudantes esteños expuseram, trabalhos existem desde que se tenha qualificação profissional.

Também se pode averiguar que a “integração das culturas” é vista como oportunidade de trabalho, fato que as trocas culturais são maneiras de enriquecer e fortalecer o conhecimento da cultura local, refletido em 11,5%, 6,04% e 5,44% dos estudantes iguacenses, iguaçuenses e esteños.

Vale frisar aqueles que salientaram a influência das Leis e Tratados na fronteira, como é o caso do bloco regional do MERCOSUL, em 18,4%, 23,62% e 9,52% para os argentinos, brasileiros e paraguaios. Não menos importantes, ocorreram casos em que consideraram “menor a oportunidade” de trabalho na fronteira com 3,44%, 3,3% e 1,36%, na devida ordem correspondente com a anterior. Já aqueles que “não responderam” a questão compreendem a 1,15%, 2,74% e 7,49%.

O que se pode destacar a partir das informações coletadas é que na TF, apesar das implicações existentes, especialmente as socioeconômicas, o fenômeno

turístico, proporciona oportunidades de emprego, fato negativo à informalidade que a situação de fronteira confere.

Após as análises do que entendem por turismo, fronteira, informações da TF, a importância em conhecer os atrativos da região de fronteira, das semelhanças existentes e das oportunidades de trabalho, passa-se para a averiguação da sétima questão. Haveria vantagens e desvantagens em viver na Tríplice Fronteira? Como resposta se obteve ambas as características de acordo com as Tabelas 9 e 10.

Em conformidade com o questionamento, na Tabela 9 têm-se mencionadas as principais vantagens em viver na TF, organizado em oito respostas, sobressaindo-se como maior vantagem em Puerto Iguazú e Ciudad del Este a “oportunidade de trabalho” com 32,2% e 29,25% e, não menos importante, Foz do Iguazú 14,84%, na ordem devida. Isso reforça o que foi mencionado direta e/ou indiretamente nas questões anteriores, pois os iguacenses e os esteños já haviam referendado ou feito referência quanto ao trabalho, de acordo com a Figura 12.



Figura 12 - Desemprego

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colégio Flávio Warzen/BR, 2013.

Tabela 9. Vantagens em viver na Tríplice Fronteira.

Respostas	Puerto Iguazú	%	Foz do Iguazu	%	Ciudad del Este	%
Atrativos turísticos	12	13,8	24	13,19	3	2,04
Centro comercial	8	9,19	21	11,53	32	21,79
Fácil fluxo/circulação de pessoas e mercadorias	10	11,49	8	4,39	21	14,28
Interação entre culturas	16	18,4	36	19,8	20	13,6
Oportunidade de trabalho	28	32,2	27	14,84	43	29,25
Produtos/mercadorias mais baratos	5	5,74	37	20,33	12	8,16
Proximidade entre as cidades	2	2,29	9	4,94	10	6,80
Não respondeu	6	6,89	20	10,98	6	4,08
Total	87		182		147	

Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2013.
Org: BERTIN, M., 2014.

Em Puerto Iguazú, menor em contingente populacional das cidades da fronteira, possui, em especial, nos serviços gerados pelos atrativos turísticos sua principal fonte de renda. Vale destacar, que no período noturno, bares e restaurantes são muito procurados/frequentados por turistas, assimetria interessante em comparação da cidade no período diurno que trata basicamente em absorver o turismo de natureza (para as Cataratas) e uma dinâmica completamente distinta.

Referindo-se a Ciudad del Este, é mostrada a dificuldade e a discriminação sentida pelos jovens, principalmente do sexo masculino em conseguir emprego no comércio da cidade, mas que há a possibilidade em consegui-lo no outro lado da fronteira. Esta é uma alternativa percebida como positiva em viver na fronteira e pela mesma ser de fácil fluxo e circulação.

Vale ressaltar que em Foz do Iguazu os estudantes veem como principal vantagem, com 20,33%, a alternativa de encontrar e adquirir “produtos/mercadorias mais baratos” do outro lado das fronteiras – Argentina e Paraguai, cada uma com suas especificidades/idiossincrasias.

Também já foi mencionado que determinados produtos e mercadorias a preços menos onerosos são adquiridos em Puerto Iguazú, como determinados tipos de alimentos, doces e bebidas, além da disponibilidade de combustível em bombas próprias para os estrangeiros. Do lado de Ciudad del Este encontra-se uma infinidade de produtos de marcas pela metade do preço encontrado no Brasil, face a não cobrança de tributos/impostos concedida/propiciada pela zona franca.

Outra vantagem em destaque para os estudantes de Foz do Iguaçu e de Puerto Iguazú é a “interação entre as culturas”, com 19,8% e 18,4%, respectivamente. A presença de um grande número de estrangeiros na TF e o convívio destes com os moradores locais tem como corolário a interação, de forma harmoniosa entre as diversas etnias, religiões e suas culturas.

Já Ciudad del Este contempla como benefício/privilegio a disponibilidade de um “centro comercial” exportador/importador com um percentual de 21,79%, que para uma minoria da população esteña é lucrativa, mas para a ampla maioria, vê-se diante do descaso das autoridades competentes para resolver o problema do desemprego.

Dentre as vantagens apresentadas na Tabela 9, além das comentadas acima, tem-se os atrativos turísticos, o fácil fluxo/circulação de pessoas e mercadorias, a proximidade entre as cidades e aquelas que não foram respondidas.

De certa forma, essas vantagens já foram citadas nas questões anteriores, o que contribui para afirmar que há vantagens significativas em viver na fronteira. Vantagens que poderiam ser melhores trabalhadas no contexto educacional, por meio de um intercâmbio entre as instituições escolares das cidades-gêmeas, por exemplo, no que diz respeito às características específicas da região fronteiriça.

Quanto às desvantagens em viver na TF, vide Tabela 10, mais da metade dos entrevistados, num total de 229 estudantes, não fizeram menção a nenhuma desvantagem que possa ter a fronteira. Fica claro que apesar de a fronteira ser um lugar de diversidades, de hibridação das culturas, viver na TF é positivo, privilegio para os estudantes. Nesses termos, iguacenses, iguaçuenses e esteños, quantificaram em 51,72%, 53,85% e 58,5%, por esta ordem, a negação quanto às desvantagens. Por outro lado, problemas sociais, econômicos, políticos, culturais e ambientais foram representados nas respostas.

Tabela 10. Desvantagens em viver na Tríplice Fronteira.

Respostas	Puerto Iguazú	%	Foz do Iguazu	%	Ciudad del Este	%
Contrabando, tráfico	14	16,1	24	13,2	20	13,61
Desemprego	0	0	7	3,84	9	6,12
Fiscalização nas Aduanas	2	2,3	9	4,94	6	4,09
Flutuação cambial	8	9,2	1	0,55	2	1,36
Insegurança, criminalidade, violência	7	8,04	40	21,98	9	6,12
Lixo deixado pelos turistas	1	1,14	2	1,09	2	1,36
Perda de identidade, aculturação	10	11,5	1	0,55	13	8,84
Não respondeu	45	51,72	98	53,85	86	58,5
Total	87		182		147	

Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2013.
Org: BERTIN, M., 2014.

Entre as mais destacadas desvantagens, tem-se o “contrabando, tráfico” com referência de 16,1%, 13,61% e 13,2%, respectivamente para Puerto Iguazú, Ciudad del Este e Foz do Iguazu. Lembrando que a fronteira é o lugar em que as diferenças têm encontro marcado, chama a atenção que certos tipos de práticas legais e ilegais aproximam pessoas que desejam se beneficiar das vantagens locais, como citadas na Tabela 9.

Mas o contrabando e os diversos tipos de tráficos (drogas, armas, pessoas/órgãos), tornaram-se parte do convívio para um grande contingente populacional da fronteira em estudo e que foram representadas nos mapas mentais da última questão. A clandestinidade e o tráfico, consequência da desocupação/desemprego, favorecem a “insegurança, a criminalidade e a violência” no cotidiano das cidades, constatada em 21,98% das respostas dos estudantes iguaçuenses, 8,04% para os iguacenses e 6,12% aos esteños.

Se por um lado à interação cultural é vista como a segunda maior vantagem para os argentinos e brasileiros, a “perda de identidade, aculturação” é aquela concebida como negativa para 11,5% dos iguacenses, 8,84% dos esteños e 0,55% dos iguaçuenses. O sentimento de retrocesso/perda da identidade, da cultura local, da valorização do que é do outro, em detrimento do que é do seu espaço de vivência, é representado pelos estudantes.

Defronte de todas essas características, viver com as diferenças proporcionadas por uma zona de fronteira não deve ser fácil para a população residente, mesmo havendo possibilidades de interações e inter-relações

socioeconômicas e culturais. Diante deste pressuposto, indagou-se aos jovens escolares se a escola onde estuda ou que estudou anteriormente proporcionou algum tipo de trabalho/projeto ou visita para conhecer os atrativos turísticos da TF. De acordo com a Tabela 11 pode-se visualizar os dados alcançados.

Tabela 11. Atividades proporcionadas na Escola sobre a Tríplice Fronteira.

Respostas	Puerto Iguazú	%	Foz do Iguazu	%	Ciudad del Este	%
Muita teoria (livros), pouca prática	12	13,8	17	9,34	26	17,69
Tema pouco comentado	17	19,54	3	1,64	19	12,92
Falta de interesse e recursos econômicos	1	1,15	24	13,19	42	28,6
Visitas só na própria cidade/país	11	12,64	12	6,6	12	8,16
Itaipu e Cataratas	25	28,74	54	29,67	30	20,4
Na escola primária	9	10,34	19	10,44	8	5,43
Não respondeu	1	1,15	2	1,1	0	0
Não proporcionou	11	12,64	51	28,02	10	6,8
Total	87		182		147	

Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2013.

Org: BERTIN, M., 2014.

De posse dos dados, obteve-se que para os alunos de Puerto Iguazú e Foz do Iguazu, 28,74% e 29,67% respectivamente, mencionaram que ocorreram visitas à “Itaipu e Cataratas”.

Vale salientar, que em se tratando dos iguaçenses, 12,64% dos 28,74% que visitaram a Itaipu, o mesmo realizou-se na parte correspondente ao Paraguai. Ao se referir a Itaipu, não estavam apenas se reportando a Represa, mas também as atividades proporcionadas/geradas por ela. Entre as atividades foi citado o Museu da Terra Guarani, dispondo um dos seus setores destinado a ensinar acerca dos ecossistemas, flora e fauna do Paraguai. É interessante frisar que em nenhuma das respostas ocorreu à menção quanto à Represa da margem brasileira.

Do lado brasileiro, os iguaçuenses frisaram as atividades desenvolvidas pela Itaipu, entre elas: a Visita Panorâmica (visão externa da usina: do vertedouro ao topo da barragem de concreto onde estão instaladas as 20 unidades geradoras), o Polo Astronômico (que reúne de forma integrada planetário, observatório e plataforma de observações a olho nu), Refúgio Biológico Bela Vista (uma unidade de proteção criada para receber milhares de plantas e animais desalojados pelo

reservatório da usina) e o Ecomuseu (apresenta circuitos divididos em módulos que retratam desde a ocupação da região da usina na margem brasileira até os projetos de conservação conduzidos pela usina).

Quanto às Cataratas do Iguaçu, este atrativo foi em maior parte relatado entre os iguaçuenses. No Parque Nacional do Iguaçu, local em que está sitiado as Cataratas do Iguaçu há a presença da Escola Parque⁴³ que atua no desenvolvimento e execução de ações e projetos relacionados à educação ambiental, com objetivos de estimular atitudes em favor da conservação do meio ambiente e da biodiversidade. Outros a serem ressaltados são, entre eles, o Zoológico Bosque Guarani e o Parque das Aves⁴⁴.

Para Ciudad del Este, “Itaipu e Cataratas” foram a segunda resposta com maior indicação, num percentual de 20,4%, em relação a primeira indicação com 28,6% referente a “falta de interesse e recursos econômicos”.

Entre as atividades realizadas pela Itaipu Binacional – Paraguai, a maioria refere-se ao Refúgio Biológico Tati Yupi, uma unidade de proteção ambiental criada e mantida pela Itaipu na margem paraguaia e aberta à visitação turística. Ainda, o Parque Municipal Saltos del Rio Monday (três caudalosas quedas d’água, com 40 metros de altura, que se precipitam próximo à foz do Rio Monday), localizada a 10km de Ciudad del Este, em consonância com a Figura 13.

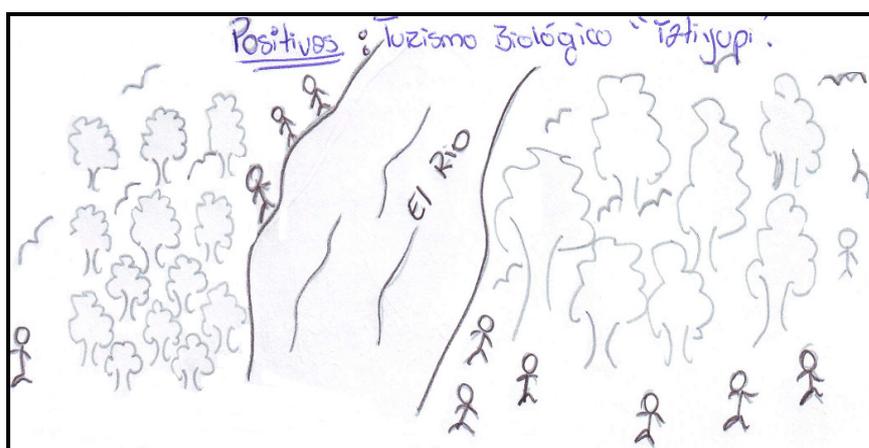


Figura 13 - Reserva Biológica Tati Yupi, Ciudad del Este.
Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colégio Medalla Milagrosa/PY, 2013.

⁴³Disponível em:<<http://www.cataratasdoiguacu.com.br/portal/paginas/65-escola-de-educacao-ambiental.aspx>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

⁴⁴ Disponível em:<<http://www.parquedasaves.com.br/pt/escolas.html>>. Acesso em: 20 fev. 2014. Parque que conta com um departamento de ensino.

Retomando a maior indicação dos esteños (28,6%) referenciada como a “falta de interesse e recursos econômicos”, explica-se a denominação falta de interesse especialmente no que se refere à direção da escola. Mas nos questionamos o porquê desse desinteresse? Diversos argumentos foram evidenciados pelos alunos quanto ao desinteresse das direções, entre eles: o medo em retirar os alunos do recinto/ambiente escolar, o que remete a grande responsabilidade quanto à segurança dos mesmos; as dificuldades em obter recursos para a realização das visitas e/ou projetos que requeiram maiores despesas.

Independente de ser uma instituição pública ou privada, o descaso com a disponibilidade de verbas para que possa ser usufruída pelos alunos nas instituições de ensino, sobretudo para aproveitar/usufruir em atividades práticas/saídas a campo, é uma realidade que aflige não só o Brasil com 13,19% e Argentina com 1,15%, países emergentes, mas, em geral, os países subdesenvolvidos, como é o caso do Paraguai.

Por outro lado, a falta de planejamento e organização, tanto da direção como dos professores pode acarretar em dificuldades na aquisição de verbas, para neste caso, concretizar/realizar as atividades práticas. Infelizmente, este é um fato comum e corriqueiro/corrente em se tratando de educação.

Atinente a segunda indicação de resposta expressa pelos alunos de Puerto Iguazú, 19,54% e no caso de Ciudad del Este 12, 52%, entendem que qualquer atividade e/ou assunto relacionado aos atrativos turísticos é um “tema pouco comentado”.

Contudo, para três unidades político-administrativas localizadas em uma zona de fronteira, aliás, entre as mais significativas/expressivas do continente americano e detentoras de receitas/divisas vinculadas ao fenômeno do turismo, que desfrutam da exploração/vantagem, apropriação de atrativos (paisagens naturais e culturais), é inexplicável/incompreensível não ser trabalhado nas escolas, seja em disciplinas mais afins ou em equipes multidisciplinares a temática do turismo com suas vantagens e desvantagens.

Neste sentido, é de competência das instituições de ensino e seu corpo docente, destinarem maior interesse e atenção à prática social que é o turismo e seus desdobramentos.

Em Foz do Iguaçu, como segunda menção, 28,02% dos alunos afirmam que na escola onde estudam ou que já tenham estudado, “não proporcionou” qualquer tipo/forma de trabalho, projeto ou visita para conhecer os atrativos turísticos.

Cabe salientar, que Foz foi a única cidade em que foram aplicados os questionários no período noturno, constando de três instituições da rede pública. Tais instituições estão localizadas em bairros de amplo adensamento populacional, e que seus alunos, em sua maior parte, já estão inseridos no mercado de trabalho tanto formal como informal.

No entanto, de acordo com a própria questão, instigou-se não apenas da atual escola, mas daquelas que já tenham estudado e, mesmo assim, afirmaram que não participaram de trabalhos/projetos e visitas em relação aos atrativos turísticos.

Entre as respostas que também nos chama a atenção é o reconhecimento que se propõe muita teoria, alavancada pela utilização do livro didático e pouca prática, até mesmo em sala. Esta é uma constante crítica que o ensino de Geografia do Brasil e pelo que foi exposto, por argentinos e paraguaios, enfrentam diante de outras ciências e componentes curriculares.

Ficou claro pelos resultados alcançados nos questionários, dispostos com 17,69%, 13,8% e 9,34% para Ciudad del Este, Puerto Iguazú e Foz do Iguaçu, respectivamente a apreensão/inconformidade com o excesso de teoria em relação/detrimento à prática.

Neste sentido, indaga-se! Que estratégias didático-metodológicas o ensino de Geografia valer-se-á para ressignificar o saber geográfico? Se hodiernamente o ensino, em seus vários componentes curriculares enseja por metodologias capazes de atrair o interesse do educando, e fortemente influenciada por distintos meios de linguagens, como é o caso na atualidade das tecnologias de informação e comunicação – TIC. No capítulo 4, página 70, foram tratados sobre a necessidade que no ensino assuma novas formas de comunicação e que o professor, também faça parte/participe desta evolução, a que o educando está inserido.

Houve outras respostas a ressaltar como “visitas só na própria cidade/país”, compreendendo a 12,64%, 6,6% e 8,16% para iguacenses, iguaçuenses e esteños, respectivamente. Até o exposto, verificou-se que os alunos de Puerto Iguazú foram os que mais realizaram visitas fora de seu território, quando mencionaram as

atividades práticas direcionadas à Itaipu, margem do Paraguai. Visualizamos que as visitas internamente, ou seja, na própria cidade, são de certa forma, possibilitadas pelas instituições de ensino, ainda que com restrições.

Outro dado a destacar é a lembrança que “na escola primária” foi possível trabalhar os atrativos turísticos. A este respeito, Foz do Iguazu contemplou 10,44%, Puerto Iguazú 10,34% e Ciudad del Este 5,43%. Tendo como premissa o currículo brasileiro, estudos de iniciação espacial (noção de espaço vivido, percebido e concebido) e seu domínio são trabalhados nos anos iniciais, quando se espera que sejam capazes de assimilar as relações espaciais⁴⁵ topológicas, projetivas e euclidianas.

Corroborando com a questão, de acordo com os PCNs (p.30), o papel da Geografia é o de “alfabetizar o aluno espacialmente em suas diversas escalas e configurações, dando-lhe suficiente capacitação para manipular noções de paisagem, espaço e natureza”.

Contemplando a educação brasileira, é no ensino fundamental – anos iniciais que o estudo do lugar, ou seja, a escola, o bairro, a cidade e município são instituídos e com eles algumas práticas de campo, de visitas a lugares expressivos.

Como ciência, a Geografia tem como campo de interação de estudo a natureza e a sociedade, esta última responsável por organizar e/ou reorganizar o que é o objeto de análise geográfica – o espaço geográfico –, alicerce da atuação humana, além de apreender as complexas relações sociais impostas pelo período técnico científico informacional que envolve a globalização.

Neste sentido, a Geografia escolar tem um amplo compromisso em preparar cidadãos responsáveis e atuantes que saibam pensar em uma sociedade cada vez mais dinâmica e em transformação.

Para atender aos objetivos da pesquisa, foi questionado se “as aulas de Geografia propiciaram um maior conhecimento sobre a Tríplice Fronteira? Por quê?” Apropriando-se dos conhecimentos sobre o currículo brasileiro, de que a Geografia faz parte do grupo de disciplinas básicas, buscou-se apreender/entender como o ensino de Geografia é representado pelos estudantes em relação à TF. De acordo

⁴⁵ Sobre este assunto, vide página 77 em esquema proferido por Cristiane Cardoso.

com os dados computados na Tabela 12, pode-se constatar as seguintes contribuições.

Tabela 12. Contribuições da Geografia para conhecimento da Trílice Fronteira.

Respostas	Puerto Iguazú	%	Foz do Iguazu	%	Ciudad del Este	%
Tratados econômicos/relações comerciais	4	4,6	22	12,1	20	13,6
Assunto pouco comentado	5	5,74	45	24,73	2	1,36
Aspectos históricos de ocupação da região	12	13,8	1	0,55	17	11,56
Aspectos físicos/naturais	2	2,3	7	3,84	3	2,04
Aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos	15	17,24	33	18,13	32	21,77
Prioriza o global face ao local	13	14,94	29	15,93	20	13,6
Localização da região	23	26,44	18	9,89	32	21,77
Não proporciona	13	14,94	27	14,83	21	14,3
Total	87		182		147	

Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2013.

Org: BERTIN, M., 2014.

Várias informações foram representadas pelos estudantes e, pela disposição na Tabela 12, verifica-se que há equilíbrio/aproximação nas respostas considerando as três unidades político-administrativas.

Diante do exposto, confere-se que em Puerto Iguazú 26,44% dos estudantes deliberaram que as aulas de Geografia contribuíram para conhecer a “localização da região”, referente a seu país e as imediações fronteiriças tanto com o Brasil quanto com o Paraguai.

Os mesmos estudantes consideraram em 17,24% que os “aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos” foram características que passaram a ser mais bem compreendidas, a partir das aulas de Geografia.

Como visto anteriormente, as grades curriculares das cidades contempladas não são iguais. Entretanto, após apurar os questionamentos, verificou-se relação entre os currículos. Para os iguacenses, 14,94% manifestam que as aulas de Geografia “prioriza o global face ao local”, mas também o mesmo percentual, 14,94% relata que “não proporcionou” conhecimento algum.

No primeiro caso, certifica-se que em Puerto Iguazú, como no restante do seu país, trabalha-se com a Geografia geral e que desta pouco se faz relação ou correlação com o ambiente local, neste caso, a própria cidade e suas

especificidades. Vale salientar, que esta não relação dos assuntos com o local foi muito identificado como constituindo numa deficiência nos processos de ensino e de aprendizagem, visto que em se tratando de escalas geográficas, há que se realizar a transposição do global ao local e vice-versa.

No segundo caso, afirmar que as aulas de Geografia não proporcionam conhecimento vem ao encontro das críticas que o ensino desta ciência depara-se hodiernamente de ser uma disciplina desinteressante e sem propósitos. Críticas, por sua vez, não só enfrentadas no Brasil, mas também nos demais países vizinhos.

Nas últimas décadas, tem-se buscado renovar a ciência geográfica, deixando de lado o saber neutro, o ensino conteudista, de memorização e de contemplação de uma paisagem ainda como uma primeira natureza, que, no entanto, já foi incorporada de resultados de ações e relações sociais.

Outro ponto a ser analisado são as considerações feitas quanto aos “aspectos históricos de ocupação da região”. Nesse ponto, frisou-se o passado de ocupação e de conflitos territoriais que a Argentina esteve envolvida na região hoje concebida como TF.

Diante de tantas respostas, há outras, não menos importantes como “assunto pouco comentado”, “tratados econômicos/relações comerciais” e “aspectos físicos/naturais”, com 5,74%, 4,6% e 2,3%, nesta ordem. O primeiro condiz com uma situação em que em anos/classes anteriores comentava-se sobre a TF. Pode-se perceber neste caso que nas classes iniciais do ensino fundamental, como no Brasil se trabalha com maior afinco o local, ou seja, o espaço vivido.

A segunda, a influência do MERCOSUL e as inter-relações entre os comércios locais e circunvizinhos, que independente do país, trata-se de uma situação mais política do que de ação. Por último, a compreensão de características naturais em comum com os países vizinhos, rios que delimitam os países, atrativos comungados como as Cataratas do Iguazú, condições climáticas semelhantes.

Em se tratando de Foz do Iguaçu, 24,73% dos estudantes iguaçuenses afirmam que nas aulas de Geografia a TF é um “assunto pouco comentado”, ainda mais que no caso brasileiro, com a adoção/utilização do livro didático ou da apostila, faz-se com que os conteúdos sejam trabalhados de maneira fixa/estanque, especialmente quando usados para preparatório em vestibular. Também neste caso,

como o foi de Puerto Iguazú, não se faz a relação ou correlação de assuntos locais, e quando o fazem se tornam limitados.

Ressalvas aos “aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos” foram demonstrados em 18,13% dos entrevistados, admitindo que a partir das aulas de Geografia assuntos pertinentes às questões que envolvam a sociedade e seus anseios tornam-se mais claros/compreensíveis, ao analisarem a conjuntura criada face ao multiculturalismo presente na fronteira, suas relações e interações políticas, de acordo com os acordos bilaterais e questões econômicas, principalmente acerca do turismo que envolve as cidades.

Por situar-se numa zona de fronteira, presume-se que as pessoas estão totalmente interagidas/integradas a qualquer assunto alusivo a sua própria cidade e aos arredores. Pensar que a sociedade tenha o pleno conhecimento do lugar onde se vive poderia ser algo comum. Mas defrontou-se com 15,93% dos iguaçuenses revelando que na aula se “prioriza o global face ao local” o que vem de encontro com o exposto e já mencionado.

Características locais, do próprio lugar de vivência, do seu espaço percebido e concebido, praticamente não estão no rol de análise/estudo no ensino de Geografia, na concepção dos estudantes. Isto nos demonstra a falha nos processos de ensino e de aprendizagem da Geografia escolar e que há a necessidade urgente que a mesma, passe por um processo de repensar de seu ensino.

No entanto, ressaltaram que no ensino fundamental, séries iniciais, a relação dos assuntos com o lugar era frequente. Vale lembrar, que no currículo da Geografia no estado do Paraná, contempla-se a Geografia de seu Estado, em todos os seus aspectos. Neste caso, delibera-se ao professor saber intercalar/correlacionar os assuntos pertinentes, especialmente no sétimo ano do ensino fundamental – anos finais.

No âmbito das questões, 14,83% responderam ser o ensino de Geografia algo que “não proporciona” conhecimentos sobre a TF. Não podemos esquecer que o objeto de análise da Geografia é o espaço geográfico, palco das interações humanas e que a produção deste e seu posterior entendimento por nós resultam de aprendizagens que a Geografia nos proporciona.

Além destas respostas, teve-se com 12,1% a verificação dos “tratados econômicos/relações comerciais”. Entre os tratados econômicos o mais citado foi o bloco regional – MERCOSUL, que apesar de ser uma abordagem mais política, do que de fato, comenta-se sobre a existência deste bloco. Os acordos bilaterais estão especificamente relacionados com a Usina Binacional de Itaipu, parceira na produção energética entre Brasil e Paraguai. Da mesma forma, a articulação entre os mercados de exportação e importação a que Foz do Iguaçu e Ciudad del Este estão inseridos.

Do total de respostas, há ainda aquelas que resultaram em 9,89%, 3,84% e 0,55%, correspondendo a “localização da região”, “aspectos físicos/naturais” e “aspectos históricos de ocupação da região”. Para a primeira, por ser Foz do Iguaçu uma cidade de fronteira centenária. Por ser cidade de fronteira, há aqueles que argumentam a falta de oportunidade de empregos diante do escasso número de indústrias, ou seja, de um parque industrial⁴⁶, instaladas na cidade.

Entretanto, a falta de qualificação profissional é um dos atenuantes decorrentes do desemprego e do baixo índice de escolarização. Em Foz do Iguaçu, predomina-se o setor de serviços, voltados ao comércio turístico e de hotelaria e, conseqüentemente, a necessidade de qualificação.

Diante das respostas elencadas, Ciudad del Este foi a que obteve amplo equilíbrio na argumentação. Com o mesmo percentual, 21,77% “aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos” e “Localização da região” foram as que tiveram maiores indicações.

Para o primeiro caso, foi notável ao aplicar às entrevistas a preocupação com que os estudantes esteños dispõem quanto aos problemas gerados pelas desigualdades sociais, à valorização e manutenção de sua cultura em relação ao multiculturalismo vigente, à compreensão dos problemas políticos e econômicos que assolam seu país e, conseqüentemente, sua cidade, destacaram-se não só nas respostas, mas nas conversas que pude realizar com alguns estudantes.

⁴⁶ É necessário que se compreenda que no município de Foz do Iguaçu, pela presença do Parque Nacional e da Represa de Itaipu, certos tipos de indústrias são proibidos de se instalarem no município, diante da legislação ambiental em vigor.

No segundo caso, argumentou-se que as aulas de Geografia proporcionaram conhecimento quanto à localização da região por situar-se em uma zona de fronteira e sua importância econômica diante do país. Vale destacar que Ciudad del Este é a segunda cidade em relevância econômica do Paraguai.

Por outro lado, 14,3% asseguram que o ensino de Geografia “não proporciona” qualquer conhecimento conforme suas representações. Merece destaque as observações de alguns estudantes, que, por sua vez, expuseram que a carga horária disponível para a disciplina é reduzida ao final da Educação Básica, com apenas uma hora semanalmente.

Novamente, com o mesmo percentual, 13,6% os estudantes evidenciaram na devida ordem, sobre os “tratados econômicos/relações comerciais” e que se “prioriza o global face ao local”. Semelhante a Foz do Iguaçu, os estudantes esteños acentuam a influência do MERCOSUL, mas, ao mesmo tempo, reconhecem ser um assunto que é mais político do que econômico e de pouca atuação local.

As relações comerciais, manifestadas no centro comercial exportador e importador de Ciudad del Este, exemplificam e atribuem significado aos estudantes quanto sua relevância econômica. São estas relações que possibilitam a existência de postos de trabalhos para muitos dos cidadãos esteños, sejam eles trabalhos formais ou informais.

Priorizar o global em detrimento do local mostrou-se bem evidente nas respostas dos estudantes. Em conversas paralelas, pode-se perceber que no Paraguai é dada muita ênfase ao estudo da Geografia geral, retratando a história de conflitos territoriais, principalmente os referentes às questões fronteiriças. Mesmo assim, há aqueles que afirmaram que estudos partindo como foco o local, raramente são efetuados nas aulas de Geografia.

Também não podemos desconsiderar a parcela de estudantes que ressaltaram ser os “aspectos históricos de ocupação da região”, com 11,56% características atribuídas nos processos de ensino e de aprendizagem geográficos. Estas características estão direta ou indiretamente relacionadas com a análise da resposta anterior, por frisarem os conflitos territoriais.

Por fim, com menor percentual, 2,04% e 1,36%, têm-se os “aspectos físicos/naturais” e “assunto pouco comentado”, respectivamente. No primeiro,

mostrou-se a importância dada aos atrativos naturais próximos, como é o caso do Refúgio Biológico Tati Yupi mantida pela Usina de Itaipu e os Saltos del Monday. Para o segundo, decorre-se o mesmo fato que no Brasil, por se viver na fronteira, pensa-se que seja um assunto de conhecimento de todos e que, infelizmente, é deixado de ser contemplado ou correlacionado com outros conteúdos.

Ao término da educação básica o estudo de uma Geografia geral é comum e partilhada entre as unidades político-administrativas em questão. O que se pode perceber é que há pouca ou reduzida articulação dos acontecimentos/conhecimentos locais ao término da educação escolar, o que vem a preocupar como está se conduzindo o saber, fazer geográfico.

Diante de todas essas informações e após a análise das nove questões em aberto efetuadas aos estudantes da TF, passa-se para a última, tão importante como as anteriores, mas que apresenta um detalhe, de constituir-se em representações de suas subjetividades, do seu vivido/percebido/concebido, por meio dos mapas mentais.

6.1 Confrontando os olhares com as representações subjetivas

A partir da construção dos mapas mentais, os estudantes da TF tiveram a oportunidade de expressarem suas representações do espaço vivido (corpóreo), do percebido (mental) e do concebido (social). A produção do espaço idealizada e mostrada pelos estudantes inquiridos veio afirmar/confirmar os resultados adquiridos nas nove questões anteriores, reforçando/fortalecendo as bases conceituais por eles demonstrados.

Cabe ressaltar que das cinco (5) categorias expressas nas respostas dos estudantes, serão visualizadas no mínimo três (3) exemplos de mapas mentais.

6.1.1 Atrativos turísticos (naturais e culturais):

6.1.1.1 Pontes: 13 casos

6.1.1.2 Parques: 10 casos

6.1.1.3 Vários atrativos: 19 casos

6.1.1.4 Itaipu: 3 casos

6.1.1.5 Marco das Três Fronteiras: 14 casos

A TF caracteriza-se por ser um lugar constituído por atrativos turísticos reconhecidos internacionalmente. Cada cidade que compõe este espaço fronteiro dispõe de locais compartilhados com um dos seus países vizinhos, como é o caso das Cataratas do Iguazu, entre Foz do Iguazu e Puerto Iguazú, e a Usina Binacional de Itaipu, entre Foz do Iguazu e Ciudad del Este.

Mesmo não havendo o conhecimento in loco de todas as manifestações, sejam elas naturais, culturais, econômicas possíveis na TF por parte dos estudantes, detectou-se que há a percepção/consciência de que os mesmos existem, mas que por falta de oportunidades pessoais e até mesmo por desinteresse/inexistência ou ineficácia de iniciativas das instituições escolares, deixa-se de proporcionar aos estudantes ampla compreensão dos espaços geográficos que os atrativos turísticos ocupam. Discute-se a seguir as representações advindas dos estudantes.

6.1.1.1 Pontes

No primeiro item, tem-se a representação da ponte, constando em todos os casos (13)⁴⁷ em que foi mencionada/referenciada a Ponte Internacional da Amizade que é uma referência em se tratando da fronteira, o que mostra a relevância que a ponte, transformada em uma avenida com acentuado fluxo de pessoas, produtos e mercadorias, lícitas ou ilícitas.

Diariamente, pessoas atravessam a ponte, seja para fins de trabalho ou para turismo e lazer. A figura 14c, desmistifica a importância de ambas as margens. Do lado brasileiro a presença de estacionamentos, como forma de segurança para muitos compristas, turistas, tendo em vista o medo ter o seu carro roubado/furtado no lado paraguaio. Já em Ciudad del Este, o centro comercial/zona franca, serve como vitrine e objeto de consumo e interesse das pessoas que a visitam.

⁴⁷ Deste montante, um caso foi exposto por aluno iguacenses, cinco por iguaçuenses e sete por esteños.

É comum realizar as compras no Paraguai e retornar ao lado brasileiro, tanto a pé, como de ônibus, vans, táxis, moto-táxis e/ou com o próprio carro. Realmente, a ponte é uma verdadeira avenida que facilita o fluxo/circulação por quem a desejar realizar.

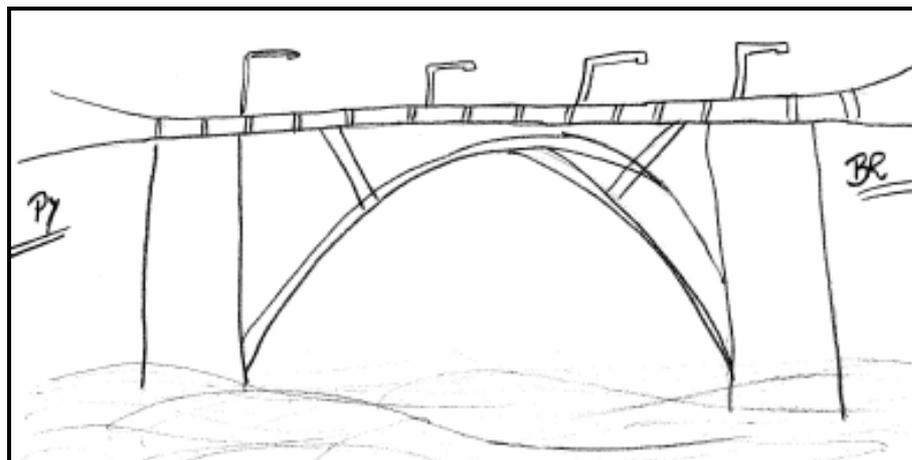


Figura 14a – Ponte da Amizade.
Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Instituto San Lucas/AR, 2013.

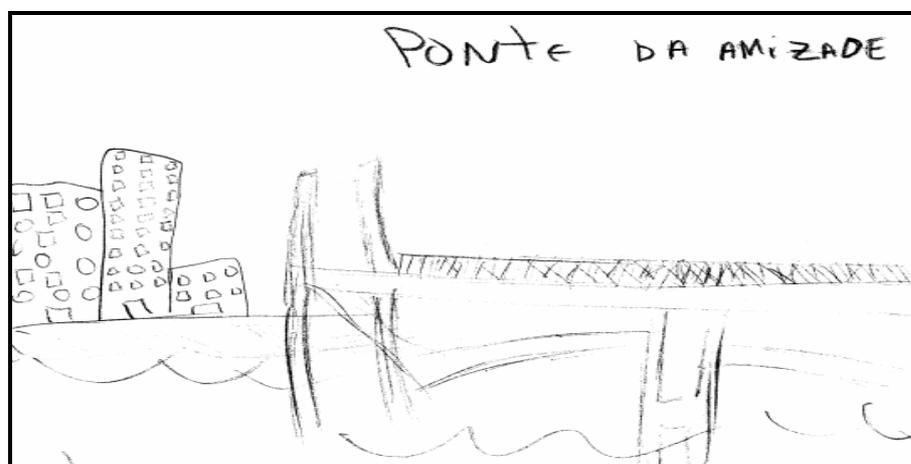


Figura 14b – Ponte da Amizade.
Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Colégio Jorge Schimmelpfeng/BR, 2013.

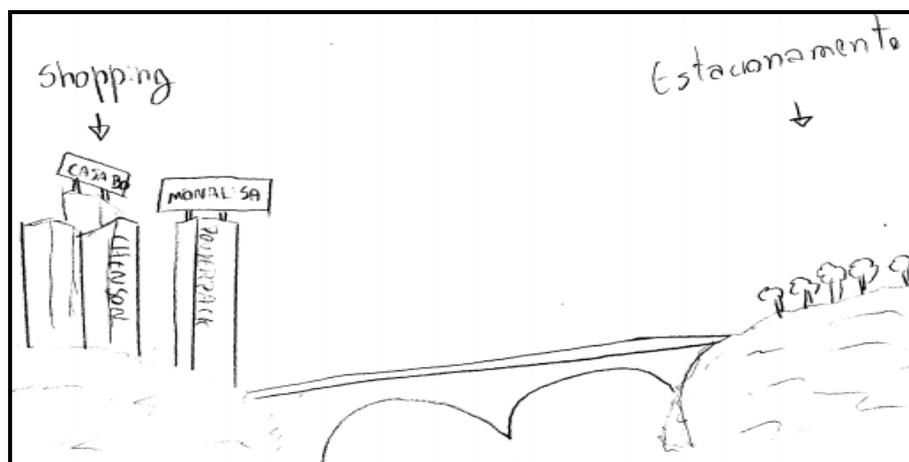


Figura 14c – Ponte da Amizade.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Colégio Ulysses Guimarães/BR, 2013.



Figura 14d – Ponte da Amizade.

Fonte: Aluno do Colegio Atanasio Riera/PY, 2013.

6.1.1.2 Parques

No segundo item, a presença dos parques nos dez (10) casos indicados, apresentou em nove (9) referência ao Parque Nacional do Iguazu (4 de Foz e 5 de Puerto Iguazú) e apenas um (1) do Salto del Monday, próximo a Ciudad del Este. A ampla indicação ao Parque Nacional mostra a importância que este ambiente e atrativo se tornou aos cidadãos iguacenses e iguaçuenses, tanto como reserva natural e espaço educativo, como promotor de divisas às cidades.

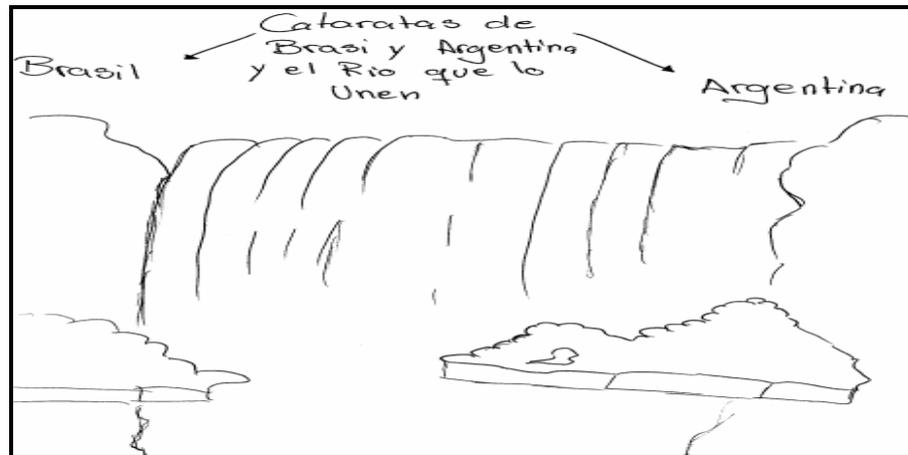


Figura 15a – Cataratas do Iguaçu.
 Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Instituto Sagrada Familia/AR, 2013.

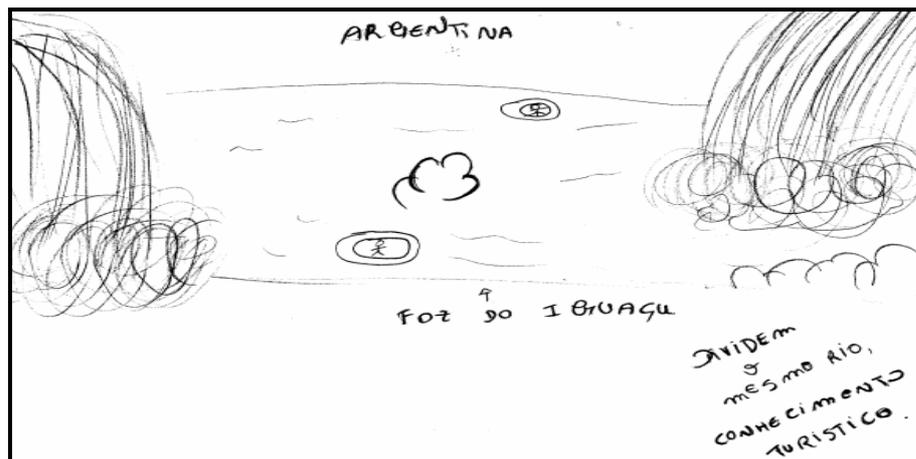


Figura 15b – Cataratas do Iguaçu.
 Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colégio Jorge Schimmelpfeng/BR, 2013.

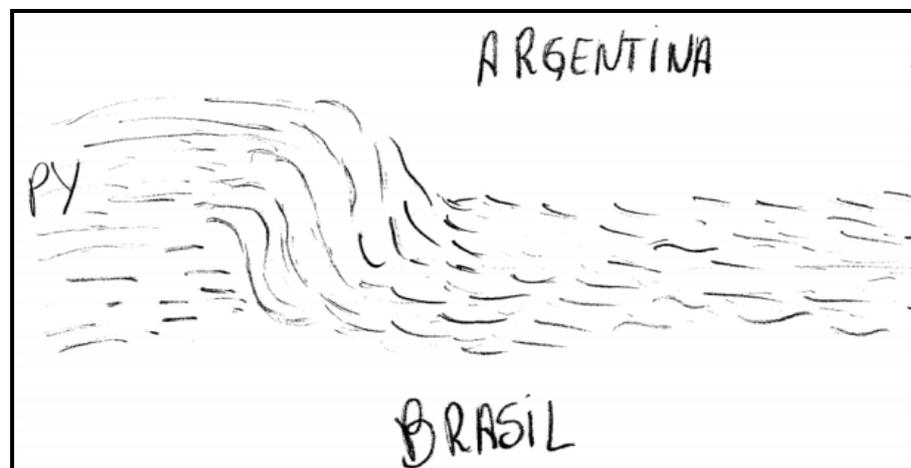


Figura 15c – Cataratas do Iguaçu.
 Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Colégio Cooperativa/BR, 2013.

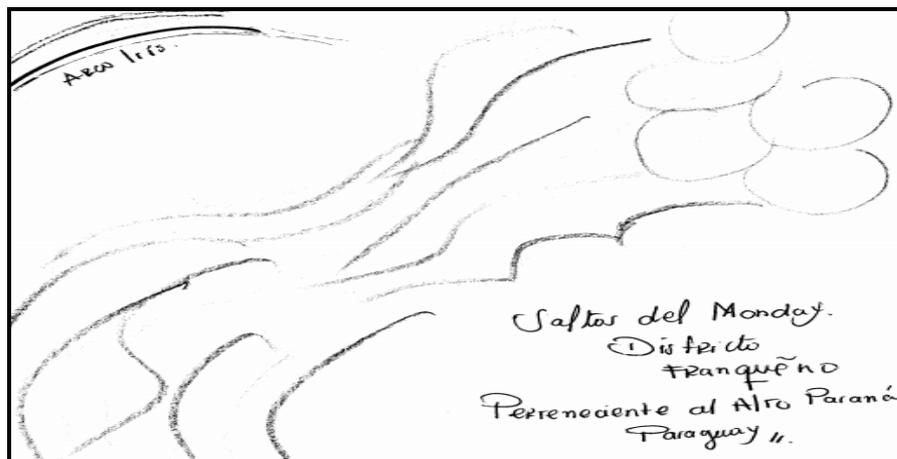


Figura 15d – Salto del Monday.
 Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colegio Santa Clara/PY, 2013.

A valorização do Parque Nacional do Iguazu para fins educativos, tanto do lado brasileiro como para o argentino, já foi mencionado na questão 8, a qual indagou se na escola atual ou aquela que já tenha estudado, as mesmas realizaram práticas, saídas de campo e/ou projetos relacionados aos atrativos, que retratou a importância do Parque citado, tanto para iguacenses quanto para iguaçuenses, como é demonstrada nas figuras 15a, 15b e 15c.

Por parte dos esteños, além de destacarem o mesmo Parque, também, elucidaram o valor dos Salto del Monday figura 15d, no Paraguai, que oferece trabalhos educacionais, a exemplo do Brasil e Argentina.

6.1.1.3 Vários atrativos

Ocorreram (19) casos em que os estudantes representaram mais de um atrativo, estando estes, entre os mais requisitados na Tríplice Fronteira, como são o caso das Cataratas, Itaipu, Marcos das Três Fronteiras, Pontes, Centro Comercial, Reserva Tati Yupi e o Salto del Monday em Ciudad del Este. Merece destaque que houve equilíbrio nas indicações, constando de (6), (8) e (5) para Puerto Iguazú, Foz do Iguazu e Ciudad del Este, respectivamente.

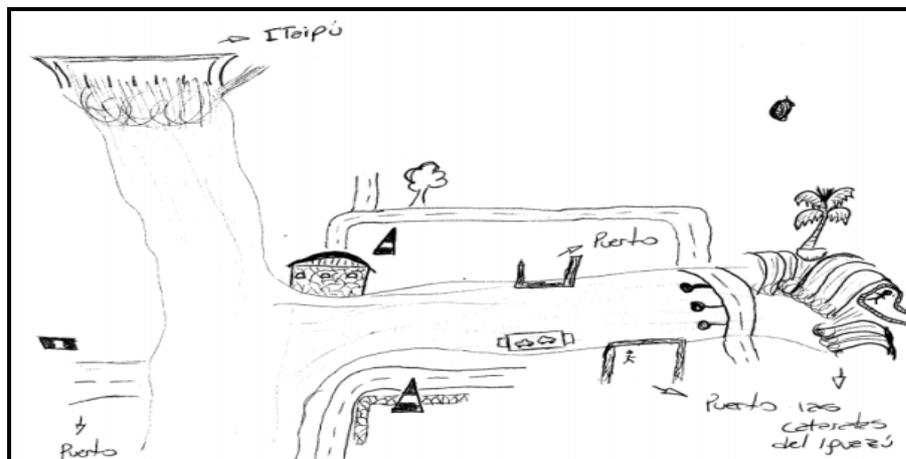


Figura 16a – Conjunto de atrativos.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Escuela Provincial de Educación Técnica – EPET Nº 4./AR, 2013.

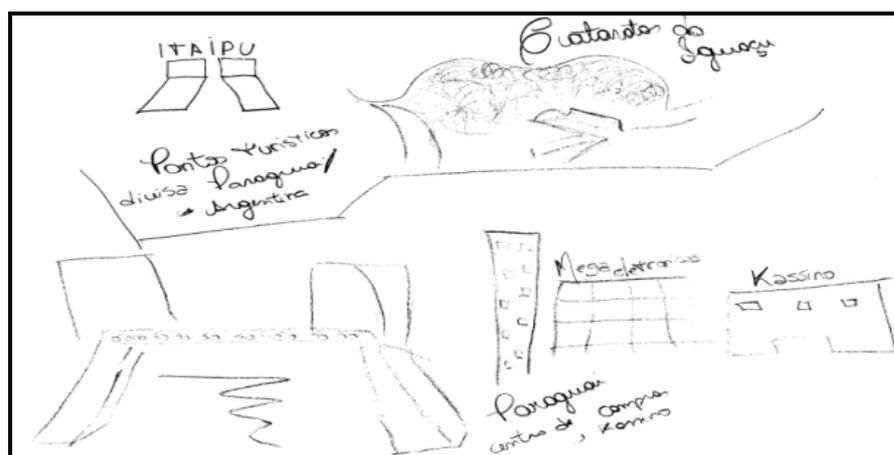


Figura 16b – Conjunto de atrativos.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Colégio Ulysses Guimarães/BR, 2013.

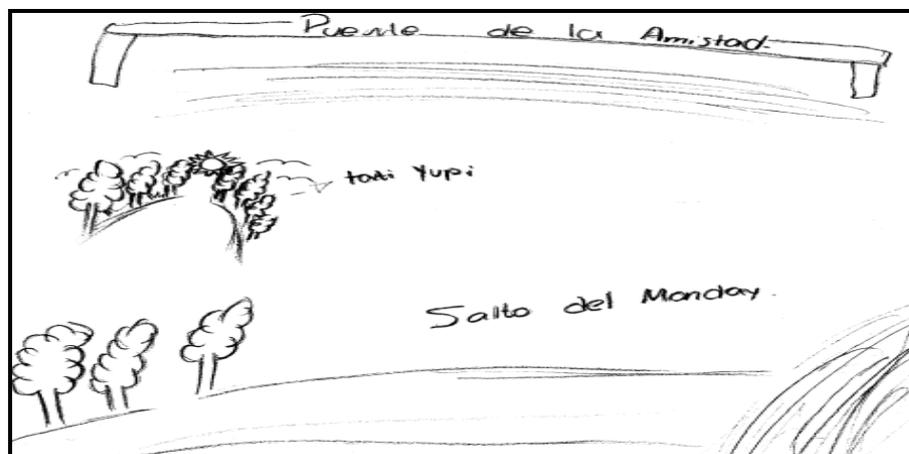


Figura 16c – Conjunto de atrativos.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colegio Virgen Medalla Milagrosa/PY, 2013.

As figuras exemplificam o conhecimento que educandos possuem quanto aos principais atrativos da zona de fronteira, o que não significa que já o frequentaram.

Na figura 16a, a representação destacou dentro de suas possibilidades a localização/posição correta dos atrativos em relação às cidades a que os mesmos pertencem. Especificando um pouco mais, além do desenho, a escrita contribuiu para reforçar o pensamento da estudante iguaçuense, que escreve: No desenho apresenta a TF unida pelos rios Iguazú e Paraná. Representa Puerto Iguazú unida com Foz do Iguazu pela Ponte Tancredo Neves e Foz unida com Ciudad del Este pela Ponte da Amizade. Também representa o Iguazú com Foz unida pelas Cataratas.

O estudante iguaçuense representou na figura 16b, a exemplo do que foi exposto na figura 16a, os atrativos vistos como essenciais. A passo que a estudante esteña concebe importância ao Salto del Monday, a Reserva Biológica Tati Yupi, como realidade específica do Paraguai, como a Ponte da Amizade que serve de corredor para a circulação de grãos, mercadorias provenientes do país.

6.1.1.4 Itaipu

A Usina Hidrelétrica da Itaipu Binacional esteve representada em três (3) casos, constando (1) para estudante iguaçuense e (2) para esteños. Na representação da estudante brasileira, ficou claro por meio das cores das bandeiras do Paraguai e Brasil serem a usina binacional. Nos exemplos paraguaios, além de se referir a um empreendimento bilateral, mostrou-se outro lado das atividades da usina, visualizada na iluminação noturna como forma de mais um atrativo para a represa, em épocas de final de ano, iluminação especial para o período natalino.

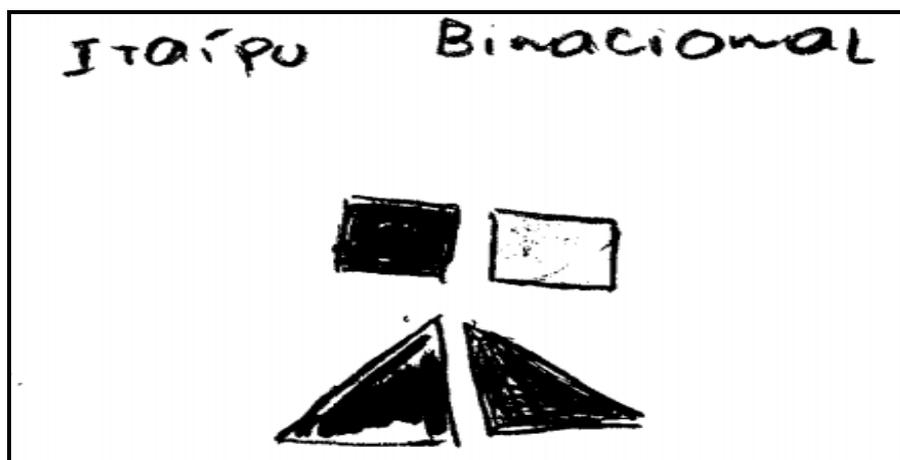


Figura 17a – Itaipu Binacional.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colegio Sagrada Familia de Nazaré/PY, 2013.



Figura 17b – Itaipu Binacional

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colegio San Isidro Labrador/PY, 2013.

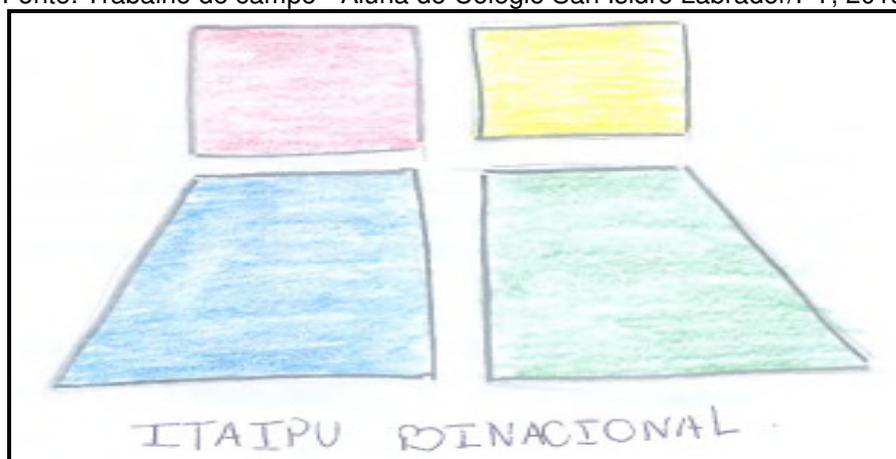


Figura 17c – Itaipu Binacional.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colégio Adventista/BR, 2013.

6.1.1.5 Marco das Três Fronteiras

Concebido como um marco físico ou obelisco tem a finalidade de identificar o limite de uma linha de fronteira. O Marco das Três Fronteiras é, neste caso, a representação realizada por (14) estudantes, constando de (8) de Puerto Iguazú, (5) de Foz do Iguaçu e (1) de Ciudad del Este. Vale ressaltar que o termo limite quando inquirido a respeito do entendimento de fronteira, na segunda questão, os estudantes iguacenses a mencionaram em 52,87% dos casos, o que condiz com os mapas mentais por eles representados.

Na primeira representação da aluna iguacense é demonstrado a demarcação/delimitação dos territórios, reforçadas por partes/estrofes dos hinos correspondentes a cada país, como a presença das Cataratas entre a Argentina e o Brasil e um símbolo cultural do Paraguai que é o tereré.

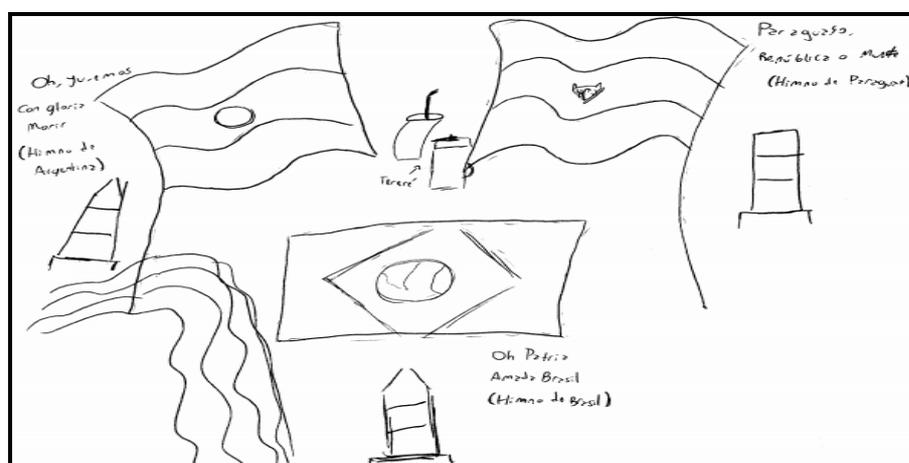


Figura 18a – Marco das Três Fronteiras.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Instituto Sagrada Família/AR, 2013.

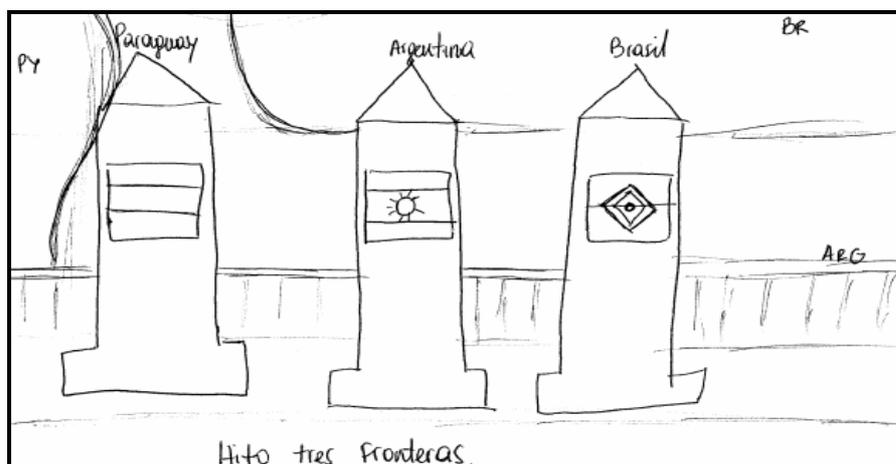


Figura 18b – Marco das Três Fronteiras.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Bachillerato Orientado Provincial – BOP Nº23, 2013.

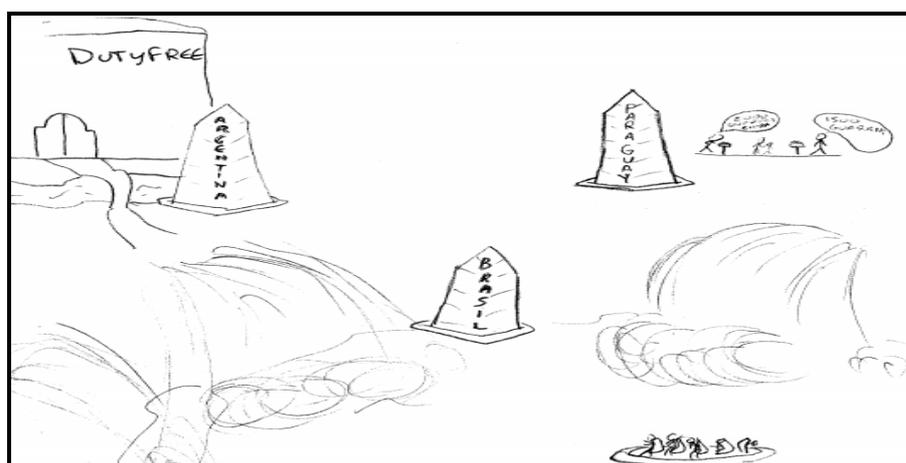


Figura 18c – Marco das Três Fronteiras.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Colégio Ulysses Guimarães/BR, 2013.

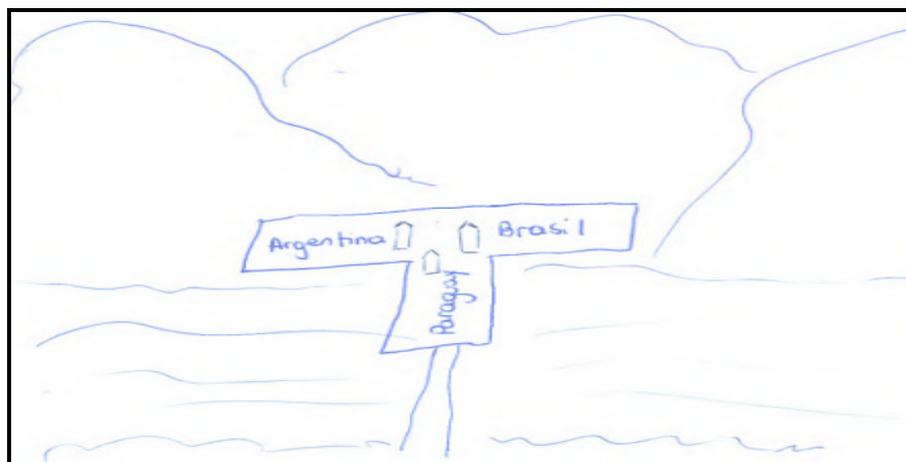


Figura 18d – Marco das Três Fronteiras.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Colegio Vilrge Medalla Milagrosa/PY, 2013.

6.1.2 – Integração econômica

6.1.2.1 Comércio exterior: 4 casos

6.1.2.2 Relações comerciais: 12 casos

6.1.2.3 Particularidades comerciais: 20 casos

6.1.2.4 Flutuação cambial: 3 casos

6.1.2.1 Comércio exterior.

As atividades de importação e exportação efetuadas na TF constituem-se entre as maiores atividades na região de comercialização de produtos e mercadorias entre os países a ela pertencentes. No total, foram quatro (4) casos, representados por (1) de Puerto Iguazú, (1) de Foz do Iguaçu e (2) de Ciudad del Este. Embora o comércio exista entre as três cidades, a proporção maior desta atividade comercial, realiza-se entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, especialmente de produtos eletrônicos, considerando a legalidade das transações.

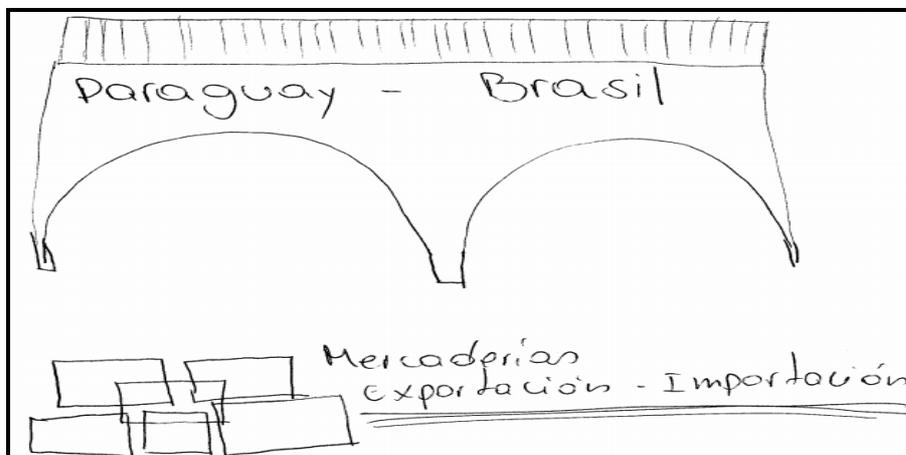


Figura 19a – Comércio exterior.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Instituto San Lucas/AR, 2013.

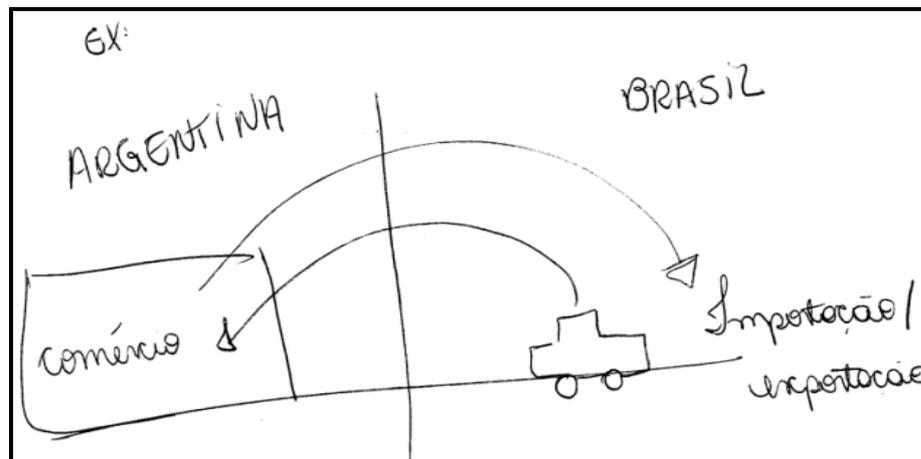


Figura 19b – Comércio exterior.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colégio Cooperativa/BR, 2013.

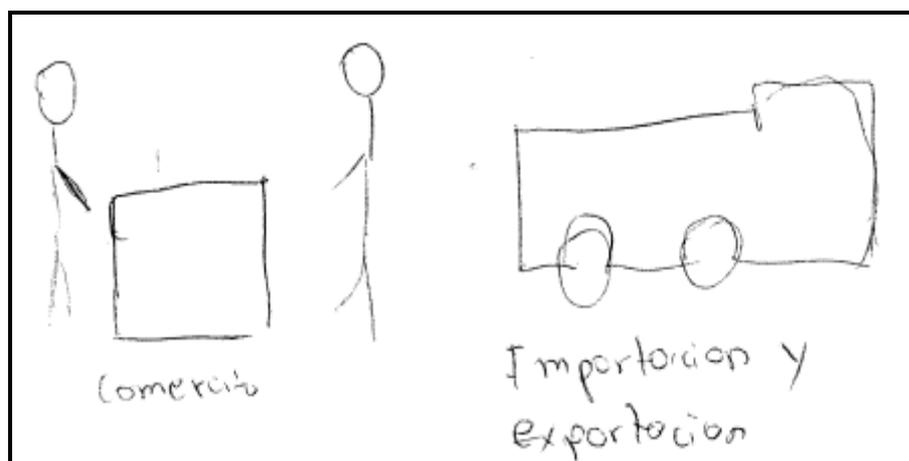


Figura 19c – Comércio exterior.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Centro Regional Educacional Dr. Jose Gaspar Rodriguez de Francia/PY, 2013.

6.1.2.2 Relações comerciais.

O comércio na região de fronteira denota as representações da integração e seus obstáculos, sobretudo o da TF. Simbolizado por doze (12) estudantes, por sua vez, (1) iguacense, (7) iguaçuenses e (4) esteños, as representações subjetivas demonstraram a integração e a interligação entre as economias das três cidades, a exemplo do mapa mental que ostenta o Ciclo da Tríplice Fronteira, figura 20b. Ciclo este que interliga e integra uma diversidade cultural, fortificada pelo turismo e por efeito a economia.



Figura 20a – Relações comerciais.
 Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Instituto Sagrada Família/AR, 2013.

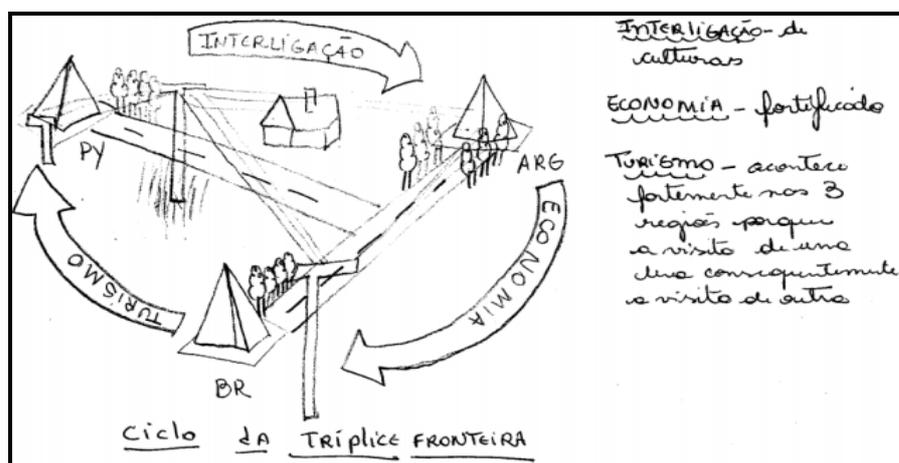


Figura 20b – Relações comerciais.
 Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colégio Ulysses Guimarães/BR, 2013.

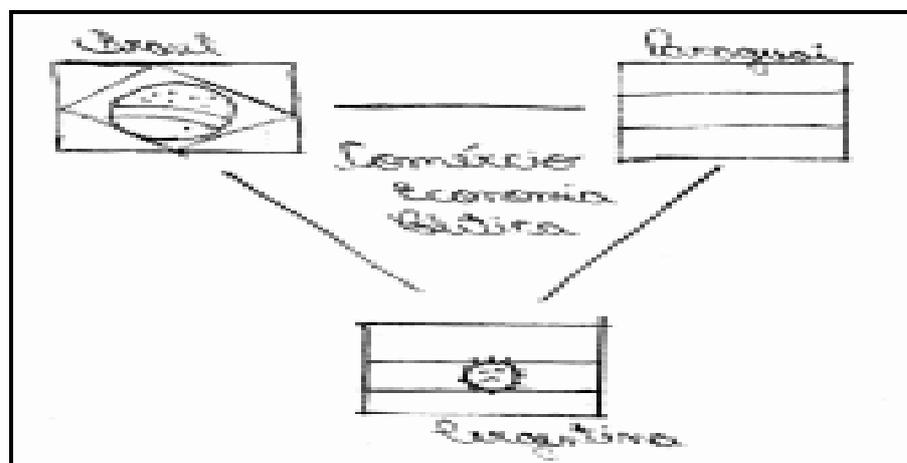


Figura 20c – Relações comerciais.
 Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Colégio Bartolomeu Mitre/BR, 2013.

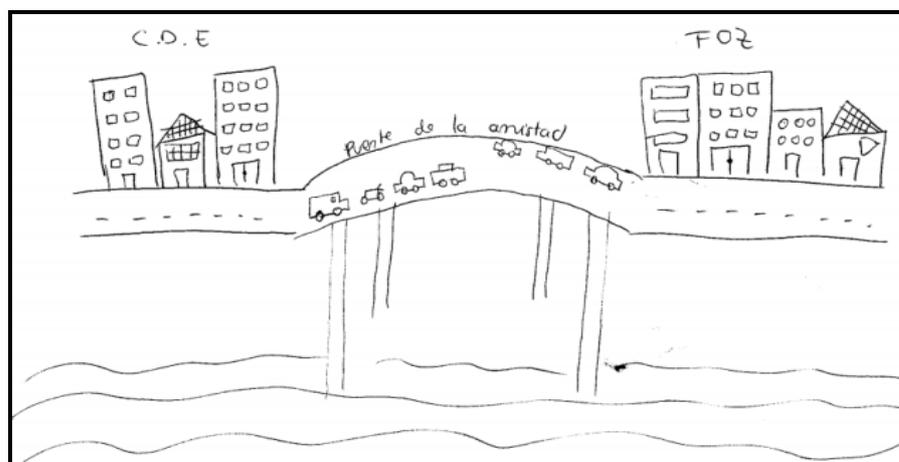


Figura 20d – Relações comerciais.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colegio San Francisco de Asis/PY, 2013.

Torna-se oportuno lembrar que o ciclo da TF acarreta efeitos diretos quando um país apresenta problemas, afetando as demais cidades. Um exemplo é quando há o fechamento da Ponte da Amizade ou até quando a aduana brasileira reforça a sua fiscalização.

6.1.2.3 Particularidades comerciais.

Cada cidade pertencente à TF apresenta características peculiares quanto ao comércio local. Estas peculiaridades foram expressas por vinte (20) estudantes e destes doze (12) de Foz do Iguaçu e oito (8) de Ciudad del Este, não havendo caso de Puerto Iguazú. O predominante em Foz, conforme as representações dos sujeitos-estudantes, são ambientes limpos, comércio varejista diversificado, além de infraestrutura hoteleira e turística forte.

Em Ciudad del Este, a presença de cassinos e de um centro comercial com diversidades de shoppings com acessibilidade a tecnologias a preços menos onerosos. Em referência a Puerto Iguazú, a presença de um shopping logo após a aduana, cassinos, combustíveis mais baratos, além de produtos alimentícios característicos da cidade encontrados entre os diversos lugares, na feirinha, produtos como a azeitona, laticínios, temperos e bebidas.

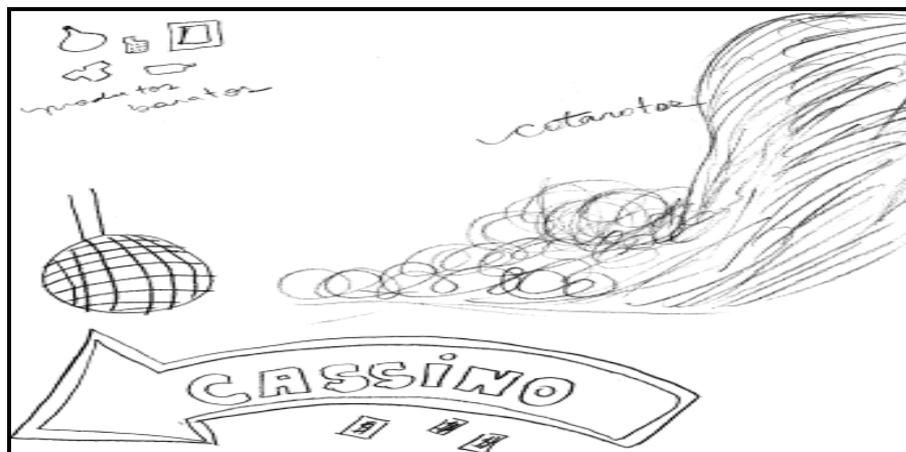


Figura 21a – Particularidades comerciais.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colégio Jorge Schimmelpfeng/BR, 2013.



Figura 21b – Particularidades comerciais.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Colégio Bartolomeu Mitre/BR, 2013.

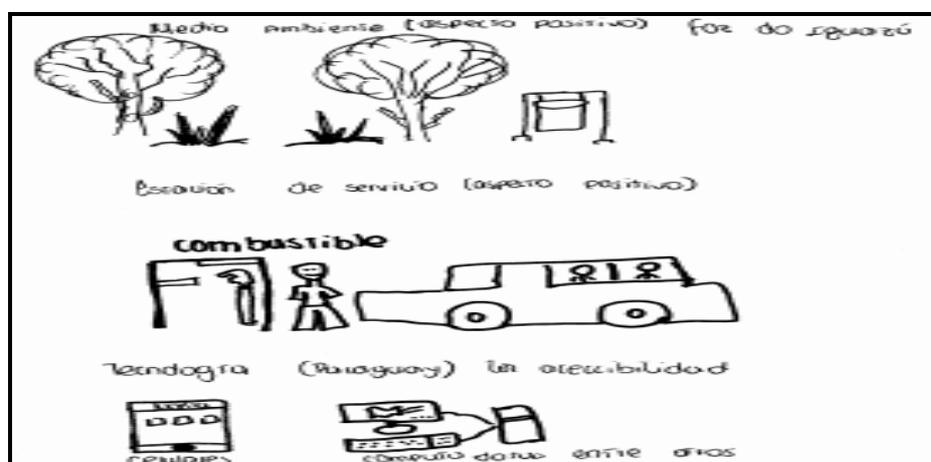


Figura 21c – Particularidades comerciais.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colegio San Francisco de Asis/PY, 2013.

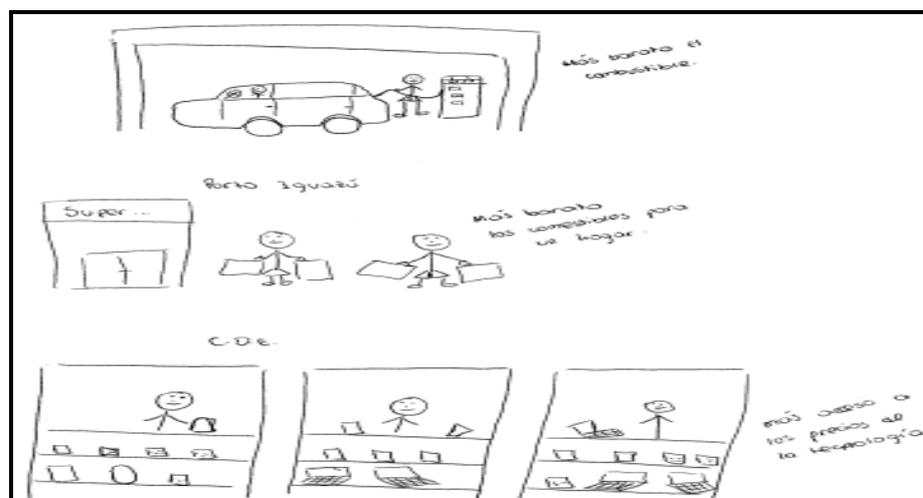


Figura 21d – Particularidades comerciais.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colegio Santa Clara/PY, 2013.

6.1.2.4 Flutuação cambial.

As oscilações cambiais geram graves obstáculos e assimetrias entre as cidades, que por estarem direta ou indiretamente inter-relacionadas refletem uma nas outras (entre elas) quando há desvalorização na moeda nacional. As representações a este respeito foram efetuadas por três (3) estudantes de Foz do Iguazú. Hoje, presencia-se na fronteira a desvalorização da moeda argentina, tornando os preços mais atrativos dos seus produtos e mercadorias para brasileiros e paraguaios.

Só para fins de exemplificação, cita-se o caso do combustível em Puerto Iguazú com valores bem inferiores ao do Brasil e Paraguai, tanto que na cidade iguacense há nos postos de gasolina, bombas específicas para estrangeiros, devido à procura existente deste produto.

De certa forma, com a moeda Argentina desvalorizada frente ao real, reduz-se a presença de turistas argentinos no lado brasileiro e Paraguai, afetando certas atividades comerciais em Foz do Iguazú.

Em Ciudad del Este, que tem como moeda nacional o guarani, a mesma é pouco utilizada ou não aceita por uma gama de comerciantes estrangeiros que trabalham na cidade. Portanto, a moeda utilizada é o dólar americano.

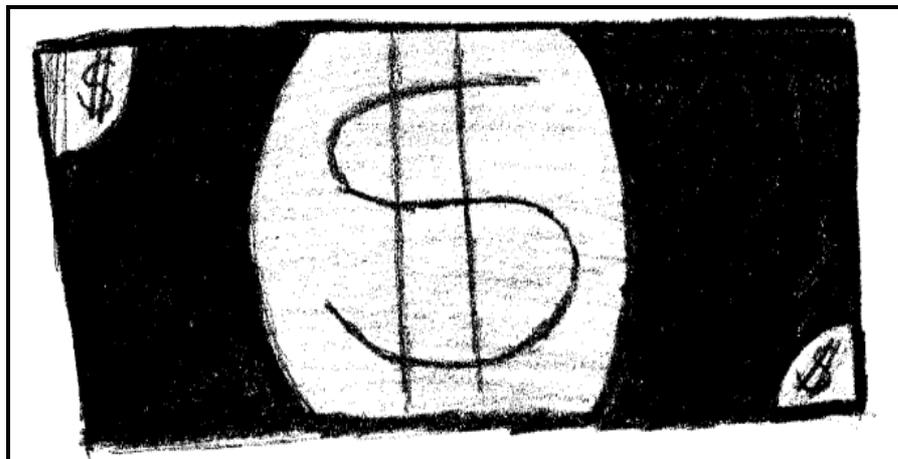


Figura 22a – Flutuação cambial.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Colégio Vicentino São José/BR, 2013.

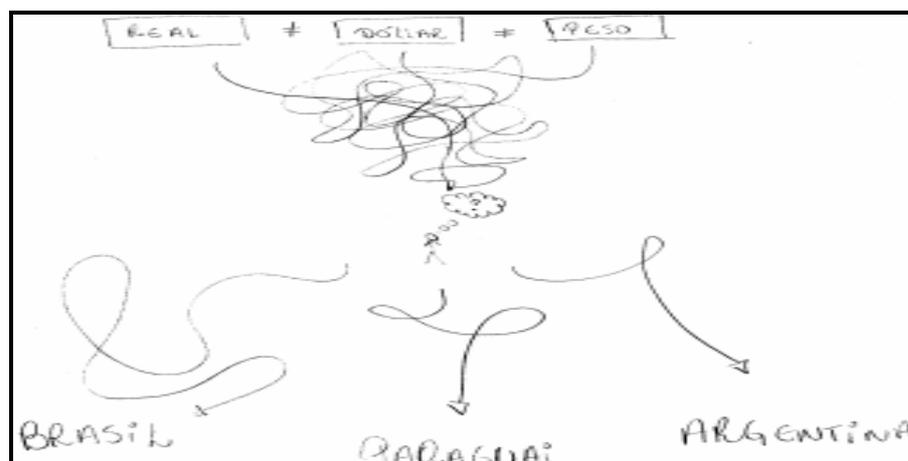


Figura 22b – Flutuação cambial.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Colégio Flávio Warken/BR, 2013.

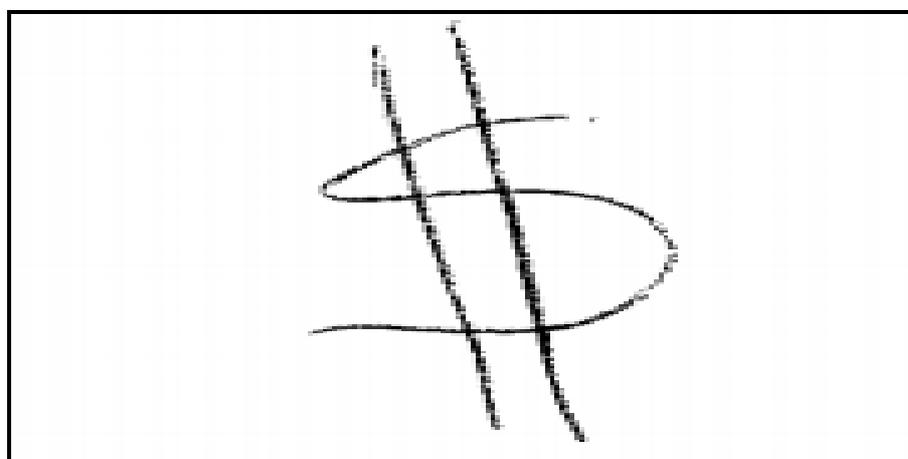


Figura 22c – Flutuação cambial.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Colégio Bertoni/BR, 2013.

6.1.3 Mobilidade urbana/fluxo

6.1.3.1 Aduanas: 6 casos

6.1.3.2 Circulação: 11 casos

6.1.3.1 Aduanas.

Em toda fronteira, há a necessidade de aduanas ou administração pública que tem como finalidade a fiscalização de mercadorias e produtos que entram ou saem do país e a cobrança de taxas de importação e exportação.

Enquanto a função da aduana é fiscalizar mercadorias, a polícia federal, no caso brasileiro, é responsável pelo controle do tráfego de pessoas.

Neste sentido, constituindo-se em uma zona de fronteira que perfaz limites entre três Estados denominada de TF, sua particularidade foi evidenciada por (6) estudantes, por sua vez, (2) de Puerto Iguazú, (1) de Foz do Iguaçu e (3) de Ciudad del Este.

Das três aduanas existentes, pode-se afirmar que a da margem Argentina é a mais rigorosa em se tratando de fiscalização de mercadorias e pessoas. No caso brasileiro, vem ocorrendo uma intensificação no controle das mercadorias e produtos, reforçado com “a ajuda de câmeras de inteligência artificial, helicópteros, funcionários novos e um serviço de inteligência especializado”, conforme ilustra Pinheiro-Machado (2011, p. 131). Para Ciudad del Este, o controle que se pode perceber é quanto a entrada de caminhões carregados de diversos tipos de produtos e mercadorias.

O caso das aduanas foi retratado na sétima questão quando se inquiriu aos estudantes sobre as vantagens e desvantagens em se viver na TF. Entre o ponto de vista dos estudantes, as aduanas foram visualizadas como desvantagem, por apresentarem um controle ou fiscalização, por um lado, até eficiente, e por outro, a presença da corrupção que aflige os aduaneiros, como também a polícia de fronteira, que pode ser visualizada na figura 23a.

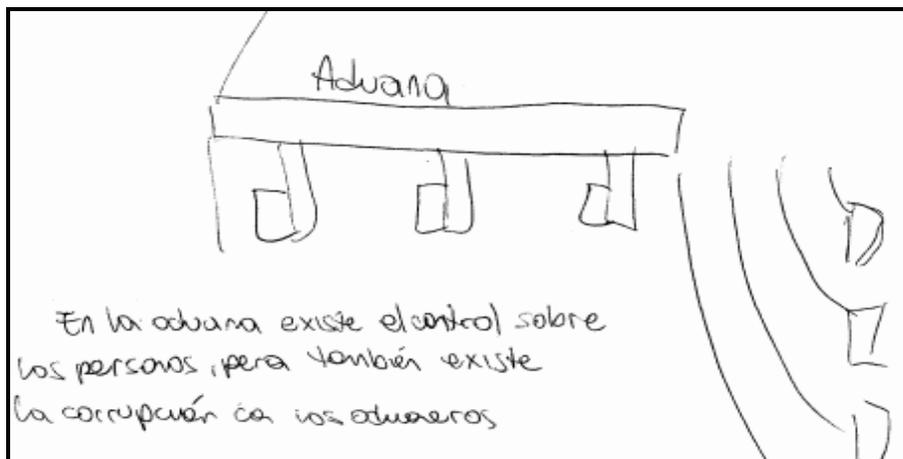


Figura 23a– Aduanas.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Instituto San Lucas/AR, 2013.

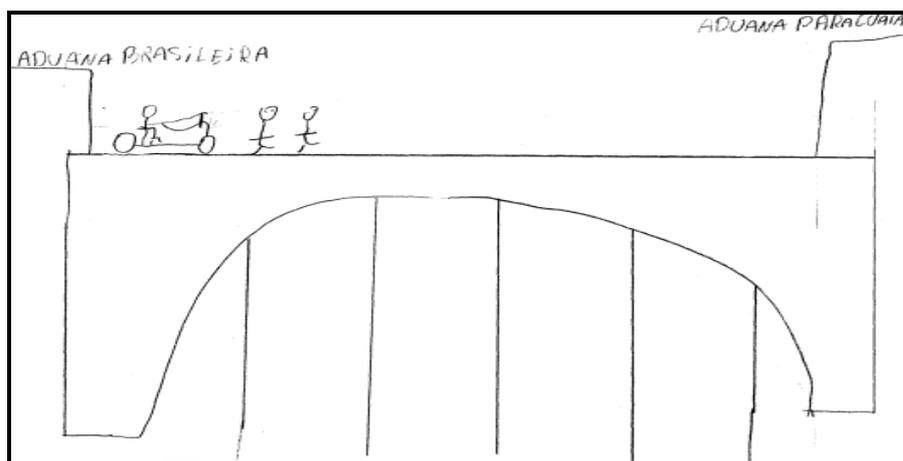


Figura 23b – Aduanas.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Colégio Cooperativa/BR, 2013.

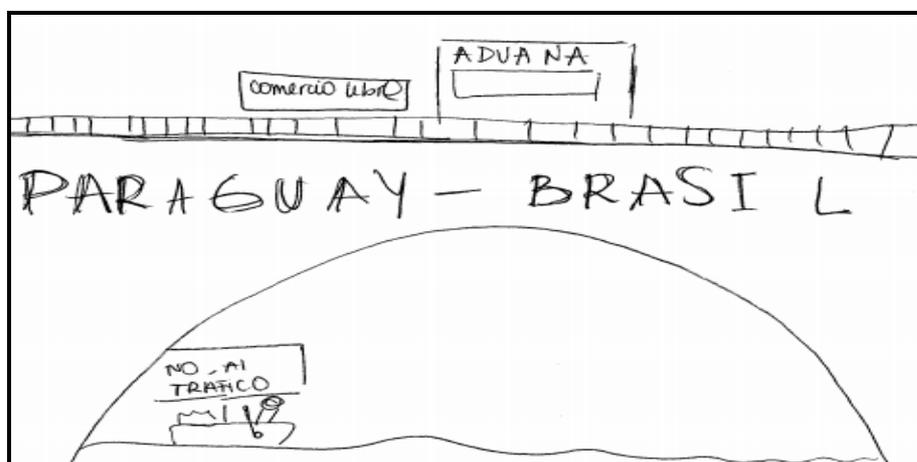


Figura 23c – Aduanas.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colegio Sagrada Familia de Nazaré/PY, 2013.

A figura 23c retrata muito bem a condição de ilegalidade na fronteira, ao mostrar uma fiscalização mais efetiva sobre a Ponte e, por outro lado, reduzido contingente de policiais no rio Paraná e Iguazu, onde sabemos circula o grosso do contrabando, do narcotráfico.

6.1.3.2 Circulação.

A mobilidade urbana ou fluxo de pessoas na TF é reconhecido nacional e internacionalmente. A facilidade em se deslocar de um lado para o outro entre as fronteiras é verificada diariamente no fluxo de carros, vans, táxis, linhas de ônibus internacionais, esta última se constitui num indício do grau de inter-relação entre as cidades, em particular entre Foz do Iguazu e Ciudad del Este.

O movimento pela Ponte da Amizade e as atividades que tal movimento supõe, caracteriza-o “como uma avenida de um mesmo espaço urbano” (KLEINKE et al., 1997, p.151) e não de uma rodovia, correspondente a BR-277 (BR) e Rodovia Internacional VII (PY), que conectam o centro do Paraguai ao litoral atlântico brasileiro na cidade de Paranaguá no estado do Paraná.

Já na Ponte da Fraternidade (Foz do Iguazu e Puerto Iguazú) somente linhas argentinas são autorizadas a trafegarem, o deslocamento/fluxo de carros é menor, face aos problemas da moeda Argentina - o peso, o que fez suprimir e deixar de ser um atrativo para muitos turistas e moradores da região.

A mobilidade esteve na representação de (11) estudantes, constando de (2) de Puerto Iguazú, (3) de Foz do Iguazu e (6) de Ciudad del Este. Diante do exposto acima, e pelas indicações é notável que para os moradores de Foz do Iguazu e Ciudad del Este a fronteira passa a ser um mesmo espaço urbano, visto que na questão 7 foi mencionada como uma das vantagens em viver na TF, ou como demonstrada na categoria dos atrativos culturais, no caso da ponte, constituindo-se numa verdadeira avenida, com reduzido controle de fluxo de pessoas, mercadorias e produtos.

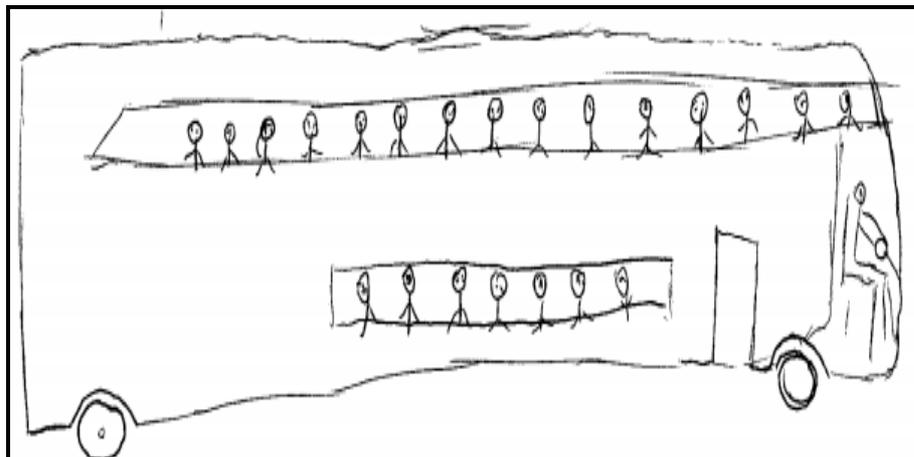


Figura 24a – Circulação.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Instituto San Lucas/AR, 2013.



Figura 24b – Circulação.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colégio Flávio Warlen/BR, 2013.

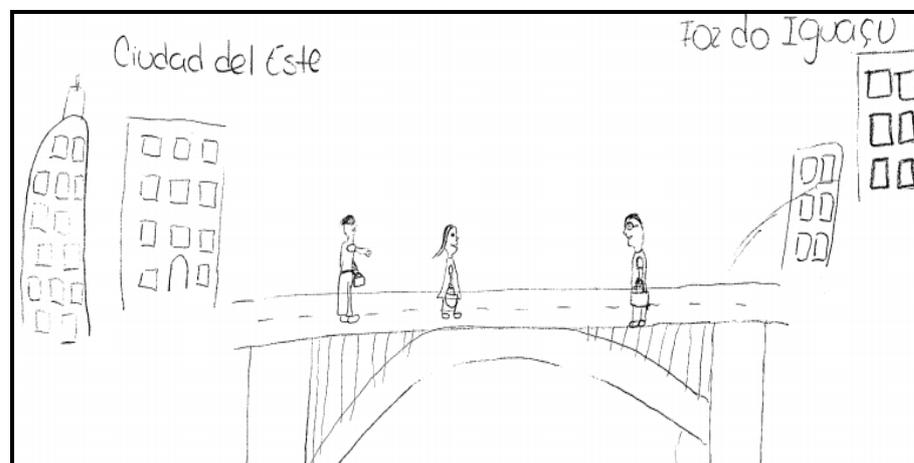


Figura 24c – Circulação.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colegio Atanasio Riera/PY, 2013.

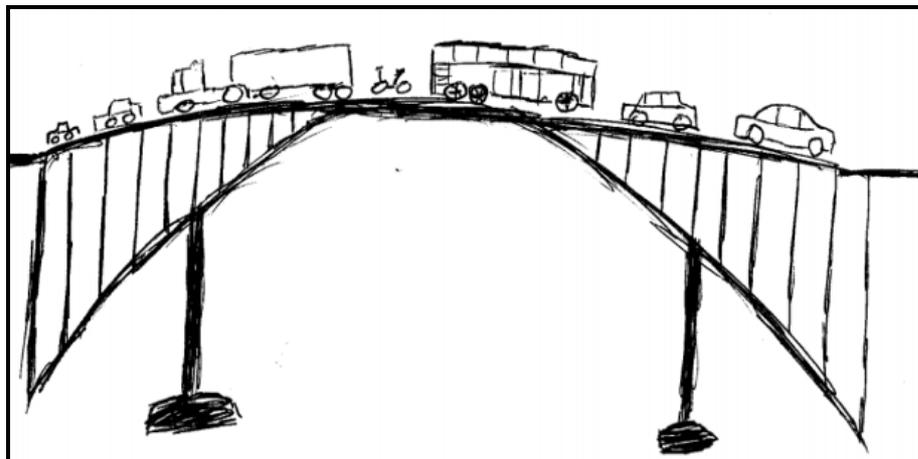


Figura 24d– Circulação.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Centro Regional Educacional Dr. Jose G. R. de Francia/PY, 2013.

6.1.4 – Problemas da região

6.1.4.1 Desemprego: 7 casos

6.1.4.2 Narcotráfico (Tráfico de drogas): 10 casos

6.1.4.3 Contrabando: 20 casos

6.1.4.4 Tráfico (armas, pessoas): 10 casos

6.1.4.5 Insegurança/violência: 11 casos

6.1.4.6 Poluição: 4 casos

6.1.4.7 Diversos problemas: 15 casos

6.1.4.1 Desemprego.

A região de fronteira com características próprias e em constante construção social apresenta problemas de todos os tipos e ordens, que interferem diretamente na vida dos cidadãos residentes. Ao indagar os estudantes sobre o imaginário da TF, a ampla maioria pensou e mencionou os problemas gerados. Tais análises dos problemas levam a um gerador em comum nas cidades gêmeas, a desocupação/desemprego. Corrobora neste sentido, Béliveau (2011), quando enfatiza que

O principal problema da própria cidade e da região, e nisto coincidem políticos e funcionários dos dois lados da fronteira, é a desocupação. O desemprego aparece como núcleo de uma série de problemáticas que se desprendem dessa causa originária e afetam amplas proporções da população da zona. (BÉLIVEAU, 2011, p.67).

Em detrimento ao desemprego, ao total foram (7) casos de representações realizadas pelos estudantes. Em Puerto Iguazú (2) menções, para Foz do Iguazú (4) indicações e Ciudad del Este (1) caso.



Figura 25a – Desemprego

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colégio Flávio Warken/BR, 2013.

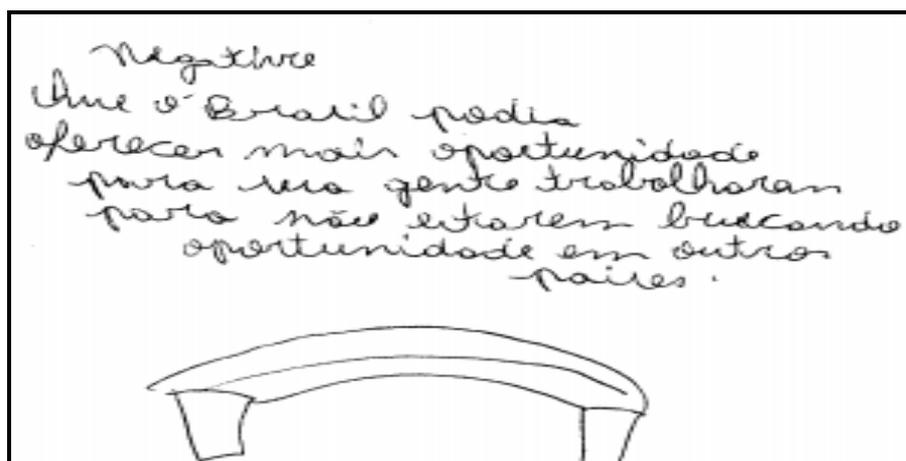


Figura 25b – Desemprego.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colégio Bartolomeu Mitre/BR, 2013.



Figura 25c – Desemprego.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Colegio Sagrada Familia de Nazaré/PY, 2013.

As facilidades que o comércio entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este ofereciam em ganhar dinheiro nas duas últimas décadas do século XX e início do XXI, fez com que muitos trabalhadores deixassem de estudar para apenas trabalhar. Não era necessário ter estudo para ter um bom ganho, mesmo que este fosse lícito.

No entanto, com as oscilações da economia global, regional e local, reforçada com a intensificação nas aduanas, o pesadelo da desocupação/desemprego começou a se intensificar na zona de fronteira, deixando muitas pessoas e, entre essas, jovens sem qualificação para exercerem serviços mais especializados.

Portanto, a falta de oportunidade, representada na figura 25a, é reflexo dessa situação de um exército de trabalhadores, constituindo-se em mão de obra desqualificada, pelo baixo nível de escolarização, a exemplo de Foz do Iguaçu.

Neste sentido, trata-se de visualizar os principais problemas representados pelos estudantes da região fronteiriça, consequência direta do desemprego, mas que não foi considerado diretamente como aquele que alimenta os demais problemas da região, o que ficou claro em ser citado por apenas um estudante de Ciudad del Este.

6.1.4.2 Narcotráfico.

O tráfico de drogas, ou narcotráfico, é um dos graves problemas que assolam as sociedades em geral. No caso da região transfronteiriça que estamos tratando, é uma atividade que atua no âmbito da ilegalidade amplamente lucrativa. Esta prática foi representada por (10) estudantes, sendo (1) iguacense, (3) iguaçuenses e (6) esteños.

No âmbito da ilegalidade, sua atuação ocorre tanto de dia quanto a noite, com maior intensidade pelos rios Paraná e Iguazu, no período noturno quando a fiscalização não é tão intensa.

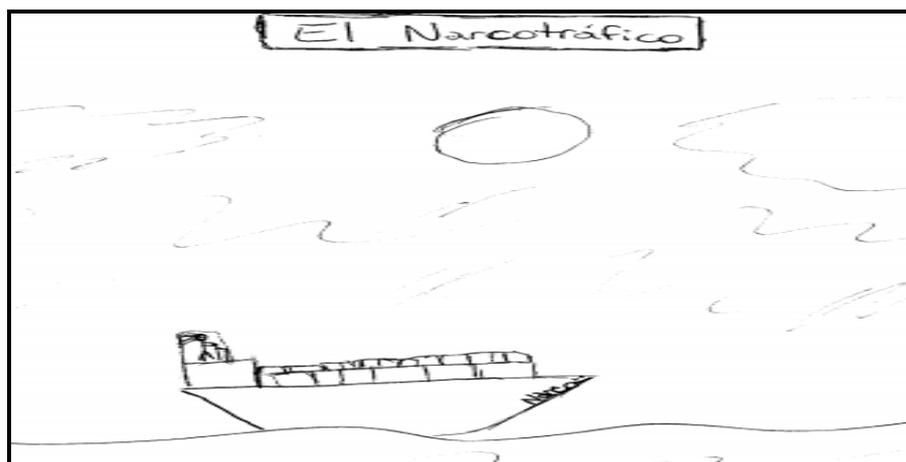


Figura 26a – Narcotráfico.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Instituto Sagrada Familia/AR, 2013.



Figura 26b – Narcotráfico.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Colégio Bartolomeu Mitre/BR, 2013.

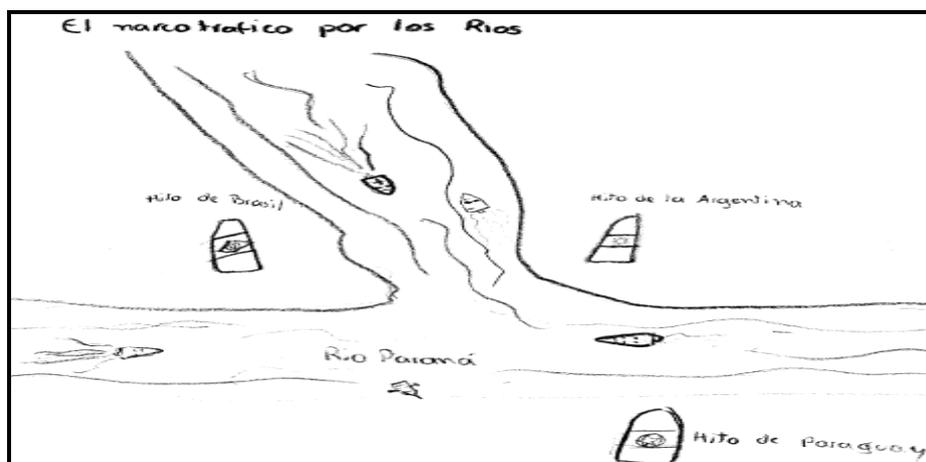


Figura 26c – Narcotráfico.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Centro Regional Educacional Dr. Jose G.R. de Francia/PY, 2013.

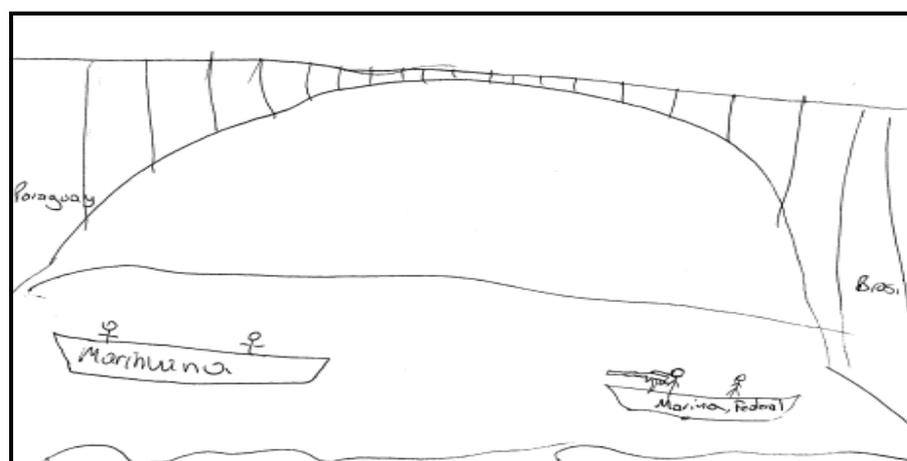


Figura 26d – Narcotráfico.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Colegio Virgen Medalla Milagrosa/PY, 2013.

6.1.4.3 Contrabando.

Quando se trata midiaticamente da TF, em sua maior parte se refere às questões do contrabando, ou seja, a clandestinidade de mercadorias proibidas ou sujeitas a tarifas aduaneiras num país. O contrabando foi o problema mais discriminado em (20) casos, destes (3) argentinos, (6) brasileiros e (11) paraguaios.

Da mesma forma que o narcotráfico, a atuação do contrabando acontece de forma mais expressiva pelos rios. A travessia ocorre por rios ou pequenos aviões, nos fundos falsos de carros, por meio dos chamados muambeiros ou formiguinhas,

ou ainda laranjas⁴⁸ que passam carregando com a força do próprio corpo as mercadorias em caixas embrulhadas por fita isolante, para que se for necessário jogá-las na água, não se perca o produto, havendo barcos a espera do embrulho, como exemplifica a figura 27c.



Figura 27a – Contrabando.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Instituto Sagrada Família/AR, 2013.

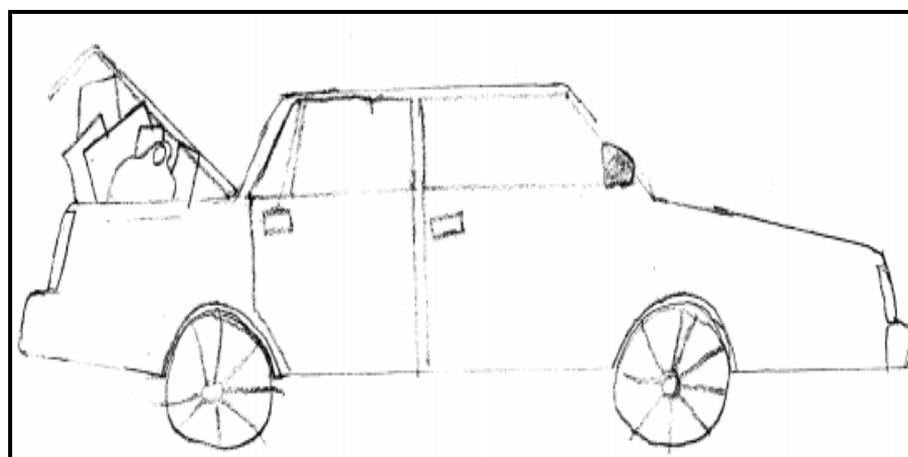


Figura 27b – Contrabando.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Colégio Ulysses Guimarães/BR, 2013.

⁴⁸ Denominam-se laranjas os profissionais que passam com mercadoria para outras pessoas, evitando assim ultrapassar a cota permitida por lei de compras no Paraguai.

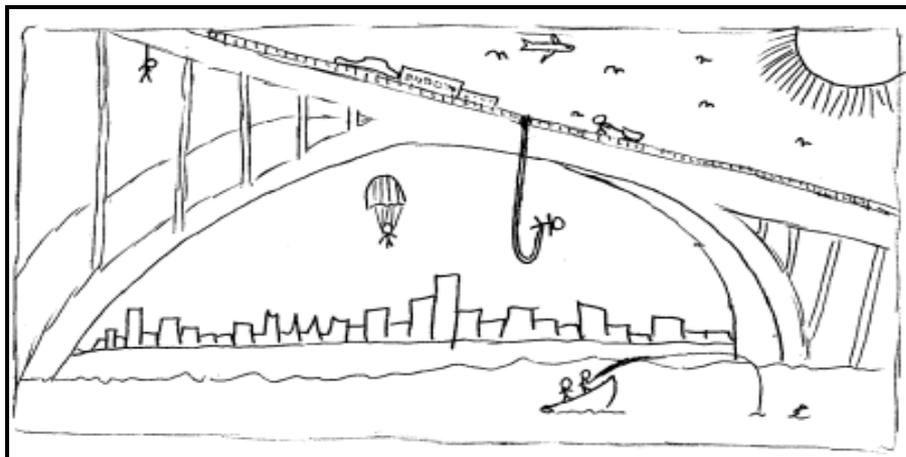


Figura 27c – Contrabando.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Centro Regional Educacional Dr. Jose G.R. de Francia/PY, 2013.

6.1.4.4 Tráfico.

Diante de todas as ilegalidades já apresentadas, o tráfico de armas e de pessoas (crianças) também são consequências da ineficiência dos Estados e de políticas públicas nas nações subdesenvolvidas. Num total de (10) menções, (5) de Foz do Iguaçu e (5) de Ciudad del Este, os estudantes conseguiram retratar em suas representações os dilemas como o roubo de menores/crianças na fronteira. O outro, o tráfico de armas, que por sua vez tem venda facilitada no centro comercial de Ciudad del Este, é contrabandeado para grande centros urbanos, no caso do Brasil, contribuindo com a insegurança e violência hodiernamente nas cidades em geral.



Figura 28a – Tráfico.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colégio Flávio Warken/BR, 2013.

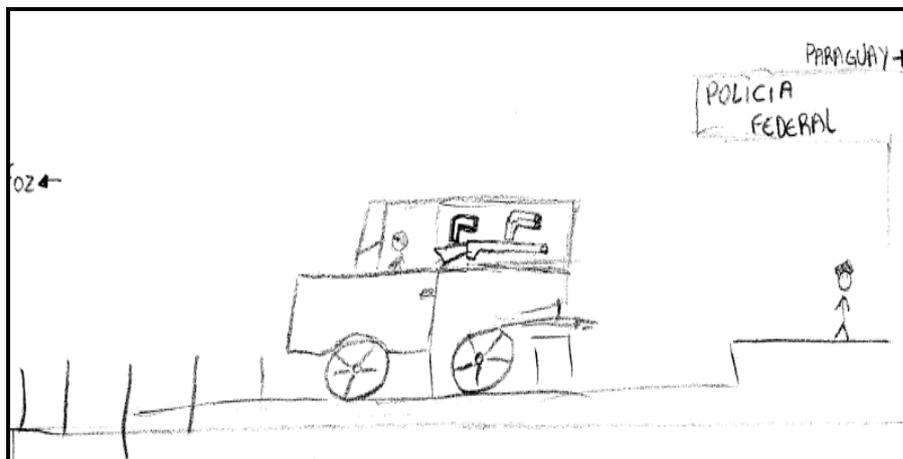


Figura 28b – Tráfico.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colégio Cooperativa/BR, 2013.

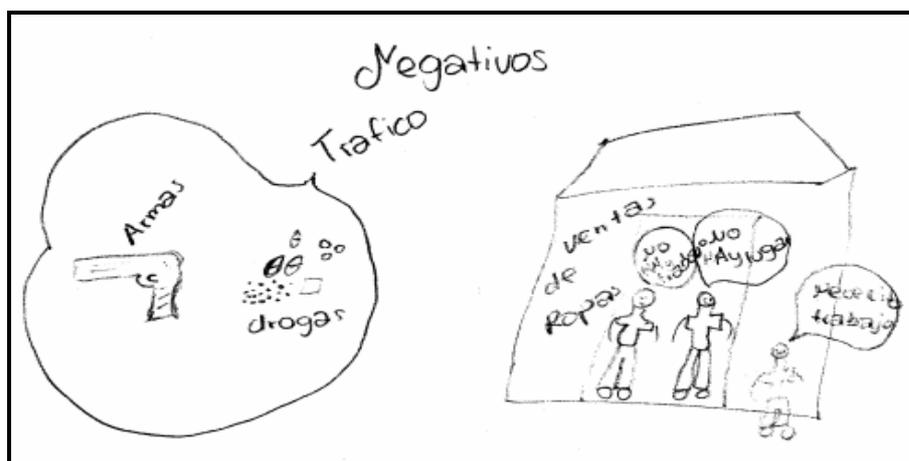


Figura 28c – Tráfico.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colegio Medalla Milagrosa/PY, 2013.

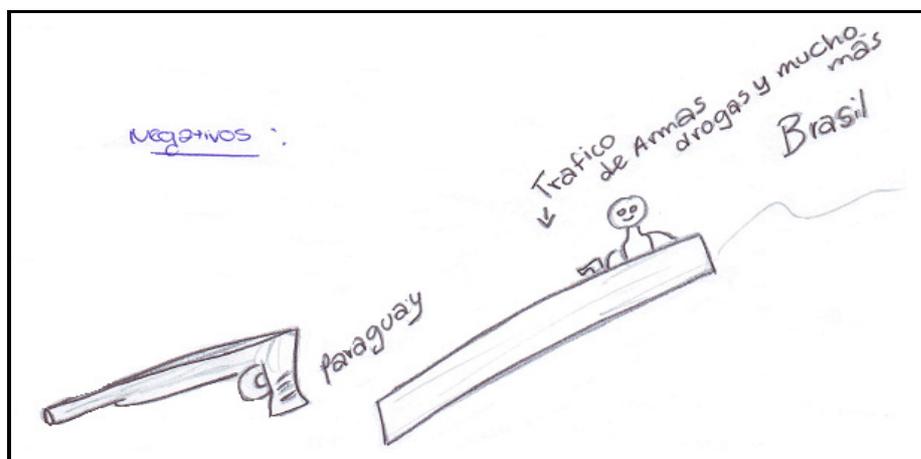


Figura 28d – Tráfico.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colegio Santa ClaraPY, 2013.

6.1.4.5 Insegurança/violência.

Como vimos, a desocupação como problema central gera uma sociedade desigual, depredadora dos recursos, injusta e violenta, que faz perpetuar a miséria social. Esta perpetuação corrobora para que os outros problemas já elencados sejam fortificados, nos trânsitos entre a legalidade e a ilegalidade que agem na fronteira. Os males a eles associados – o desemprego, gera uma constante de insegurança para moradores locais e turistas, antes mesmo de chegar ao seu local de destino.

A criminalidade/delinquência como os roubos e assassinatos foram elucidados em diversos tipos de ambientes, por (11) estudantes, e destes (1) caso representado em Puerto Iguazú, (7) em Foz do Iguazu e (3) em Ciudad del Este, o que reflete que a liberdade e a segurança do cidadão está a mercê de sujeitos que praticam os descaminhos que mancham a vida em sociedade.



Figura 29a – Insegurança/criminalidade.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Escuela Provincial de Educación Técnica – EPET Nº 4/AR, 2013.

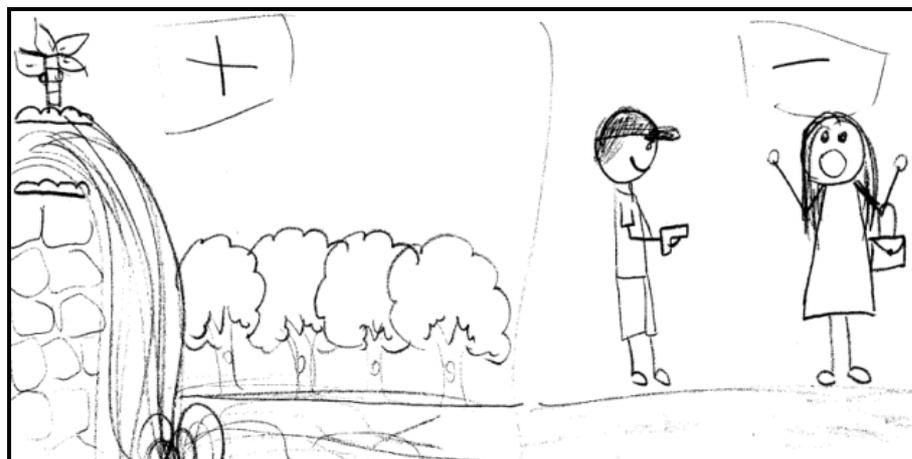


Figura 29b - Insegurança/criminalidade.
 Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colégio Vicentino São José/BR, 2013.



Figura 29c - Insegurança/criminalidade.
 Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Colégio Vicentino São José/BR, 2013.

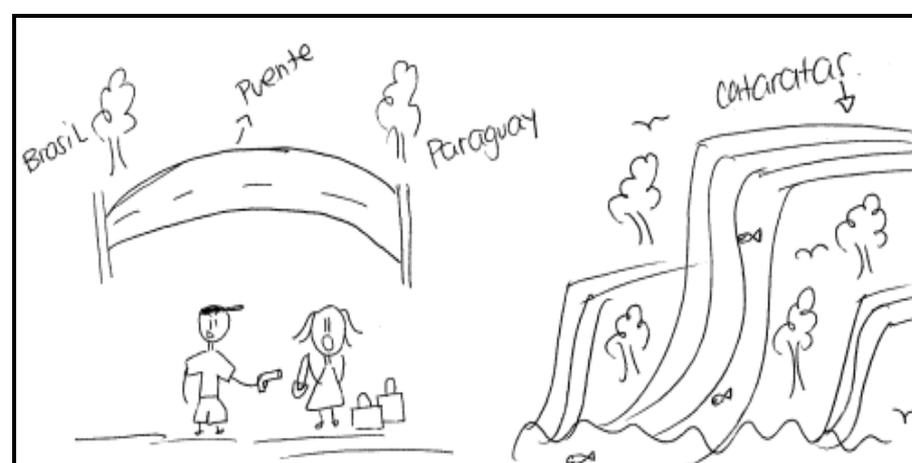


Figura 29d - Insegurança/criminalidade.
 Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colegio Atanasio Riera/PY, 2013.

É fato que os roubos e assaltos continuam acontecendo, mas com menor amplitude se compara a décadas anteriores. No início do atual século, Foz do Iguaçu era considerada a cidade com maior índice de homicídios de jovens, situação que preocupava toda família que tivesse algum indivíduo nesta faixa etária. Entretanto, aos poucos, a cidade vem deixando esta classificação, reduzindo o número de homicídios locais.

6.1.4.6 Poluição.

Para quem já teve a oportunidade de visitar as cidades-gêmeas no início da noite, pode perceber que passaram por limpeza ou estão sendo limpas, em especial, no centro comercial de Ciudad del Este. É comum, em pleno horário comercial, depararmos com muito lixo deixado e jogado por turistas, compristas nos ambientes por eles frequentados.

Nos últimos anos, a atuação de políticas públicas e/ou privadas vem sendo postas em prática, para tentar minimizar os efeitos da falta de educação ambiental que os humanos cometem. Além do lixo, outro atenuante citado é poluição do ar gerado pelo excessivo fluxo de carros em horários comerciais, provocando congestionamentos sobre a Ponte da Amizade, quando intensificada a fiscalização na Aduana na margem brasileira.

Os estudantes iguacenses, iguaçuenses e esteños, representaram estes tipos de poluição em (4) casos ao total, compreendendo respectivamente, a (2), (1) e (1) casos.

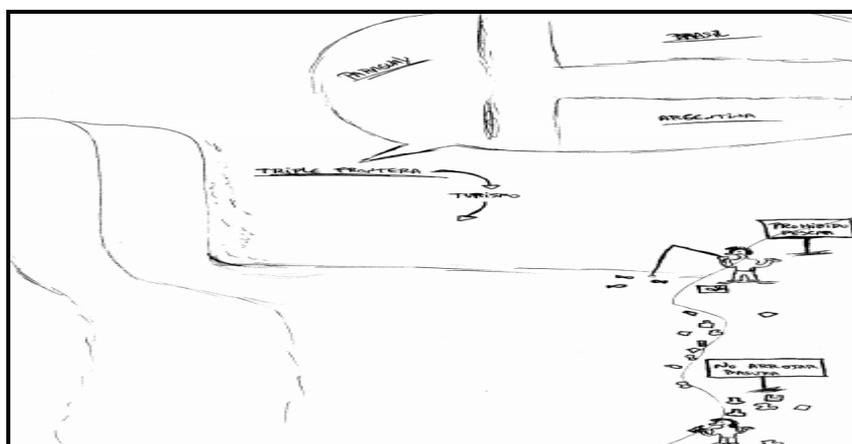


Figura 30a – Poluição.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Instituto Sagrada Família/AR, 2013.



Figura 30b – Poluição.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Instituto Sagrada Família/AR., 2013.

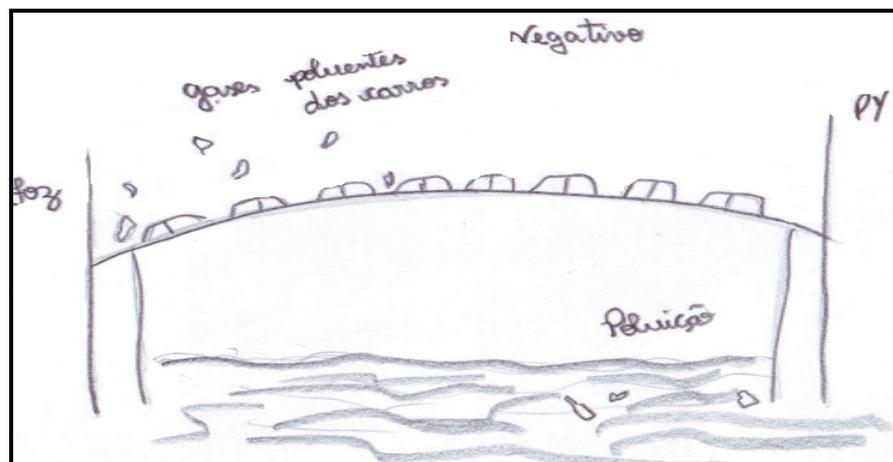


Figura 30c – Poluição.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colégio Adventista/BR, 2013.

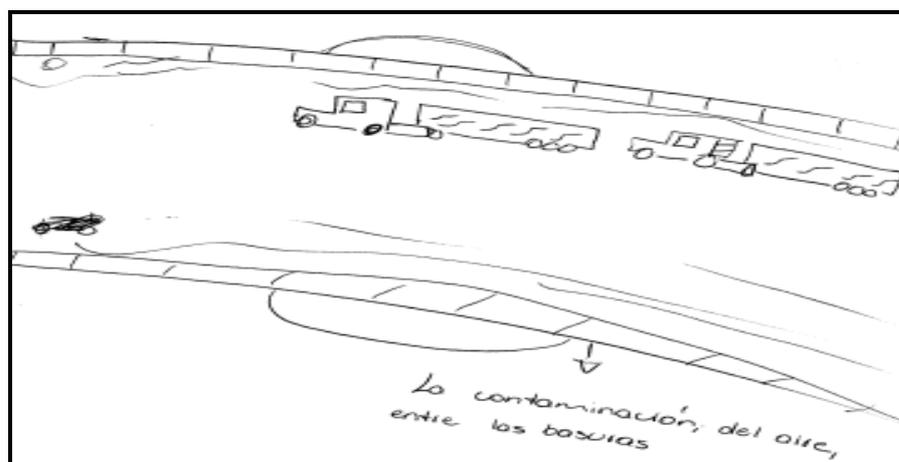


Figura 30d – Poluição.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Colégio Medalla Milagrosa/PY, 2013.

6.1.4.7 Diversos problemas.

Entre os estudantes, há aqueles que mencionaram diversos problemas que estão associados ao desemprego, na mesma representação. Ao total (15) casos, pode-se analisar diante desta situação, constando (5), (6) e (4) indicações, na devida ordem para iguacenses, iguaçuenses e esteños. Isto significa que existe a consciência da existência dos males gerados frutos do desemprego na Tríplice Fronteira, como foi representado na figura 31a.



Figura 31a – Diversos problemas.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Instituto Sagrada Familia/AR, 2013.

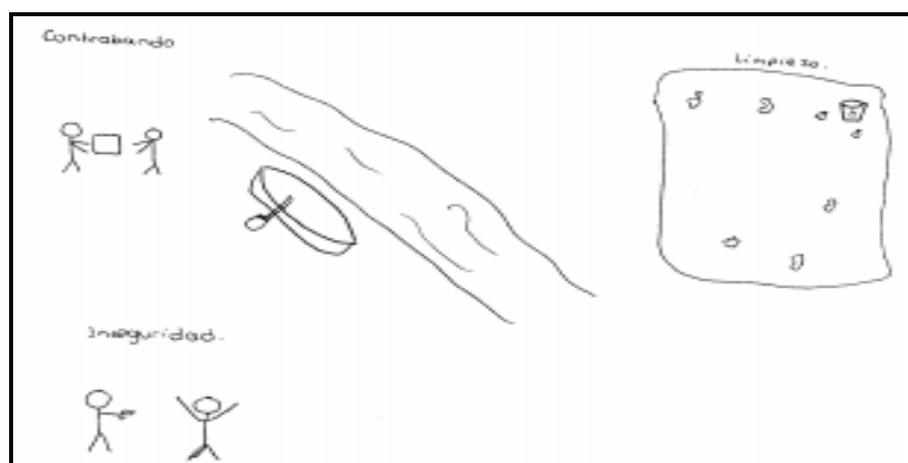


Figura 31b – Diversos problemas.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colegio Provincial-BOP Nº 23/AR, 2013.



Figura 31c – Diversos problemas.

Fonte: Trabalho de campo - Aluna do Colégio Flávio Warken/BR, 2013.

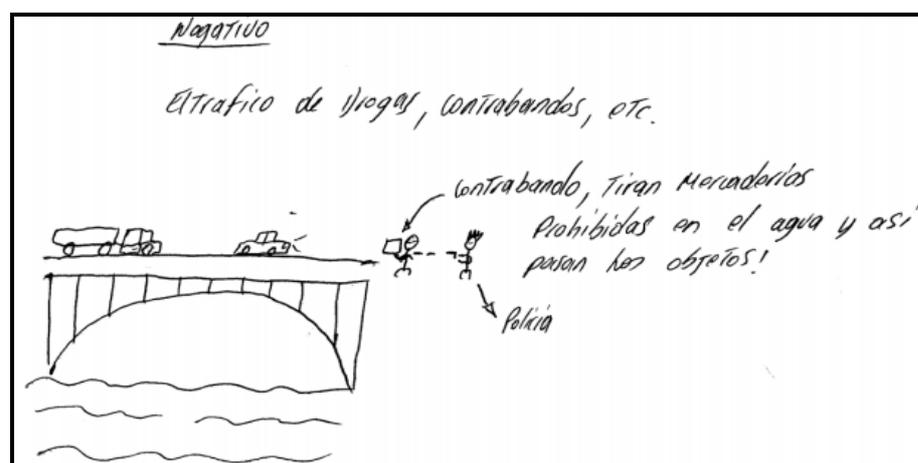


Figura 31d – Diversos problemas.

Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Colegio Atanasio Riera/PY., 2013.

6.1.5 – Integração social e diversidade cultural

Para os sujeitos da TF, o imaginário da integração social é fortificado diante das inter-relações política e econômica da região. Entretanto, Béliveau (2011, p. 78) esclarece ao dizer que “a integração dos países da fronteira possibilitada pelo MERCOSUL aparece, entretanto, mais enfaticamente anunciada que efetivamente acionada, pelo menos no âmbito local”.

Cada cidade/nação possui sua particularidade, suas assimetrias. Assim, como as representações de Puerto Iguazú demonstram sobre a ideia de uma cidade

repleta de homogeneidade, Foz do Iguaçu é compreendida sobre o imaginário do diverso, do dinâmico, como constitutiva de suas práticas cotidianas. Em Ciudad del Este incorpora-se o imaginário de múltiplos grupos étnicos dedicados ao comércio regional que se instalou na cidade.

Neste sentido, a integração na região da TF é enriquecida diante da multiplicidade étnica, religiosa e cultural. A sociabilidade das diversas culturas⁴⁹ demonstra que as diferenças, por um lado, enriquecem a vida em sociedade e, por outro, interferem na cultura local. Enriquecimento compreendido por (17) estudantes da região, constando de (4) iguacenses, (9) iguaçuenses e (4) esteños. A diversidade cultural faz-nos pensar no imaginário da convivência pacífica, sem a existência de conflitos, como é comum em outras regiões fronteiriças pelo mundo.

Uma fronteira dinâmica, mas, ao mesmo tempo, passível de compartilhar modos de vida, sem que haja sobreposição de uma sobre a outra.

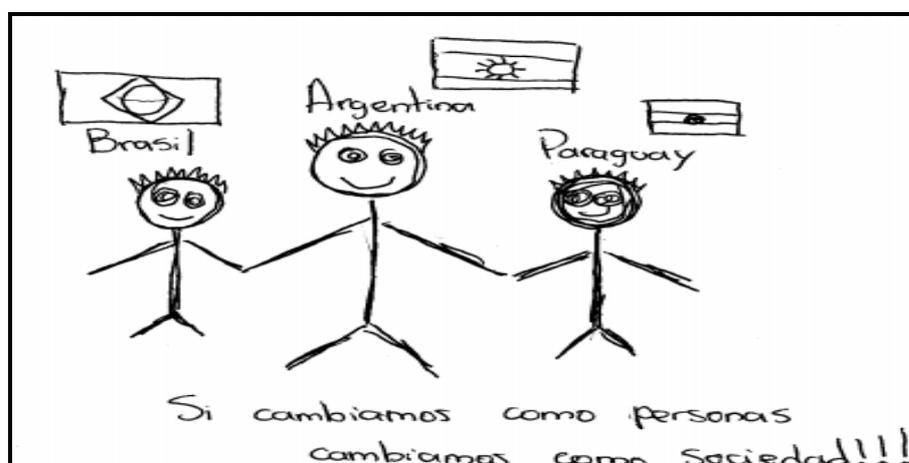


Figura 32a – Integração social e diversidade cultural.
Fonte: Trabalho de campo - Aluno do Colegio BOP N° 23/AR, 2013.

⁴⁹ Entre as várias etnias encontradas na Tríplice Fronteira, destacam-se os paraguaios, os árabes, os chineses, os coreanos e os libaneses.



Figura 32b – Integração social e diversidade cultural.
 Fonte: Aluna do Colégio Jorge Schimmelpfeng/BR.

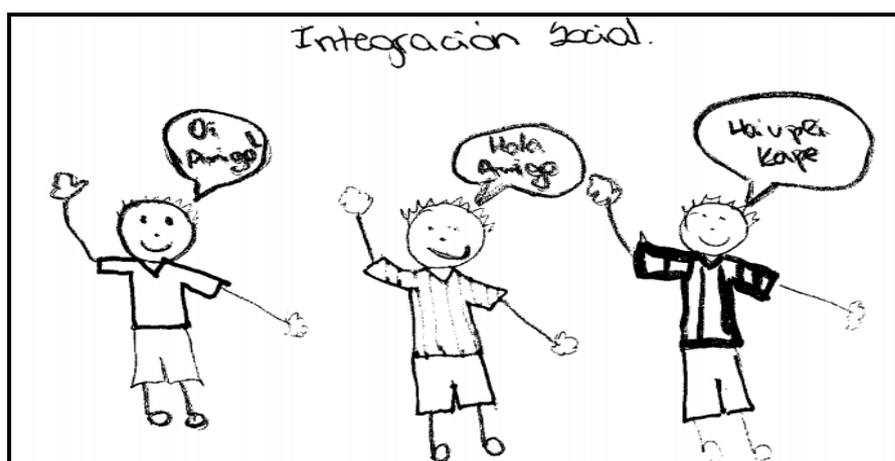


Figura 32c – Integração social e diversidade cultural.
 Fonte: Aluna do Centro Educacional San Francisco de Asis/PY.

Ao inquirir os saberes sociais dos sujeitos desta pesquisa, que trata tanto do caráter simbólico, como do imaginário dos estudantes da TF presentes em suas representações, evidenciou-se como os conhecimentos geográficos adquiridos ao longo dos seus processos de ensino e de aprendizagem conferem aos profissionais da educação e, neste caso, os de Geografia, a necessidade de intermediar com maior alento, a construção de uma identidade coletiva e individual, partindo da realidade social e espacial de seus estudantes, para que este conhecimento não se torne irrelevante, ao longo de suas vidas.

No decorrer da pesquisa, buscou-se compreender o fenômeno social do turismo em uma zona de fronteira, influenciadas pela diversidade cultural, étnica,

religiosa que caracteriza este espaço geográfico como dinamizador para alguns, e excludente para outros. Da mesma forma, assimilar a contribuição do ensino da Geografia, do saber pensar e agir o espaço a que pertencem os sujeitos sociais, em conformidade com os mapas mentais, - representações sociais do seu cotidiano.

É importante destacar que o senso comum dos estudantes é exteriorizado por meio do conhecimento prático e de suas ações cotidianas que trazem consigo um conjunto de saberes, que relaciona com o meio social.

No que concerne às representações sociais dos sujeitos da pesquisa, foram expressas nas diversas formas de linguagem, dispondo sujeitos e objetos em construção conjunta, ou seja, pertencentes a uma mesma realidade, destacando o indivíduo como produto da sociedade e como agente de mudança desta.

Ao utilizar-se das representações sociais, valorizam-se as relações humanas com o seu cotidiano, vivenciadas nos locais por todas as pessoas, manifestadas nas paisagens que a associam com a identificação alusiva às diferentes formas de atribuir sentido e significado as coisas.

Aos sujeitos, infere-se que a identidade suporta frequentes variações de significado e formas de representações no decorrer do tempo e espaço, conforme os desiguais momentos do nosso cotidiano e com o grau de desenvolvimento dos indivíduos.

Depreende-se que os estudantes assimilam as distintas culturas que integram a TF, mas mínimas são as acomodações/ancoragem de seus saberes, tornando-se, portanto, um conhecimento com reduzido sentido e significado. É uma lástima que todo esse saber assimilado em suas práticas cotidianas tenha um acanhado/escasso aproveitamento no cotidiano escolar, em especial, no ensino da Geografia.

A este respeito, cabe ressaltar o caso dos estudantes esteños ao se mostrarem mais apreensivos com a falta de correlação de seus conhecimentos, diante da situação de maior dependência suportada pelos cidadãos de Ciudad del Este, em relação aos demais estudantes iguacenses e iguaçuenses. Após as respostas dos questionários a procura por esclarecimentos quanto ao ensino superior no Brasil foi grande por parte dos alunos de Ciudad del Este.

Esta indagação se fez oportuna pela presença de instituições públicas em Foz do Iguaçu, entre elas a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e por esta dispor de 50% de suas vagas para estudantes provenientes dos demais países latino-americanos.

Pode-se concluir que os estudantes apresentam um conhecimento pautado em sua experiência cotidiana, do senso comum, e que esta experiência sobrepõe aos conhecimentos científicos adquiridos ao longo dos processos de ensino e de aprendizagem desenvolvidos na educação básica e, por extensão, na ciência geográfica.

Ao contextualizar os conteúdos estruturantes da Geografia com a realidade local do estudante, a compreensão e apreensão dos conceitos a partir dos conteúdos que estejam vinculados com o dia a dia dos sujeitos possibilitarão ao processo de ensino uma âncora ao aprendizado. Mas o que se detectou nas respostas dos questionários foi a escassez com que os conteúdos que poderiam ser relacionados com o cotidiano dos estudantes são realizados.

Infelizmente, confirmou-se que os processos de ensino e de aprendizagem necessitam urgentemente começar a confrontar os conceitos entre eles, o geográfico ao mundo vivido de seus estudantes.

As representações revelaram que havendo uma mediação consistente e contínua do saber geográfico, valendo-se do conhecimento cotidiano do educando e das outras áreas do conhecimento, repleta de identidade e valores, a aprendizagem tornar-se-á significativa em prol das relações humanas, repleta de uma vida cidadã satisfatória a todos.

7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES, À GUIA DE CONCLUSÕES

Esta pesquisa fez uma abordagem do conhecimento adquirido por jovens em idade escolar, entre a faixa de 15 a 18 anos, residentes na TF em relação à conceitos envolvendo a educação geográfica, a fronteira e a contribuição do turismo para o ensino a partir das abordagens Humanistas e das Representações Sociais. Por serem jovens, suas manifestações são em muitos casos renegadas pela sociedade adulta, mas conferem significativos alertas, sejam favoráveis e/ou desfavoráveis quanto aos acontecimentos em sociedade.

Por via de regra, as sociedades que convivem em zonas de fronteira, enfrentam além de benefícios, problemas comuns como o desemprego, o fluxo rotineiro de populações entre seus territórios, o desrespeito com as questões ambientais, a hibridização cultural e o tráfico em suas diversas formas (drogas, crianças, órgãos). Esses são alguns dos exemplos elencados pelos estudantes que se mostraram conscientes e cientes das realidades existentes, nos três países pesquisados, e que havendo a integração e a cooperação entre os territórios que compõem a fronteira, podem se beneficiar dos aspectos positivos, como no caso de infraestrutura mais ampla, em Foz do Iguaçu/BR, das vantagens do centro comercial de Ciudad del Este e a própria hibridização cultural como riqueza de assimilação de hábitos, costumes que venham a engrandecer a cultural local.

O contato entre as três unidades político-administrativas constituiu-se em um espaço transfronteiriço, sem embates mais sérios, como ocorre em outras fronteiras ao redor do mundo. Apesar de sua dinamicidade, a TF é concebida como o lugar de oportunidades para alguns e de privação/carência para outros.

Pelas especificidades de cada cidade e por comportarem atrativos turísticos de importância internacional, além da presença de diversos grupos étnicos⁵⁰, especialmente em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, chegou-se a algumas considerações após a análise das indagações elaboradas e da interpretação dos mapas mentais dos estudantes, de forma a correlacioná-las com o ensino da

⁵⁰ Como já citado no capítulo introdutório, destacam-se entre as nacionalidades com maior representatividade na TF as oriundas do Paraguai, Líbano, China e Argentina.

Geografia e o seu papel frente aos conhecimentos produzidos, apreendidos e dos fatos cotidianos, os quais possuem como encargo articular saberes do senso comum por meio da escola, família e mídia.

Diante deste contexto, visualiza-se a pertinência do universo consensual/do senso comum, aliado ao universo científico, que ao ocorrer à articulação/estruturação por meio da mediação do profissional da educação, possibilitará que o educando tenha a capacidade de ampliar os saberes e fazeres em busca de uma vivência cidadã.

As respostas dos sujeitos sociais arguidos na pesquisa levaram-me a leitura e a compreensão de alguns resultados, estando em conformidade com o objetivo geral⁵¹ da tese.

Diante das reflexões manifestadas pelos estudantes, destacam-se aquelas que revelaram/exteriorizam uma maior aproximação com a realidade da TF. É oportuno salientar, que as reflexões são de uma riqueza imensa, mesmo que estas tenham a origem no cotidiano, no senso comum, na compreensão vivida do espaço da fronteira e não do espaço escolar, ou melhor, do ensino e da aprendizagem da Geografia.

Quanto à exteriorização da realidade, concluiu-se que os estudantes de Ciudad del Este expressaram maior clareza da complexidade da fronteira, o que nos remete entendermos que os sujeitos sociais passam a ser mais influenciados pela hibridização cultural face a diversidade étnica presente em sua unidade político-administrativa. O estar submetido às condições de dependência econômica, financeira e social os qualificam a terem suas subjetividades com ampla coerência quanto aos aspectos expressos pela TF.

Em vista disso, infere-se que o cotidiano é mais presente na vida dos estudantes que a escola, que a sua subjetividade revela com veracidade as condições que o espaço geográfico da TF possui pela influência do fenômeno turístico e suas interações com a comunidade local.

⁵¹ O objetivo geral da pesquisa é verificar como os jovens em idade escolar da TF representam esse espaço geográfico caracterizado pela presença de atividades turísticas e de interações entre as populações dos três países.

De acordo com o que foi exposto, destacam-se as seguintes conclusões dos estudantes:

– O turismo é percebido segundo a lógica do sistema econômico vigente e pelo viés das diversidades entre as culturas, influenciando a cultura local em relação à hibridização cultural sofrida pelos residentes. As práticas sociais vivenciadas pelos jovens escolares atribuem-lhes conhecimentos que poderão ajudá-los no imediato, mas que carecem de maior refinamento no que se refere à correlação com os conceitos geográficos, ou seja, o apreendido na escola.

No caso de Foz do Iguaçu, por esta possuir um maior número de atrativos, o fenômeno turístico é representado como a possibilidade de se conhecer novos lugares e a interação com novas culturas, estando estes, relacionados às questões culturais e ambientais diretamente vinculadas a identidade local.

Este fato nos mostra a importância de se entender o contexto pelo qual vivenciamos sob a égide de tornar nossas experiências oportunas e significativas em nosso dia a dia. E aqui se reforça a influência do hibridismo na cultura e consequentemente na identidade. Os sujeitos percebem que sua identidade cultural passa por reformulações constantes de assimilação e diferenciação para com o outro, que constroem novos pontos de vista, novos modos de ver a sociedade e suas diversidades. Assim, a identidade local passa a ser influenciada direta e/ou indiretamente.

– No que tange a fronteira é concebida sob o viés de divisão/limite/controlado soberano entre Estados. Soberania esta que, de certa maneira, é desrespeitada cotidianamente pelo constante fluxo de entrada e saída de pessoas, especialmente entre Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este, por meio da Ponte da Amizade. Embora tenham a noção da soberania de cada país, por outro lado, reconhecem as fragilidades, que existem no controle do fluxo na TF. Este fluxo diário demonstra “[...] a capacidade que a migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades”, no entender de Woodward (2007, p. 21).

– Entre as informações com maiores ressalvas, tem-se a existência de cidades com atrativos turísticos de prestígio global (a Itaipu Binacional e as Cataratas do Iguaçu), como a presença da zona franca/centro comercial importador

e exportador de Ciudad del Este, que interfere nas transações comerciais entre as cidades da fronteira, especialmente entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este. Estas informações reforçam o terceiro objetivo quanto aos principais atrativos turísticos de relevância para os estudantes, principalmente por estes atrativos disporem de atividades educativas nas unidades a que pertencem e por serem os que recebem maior visitação das instituições escolares.

– Quanto aos notáveis atrativos turísticos, retratou-se que a partir deles, exterioriza-se a farta multiculturalidade na fronteira, enfatizando as diferenças. Entretanto, esta diversidade cultural atinge a identidade da população local, interferindo nas classes sociais mais carentes que não usufruem dos benefícios do turismo. Quando se fala em cultura e identidade, autores como Hall (2006) e Bhabha (2010) focam suas ideias no processo que resulta do choque, do embate, mas que não traduz consigo uma via de entendimento entre as culturas, mas sim um processo ferrenho de tradução cultural. Aquela que for detentora de maior identidade cultural ou dominante sobrepõe-se sobre a outra, a subalterna.

Isso não quer dizer que esta sobreposição seja totalmente efetivada. O que se percebe na TF é uma sobreposição reforçada nos estudantes esteños dada à fragilidade socioeconômica que enfrentam.

– Indagou-se sobre possíveis semelhanças na TF, as características ambientais, especificadas pelos atrativos naturais e culturais com maior menção para argentinos e brasileiros e a reorganização que estes ambientes propiciaram ao seu lugar. Já para os paraguaios, o fator econômico é influenciado em função do centro comercial. Novamente, fica evidente para os estudantes esteños a dependência do comércio exportador e importador, de modo que os serviços ilegais constituem entre os mais sérios problemas da cidade, mas que para uma parcela de jovens trabalhadores é a saída para o desemprego.

– Por ser uma fronteira dinâmica, cujo fenômeno do turismo faz a diferença, a TF possibilita maiores oportunidades de trabalho, sejam eles lícitos e/ou ilícitos, agregando valor à mão de obra qualificada das cidades em análise, por ser um circuito turístico, reconhecido local e globalmente. O contexto de oferta de trabalho para os jovens na TF proporciona a necessidade de trabalhadores com experiências

e qualificação, deixando à margem uma massa de jovens em busca de empregos formais, principalmente na cidade paraguaia.

É mister salientarmos a extrema necessidade que a população da TF possui em se qualificar, pois com o aumento da fiscalização nas aduanas, os trabalhos concebidos como ilegais/ilícitos estão se tornando mais difíceis, o que não quer dizer que irão se extinguir.

– Entre as vantagens e desvantagens em se viver na TF, iguaçuenses consideram as facilidades em se adquirirem produtos e mercadorias mais baratas nos outros lados da fronteira. No entanto, em nenhum momento os iguaçuenses comentaram a respeito da situação dos comerciantes locais, com menor expressividade, diante das grandes redes estabelecidas na cidade, além de não usufruírem de incentivos fiscais. Por outro lado, iguaçuenses e esteños destacaram a oportunidade de emprego, pois não havendo chance em sua cidade de origem, passam a fronteira e trabalham na outra margem, o que é facilitado pelo constante fluxo entre as aduanas.

No plano das desvantagens, a ampla maioria respondeu que as mesmas não existem, mas não deixaram de explicitar, por exemplo, a insegurança, criminalidade, contrabando, tráfico, que diretamente estão vinculadas ao desemprego, reflexo do baixo grau de instrução de uma parcela da população. É possível então inferir a reduzida capacidade de correlação das situações locais que consterna a TF.

– De posse de todas essas informações, obteve-se dos estudantes que estes conhecimentos estão muito relacionados à vivência de cada indivíduo; no entanto, o espaço escolar, infelizmente, aborda de forma reduzida as questões locais relacionadas ao que o fenômeno turístico representa, como prática social a que a sociedade residente pertence.

Mais uma vez é mostrado que a compreensão da vivência do espaço da fronteira é fortificada para os sujeitos sociais e, que assimilar este vivido do estudante é uma tarefa, uma linguagem em que a escola deve se pautar para promover um ensino e aprendizagem que venha ao alcance do aprendiz.

– E neste contexto, qual a contribuição da disciplina de Geografia para entender, adquirir maior conhecimento quanto às especificidades da TF? No caso brasileiro, destacou-se que os conhecimentos geográficos tiveram pouca

participação para o entendimento, pois declararam que os acontecimentos na fronteira são pouco aproveitados nos assuntos abordados pela disciplina. De certa maneira, as respostas dos estudantes corroboraram com este questionamento, expressando o seu senso comum, inerente ao cotidiano e não a conteúdos escolares.

Ao passo que para os iguacenses e esteños, aspectos sociais, culturais, econômicos e de localização da região tornaram-se as características mencionadas como algo que o ensino da Geografia proporcionou.

É oportuno inferir, portanto, que as representações sociais dos estudantes estão em consonância com as realidades existentes da zona de fronteira, mas que este saber, proveniente de suas subjetividades, se faz pouco presente nos processos de ensino e de aprendizagem na sala de aula.

Vale salientar que a cada dia o ambiente escolar se defronta com críticas que os diversos meios de informação e comunicação retratam para a sociedade. Como instituição, percebe-se que esta enfrenta dificuldades em responder aos anseios de seus estudantes, que estão à mercê de constantes críticas de informações veiculados pela mídia. Desprovidas e desprotegidas, as instituições escolares apresentam dupla função: como reprodutora social e como instrumento de libertação. Esta última, nos liberta como sujeitos sociais, pois a escola é o alicerce das relações humanas, que interagem com os mais diversos meios e que compartilham os conhecimentos e suas representações.

A partir destas prerrogativas, como tornar a escola e o ensino, em especial o de Geografia, atrativo e atraente aos educandos? De que forma pode a aprendizagem tornar-se significativa para estes sujeitos da TF, em especial, os de Foz do Iguaçu?

Por meio dos resultados alcançados e das reflexões mostradas nos mapas mentais, pode-se inferir que é imprescindível que o ensino da Geografia busque novas formas de se trabalhar metodologicamente os conteúdos e seus conceitos para que o estudante possa sentir na disciplina Geografia a importância que a mesma faz jus.

Pode-se perceber que a construção do conhecimento por parte do estudante da TF está mais presente no cotidiano que propriamente na escola. E diante disso,

constatou-se que as subjetividades foram quase às mesmas. Certamente, a base curricular da Geografia das três unidades político-administrativas seja semelhante, no que se refere ao modo de apreender como se lê o espaço, a partir da criticidade, da reflexão e da leitura do mundo de maneira orientada.

Então, como proceder para que o estudante, em especial o que vive em fronteira, veja no ensino de Geografia uma disciplina interessante, útil para a sua vida! Não há receita ou fórmula mágica que vá mudar repentinamente a forma de educar, mas há inquietações que podemos e devemos tentar resolver.

Uma das possibilidades aqui sugeridas é a partir dos Projetos Pedagógicos de cada instituição escolar e aqui faz-se referência aos de Foz do Iguaçu que se trabalhem os conteúdos estruturantes envolvendo a dinâmica turística que a TF oferece e que foi minuciosamente representada pelos estudantes que participaram desta pesquisa.

O turismo é um fenômeno que nos oferece a possibilidade de compreendermos e apreendermos um pouco mais quanto aos aspectos econômicos, políticos, sociais, ambientais e principalmente culturais. Mas para que isso aconteça, será necessário um esforço não só do profissional da disciplina, mas também de toda a esfera que compreende o sistema escolar.

Não que o turismo vá resolver os problemas enfrentados pela Geografia, mas torna-se um forte aliado, alternativa de entender o cotidiano vivenciado pelo estudante. E uma oportunidade se dá por meio da pesquisa a campo, ou seja, saídas a campo, que a partir dela, sejam realizados a verdadeira interdisciplinaridade entre as áreas do saber. Sabe-se o quanto é difícil conseguir sair do ambiente escolar com os estudantes, mas não podemos nos deixar iludir que esta não seja uma significativa maneira de fazer com que o estudante tenha condições de mostrar o seu conhecimento da realidade que o cerca e possa correlacioná-la com que o ensino e aprendizagem lhe propõem.

A construção e compreensão dos conteúdos geográficos passam pelo espaço em seu sentido mais amplo e, tendo a possibilidade de depararmos frente a frente com a realidade, torna um atrativo a mais ao entendimento do estudante.

Portanto, que a partir desta tese, o professor de Geografia passe a ter maior alusão quanto às formas de linguagens que os estudantes trazem consigo, visando

à integração e à intermediação em sua prática pedagógica. Destaco, novamente, que o turismo é um meio e não um fim no ensino da Geografia, que a partir deste fenômeno, a compreensão e apreensão do real por parte dos estudantes seria facilitado, como foram expressos nas suas representações.

Diante do que se estruturou conceitualmente nesta tese, aliada às representações sociais dos estudantes, desmistificou-se como se procede à formação de conceitos, que conferem a mediação da relação das pessoas com a realidade, com a vida cotidiana, a partir dos conteúdos geográficos.

A formação por parte do educando deve conciliar e considerar as suas representações que se configuram ao nível do vivido e sentido, que contém elementos de um conceito já potencialmente presentes para servir de critério para a aprendizagem significativa, ou seja, um conteúdo desafiador, reflexivo, para se aprender. Não podemos desconsiderar o senso comum do estudante, que traz consigo saberes potencialmente capazes de ser desenvolvido e transformado em conhecimentos significativos.

Neste contexto, a Geografia é uma disciplina que explica o que se observa e realiza no cotidiano, nas práticas sociais dos indivíduos, que pode ser munido por universos do senso comum e do científico. Aliar estes universos, articular os conteúdos estruturantes da ciência geográfica com seus conceitos são formas de tornar esta disciplina atraente e com significado para o educando.

O sistema educacional, infelizmente, sofre com as amarras de seguir um currículo formatado e aceito pela ampla maioria das instituições escolares, seja pública ou privada.

A imposição e pressão de cumprir conteúdos que fogem da realidade do educando torna o ensino, em especial o de Geografia, sem sentido ou significativo para o estudante. É oportuno salientar que vivemos em uma sociedade globalizada, excludente para uma grande maioria da população. Assim, não podemos deixar os acontecimentos que permeiam em nosso espaço vivencial, cotidiano sejam ignorados.

A sociedade em geral e, como não poderia ser diferente, os jovens ao término de sua educação básica mostram que seus conhecimentos adquiridos no senso

comum são pouco confrontados e aproveitados nos processos de ensino e de aprendizagem.

Reforço em afirmar que a TF é um campo fértil, ou seja, um espaço geográfico repleto de possibilidades quanto às questões de se tratar o domínio dos territórios, a busca e a luta por espaços ao *sol* (grifo meu), uma região com diversidades étnicas, religiosas, de costumes, econômicos, com lugares almejados e apreciados por muitos cidadãos e de aversão e insegurança para outros.

Saber trabalhar estas possibilidades no contexto curricular do ensino da Geografia proporcionará uma aprendizagem significativa, repleto de sentido ao educando, deixando de ser uma disciplina conteudista, desinteressante, para passar a ser contextualizada, participativa por meio da mediação do professor.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P.S.O. de. Desenvolvimento do turismo e população local. In: CORIOLANO, Luiza N.M.T. (Org.). **Turismo com Ética**. Fortaleza: Editora da UECE, 1998.

BACAL, Sarah S.; MIRANDA, S. M. de. A. Impacto do Turismo nos Núcleos Receptores: Necessidades de Normatização. In: RODRIGUES, Adyr. B. **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 67-78.

BAHL, Miguel. **Fatores ponderáveis no turismo: sociais, culturais e políticos**. Curitiba: Prottexto, 2004.

BAILLY, Anthony et al. **Geographie régionale et representation**. Paris: Anthropos, 1985.

BARRETO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papirus, 1995.

BARROS, Nilson C. C. de. **Manual de Geografia do Turismo: meio ambiente, cultura e paisagens**. Recife: Ed. da UFPE, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização. As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BECKER, Bertha. K. **Amazônia: geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BÉLIVEAU, Verónica G. Representações da integração e seus obstáculos: A fronteira do ponto de vista da política. In: MACAGNO, Lorenzo, MONTENEGRO, Sílvia; BÉLIVEAU, Verónica G. (Orgs.). **A tríplice fronteira: espaços nacionais e dinâmicas locais**. Curitiba, Paraná: Editora da UFPR, 2011, p. 63-99.

BERTIN, Marta. **O turismo em Foz do Iguaçu na visão dos estudantes: um estudo de percepção ambiental**. 2003. 160 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BOULLÓN, Roberto. C. **Planejamento do espaço turístico**. Tradução de Josely V. Baptista. Bauru, Editora da UFSC, 2002.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Proposta de reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira: bases de uma política integrada de desenvolvimento regional para a faixa de fronteira**. Brasília: Secretaria de Programas Regionais. Ministério da Integração Nacional, 2005.

_____. **Faixa de fronteira – Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira – PDF**. Brasília: Secretaria de Programas Regionais/Ministério da Integração Nacional, 2009.

BRASIL, Ministério do Turismo. Coordenação Geral de Regionalização. **Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil: Módulo Operacional 7 Roteirização Turística/Ministério do Turismo**. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação Geral de Regionalização – Brasília, 2007.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília: MEC, 2000.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. 3ª ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais + (PCN+) - Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2002.

BUNTING, Eve. T; GUELKE, Leonard. Behavioural an Perception Geography: A Critical Appraisal. **Annals of the Association Americam Geographers**, v. 69, n. 3, 1979.

BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLLETTI, Antonio. **Perspectivas da geografia**. Rio Claro: Difel, 1985.

CALLAI, Helena C. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antonio C. et al (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da Universidade. UFRGS/AGB, 1999, p.57-63.

_____. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio C. et al (Org.). **Ensino de Geografia, prática e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004, p. 83-134.

CAPEL, H. L'Image de la Ville et le Comportement spatial des citadins. **L'espace Géographique**. Paris, n.1, 1974, p. 74.

CASTELLAR, Sonia M. V. O ensino de Geografia e a formação docente. In: CARVALHO, Anna M. P. **Formação continuada de professores**. Uma releitura das áreas de conteúdo. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003, p. 103-121.

CARLOS, Ana F. A. **O lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. O consumo do espaço. In: CARLOS, Ana F. A. (Org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

CASTRO, Iná E. de. Paisagem e turismo: de estética, nostalgia e política. In: YAZIGI, Eduardo. **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p.121-140.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Por que Geografia no Turismo? Um exemplo de caso: Porto Alegre. In: GASTAL, S (Org.) **Turismo: 9 propostas para um saber-fazer**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

CAVALCANTI, Lana de S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Editora Alternativa, 2002.

_____. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2012.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CLAVAL, Paul. **Espaço e Poder**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Trad. Margareth de Castro Afeche Pimenta, Joana Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

COSGROVE, D. E. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CÔRREA, Roberto. L.; ROSENDHAL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1998, p. 92-123.

CORRÊA, Roberto L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná E. de, GOMES; Paulo C. da C., CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.15-47.

CORIOLANO, Luiza Neide M. T. **Do local ao global: O turismo litorâneo cearense**. Campinas: Papirus, 1998. (Coleção Turismo).

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Políticas de Turismo e (re)ordenamento de territórios no litoral do Nordeste do Brasil**. 1999. Tese de Doutorado em Geografia. Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.

DAMIANI, Amélia L. A geografia e a construção da cidadania. In: CARLOS, Ana F. A. (Org.). **A geografia na sala de aula**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2003, p. 50-61.

DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. Trad. Maria de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FOUCHER, Michel. **Obsessão por fronteiras**. Tradução: Cecília Lopes. São Paulo: Radical Livros, 2009.

GIDDENS, Anthony. **The consequences of modernity**. Cambridge: Polity Press, 1990.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Geografia cultural: estrutura e primado das representações**. In: Espaço e Cultura, n. 19-20, jan-dez. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2005.

_____. **Notas para uma Geografia das Formas Simbólicas em Ernst Cassirer**. ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, AGB, 2010, Porto Alegre. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos: Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças - Espaço de Socialização de Coletivos, Porto Alegre, 2010, p.1-11.

GOMES, Paulo C. da Costa. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná E. de et al. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 49-76.

GUARESKI, Pedrinho. A.; JOVCHELOVITCH, Sandra. (Orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Campinas: Papirus, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HISSA, Cássio E. V. **A mobilidade das fronteiras**: inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

JODELET, Denise. Représentations sociales: phénomènes, concept et théorie. In: Moscovici, Serge (ed.). **Psychologie sociale**. 2ª ed. Paris: Presses Univesitaires de France. 1988.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995, p.61-85.

_____. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Trad. por Pedrinho Guareschi. Petrópolis: RJ: Vozes, 2008, p.88.

KAERCHER, Nestor A. A geografia é o nosso dia a dia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio C. et al. **Geografia em sala de aula, práticas e reflexões**. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros. 1998, p.13-23.

_____. O gato comeu a Geografia Crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia N.; OLIVEIRA, Arioaldo U. (Orgs.). **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 221-231.

KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, T. T. (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

KLEINKE, Maria L. U.; CARDOSO, Nelson A.; ULTRAMARI, Clovis; MOURA, Rosa. O Paraíso dos Outros. In: CASTELLO, Iara R.; KOCH, Mirian R.; OLIVEIRA, Naia; SCHAFFER, Neiva O.; STROHAECKER, Tania M. (Orgs.). **Fronteiras na América Latina: Espaços em Transformação**. Porto Alegre: Ed. da Universidade & FEE, 1997, p.151-162.

KOZEL, Salete; NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. A geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida. In.: Revista do Departamento de Geografia/FFLCH/USP. São Paulo: Humanitas, n. 13, p. 239-257, 1999.

KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Silvio Fausto (Orgs.). **Da Percepção e Cognição à Representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

KOZEL, Salete. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: GIL FILHO, Sylvio F. et al. (Orgs.). **Da percepção e cognição a representação: Reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista**. 1ª ed. São Paulo: Terceira Margem, 2007.

_____. As Representações no Geográfico. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (Orgs.). **Elementos da Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, p.221-226, 2009.

LA TORRE PADILHA, Oscar de. **El Turismo: fenómeno social**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

LENCIONE, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: Edusp, 1999.

LE SANN, Janine Gisele. Percepção do Espaço na Primeira Série do Primeiro Grau. **Revista Geografia e Ensino**. Belo Horizonte, MG, v.13-14, n.4, dez., 1992, p. 43-50.

LIBÂNEO, José C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério. Série formação do professor).

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 2ª ed., p. 103-141, 1982.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. **São Paulo, o lugar no mundo contemporâneo: turismo e urbanização em Ubatuba – SP**. 1999. Tese de Doutorado – Universidade de Campinas, Campinas, 1999.

MACAGNO, Lorenzo; MONTENEGRO, Silvia; BÉLIVEAU, Verónica G. (Orgs.). **A tríplice fronteira: espaços nacionais e dinâmicas locais**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

MACHADO, Lia O. **Sistemas, fronteiras e território**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

MACHADO, Lia O. et al. O desenvolvimento da faixa de fronteira: uma proposta conceitual-metodológica. In: OLIVEIRA, Tito, C. M. de. (Org.). **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2005.

MACHADO, Lucy M. C. Philadelpho. Paisagem, Ação, Percepção e Cognição. In: **3º Encontro Interdisciplinar sobre o Estudo da Paisagem**. Rio Claro: UNESP, maio, 1998. p. 1-4.

MARANDOLA JR. Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR. Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?**: Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MATTOS, Carlos de Meira. **Geopolítica e Teoria de Fronteiras**: fronteiras do Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 52, n. 4, p. 91-115, out./dez. 1990.

_____. Valores em Geografia e o Dinamismo do Mundo Vivido na Obra de Anne Buttimer. **Espaço e Cultura**, 19-20, p. 33-39, 2005.

MIOSSEC, Jean-Marie. **L'image touristique comme introduction à la géographie du tourisme**. Annales de Géographie. Armand Colin, année 86, jan./fév., 1977. p.55-70.

MOLINA, Sergio E.; ABITIA, S.R. **Planificación integral del turismo**. México: Trilhas, 1987.

MORETTI, Edvaldo César. **Pantanal**: paraíso visível e real oculto. O espaço local e global. 2000, 192p. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, São Paulo, 2000.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Trad. por Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

MURPHY, Peter. **Tourism, a community approach**. Cambridge: Routledge, 1985.

MONTENEGRO, Silvia, BÉLIVEAU, Verónica G. **La Triple Frontera**: Globalización y construcción social del espacio. Argentina: Miño y Dávila Editores, 2006.

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. **Crítica da Razão na Fenomenologia**. São Paulo: Nova Stella/Editora da USP, 1989.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Mapa Mental**: recurso didático no ensino de Geografia no 1º grau. 1994. Dissertação – Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia – FFLCH/USP, 1994.

_____. Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar. In: PONTUSCHKA, Nídia. et al (Org.). **Geografia em Perspectiva**: ensino e pesquisa. São Paulo: Contexto, 2002, p.125-131.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. Educação e ensino de Geografia na realidade brasileira. In: OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. et al. (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2003, p.135-144.

Organização Mundial do Turismo - OMT. **Introdução ao Turismo**. Madrid, 2001.

PEREIRA, D. A. S. Políticas Públicas no setor de Turismo. **Turismo em Análise**. São Paulo, SP, n.10, v.2, nov., 1999. p.7-21.

PINHEIRO, A.C. As Representações Geográficas no conjunto das Representações Sociais. **Humanitas**. Campinas, SP, v.3, n.1, jan./jul., 2000, p. 59-68.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Caminhos do descaminho: etnografia da fiscalização na Ponte da Amizade e seus efeitos no cotidiano da Tríplice Fronteira. In: MACAGNO, Lorenzo.; MONTENEGRO, Silvia.; BÉLIVEAU, Véronica G. (Orgs.). **A tríplice fronteira**: espaços nacionais e dinâmicas locais. Curitiba: Ed. da UPFR, 2011.

RABOSSI, Fernando. Como pensamos a Tríplice Fronteira?. In: MACAGNO, Lorenzo, MONTENEGRO, Silvia; BÉLIVEAU, Verónica Giménez (Orgs.). **A tríplice fronteira**: espaços nacionais e dinâmicas locais. Curitiba: Ed. da UFPR, 2011.

REGO, Nelson. Geração de Ambiências: três conceitos articuladores. In: REGO, N.; et. al (Org.). **Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. (Coleção Geração de Ambiências).

REGO, Nelson; SUERTEGARAY, Dirce; HEIDRICH, A. **Geografia e educação**: geração de ambiências. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

REIGOTA, Marcos. **Meio Ambiente e Representação Social**. São Paulo: Cortez, 2001.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**. Rio Claro, v.4, n.7, abril, 1979.

ROCHA, Lurdes B. Mapa mental: forma de comunicação espacial. In: TRINDADE, Gilmar A.; CHIAPETTI, Rita J. N. (Orgs.). **Discutindo Geografia: Doze razões para se (re)pensar a formação do professor.** Ilhéus: Editus, 2007, p. 159-175.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Geografia e Turismo – Notas Introdutórias. Revista do Departamento de Geografia, FFLCH/USP, n.6, 1992. p.71-82.

_____. **Turismo e Espaço:** rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo: Hucitec, 1997.

RODRIGUES, Arlete Moisés. A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental. In: YÁZIGI, E; CARLOS, A. F. A; CRUZ, R de. C. da. (Orgs.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura.** São Paulo: Hucitec, 1999. p. 55-62.
ROSS, Glen. F. **Psicologia do turismo.** Tradução de Dinah Azevedo. São Paulo: Contexto, 2001.

RUSCHANN, Doris. V. de. M. **O planejamento do turismo e a proteção ao meio ambiente.** São Paulo: Papirus, 1994.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia.** São Paulo: Iluminuras, 2001.

SANTOS, Douglas. **A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

SANTOS, Milton. **Espaço e método.** São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **O Espaço do Cidadão.** São Paulo: Nobel, 1987.

_____. **Metamorfose do espaço habitato.** São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Técnica, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científico informacional. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Cidades na era global. In: **Revista Cidades.** São Paulo, 2 (13): 12-14, maio de 1997.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Edusp, 2008.

SILVA, Armando Corrêa da. Fenomenologia e Geografia. **Orientação**, v.7, p.53-56, dez. 1986.

SILVEIRA, Maria Laura. Da Fetichização dos Lugares à Produção Local do Turismo. In: RODRIGUES, Adyr B. (Org.). **Turismo, Modernidade, Globalização**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SOUZA, Carlos Leite de. Cognição Ambiental e Leitura da Paisagem Urbana: Teoria e Prática. In: 3º Encontro Interdisciplinar sobre o Estudo da Paisagem. Anais. Rio Claro: UNESP, maio, 1998, p. 15-26.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia**: contribuições para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Ambiência e pensamento complexo: resignific(ação) da geografia. In: DANTAS DA SILVA, A. A.; GALENO, A.; (Orgs.). **Geografia**: ciência do complexus – ensaios transdisciplinares. Porto Alegre: Sulina, 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

_____. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1985, p. 143.

_____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2002.

VALLS, Josep F. **Las Claves del Mercado Turístico**: Cómo competir en el Nuevo entorno. España, Ediciones Deusto, S.A., 1996.

VESENTINI, José W. Educação e ensino da Geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, Ana F. A. (Org.). **A geografia na sala de aula**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2003, p. 14-33.

WAGNER, Wolfgang. Descrição, explicação e método na pesquisa das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho.; JOVCHELOVITCH, Sandra. (Orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 149-186.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

XAVIER, Roseane. **Representação social e ideologia**: conceitos intercambiáveis? *Psicologia & Sociedade*. Pernambuco, v. 4, n. 2, p. 18-47, jul./dez., 2002.

YÁZIGI, Eduardo. **Turismo**: uma esperança condicional. São Paulo: Global editora, 1999.

ZAMORANO, Mariano; BERRA, M.T; BRAGONI, M. Corteliezzi de. et al. La percepción como pauta geografica: identidad, estructura y significado de la ciudad de Mendonza. Mendonza, República Argentina, **Boletín de Estudios Geograficos**. v.21, n.81, jul./dic., p. 126-183, 1982.

Fontes Eletrônicas

ALLIS, Thiago. Considerações sobre o turismo de compras nas fronteiras brasileiras. O caso de Pacaraima (RR) e Santa Elena de Uairén (Venezuela). In: **V SEMINÁRIO DE PESQUISA E, TURISMO DO MERCOSUL (SeminTur)**, 2008. Caxias do Sul, UCS, 2008. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/posgraduacao/strictosensu/teste/turismo/semin_tur/trabalhos/gt14>. Acesso em: 17 ago. 2013.

BRASIL. Faixa de Fronteira. **Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira – PDF**. Ministério da Integração Nacional. Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.mi.gov.br/c/document_library/get_fileuuid=e5ba704f-5000-43df-bc8e-01df0055e632&groupId=10157>. Acesso em 18 fev. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais + (PCN+) - Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2002. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2014.

CARDOSO, Cristiane. (2006). **Do espaço concebido ao espaço vivido: um estudo de caso sobre as representações espaciais e identidades na Favela da Maré, RJ**. 2006. 208 f. Tese (doutorado em geografia). Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Gerais, Departamento de Geografia. Disponível em: <http://www.qprocura.com.br/dp/56789/Doespaco-concebido-ao-espaco-vivido:-um-estudo-de-caso-sobre-asrepresentacoes-espaciais-e-identidades-na-favela-da-Mare-RJ.html>. Acesso em: 15 nov. 2013.

Conselho Nacional do Turismo. **Marcos conceituais do turismo – OMT**. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2013.

CF/88 Art 20 § 2º. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_04.02.2010/CON1988.pdf>. Acesso em: 18 fev 2014.

DGEEC. **Atlas Censal del Paraguay, 2002a**. Disponível em: <<http://www.dgeec.gov.py>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

DGEEC. **Censo Nacional de Población y viviendas, 2002b**. Disponível em: <<http://www.dgeec.gov.py>>. Acesso em: 22 nov. 2012.

INDEC. **Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas 2010**. Instituto Geográfico Nacional (IGN) e INDEC, datos de superficie. Disponível em: <<http://www.sig.indec.gov.ar/censo2010/>>. Acesso em: 02 set. 2014.

UFRJ. **Grupo RETIS**. Disponível em: <<http://www.igeo.ufrj.br/gruporetis/>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>

**ANEXOS – MAPAS DE LOCALIZAÇÃO E DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS E
PRIVADAS DA TRÍPLICE FRONTEIRA**



Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2013.
Org: BERTIN, M., 2014.

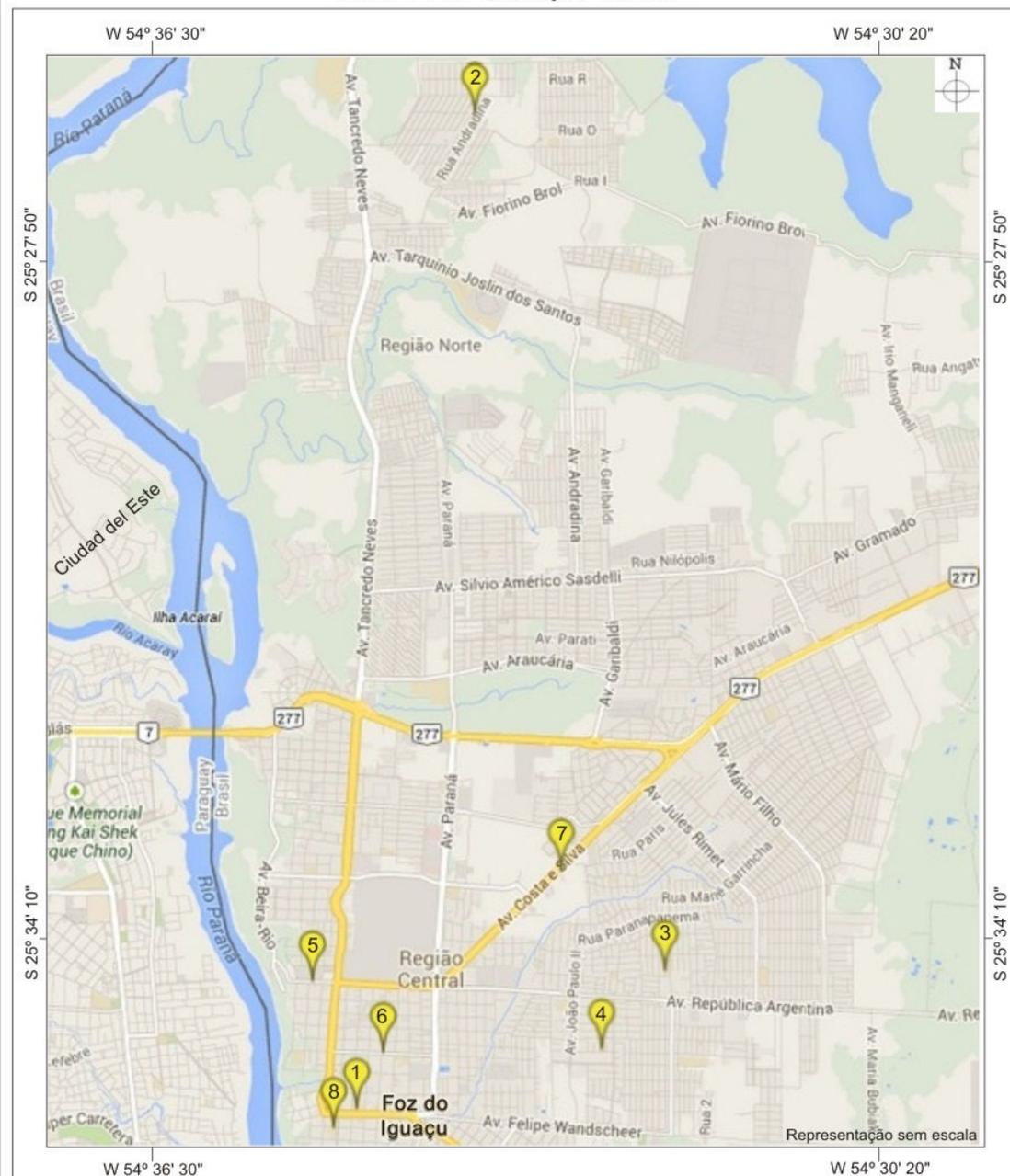
Instituições escolares de Puerto Iguazú – Argentina.

		
<p>Bachillerato Orientado Provincial Lat. 25°36.193'S Long. 54°34.367'O</p>		<p>Bachillerato Orientado Provincial Lat. 25°36.193'S Long. 54°34.367'O</p>
		
<p>Escuela Provincial Educacion Técnica Lat. 25°35.888'S Long. 54°34.592'O</p>		<p>Escuela Provincial Educacion Técnica Lat. 25°35.888'S Long. 54°34.592'O</p>
		
<p>Instituto Sagrada Familia Lat. 25°35.973'S Long. 54°34.064'O</p>		<p>Instituto Sagrada Familia Lat. 25°35.973'S Long. 54°34.064'O</p>
		
<p>Instituto San Lucas Lat. 25°36.193'S Long. 54°34.367'O</p>		<p>Instituto San Lucas Lat. 25°36.193'S Long. 54°34.367'O</p>

Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2013.

Org: BERTIN, M., 2014.

LOCALIZAÇÃO DAS ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS DE FOZ DO IGUAÇU, BRASIL*



LEGENDA

Escolas Públicas

- 1-Colégio Bartolomeu Mitre
- 2-Colégio Flávio Warken
- 3-Colégio Jorge Schimmelpfeng
- 4-Colégio Ulysses Guimarães

Escolas Privadas

- 5-Colégio Adventista
- 6-Colégio Bertoni
- 7-Colégio Cooperativa
- 8-Colégio Vicentino São José

*Localização aproximada

Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2013.
Org: BERTIN, M., 2014.

Instituições escolares de Foz do Iguaçu – Brasil.

	
<p>Colégio Bartolomeu Mitre</p>	<p>Colégio Bartolomeu Mitre</p>
<p>Lat. 25° 32.792'S Long. 54° 35.067'O</p>	<p>Lat. 25° 32.792'S Long. 54° 35.067'O</p>
	
<p>Colégio Flávio Warken</p>	<p>Colégio Flávio Warken</p>
<p>Lat. 25° 26.892'S Long. 54° 34.316'O</p>	<p>Lat. 25° 26.892'S Long. 54° 34.316'O</p>
	
<p>Colégio Jorge Schimmelpheng</p>	<p>Colégio Jorge Schimmelpheng</p>
<p>Lat. 25° 31.975'S Long. 54° 33.065'O</p>	<p>Lat. 25° 31.975'S Long. 54° 33.065'O</p>
	
<p>Colégio Ulysses Guimarães</p>	<p>Colégio Ulysses Guimarães</p>
<p>Lat. 25° 32.431'S Long. 54° 33.480'O</p>	<p>Lat. 25° 32.431'S Long. 54° 33.480'O</p>

	
<p>Colégio Adventista Lat. 25° 32.048'S Long. 54° 35.360'O</p>	<p>Colégio Adventista Lat. 25° 32.048'S Long. 54° 35.360'O</p>
	
<p>Colégio Bertoni Lat. 25° 32.469'S Long. 54° 34.901'O</p>	<p>Colégio Bertoni Lat. 25° 32.469'S Long. 54° 34.901'O</p>
	
<p>Colégio Cooperativa Lat. 25° 31.385'S Long. 54° 33.746'O</p>	<p>Colégio Cooperativa Lat. 25° 31.385'S Long. 54° 33.746'O</p>
	
<p>Colégio Vicentino São José Lat. 25° 32.909'S Long. 54° 35.226'O</p>	<p>Colégio Vicentino São José Lat. 25° 32.909'S Long. 54° 35.226'O</p>

Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2013.

Org: BERTIN, M., 2014.



Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2013.
Org: BERTIN, M., 2014.

Instituições escolares de Ciudad del Este – Paraguai

		
<p>Colegio Atanásio Riera Lat. 54° 39.804'O Long. 25° 31.026'S</p>		<p>Colegio Atanásio Riera Lat. 25° 31.026'S Long. 25° 31.026'S</p>
		
<p>C.R.E. Dr. José Gaspar R. de Francia Lat. 25° 31.026'S Long. 54° 36.717'O</p>		<p>C.R.E. Dr. José Gaspar R. de Francia Lat. 25° 31.487'S Long. 54° 36.717'O</p>
		
<p>Esc. Virgem Medalha Milagrosa Lat. 25° 29.104'S Long. 25° 29.104'S</p>		<p>Esc. Virgem Medalha Milagrosa Lat. 25° 29.104'S Long. 25° 29.104'S</p>
		
<p>Colegio San Isidro Labrador Lat. 25° 30.342'S Long. 54° 39.606'O</p>		<p>Colegio San Isidro Labrador Lat. 25° 30.342'S Long. 54° 39.606'O</p>

		
<p>Colegio San Francisco de Asis Lat. 25° 29.280'S Long. 54° 39.804'O</p>		<p>Colegio San Francisco de Asis Lat. 25° 29.280'S Long. 54° 39.804'O</p>
		
<p>Colegio Sagrada Familia Lat. 25° 30.471'S Long. 54° 39.526'O</p>		<p>Colegio Sagrada Familia Lat. 25° 30.471'S Long. 54° 39.526'O</p>
		
<p>Colegio Santa Clara Lat. 25° 29.849'S Long. 54° 39.346'O</p>		<p>Colegio Santa Clara Lat. 25° 29.849'S Long. 54° 39.346'O</p>

Fonte: Pesquisa de campo, outubro de 2013.

Org: BERTIN, M., 2014.

APÊNDICE A – OS QUESTIONÁRIOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Pesquisa de Doutorado

Caro aluno!

Você está recebendo um questionário que tem como objetivo desenvolver uma pesquisa para uma Tese de Doutorado, com o tema: “O turismo na Tríplice Fronteira: Puerto Iguazú, Ciudad del Este e Foz do Iguaçu sob o olhar de alunos na perspectiva das representações sociais e espaciais”. Sua contribuição é de fundamental importância para a realização desta pesquisa.

Colégio:

Sexo: () Masculino () Feminino

Idade:

1. O que é turismo para você?

.....
.....

2. O que você entende por fronteira?

.....
.....

3. Que informações você tem sobre a Tríplice Fronteira: Puerto Iguazú, Ciudad del Este e Foz do Iguaçu?

.....
.....

4. Para você, é importante conhecer os atrativos/pontos turísticos da Tríplice Fronteira? Por quê?

.....
.....

5. Em sua opinião, a Tríplice Fronteira apresenta características ambientais, culturais, econômicas, políticas e sociais semelhantes? Quais?

.....
.....
.....

6. Você considera que as cidades Puerto Iguazú, Ciudad del Este e Foz do Iguaçu oferecem maiores ou menores oportunidades de trabalho por elas pertencerem a uma Tríplice Fronteira? Explique sua resposta.

.....
.....
.....

7. Você acha que existem vantagens ou desvantagens em morar na Tríplice Fronteira? Explique.

.....
.....
.....

8. A escola onde você estuda ou que estudou anteriormente proporcionou algum tipo de trabalho/projeto ou visita para conhecer os atrativos turísticos da Tríplice Fronteira?

.....
.....
.....

9. As aulas de Geografia propiciaram um maior conhecimento sobre a Tríplice Fronteira? Por quê?

.....
.....

10. Faça um desenho representando aspectos que considera importante (positivos e/ou negativos) da Tríplice Fronteira.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Investigación de Doctorado

Estimado alumno:

Este cuestionario que estás recibiendo forma parte de una investigación de una tesis de doctorado que trata sobre “El turismo en la Triple Frontera: Puerto Iguazú, Ciudad del Este y Foz do Iguazu, una visión de alumnos en la perspectiva de las representaciones sociales y espaciales”. Tu contribución es de fundamental importancia para llevar a cabo esta investigación.

Colegio:

Sexo: () Masculino () Femenino

Edad:

1. ¿Qué es el turismo para ti?

.....
.....

2. ¿Qué entiendes por frontera?

.....
.....

3. ¿Qué información tienes sobre la Triple Frontera: Puerto Iguazú, Ciudad del Este e Foz do Iguazu?

.....
.....

4. ¿Consideras que es importante conocer los atractivos/puntos turísticos de la tríplice frontera es importante? ¿Por qué?

.....
.....

5. En tu opinión ¿La Triple Frontera presenta características ambientales, culturales, económicas, políticas y sociales semejantes? ¿Cuáles?

.....
.....
.....

6. ¿Consideras que las ciudades Puerto Iguazú, Ciudad del Este y Foz de Iguazú ofrecen mayores o menores oportunidades de trabajo por el hecho de pertenecer a una tríplice frontera? Explica tu respuesta.

.....
.....
.....

7. ¿Tu crees que existen ventajas o desventajas en vivir en la Triple Frontera? Explica.

.....
.....
.....

8. ¿La escuela donde estudias o en la que estudiaste anteriormente proporcionó algún tipo de trabajo/proyecto o visita para conocer los atractivos turísticos de la Triple Frontera?

.....
.....
.....

9. ¿Las clases de Geografía propiciaron un mayor conocimiento sobre la Triple Frontera? ¿Por qué?

.....
.....
.....

10. Haz un dibujo representando aspectos que consideras importante (positivos e/o negativos) de la Triple Frontera.